



JAVIER MORO FLOR DA PELE

A aventura que salvou a humanidade
de uma epidemia fatal

 Planeta



FLOR DA PELE

JAVIER
MORO
FLOR
DA PELE

A aventura que salvou a humanidade de uma epidemia fatal

Tradução
Bruno Mattos

 Planeta

Copyright © Javier Moro, 2015

Copyright © Editorial Planeta S.A., 2015

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016

Todos os direitos reservados.

Título original: *A flor de piel*

Preparação: Thais Rimkus Revisão: Ana Paula Felipe e Maria Aiko Nishijima
Diagramação: Vivian Oliveira Capa: Companhia Imagens de capa: ©Chiara
Fersini/Trevillion Images Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M854f

Moro, Javier Flor da pele / Javier Moro ; tradução Bruno Mattos. – 1. ed. –
São Paulo : Planeta, 2016.

Tradução de: *A flor de piel*

ISBN 978-85-422-0702-6

1. Romance espanhol. I. Mattos, Bruno. II. Título.

16-31270

CDD: 863

CDU: 821.134.2-3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL
LTDA.

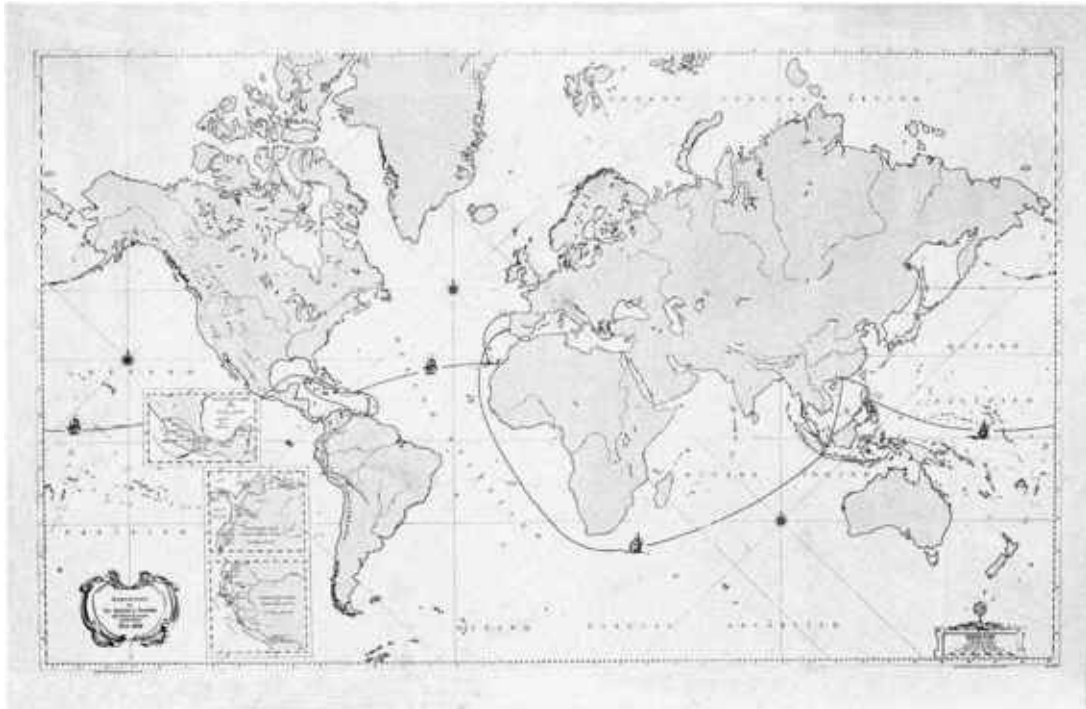
Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar Ed. Horsa II – Cerqueira César 01411-
000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

*Para Carlos, Carolina,
Candela e Violeta.*

*Para Rina Anoussi;
para Francisco Gómez Bellard,
in memoriam.*



Itinerário da Real Expedição Filantrópica da Vacina

**As epidemias tiveram mais influência que os governos no
devir de nossa história.**

— George Bernard Shaw

**Não há heróis solitários; atos sublimes sempre são
determinados pelo entusiasmo de muitos.**

— Eliphas Lévi

A misericórdia brilha mais que a justiça.

— Miguel de Cervantes, *Dom Quixote*

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

CAPÍTULO 46

CAPÍTULO 47

CAPÍTULO 48

CAPÍTULO 49

CAPÍTULO 50

CAPÍTULO 51

CAPÍTULO 52

CAPÍTULO 53

CAPÍTULO 54

CAPÍTULO 55

CAPÍTULO 56

CAPÍTULO 57

CAPÍTULO 58

CAPÍTULO 59

CAPÍTULO 60

CAPÍTULO 61

CAPÍTULO 62

CAPÍTULO 63

CAPÍTULO 64

CAPÍTULO 65

CAPÍTULO 66

CAPÍTULO 67

CAPÍTULO 68

CAPÍTULO 69

CAPÍTULO 70

CAPÍTULO 71

CAPÍTULO 72

CAPÍTULO 73

CAPÍTULO 74

CAPÍTULO 75

CAPÍTULO 76

CAPÍTULO 77

CAPÍTULO 78

CAPÍTULO 79

EPÍLOGO

NOTAS

AGRADECIMENTOS

BIBLIOGRAFIA

1

A jovem abriu caminho aos empurrões entre os animais amontoados na entrada de casa, sempre na penumbra. Além do bodum habitual de urina, suor animal e palha molhada, sentiu um traço de mandrágora que a deixou alerta. “O médico?”, perguntou-se, estranhando. Escutava apenas o resfolegar da vaca e os piados dos pintinhos que ciscavam o chão com afã. Nenhuma voz, nenhum som humano, nenhum latido saía do interior da casa, normalmente apinhada de animais e gente. “Que estranho”, pensou Isabel. Sabia que a mãe encontrava-se ali dentro, pois estava acamada. Então, acomodou em uma reentrância da casa a couve que o pai a encarregara de colher, tirou as tamancas sujas de barro e empurrou o portão. O cheiro era de fumaça, umidade e ranço.

Espremeu os olhos, que levaram alguns segundos para se adaptar à escuridão. O fecho de luz que se infiltrava pela rachadura em uma das paredes fez com que ela descobrisse, para sua surpresa, que toda a família estava reunida naquele único cômodo que fazia as vezes de estábulo, cozinha, curral, dormitório, sala e até mesmo enfermaria. No catre de madeira cheio de palha e coberto por um lençol de estopa, onde costumavam dormir todos juntos, jazia de barriga para cima uma mulher de meia-idade que aparentava ser idosa. Sua mãe. Ignacia. Aquela que não parava de saracotear, que dava

ânimo aos demais, que não se amedrontava nem com o frio nem com a fome, que parecia imortal. No entanto, havia três dias que era acometida por febres, calafrios, vômitos e convulsões. Isabel se assustou ao ver que haviam surgido manchas vermelhas no rosto da mãe.

Ajoelhado no chão com um rosário na mão, o cura dom Cayetano Maza, homem robusto de bochechas rosadas, murmurava uma oração. Isabel sentiu o estômago revirar. O pároco não costumava entrar nas casas, pois não gostava de se misturar com a pobreza nem com a doença. A última vez em que fizera isso fora para batizar o irmão recém-nascido, mas, quando chegou, o bebê já estava morto.

— Mãe? — perguntou Isabel, com a voz trêmula.

Viu que as irmãs mais novas, María e Francisca, choravam em silêncio. Juan, o primogênito, contemplava absorto o corpo imóvel; a seu lado, estava seu pai, Jacobo Zendal, camponês musculoso de pele curtida e enrugada que se virou em direção à filha. Tinha os olhos inchados, febris.

— O que houve? — perguntou Isabel.

Em vez de responder, o homem lançou para ela um olhar impotente. Ao lado dele, tia María, irmã de Ignacia, encolheu os ombros. O bebê que tinha no colo estendeu os bracinhos na direção de Isabel, que lhe direcionou um gesto de ternura.

— Varíola — disse o médico. — Varíola maligna.

Isabel percorreu com o olhar a casa, que nem sequer dispunha de chaminé. O teto, as paredes e as vigas estavam pretos de fuligem. Sobre o fogão a lenha, amontoavam-se panelas, pratos, conchas de madeira e um cesto com ameixas;

dois cântaros, uma cadeira e uma infinidade de arados e ferramentas estavam espalhados pelo chão, onde um bezerro e vários pintinhos perambulavam à vontade. Isabel reparou na roda de fiar apoiada contra o fogão, uma daquelas encontradas em qualquer casa da Galícia e que sempre fora companheira inseparável de sua mãe; foi então que se deu conta da realidade. A mãe acabara de morrer. Era quinta-feira, 31 de julho de 1788.

O contraste entre a miséria escura do interior da casa e o esplendor da natureza do exterior não poderia ser mais pujante. Os campos de trigo, centeio e milho que se estendiam pelas colinas suaves dos arredores da freguesia de Santa Mariña de Parada, no município de Ordes, estavam tingidos de ouro. Logo seria época de ceifar. As pequenas flores amarelas do tojo, arbusto que servia de adubo quando misturado com esterco de vaca, pontilhavam o monte. Sobrepondo o canto dos pássaros, os sinos dobravam. De casas dispersas e tão miseráveis quanto a dos Zendal, os vizinhos se dirigiam ao enterro de Ignacia, muitos deles descalços, porque o campo estava seco. As roupas remendadas com retalhos escuros ou pardos, impregnadas de cheiro de fumaça, enganchavam-se nos espinhos das amoreiras. Não muito longe da igreja a que se dirigiam, erguia-se o paço do dono e senhor da maioria das terras do município, situado junto a um gigantesco celeiro de pedra em que se armazenavam castanhas e mel.

Os Zendal seguiam por uma das trilhas, caminhando atrás do cadáver estendido em um carro que rangia ao ser puxado por uma vaca. O caminho ladeado por macieiras, pereiras e castanheiras, além de grandes carvalhos em que rolinhas e

gaio faziam ninhos, era o mesmo que Isabel percorria todos os sábados para assistir à aula de alfabetização ministrada pelo cura da paróquia. Embora fosse anormal uma única mulher em um curso “para homens”, o professor a aceitara porque era espreitada e também porque cansara de discutir com Ignacia. Farta de sentir-se enganada nas pesagens e com as contas, a mulher havia dedicado toda a sua energia para vencer a oposição ferrenha de muitos vizinhos, e até do marido, que não desejavam que a garota aprendesse a calcular. Não suspeitava nem de longe que aquelas aulas transformariam o destino da filha. Para Isabel, aqueles momentos que pareciam descolados do cotidiano, os únicos em que aprendeu algo que não estivesse diretamente relacionado ao mundo em que havia nascido, extinguíram-se com a varíola da mãe.

Na sacristia, dom Cayetano apontou-lhe um papel sobre a mesa: o atestado de óbito.

— Assine aqui — disse-lhe o pároco —, você que entende de letras.

Hesitante e com a melhor caligrafia possível, escreveu seu nome. Então, leu três palavras na parte inferior do documento.

— Padre, o que significa pobre de... solen...?

— Nada, filha. Isso é para que o enterro não lhes custe nada.

Para o pároco, “pobre de solenidade” não era apenas uma definição, era um termo jurídico que permitia que Ignacia Gómez, mulher de Jacobo Zendal, trabalhador durante toda a

vida, homem quieto, de boa índole, sem posses nem terras, fosse “credora dos benefícios processuais da pobreza”. Um desses benefícios era ser enterrada gratuitamente em uma sepultura individual dentro dos recintos da igreja, com o custo assumido pela própria instituição.

Assim, a poucos metros da igreja, cujas paredes estavam cobertas de rosas-silvestres, ao redor das cruzes do cemitério, foram se reunindo os vizinhos, sem se aproximar em demasia dos familiares para evitar um eventual contágio. A varíola provocava um medo extremo, sobretudo entre as mulheres. Embora a peste ou o tifo pudessem matar mais rapidamente, a varíola despertava um terror devido às sequelas das erupções na pele, capazes de deformar para sempre os mais belos rostos. Para as moças em idade de casar, aquilo era pior que a morte.

Isabel não se lembrava de ter visto tantos vizinhos juntos desde que o bispo de Santiago aparecera, sete anos antes, com o objetivo de perpetuar a fé católica dos paroquianos. Agora, todos compartilhavam a mesma expressão de perplexidade atravessada por uma pontada de pânico. A morte havia levado uma boa mulher, que menos de uma semana antes estava bem. Ela fora vista ordenhando as vacas do senhorio na manhã em que ficou doente e transportando grandes novelos de fio naquela mesma tarde. De repente, sentiu um sufocamento, e em seguida veio a febre alta. À noite, retorcia-se de dor na cama. Ao ser avisado, o cura mandou chamar o médico que vivia em Ordes, mas o homem só apareceu no terceiro dia. Tarde demais — ainda que, caso houvesse chegado antes, nada pudesse ter feito. A “flor negra”, como a

varíola era conhecida, era cruel e cheia de caprichos, sobretudo com os pobres.

No momento de enterrar o cadáver envolto em um sudário sujo de barro, Isabel abriu espaço entre seus irmãos. Ela queria participar do último adeus à mãe; assim, juntos, depositaram o corpo em uma vala funda e, com uma pá, despejaram cal viva e terra. Acima, na beira da vala, o jovial dom Cayetano, abraçado a Jacobo, rezava um responso pelo eterno descanso da defunta. Suas palavras, as mesmas que usam os homens desde a aurora dos tempos para se proteger da morte, não ofereciam grande consolo. Ignacia havia partido cedo demais, semeando terror e desconcerto. A partir de então, uma pergunta inevitavelmente pairava no ar: quem seria a próxima vítima? Ao erguer a cabeça, Isabel viu uma revoada de pássaros *riscando* o azul do céu. Pensou na alma da mãe, que, por não ter nem um *real*, viajava sem nada para o além. Ainda assim, deviam agradecer ao pároco, que, para aliviar a situação, disse que arranjaria com o dono e senhor das terras uma missa no valor de dois *reales* em honra a Nossa Senhora dos Desamparados e talvez outra, na Capela das Almas de Santiago.

2

Com treze anos, Isabel entendeu que cabia a ela assumir o papel da mãe. Teve de esvaziar a casa de objetos, esfregar as paredes, passar uma demão de cal e deixar a casa ventilar durante um dia inteiro. Eram as diretrizes de dom Cayetano, que repetia no púlpito os conselhos do médico a fim de evitar epidemias. Em nenhum momento Isabel permitiu que as irmãs a ajudassem; para ela, manter-se ocupada era a única maneira de exorcizar a imensa tristeza que corroía seu coração.

O mais difícil foi reunir as roupas da mãe e lançá-las na fogueira com a ajuda de um forçado. Ela gostaria de manter alguma peça como recordação, mas, por causa da varíola, precisava exterminar tudo: um gibão, duas saias, um corpete, três lenços e a roupa de baixo, toda feita de picote, tecido áspero trançado com fios de lã. Depois, reuniu todas as vestimentas da família e as mergulhou em uma bacia para tingi-las de preto: saias, calças, jaquetas, coletes e meias. À sujeira costumeira que se incrustava na pele seriam somadas manchas escuras difíceis de remover produzidas pela tinta. Mas deviam aquele luto rigoroso a Ignacia.

Mergulhados em melancolia, os Zendal não podiam interromper sua rotina. Se sempre haviam trabalhado no cultivo de terras que não lhes pertenciam e no cuidado de

animais que tampouco eram seus, agora deveriam repartir as tarefas que cabiam à matriarca da família, que era a primeira a levantar e a última a deitar, sempre seguida por Isabel, sua preferida, a mais velha e a que mais a auxiliava, a mais vivaz e também a mais alegre, a mais carinhosa. A sombra da mãe. Dizia-se na Galícia que cada criança que nasce não é uma boca que come, mas dois braços que trabalham. Aos cinco anos, Isabel gostava de caminhar na frente das vacas, mostrando a elas o caminho para que fizessem um sulco reto ao arar a terra. Em dias de festa, recebia a missão de vigiar o cozimento da panela, o qual levava horas — a menina precisava manter acesas as chamas. Aos sete anos, já tendo resistido ao sarampo, mandavam-na sozinha buscar lenha no monte, água na fonte ou farinha no moinho. “Já ganha o pão que come”, dizia a mãe, e aquelas palavras a enchiam de orgulho.

Seus melhores momentos, à parte os que viveu apenas na companhia da mãe, eram quando a enviavam para o pastoreio. Acompanhada de outros jovens, passavam as tardes fustigando as galinhas e alvoroçando as ovelhas, brincando com tudo o que a natureza oferecia às crianças. Desde muito nova, não só tomava conta dos afazeres da casa, buscando suprimentos ou realizando tarefas supérfluas, como também se ocupava dos sobrinhos pequenos, que viviam a uns cem metros de distância, em Grela de Arriba. Dava-lhes de comer duas ou três vezes por dia e, mais tarde, ensinou-os a se alimentar sozinhos. Quando os pais precisaram dela no campo, recusou-se a deixar os sobrinhos na companhia apenas do cachorro e das galinhas. Para ela, pouco importava que todas crianças se criassem sozinhas e ao deus-dará; Isabel não estava disposta a fazer isso antes que os pequenos

começassem a andar. E, mesmo quando isso aconteceu, teve dificuldade. Era dócil ao acatar as instruções, mas quando se tratava de crianças tinha um gênio intransponível, herdado da mãe, e atuava conforme os mandos de sua consciência.

Isabel deu adeus aos cadernos, às canetas e à aula semanal, aquele parêntese de sossego entre as árduas tarefas do lar e do campo. Despertava de madrugada, acendia uma vela, dava de comer aos animais, armava o fogo na cozinha e, quando havia leite, punha a leiteira para esquentar. À medida que os demais acordavam, servia-lhes em tigelas, às quais acrescentavam farinha de painço. Sentados no chão e apoiados contra a parede, tomavam o café da manhã em silêncio. Quase não comentaram a varíola que havia levado Ignacia, por medo de atrair o mal. Tampouco mencionaram as vicissitudes do enterro; estavam acostumados a fatalidades. Gente de poucas palavras, tornavam-se ainda mais taciturnos devido à saudade. Só falavam de eventuais pormenores do trabalho que os aguardava. Ao terminar o leite, cada um colocava no bolso um pedaço de toucinho e uma fatia de pão de milho que Isabel havia preparado para quando “tomassem as onze”, como chamavam o almoço, e se despedia. A jovem ficava esfregando as tigelas e os talheres e, então, fazia o que a mãe faria: recolhia as cinzas do fogão e as espargia na horta para que servissem de fertilizante.

Com isso, o dia estava apenas começando. Deveria cuidar dos sobrinhos, da casa, dos animais e do campo. A depender da estação, também precisava ceifar com a foice e debulhar o trigo, colher alho e cebola, conduzir o arado, semear fava, repolho e couve-flor, podar os carvalhos e cortar lenha,

cozinhar o painço, remover ervas-daninhas, pegar uma ceifadeira para recolher montes de tojo a fim de preparar o leite para as vacas do senhorio, preparar a terra para o plantio do linho, fazer estopa, fiar... A lista era tão interminável quanto variada.

A isso acrescentavam-se as dificuldades próprias de cada temporada. A despensa estava quase vazia desde o início da primavera, porque a família já havia consumido os produtos provenientes da matança do gado e da colheita de cereais do ano transcorrido. Que houvesse menos alimentos para repor as forças justamente na época de mais trabalho era um paradoxo difícil de encarar. Mas era assim em todas as casas. No final do verão, Isabel ficou sem farinha porque teve de devolver às vizinhas o que a mãe havia pedido emprestado dois meses antes. Também racionou o leite e os ovos, que eram bons produtos para venda ou troca. Pretendia se virar com couve, favas, castanhas, pão de milho e toucinho. Não consumia carne fresca desde o Natal, no inverno, quando ela e a mãe haviam preparado uma panela. Aos treze anos, Isabel nunca comera peixe, ainda que vivesse a poucos quilômetros do mar.

Aquela vida precária era muito suscetível a qualquer desequilíbrio, por menor que fosse. Se chovesse mais que o de costume ou houvesse uma seca, isso era o suficiente para que retornassem as penúrias, o espectro da fome e as epidemias.

3

Foi o que ocorreu durante o inverno seguinte à morte de Ignacia. Confirmando o velho ditado que diz que desgraça atrai desgraça, em outubro começaram as chuvas mais intensas de que os velhos se lembravam de já ter visto. Dia após dia, nuvens baixas e cinzentas passavam pelos campos despejando água. Os arroios se tornaram intransponíveis, e chegavam notícias do transbordamento de rios. As goteiras transformavam o chão das casas em um lodo permanente. Era impossível limpar. Com o frio, a fome e a imundície, apareceram também as pulgas e os percevejos. O ruído dos estômagos vazios, das pessoas se coçando e das tosses constituíam a trilha sonora daquela existência. Apesar de tudo, os camponeses soterravam o cura de presentes — castanhas, brotos *etc.* — porque acreditavam que assim o incentivavam a preparar novas rogativas. Quanto mais famintos e magros ficavam os vizinhos, mais engordava o cura.

Tampouco se tinha visto frio tão persistente como o daquele ano, que arruinou as colheitas. A água da chuva e o vento gélido adentravam pelas rachaduras das casas. A umidade era tanta que, em muitas noites, a família Zendal dormia com as vestes molhadas, pois o calor do fogo não havia sido suficiente para secá-las. As roupas por si só já não

serviam para aquecer, pois eram feitas de linho e haviam sido lavadas e remendadas tantas vezes que estavam se desfazendo. Acordavam na madrugada com a sensação de os ossos estarem congelando.

As crianças eram as primeiras vítimas dos açoites da fome. Pululavam por todos os cantos, sujas de barro, com ranho escorrendo, cobertas por farrapos ou nuas, fizesse o tempo que fosse. Certo dia, ao voltar do paço do amo carregando uma tigela de mel como se fosse um tesouro (duramente providenciado em troca de um maço de estopa), Isabel avistou próximo à igreja o filho de uns vizinhos, um garoto de sete anos que ela conhecia bem e que estava chorando inconsolavelmente, tentando impedir que dom Cayetano o levasse pelo braço. A mãe se afastava pelo caminho, cobrindo o rosto com as mãos, como se não quisesse escutar os gritos de seu rebento. Desapareceu com uma mescla de vergonha e desespero.

Isabel ficou tão perturbada que mal dormiu. No dia seguinte, após a missa, foi perguntar pelo garoto. O pároco lhe explicou que a mãe se vira obrigada a abandonar o pequeno porque não tinha como alimentá-lo, que ele fora enviado a um orfanato em Santiago e que provavelmente acabaria adotado por uma família que o livraria da fome e das privações. Era fácil tranquilizar uma menina com mentiras piedosas. O que dom Cayetano se absteve de contar foi a elevada taxa de mortalidade que fazia estragos nos orfanatos. Tampouco informou o que soubera pela via privilegiada do confessor: o fato de que algumas famílias, em épocas de fome, recorriam ao infanticídio. Amarravam o filho mais novo

à cama enquanto todos dormiam e, sem fazer barulho e sem que ninguém ficasse sabendo, como que por acidente, sufocavam-no até a morte. “Acidente”, diziam os pais às autoridades. Por isso, em suas pregações, ele insistia que os filhos não dormissem na mesma cama que os pais se ainda fossem muito pequenos, devido ao perigo de sufocá-los. Assim, seguia a recomendação do manual de confissão, que, diante da proporção que o problema assumira, apontava essa questão como uma das mais importantes a ser lembrada aos fiéis pelos clérigos.

No campo, só escapavam da fome os donos de terras, a nobreza e o clero. Todos os demais sofriam em maior ou menor grau, porque metade do que a terra dava era destinada ao pagamento do arrendamento e das sementes. Na escala da miséria, depois das crianças, que ficavam com a pior parte, estavam as mulheres. Como a tradição determinava que deviam deixar a melhor parte da comida para os homens, elas acabavam se alimentando pouco e mal. Isabel e as irmãs se contentavam com algumas couves boiando em um caldo claro e ralo, porque o toucinho acabara no verão. Como resultado, a jovem começou a sentir os joelhos frágeis. Tinha de se sentar ou buscar apoio em face do menor esforço, feito uma idosa. Às vezes, sentia câibras no intestino e, quando andava muito, enjoava. Outras vezes, começava a chorar sem motivo aparente, por pura fraqueza. Se estava sozinha, continuava chorando sem parar; cada vez sentia mais pena de si mesma. Quando as lágrimas estavam quase secando, lembrava-se da mãe. “Meu Deus, que desgraça!”, dizia a si mesma e, repetindo essas palavras, voltava a chorar. Percebia o tanto que a mãe a havia protegido das mazelas da vida.

Em sua trágica ausência, Ignacia estava mais presente que nunca. “O que ela teria feito?”, perguntavam-se os Zendal diante de cada nova dificuldade, porque lhes custava imaginar que ela não entraria mais pela porta. Seu espírito pairava sobre as colinas e pelo interior da casa, entre o chão sujo de barro e as vigas enegrecidas do teto, e sobreviviam seus conselhos, como o de engolir saliva para tentar saciar a fome — truque que funcionava de início, pois proporcionava algum alívio — ou de mastigar farpas para enganar o intestino — o efeito durava até que as mandíbulas se cansassem de tanto esforço inútil. O fato é que sentiam uma saudade terrível dela, porque, mesmo com o mau tempo, Ignacia estava sempre bem-disposta. Com ela, a barriga doía menos, a fome era uma brincadeira cruel do destino, e o frio, um inconveniente passageiro. Sem ela, aquela vida era um inferno.

Além das câibras no intestino e dos enjoos, a fome provocava uma avalanche de sentimentos perversos. Primeiro, surpresa e injustiça: “Por que isso está acontecendo comigo?”, perguntavam-se. “Cumpro meus deveres de bom cristão, trabalho feito uma mula...” Então, a fome causava desonra. Isabel e o pai sentiam vergonha de admitir que não tinham o bastante para se alimentar e, por isso, no início, escondiam dos vizinhos a situação. Mas isso não durava muito, porque necessitavam uns dos outros — um dia, trocavam um ovo por um pedaço de carne, caso o vizinho houvesse decidido sacrificar um animal. Ou uma tigela de leite por um pedaço de toucinho. Ninguém estava a salvo da humilhação da fome.

Após esse estágio, eram tomados pela ira.

— Isso está acontecendo conosco porque não pagamos o

dízimo! — clamava Francisca, aludindo à taxa cobrada pela Igreja.

Jacobo, como a maioria dos lavradores que se rebelavam contra os abusos do clero, resistia a pagá-la, o que indignava sua filha Francisca, muito supersticiosa. Também colocavam a culpa nas taxas que pagavam ao amo, na que deviam ao rei, nas alcavalas e em todas as forças que se conjuravam no mundo contra os pobres camponeses da Galícia — mas esse princípio de rebelião era sufocado pelo esgotamento físico. Por fim, restava apenas um desespero silencioso. Não raro, algum membro da família acordava durante a noite dizendo que sentia o cheiro delicioso de pão de centeio. Do desespero ao delírio, era apenas um passo.

Apesar de tudo, Jacobo fazia o impossível para que a vida seguisse com resquícios de normalidade. Coube a ele tomar as decisões mais difíceis, como sacrificar a bezerra esquelética antes que morresse de inanição. Com o que conseguiram em troca dela, compraram toucinho, sementes para o ano vindouro, farinha e um pouco de chouriço para fazer uma oferenda de Páscoa ao cura. Uma coisa era não pagar o dízimo, outra era esquecer-se da relação pessoal. Podia-se até odiar a Igreja, mas se dar bem com dom Cayetano era senso comum.

Assim, atravessaram os meses mais difíceis. Jacobo sentia-se cansado de viver à mercê de acontecimentos que não podia controlar. Um ano sem colheitas... E o seguinte? E se o frio voltasse? Por mais que não quisesse encarar a ideia, a possibilidade de uma catástrofe ainda maior despontava no horizonte. Todos sabiam que, na carona da fome, vinham as pestes e a varíola.

4

A chuva não dava trégua. O inverno mais chuvoso de que se tinha memória foi sucedido pela primavera e pelo verão mais úmidos. As colheitas de trigo e painço perderam-se. O míldio atacou o linho, e as maçãs se encheram de vermes. Família de camponeses minguados pela fome e pelo frio arrastavam idosos e crianças pelas estradas em busca de oportunidades de trabalho. Em pouco tempo, acabavam pedindo esmolas, de forma que os campos foram se enchendo de mendigos. Jacobo, que via neles um reflexo de sua existência precária, teve medo de acabar na mesma situação. Em casa, só restavam um porco pequeno, uma galinha e uma esquelética reserva de toucinho. Depois disso, não haveria mais nada. Era difícil prever futuro que não implicasse mais fome. E provavelmente doenças, como a que levara Ignacia.

Certa manhã, Jacobo levantou-se mais cedo que de costume, saiu de casa com cuidado para não acordar ninguém e aproximou-se sigilosamente da reentrância na parede que servia de dispensa. Pôs a mão ali e pegou dois ovos, que guardou com cautela em um bolso.

— Pai, deixe isso aí!

As palavras de Isabel, que passava as noites entre cochilos, sobressaltaram-no.

— Vou dá-los a dom Cayetano — disse Jacobo.

— Vamos comê-los hoje!

— Comeremos outra coisa.

— Outra coisa? Não nos resta nada!

Isabel continuou protestando com veemência, até que Jacobo mandou-a se calar. E o fez em um tom tão firme que a filha abaixou o olhar. Resignada e chorosa, adentrou a casa e deixou-se cair na cadeira, pois suas pernas fraquejavam.

O cura vivia ao lado da igreja, cujas pedras brilhavam por causa do chuvisco constante. Uma governanta vestida de preto abriu a porta e pediu que Jacobo entrasse. Antes, ele limpou o barro dos tamancos. A lareira estava acesa; a temperatura estava agradável, e os eflúvios de pimentão e cebola que chegavam da cozinha o sobressaltaram. Ao ver as estantes tão carregadas, seus olhos foram atraídos por pães, linguiças, cestos de frutas, queijos, garrafas de aguardente e demais delícias que outros pobretões como ele haviam oferecido em troca de missas, bodas, batizados e funerais. O cura recebeu-o à sua maneira bonachona e afetuosa. Jacobo lhe estendeu os ovos.

— Não, meu filho. Não posso aceitar. Sei muito bem pelo que estão passando e, acredite, rezo por vocês.

— Padre, por favor...

Jacobo insistiu tanto que o pároco pensou que ele aparecera para pedir um favor tão grande que seria impossível satisfazê-lo. Já fazia conjeturas para preparar uma negativa enquanto colocava os ovos em um cesto que havia na estante.

— Padre, o senhor é o único que pode nos ajudar.

— Não sou mais que um instrumento de Deus, meu filho.

Fez-se um silêncio, que Jacobo interrompeu com um pigarreo. Estava envergonhado. Por fim, disse: — Preciso oferecer minha filha para servir.

Dom Cayetano ergueu o olhar para o céu. Já imaginava.

— A mais velha?

— Minha Isabel...

— Mas já não há casas para tantos criados! — disse ele, dando um tapinha no ombro de Jacobo. — Todos vêm me pedir a mesma coisa.

— É que, se Ignacia fosse viva...

— Eu sei, meu filho, eu sei — disse o cura, fazendo careta diante do semblante desamparado de Jacobo. — Ela protege vocês e os ajuda lá do céu.

— Sem dúvidas, padre... Vamos, arranje um trabalho para a *rapaciña*, pois ela leva jeito com crianças e não tem medo de trabalhar. Deus o recompensará.

— Se eu souber de algo, não tenha dúvidas de que tentarei, mas desde já prefiro dizer que a coisa anda muito difícil. Não quero lhe dar falsas esperanças.

Jacobo baixou a cabeça. O cura se levantou.

— Espere um pouco... — disse.

Aproximou-se da governanta e sussurrou para ela algo que Jacobo não conseguiu escutar. A mulher desapareceu, retornou em seguida e entregou a pároco um pacote.

— Pegue, meu filho... Fará bem para vocês.
— Não, padre, não... Ainda estou devendo para o senhor.
— Vamos, vamos, você não me deve nada.
— Mas padre, eu queria ver se o senhor arranjava um...
— Leve isso e tenha fé — interrompeu dom Cayetano. —
Ignacia olha por vocês. Ande, vá com Deus...

Não havia mais nada a ser dito, e o pároco acompanhou-o até a porta. Jacobo saiu apertando o pacote contra o corpo, como se tivesse medo de que o roubassem. Assim que deixou o campo de visão do cura, abriu: era um bom pedaço de carne em salga. Não era a solução que havia pedido, mas era uma boa esmola, um esplêndido que o deixou muito agradecido. “Isa ficará contente”, pensou.

5

Depois de perder a mulher, a última coisa que Jacobo Zendal desejava era separar-se da filha; no entanto, ele sabia que essa era a única possibilidade de salvá-la da miséria e de suas consequências. Não apenas deixaria de ser um custo, como também poderia ajudá-los enviando víveres, talvez até dinheiro. Além disso, aprenderia boas maneiras e poderia subir na vida. Qualquer coisa que não fosse se manter empacada naquele mundo sem futuro.

O cura, que tinha um apreço genuíno pelos Zendal e sentia afeição por aquela garota que havia sido sua aluna, entrou em ação logo em seguida, dizendo a todos que quisessem ouvir que tinha uma boa candidata para uma casa de alto nível. Alertou as paróquias dos povoados nos arredores para que outros curas também espalhassem a notícia. Dadas as circunstâncias, não tinha grandes esperanças de conseguir um emprego para ela, mas fez tudo o que estava a seu alcance.

Enquanto isso, tal qual Jacobo havia vaticinado, alguns vizinhos foram abatidos por uma febre que, de início, o médico definiu como pútrida, ardente, maligna e pestilenta. Acometia os mais fracos, sem dar outros sinais além de frio seguido de dor nas costas, sensação de ter as pernas feitas de algodão, enxaquecas que pareciam capazes de explodir a cabeça e um gosto de bile na boca. Alguns percebiam bem no

início tremores nas mãos e nos pulsos e ficavam com o rosto e os olhos vermelhos, enfrentando vigílias fortes e delírios noturnos. Quando, dias mais tarde, brotava uma infinidade de pústulas no corpo inteiro, o médico identificava o mal: varíola. Mais uma vez, Isabel esvaziou a casa para limpá-la a fundo. Então, regou-a com muito vinagre e, para finalizar, espargiu pelo chão flores e ervas odoríferas. Havia pouco a fazer, exceto cobrir as paredes com argamassa de cal — era o que fazia quando o pai entrou em casa, aturdido.

— Largue isso e venha comigo, vamos à casa do cura.

— Não posso, pai — disse Isabel.

— Pode, venha, filha... E dê uma lavadinha no corpo.

Ela soltou o balde de cal em um canto e lavou os braços. Como não entendia a razão pela qual devia acompanhá-lo, Jacobo lhe explicou que havia pedido um emprego para ela e acrescentou que não mencionara antes porque não tinha muitas esperanças. Mas talvez Deus e Ignacia houvessem escutado suas súplicas, porque chegara à aldeia um pároco em busca de uma servente para uma família muito boa. Queria conversar com Isabel. Esperavam por eles.

A jovem estava confusa. Sua primeira reação foi de júbilo, porque realizaria o desejo mais fervoroso de quase todas as moças de sua idade. Sair da aldeia — ou seja, da miséria — era muita sorte, e ela sabia disso. Mas a ideia súbita de abandonar aqueles que amava — Jacobo, Francisca, Juan — e de se afastar do bem-estar afetivo que compensava aquela vida causava certa inquietação.

Assim que entrou na casa de dom Cayetano, Isabel sentiu o

cheiro de ensopado e teve vontade de desmaiar. A jovem estava puro osso. Os dois religiosos olharam para ela com interesse. Era mais alta que o normal, o que ressaltava sua magreza. Estava vestida de preto, com uma jaqueta surrada e uma saia que alcançava os tornozelos; um pano cheio de rasgos cobria seu cabelo preto. Tinha as bochechas enrubescidas, e a pele das mãos era como uma bucha, com manchas brancas de cal na unha. Mas suas feições eram normais: ela luzia um sorriso claro e, através de grandes olhos pretos, um olhar profundo e sereno. As penúrias do último ano haviam apagado nela qualquer vestígio de infância. Agora era uma mulher que, se estivesse mais bem-vestida e alimentada, ninguém hesitaria em classificar como bela. Mas estava tão abatida que o pároco visitante perguntou se estava doente.

— Não, estou bem... — respondeu, juntando as mãos com nervosismo.

Jacobo rebateu: — Tem uma ótima saúde. Não fica doente nunca!

— O que a *rapaciña* tem é fome! — exclamou a governanta.

Intimidada, Isabel olhou para o chão. A governanta se aproximou e, em voz baixa, perguntou: — Você está com fome, garota?

A jovem olhou para o pai, como se perguntasse o que devia responder, mas Jacobo não deu nenhuma pista. Vacilou por um instante e, então, disse: — Tenho muita fome. Se me derem um pedaço de pão, comerei de bom grado.

Sua franqueza fez os religiosos sorrirem.

— Deem uma tigela para ela, e sirva-se de *pote* à vontade!
— disparou dom Cayetano. — E outro para o Jacobo!

— Vou para o fogo! Venham comigo!

Na cozinha, depois de terem devorado uma tigela transbordando de *pote* fumegante, cozido de verduras e legumes típicos da Galícia, o pai e a filha retornaram. A cara deles era outra. O pároco explicou que podia conseguir para ela uma vaga de criada na casa de uma pessoa de grande importância em La Coruña. Ao escutar o nome dessa cidade, tão próxima e ao mesmo tempo tão distante, Isabel engasgou. Se houvessem dito que a mandariam para outro planeta, a reação teria sido a mesma. Aos treze anos, ela nunca havia saído da aldeia, sequer para ir a Santiago, que ficava a apenas três léguas de distância. Como parecia muito desconcertada, o pároco perguntou: — Você quer trabalhar de criada?

Isabel hesitou. Primeiro dirigiu o olhar ao pai, então à tigela de comida; por fim, respondeu: — Quero.

— Leve em conta que é preciso trabalhar muito...

— Seja como for.

Nesse momento, Jacobo interrompeu a conversa.

— O senhor a conhece, padre.

— Como se fosse minha filha — disse dom Cayetano. — Espalhei a informação de que é uma moça de conduta moral inquestionável e cumpridora da religião.

Jacobo assentiu com a cabeça. O pároco continuou as perguntas.

— Você gosta de crianças?

— Sim, muito.

Jacobo voltou a interromper.

— Ela criou sozinha os sobrinhos — comentou, olhando para o cura a espera de que assentisse.

— Acredito, acredito.

— E quanto pretende ganhar? — perguntou o pároco.

Ela voltou-se para o pai antes de responder.

— O que me oferecerem.

— Prefere receber por mês ou por ano?

— Como quiserem.

— Começarão pagando dez pesos ao ano e você terá dois uniformes, um de reserva. Não terá nenhum gasto. Tenho certeza de que, com o tempo, lhe darão um pouco mais, se fizer por merecer.

— Ela fará — disse dom Cayetano.

— Bem, bem... — concluiu o pároco, já convencido. — Então é isso, partiremos amanhã, na diligência que sai de Ordes à tarde.

— Esteja aqui à uma hora, *rapaciña*, que eu os levarei até Ordes em minha charrete — disse dom Cayetano.

Isabel os encarou com os grandes olhos pretos arregalados. Não sentia nada, era como se sua mente estivesse envolta em um espesso nevoeiro. Não sabia se o que acabara de ocorrer era um cataclismo ou uma oportunidade fabulosa. “Amanhã?”, pensou. “Mas já é quase noite!” Conseguiu disfarçar a própria perturbação e despediu-se.

Do lado de fora, chovia. No caminho para casa, nem o pai nem a filha abriram a boca. Entre os pobres existia a aceitação tácita de que o destino não era algo que se escolhia. Ele se impunha, na maioria das vezes de um jeito ruim, em outras para o bem. Sempre de forma inelutável.

Nesta noite, ao tomar seu lugar na cama em que todos dormiam, Isabel afundou o rosto na palha do leito para afogar seus soluços. Jacobo escutou. Estendeu o braço e segurou a mão da filha. Era um gesto que ele não fazia desde que ela era pequena. Então a abraçou, e assim dormiram na última noite que passaram juntos entre roncos, tosses e a respiração dos demais.

6

O dia despontava no horizonte quando Isabel chegou a La Coruña, afundada no assento da diligência que havia seguido durante toda a noite um caminho castigado pelas chuvas. Acordou com dor nos ossos, entristecida, e ao olhar pela janela viu o mar à direita e à esquerda — negro, imenso e tão tenebroso que sentiu medo. Logo a carruagem adentrou a cidade, uma autêntica fortaleza amuralhada, e atravessou o istmo cujos edifícios mais altos davam para a baía, a parte mais protegida, enquanto os que faziam divisa com a tempestuosa enseada de Orzán eram menores e mais modestos. As pracinhas do bairro de Pescadería, mais popular, eram emolduradas por edificações dotadas de pórticos, construções de um estilo que Isabel jamais havia visto. Pelos portões marítimos abertos nas muralhas, ela vislumbrou os pescadores que regressavam da labuta e recolhiam as embarcações nos areais da baía, onde estendiam as redes para fazer reparos. Tudo era novidade naquele *enjambre* de casas rodeadas pelo mar e açoitadas pela água e pelo salitre. No entanto, as hortas disseminadas pela cidade, a profusão de animais domésticos andando pelas ruas e o acúmulo de imundícies lembravam a proximidade da aldeia que ela acabara de deixar.

As coisas eram diferentes na cidade alta, antigo centro

urbano que também era amuralhado; a parte nobre — os edifícios suntuosos da Administração, a Colegiata, a Capitania Geral, as esplêndidas igrejas de Santiago e Santa María e as luxuosas mansões de ilustres aristocratas eram construções deslumbrantes. Mas o que mais lhe chamou atenção foi uma torre no fim do cabo, a qual emitia lampejos de luz e não se parecia com nenhuma outra edificação.

— Chama-se Torre de Hércules — disse o cura. — É um antigo farol romano.

— Farol? O que é um farol?

— Sua luz serve para guiar os barcos na escuridão.

La Coruña era, acima de tudo, um porto resguardado do oceano. Escutavam-se as manobras das embarcações ao entrar na baía, porque não havia moles nem embarcadouros. Um tráfego de botes garantia as operações de carga e descarga dos navios ancorados. Por essa parte da cidade, não circulavam animais soltos, e o ruído dos cascos dos cavalos retumbava sobre os paralelepípedos brilhantes. A diligência parou em frente ao número 36 da rua Real, perante um edifício de quatro andares, propriedade de Jerónimo Hijosa, comerciante próspero e um dos mais ilustres filhos da cidade. O cura deixou Isabel a cargo da servente, que abriu para eles a entrada de serviços. Era uma antiga escrava mulata oriunda de Cuba que trabalhava com o marido nos cuidados da casa. Ao observar a recém-chegada com o aspecto tão empobrecido, as feições marcadas e as olheiras pronunciadas, fez uma careta de desgosto.

— Vem comigo, fia.

Subiram dois andares e entraram pela cozinha. Ela indicou a nova dependência de Isabel e, dobrado sobre a cama, o uniforme que devia vestir para atender aos senhores. Era um quarto pequeno, mas limpo, branco, com uma janela que dava para o mar. Isabel soltou a trouxinha miserável que carregava consigo e teve vontade de desabar na cama e se entregar ao sono, mas a mulata não permitiu. Tinha de apresentá-la à cozinheira e aos demais empregados, ensinar onde se guardavam a louça e os talheres, onde ficava o tanque, a sala de passar, o depósito de lenha, o depósito do lixo e como funcionavam as lareiras.

Foram interrompidas pela voz distante da senhora da casa. Isabel sentiu um frio na espinha. Formou-se um nó em sua garganta devido ao pânico de encontrar aquela que, para todos os fins, era a chefe de sua vida. Teve uma vontade irreprimível de sair correndo. A mulata deve ter percebido, porque perguntou se ela estava bem, e Isabel respondeu que sim ao mesmo tempo que secava com a manga as lágrimas incipientes. Entristecia-se pela forte saudade que sentia da aldeia. Timidamente, perguntou aludindo ao costume que imperava entre os criados das casas galegas: — Preciso me ajoelhar?

— Não, aqui não precisa disso...

Entraram na sala, e Isabel, já um pouco alheia devido ao cansaço ou ao desconsolo que anuviavam sua mente, pensou estar em um sonho. Aquela casa não se parecia em nada com a do amo e senhor da aldeia, que era o que de mais rico e luxuoso ela conhecia até então. Ela se viu em meio a um universo de estátuas, cristaleiras com relógios incrustados de

pedras, poltronas de veludo e ouro, almofadas, lustres cujos cristais refletiam a luz do sol, um piano e um papagaio de penas vermelhas que, dentro de uma gaiola imensa, repetia palavras desconhecidas.

— Dom Cayetano me falou muito bem de você...

Dona María Josefa del Castillo, esposa de dom Jerónimo Hijosa, era uma mulher bonita, distinta, simpática e comedida, que se vestia de maneira simples, sem joias nem galas, e tinha o cabelo loiro preso em um coque. Isabel havia escutado tantas histórias de criadas tratadas pior que cachorros, vítimas de reprimendas, insultos e até mesmo de agressões na frente de outras pessoas que, no mesmo instante em que conheceu sua senhora, compreendeu a sorte que tivera. Aquela mulher era o contrário da rica da aldeia, que olhava para todos com desdém.

— Você está puro osso, minha filha... — comentou, com voz terna. — Aqui você comerá bem.

Intimidada, Isabel assentiu com a cabeça.

A mulata se adiantou: — Já expliquei que ela deve servir a mesa, levar o café da manhã aos quartos, manter a chama das lareiras acesas e ajudar a senhora a se vestir e calçar os sapatos.

— Essa última instrução não é necessária; tenho você para isso — estabeleceu a senhora.

Ela se virou para Isabel e disse, olhando diretamente em seus olhos: — Isabel, o cura explicou por que a trouxemos para trabalhar aqui?

— Não, senhora...

— É sobretudo para cuidar de meus filhos, duas crianças que você conhecerá quando voltarem do colégio. Disseram-me que você sabe ler e escrever.

— Entendo um pouco de escrita.

— Pode saber disso, mas de servir mesa não sabe nada de nada — interrompeu a mulata.

— É verdade... — disse Isabel, envergonhada e cabisbaixa.

— Bom, logo você aprenderá. O essencial é que você tome conta das crianças, vista-as, leve-as à escola, brinque com elas, faça-as ler e revisar as lições... Foi para isso que a trouxemos.

— Sim, senhora...

— Você folgará aos domingos, das três às sete.

— Está bem, senhora.

Agora ela percebia. As aulas de alfabetização que tivera com o cura da aldeia constituíam o pequeno diferencial que a destacava para conseguir aquele emprego. Afastou da mente a ideia de que não estaria à altura da tarefa, pois temia ler e escrever pior que as crianças. Lembrou-se da mãe, Ignacia, e sentiu que, do além, ela continuava a tecer os fios de seu destino.

Estava esgotada com tantas emoções, pelo tanto que tudo era diferente, pelo contato com pessoas estranhas. O mais difícil de suportar foi o tratamento que recebeu dos demais criados, oscilando entre o desdém e a reprovação. As garotas pobres como ela, recém-chegadas da aldeia, eram

consideradas do mais baixo escalão. O fato de saber ler não fez mais que jogar lenha na fogueira do escárnio. Ignorando as palavras de dona María Josefa, a mulata a fez limpar e raspar o fogão de ferro com pedra-pomes até que esfolasse as mãos, obrigou-a a esfregar o chão de madeira com escova e sabão, ensinou-a a deixar os calçados brilhando e a engomar as roupas e forçou-a a mostrar seus dotes de passadora. Quando, exausta, ela vestiu o uniforme preto com avental branco e babados no pescoço e nos punhos para se apresentar ao dono da casa, sentiu novamente o impulso de voltar correndo para aldeia. Mas dom Jerónimo Hijosa se revelou tão amável quanto a esposa.

— Aqui não lhe faltará nada, minha filha — disse, em tom paternal.

Devido à empatia que ele lhe transmitiu, Isabel teve vontade de chorar.

Mais tarde, conheceu as crianças. A mais velha, Mariana, tinha dez anos; Gonzalo, sete. Andavam muito bem-vestidos, eram alegres e educados. Isabel logo os conquistou. Bastava imitar sons de animais do campo para fazê-los rir. Por ter um repertório vasto, imitou ganso, galinha, vaca, pássaro, cão e grilo. Como eram diferentes de seus sobrinhos! Tinham a pele muito branca e lisa, a dicção perfeita e tocavam piano. Eram tão altos quanto os adultos da aldeia. Liam melhor que ela, tal como havia temido, mas os pais deles não pareceram surpresos e não a censuraram por isso. Ao contrário, deram-lhe um maço de cordéis e folhetins para melhorar a leitura. De noite, na cama, de onde via através de um canto da janela a Lua e as nuvens velozes, lia-os do início ao fim, sem pular

sequer os anúncios. Aquelas crianças não eram apenas um dique de contenção contra os abusos dos outros criados — logo se tornaram seu refúgio emocional. Apertava-as em seus braços, mimava-as, beijava-as, brincava de esconde-esconde, amarelinha e pega-pega. Pela manhã, sacodia a modorra dos dois com o café da manhã, colocava neles as meias, vestia-lhes o uniforme, as luvas e o cachecol e os levava ao colégio em meio à bruma da cidade. De noite, brincava com eles, vestia-lhes o pijama, lia em voz alta um conto e levava-os ao urinol antes de pô-los para dormir. Em pouco tempo, formaram uma pequena família dentro da família.

7

Isabel aprendeu a executar as funções tão rapidamente que os outros criados pararam de tratá-la como novata. Sua grande protetora era a cozinheira, uma mulher gorducha e alegre, marcada pela varíola, de papada tripla e olhinhos risonhos, oriunda de uma aldeia não muito distante da sua. Percebeu que a garota não poupava esforços na hora de trabalhar nem repassava tarefas para os outros quando havia oportunidade. Ao contrário, dedicava-se a tudo com a seriedade e o senso de responsabilidade que demonstrara desde pequena. Seu caráter discreto e afável, o carinho que era capaz de dispensar aos filhos da família, sua boa disposição e sua lealdade eram qualidades muito apreciadas por todos, inclusive por dom Jerónimo, que reparava no valor das pessoas.

Acostumou-se muito rápido a não passar fome. Assim como as demais criadas, comia os restos que sobravam nas panelas servidas aos senhores. A cozinheira garantia que sobrasse bastante. E, ainda que tivesse esfriado quando chegasse sua vez, Isabel devorava tudo com voracidade, ressarcindo-se das antigas privações. Com a boa alimentação e sem a angústia de enfrentar a escassez, seu aspecto começou a ficar mais relaxado. As bochechas já não eram avermelhadas, a tez se tornou mais pálida e as saliências de

seu rosto foram suavizando. No início, quando saía para a rua, escandalizava-se ao ver as damas vestidas com saias pouco acima dos tornozelos, curtas demais para seu gosto.

— É o que há de mais moderno — disse-lhe a costureira que visitava a casa diariamente.

Explicou que aquilo era normal. Assim como vestir anáguas, traje fino que Isabel desconhecia.

— Os cavalheiros gostam muito do som da saia roçando — prosseguiu a modista brincalhona, enquanto Isabel olhava ruborizada para ela.

Pouco a pouco, sua fisionomia foi mudando. Seu peito cresceu e suas cadeiras ficaram mais arredondadas. A costureira precisou alargar o uniforme diversas vezes e confeccionou para ela um vestido de sair feito de um tecido leve que Isabel nunca havia visto. Ao ganhar peso e espichar como uma planta saudável, ganhou em prumo e, sobretudo, em beleza.

Por sua localização estratégica, La Coruña era apinhada de soldados.

— Você parece ter caído do céu...

As cantadas choviam sobre Isabel, que baixava o olhar enquanto as bochechas coravam.

Aquela cidade era grande demais para a garota, que não se sentia segura na rua, onde pisava apenas para realizar as tarefas imprescindíveis. Aos domingos, preferia brincar com as crianças a passear, porque ficava assustada com as multidões e a bajulação atrevidas dos homens. Além disso,

nunca se passava frio na residência dos Hijosa. Era algo excepcional, pois naquela época passava-se frio em todos os lugares — nas casas ricas, por avareza; nas pobres, por miséria.

Pouco a pouco, Isabel inteirou-se da história de seu protetor. Contaram a ela que, logo após chegar de Medina de Rioseco — a vila castelhana onde nascera —, dom Jerónimo se dedicou à importação de centeio, milho e trigo em embarcações que saíam de Santander e do sudoeste da França para aliviar a fome que afligia La Coruña.

— O trigo do mar — contava a cozinheira — foi vendido baratíssimo. Diziam que perdia dinheiro, e é possível que fosse verdade. Mas o que deixava de ganhar de um lado — e fez um sinal com os dedos evocando cédulas de dinheiro —, recuperava do outro. Tinha as pessoas no bolso. Sem falar nas autoridades. Agora, exporta vinho de Ribeiro, peixes conservados em salga e tecidos para toda a América, da Filadélfia ao Chile; também importa cacau e açúcar da América. Tudo isso em sua própria frota de embarcações!

— Um cavalheiro astuto — dizia o limpa-chaminés que passava tardes inteiras na companhia da cozinheira, que o mimava com doces ou restos de algum prato delicioso.

Isabel dava graças a Deus pela sorte de ter caído na casa de um membro da pequena elite da cidade, composta por comerciantes galegos, bascos, catalães e franceses.

— Os ricos chegaram todos ao mesmo tempo — disse o limpa-chaminés —, quando a lei mudou e o porto foi aberto para o comércio com as Américas, em 1778. Vieram aproveitar.

— Ei, você, não diga parvoíces! — espetava a cozinheira.
— Quem pagou a reforma da Torre de Hércules? Quem pagou as obras do caminho de Madri? O Cornide, o Barrié e nosso amo aqui. Então, para de falar bobagem, invejoso.

— Invejoso, eu? Quem tem inveja são eles; dos ministros, do rei, dos nobres, dos regentes do Conselho...

Todos na cidade sabiam que dom Jerónimo precisara viajar a Valladolid para os trâmites de seu expediente de fidalguia e demonstrar que seus antepassados estavam “limpos de todo o sangue ruim de mouros, judeus ou membros de outra seita reprovada pelo Santo Ofício da Inquisição”. A elite ansiava por pertencer à fidalguia de La Coruña, e isso era difícil, porque era questão de sangue, não de riqueza nem de talento para os negócios.



Isabel não desfrutou de sua tarde semanal de folga até um ano após sua chegada e, mesmo então, só o fazia quando alguma criada ou a cozinheira se dispunha a acompanhá-la. Mais refinada e vestida com roupas de sair confeccionadas pela costureira, parecia outra pessoa — tinha as feições cingidas, o cabelo coberto por um pano vistoso e uma manta sobre os ombros, passos decididos e até mesmo distintos; era uma moça sem idade, uma flor desabrochada que exalava sensualidade inocente. Certo domingo, aceitou o convite de outra servente para assistir à grande celebração anual da procissão do Voto da Pólvora. Era uma festividade que os corunheses, traumatizados com a explosão de um paiol dois séculos antes, que deixara duzentos mortos, celebravam para agradecer por não ter havido mais vítimas. La Coruña vivia ao

ritmo pacato de suas tradições, alheia ao eco revolucionário que retumbava no restante da Europa. Sob um chuvisco constante, em meio ao cheiro de incenso e à fumaça das velas, as duas moças se integraram ao mar de vizinhos que clamavam rezas, alguns alegres como se houvessem bebido, outros caminhando um pouco dormentes. Participava o grosso da população: militares, escrivães, médicos, taverneiros, artesãos, empregados das fábricas de talheres ou de chapéus, agricultores e pedreiros, todos com as respectivas famílias. De repente, Isabel distinguiu entre a massa de penitentes e devotos um militar vestido com um uniforme rutilante. Ela se perguntaria inúmeras vezes no futuro se lhe havia chamado mais a atenção o homem ou o uniforme. O fato é que, naquele momento, foi impossível para ela não fixar a atenção naquele soldado cuja cabeça assomava na multidão. Era moreno, tinha o cabelo escuro com uma mecha que recaía sobre a testa, costeletas, nariz aquilino, um sorriso deslumbrante e olhos vivazes, que retribuíram aquele olhar com curiosidade.

— Quem será ele? — perguntou à acompanhante.

— Não olhe — respondeu a criada enquanto puxava as mangas de Isabel, fazendo-a baixar a mirada.

Mas era como pedir o impossível... Como afastar o olhar daquela casaca de colarinho carmesim, da jaqueta e da calça, das rosetas de lã encarnada, do correame cruzado de couro, da cartucheira de vaqueta preta e dos sapatos de fivela metálica? De modo que a jovem fez o que teve vontade de fazer: ergueu a cabeça, ajeitou a manta para trás e sorriu para o desconhecido, lançando para ele um doce olhar, como disse sua companheira ao censurá-la logo em seguida. Nem ela mesma soube como

tivera tamanha ousadia para semelhante gesto. Naquele exato instante, deve ter pensado que encarava seu destino, inexorável, refletido nos botões dourados e brilhantes daquele uniforme.

— Esses aí passam o dia flertando — disse a acompanhante. — Não dá pra confiar...

Isabel ficou calada. Mas seu “doce olhar” havia sido um convite para o cortejo.

Isabel logo se esqueceu do rapaz e voltou à rotina normal. Por meio da rede de informações que os curas mantinham em toda a região, recebia notícias pontuais da aldeia. Algumas boas, como a de que sua irmã Francisca havia se casado com um vizinho que conhecia desde a infância; outras ruins, como a de que seu pai havia sofrido uma recaída de pneumonia e estava de cama. Quando as crianças dormiam, Isabel escrevia cartas para a família e imaginava o cura lendo-as para o pai e os irmãos. E então parecia cheirar os aromas do campo e sentir na pele o frio da noite escura na aldeia. Tinha saudades da família, mas não sentia falta daquela vida — pelo contrário. Menos ainda a partir do momento em que o soldado do uniforme deslumbrante reapareceu de surpresa. “Posso ajudá-la?”, perguntou ao ver o esforço dela para encher um cântaro com água da fonte. Reconheceu-o logo; conseguiria reconhecê-lo em meio a mil rostos. Sem dar tempo para que respondesse, o soldado se agachou e se aproximou tanto do rosto de Isabel que ela se sentiu atordoada. Reparou em sua fragrância de couro e terra, que ficou gravada para sempre em sua mente. Não conseguiu responder, tampouco era necessário — o soldado já tinha o cântaro nas mãos.

— Eu me chamo Benito Vélez. Vi você outro dia na procissão da Pólvora e, desde então, sua imagem não me sai

da cabeça... Qual é seu nome?

Isabel balbuciou o próprio nome.

— Não existe nome mais bonito — disse ele, com convicção e sotaque andaluz. — Sou de Granada — acrescentou.

O homem dominava a arte do flerte. Falava com voz aveludada, como se conhecesse Isabel desde sempre, como se o encontro com ela fosse predestinado. Devorava-a com os olhos e se atreveu a colocar nela o pano que cobria sua cabeça e estava um pouco fora de lugar.

— Deixe-me ajeitar para você, minha filha...

Aproveitou para passar o dedo indicador pelo rosto dela muito lentamente e com certo descaramento.

— Que rostinho mais lindo...

Paralisada por uma mescla de medo e prazer, Isabel engoliu em seco. Um calafrio percorreu sua espinha. Até sabia o que dizer, mas não conseguia falar nada. Nunca havia conhecido um rapaz tão atrevido, despachado e desenvolto, totalmente diferente dos poucos com quem havia se relacionado até então, que cortejavam educadamente, aparentando mansidão. Aquele era todo fogo, todo paixão. Era cabo na companhia de fuzileiros do Regimento de Infantaria Castilla número 16, unidade do Exército Real recém-criada pelo *duque del infantado* para defender a Espanha do fervor revolucionário francês.

— Não sou soldado por vontade própria — observou. — Fui convocado, e minha família me obrigou a me alistar. Eu

queria me esconder, porque meu negócio é a América...

A verdade era um pouco diferente: a família dele era pobre demais para pagar a taxa que o eximiria do serviço militar. Na verdade, para eles o Exército era um alívio, pois teriam uma boca a menos para alimentar. Eram dez filhos.

— Na América — disse a Isabel, olhando para o horizonte — não é preciso abaixar a cabeça para ninguém. Lá é possível cair e começar de novo; lá até o mais humilde triunfa.

Parecia saber tudo sobre os barcos-correio que haviam percorrido o trajeto entre La Coruña e Buenos Aires carregados de camponeses galegos, que partiam para colonizar o rio de la Plata. Falava da Nova Espanha, de Cuba ou do Peru com profusão de detalhes, como se houvesse provado o frescor do maracujá, negociado esmeraldas em Cartagena das Índias ou andado ombro a ombro com a nata da sociedade *criolla*. Falava da existência de cidades de ouro, de um reino na selva dominado por mulheres Amazonas, de carroças cheias de lingotes de ouro, de águas que curavam doenças... Da riqueza daquelas terras e da facilidade para um homem de sua estirpe fazer fortuna por lá, ele não tinha a menor dúvida.

— Mas de que servem esses sonhos se não tenho ninguém com quem compartilhá-los? — perguntou, encarando-a. — É preciso partir, afastar-se do caos da guerra. Veja o que está acontecendo na França... Aqui tudo vai para o brejo.

Isabel o escutava admirada, esforçando-se para entender. Nunca havia escutado palavras como “oceano”, “indígena” ou “continente”. Teve a sensação de que alguém que se expressava com tanta segurança e conhecimento de causa não

poderia estar errado. Ainda menos depois que ele confessou, em tom solene, que não queria partir sozinho; queria constituir família com a moça que lhe roubava o sono desde que seus olhares haviam se cruzado na procissão do Voto. Foi o que ele disse na terceira vez em que se viram. Também confessou que conhecera outras mulheres, mas nenhuma como ela.

Isabel se derretia porque não estava acostumada a ser o centro da vida de ninguém. Não se atrevia a fazer perguntas ou questionamentos — não cabia a ela lustrar a janela pela qual seu soldado enxergava a vida. Era muito mais bonito deixar-se levar pelos sonhos que questionar a rapidez e a intensidade dos sentimentos dele. “Está arrebatado”, pensou, “e isso é o amor”. A verdade é que, passeando ao lado dele, ela tinha a sensação de caminhar sobre nuvens. Quando estava com ele, esquecia tudo, inclusive seu lugar no mundo; não via o tempo passar. Na companhia dele, sentia-se plena, inundada por uma felicidade que não era capaz de definir. Pensava nele o tempo todo, enquanto organizava a casa, lavava a roupa ou servia a mesa. Só conseguia afastá-lo de sua mente quando estava com as crianças, mas por pouco tempo.

Se antes não queria sair nas tardes de domingo, agora contava as horas para que chegasse o momento de encontrar seu rapaz. Ajustava a roupa, que passou a lavar com sabão de rosas, engalanava o cabelo com laços nas tranças e usava um colar emprestado pela cozinheira, que, por sua vez, cantarolava enquanto mexia o cozido: “Não se apaixonem, meninas; meninas, não se apaixonem, pelas palavrinhas de um homem”.

Até então, a única experiência amorosa que Isabel tivera não passara de se deixar tocar pelo filho de outros trabalhadores da aldeia enquanto trocavam uns carinhos nos campos de trigo e, mais tarde, brincar de casamento, simulando a prática sexual, deitados um sobre o outro, mas sem tirar as roupas. A brincadeira acabava quando ela, sentindo-se culpada pela urgência do desejo, recompunha-se, ajeitava os botões e sacudia os fiapos de palha da roupa.

Com Benito, era diferente. Nem a culpa nem a vergonha, tampouco o que diriam os outros, era suficiente para deter o fogo de amor que a consumia. Ainda assim, conseguiu resistir ao beijo na boca que o cabo tentou lhe roubar enquanto passeavam perto da Torre de Hércules em uma tarde ventosa. Era seu dever demonstrar não ser uma garota fácil, embora estivesse necessitada de um gesto de ternura... Como foi difícil! Na segunda tentativa, fechou os olhos, se deixou levar e morreu de deleite com aquele beijo, o momento mais grandioso que já vivenciara. No entanto, não estava disposta a ceder mais terreno, porque aprendera com as amigas da aldeia que a melhor forma de conquistar um homem era negando-lhe afetos, por mais que ele a divertisse com versos e piadas e conseguisse amolecê-la com cantadas e palavras de amor, enquanto a acompanhava da feira até a casa, à noite, entre risadas.

Havia décadas, a Espanha inteira vivia o drama da chamada “contribuição de sangue”, uma sombra funesta que pairava sobre gerações de jovens. Na cidade de Alicante, assim que completou dezessete anos, Francisco Xavier Balmis y Berenguer foi sorteado para ser um dos recrutas do Exército como “primeira classe de vizinho *pechero*”. *Pechero* era uma condição social determinada não pela riqueza, mas pela obrigação de contribuir com o pagamento de algum tipo de imposto pessoal ou de servir ao Exército — a famosa “contribuição de sangue”. *Pechero* era o oposto de isento, fundamentalmente um privilegiado, fosse porque pertencia à nobreza ou ao clero, fosse por desígnio real. Eram isentos os quinhentos mil fidalgos e todos os que recebiam tratamento de “vossa senhoria” ou “vossa excelência”. Balmis foi medido na sede da Administração Municipal — cinco pés, três polegadas e quatro linhas, ou seja, um metro e sessenta centímetros — e inscrito no livro do serviço militar. Desesperado diante da perspectiva de ser recrutado, percebeu que, embora tivesse estudado muito e pertencesse a uma família bastante querida na cidade, integrava o mais baixo escalão social. Foi a primeira grande decepção de sua vida.

Baixo de estatura e de porte robusto, com um tique que o fazia piscar a intervalos regulares, ainda mais quando ficava

nervoso, o jovem Balmis, batizado Francisco Xavier em homenagem ao santo do dia em que nasceu, 3 de dezembro de 1753, gostava muito de estudar, ler e pesquisar. A vida ao ar livre e os exercícios físicos não faziam o seu feitio — era lerdo ao correr, carecia de agilidade e sempre havia sido motivo de chacota para os garotos que brincavam com ele na praça. Imaginava aterrorizado os assédios a que seria submetido no Exército, com o agravante de não poder buscar refúgio em casa.

Havia nascido em uma família cujos membros — o pai, o avô, o tio e o cunhado — pertenciam ao grêmio de sangradores-barbeiros-cirurgiões. Teve uma infância feliz, à sombra de uma mãe bastante protetora e rodeado de uma família numerosa e bem relacionada. Sua casa estava sempre repleta de pacientes que iam se curar, purificar o sangue com sanguessugas ou para que seu pai ou seu avô costurassem alguma ferida na pele. Sua brincadeira favorita era fingir-se de ajudante, organizando os instrumentos e a gaze para entregá-los ao pai quando solicitado. Muitos pacientes voltavam com um presente — um pote de mel, nêspas, uma peça de queijo — como forma de agradecimento por terem melhorado. Assim, foi contagiado pela vocação familiar de maneira cada vez mais intensa, respaldado por uma memória excepcional para guardar datas e informações.

“Nosso ofício é ajudar as pessoas”, dizia o avô. Essa frase impactou o garoto, que sonhava em salvar pessoas assim como pai, o avô ou os Mataix, outra família de cirurgiões, amigos íntimos dos Balmis que moravam perto e cujos filhos foram seus companheiros de brincadeiras antes que acendesse

dentro dele a chama da vocação. Ele logo perdeu o interesse pelas outras crianças, preferindo o contato com os adultos. Salvar pessoas era algo próprio dos heróis, e ele sonhava em ser um herói da cirurgia. Tendo testemunhado tantas operações em casa e na residência dos Mataix, acostumou-se desde pequeno a ver sangue, músculos rasgados, veias cortadas como se fossem tubulações, abscessos extirpados a golpes de bisturi. Isso não o impressionava — pelo contrário, atiçava seu interesse pela complexidade do corpo humano.

— Pai, por que esse homem tem um nódulo aqui? Por que você costura isso antes? Por que não tem como limpar tudo?

— Fique quieto, garoto, você vai me atrapalhar.

— Para que serve o baço?

Perguntava tanto, e com vocabulário tão pedante, que deixava o pai, o avô e a mãe exasperados.

— Rapaz, não seja tão curioso. Vá brincar na praça.

A mãe ficava preocupada por seu filho preferir o convívio com adultos a passar tempo com garotos de sua idade. Haviam dito a ela que o pequeno Francisco Xavier gostava de ganhar sempre e de impor as próprias regras. Por isso, acabava se desentendendo com os companheiros, que, além de tudo, zombavam da maneira desajeitada como ele amarrava os cadarços. Sempre que voltava da praça, estava chorando devido a um acesso de raiva. Enfiava-se no quarto para ler livros de medicina, e era capaz de ficar absorto nos próprios pensamentos durante horas, revirando-se feito um cavalo maltratado. Quando escutava os pacientes chegarem, corria para perto do pai. Quando o garoto fazia uma pergunta diante

de um dos numerosos casos que não tinham solução, o pai dizia a ele: — Se não é possível curar, deve-se ajudar; se não der, deve-se consolar; se não também não houver a chance, fazemos companhia.

Os Balmis, assim como os Mataix e as pessoas que viviam de um trabalho científico e intelectual, estavam impregnados da influência humanista do século do Iluminismo. O jovem Balmis começou a estudar latim e fisiologia, matérias indispensáveis para um aspirante a cirurgião, profissional que por sinal era chamado de “cirurgião latino”. Aos dezesseis anos, havia sido aprovado no teste de latim e estudado dois anos de filosofia; então, conseguiu um estágio no Real Hospital Militar de Alicante. Continuava sonhando em se tornar famoso pelos serviços prestados à humanidade.

Bom estudante que era, tinha um futuro promissor. Sua vida era confortável e prazerosa desde que Josefa Mataix, a filha mais velha da família amiga de seu pai, havia declarado seu amor a ele. Ela era sete anos mais velha que ele, tinha um físico pouco agraciado, um rosto comprido e ossudo e havia fracassado em diversas tentativas de encontrar um marido, mas era desenvolta e mais culta que a média das mulheres.

— É que... vejo que você sempre tem as ideias tão claras, é tão decidido que... que... — Ele não se alterou. Josefa prosseguiu: — Olhe no fundo de meus olhos, vai. Nem que seja uma vez só...

Tinha dificuldade para entender as emoções dos outros. Josefa lembrava-se de ter escutado a mãe de Balmis dizer: “Esse garoto não sente nem padece!”. Era ingênuo e desprovido de malícia. Balmis teve de fazer um esforço sobre-

humano para olhar Josefa nos olhos, e ela deu um beijo em sua boca como um toureiro que crava uma estocada. Quando os rostos se separaram, parecia que Balmis, em vez de ter vivenciado a emoção de tal surpresa, terminara um exame bucal de rotina em um paciente. “Esse é o encanto dele”, disse Josefa a si mesma. Ela o arrastou a um baile em que, rígida como uma escova, deixou-se guiar por ele, que cambaleava por ser descoordenado e ter ouvido ruim para a música.

No entanto, fora do baile, deslumbrava-a com sua curiosidade insaciável, principalmente para tudo o que, de maneira óbvia ou distante, fosse ligado à saúde. Se passeavam pelo campo, interessava-se apenas pelas plantas que pudessem ter algum efeito curativo. Suas lojas preferidas eram as boticas, e ficava tão absorto em frente às fileiras de potes e frascos que Josefa, entediada, precisava tirá-lo de lá puxando-o pelo braço. Se o relacionamento deu certo, foi porque ambos pertenciam ao mesmo mundo, eram quase familiares, e sobretudo porque, à noite, Josefa se esquecia das convenções e soltava as rédeas de seus irrefreáveis impulsos sexuais. Fosse na praia, fosse em algum alpendre, o fato é que iniciou Balmis nos prazeres do amor. Não existia postura ou ato que não conhecesse e de que não desfrutasse com ardor, como se temesse um dia ficar sem aquele elixir de vida. Ao sexo, como em tudo na vida, Balmis direcionava um olhar clínico. Conseguia ter prazer, e muito, mas sempre depois de ter apalpado, manuseado e escrutinado com os dedos os rincões mais recônditos do corpo de sua companheira. Era como se precisasse experimentar o terreno antes de se deixar levar. Também era uma maneira de aproveitar a experiência para acumular conhecimentos sobre o corpo humano. Balmis

não dava ponto sem nó.

Assim, pelas manhãs, chegava esgotado para desempenhar suas funções de meritório ao lado do cirurgião-chefe do hospital. No fundo, o que fazia era continuar a mesma tarefa: a de decifrar os segredos do corpo. Ali aprendia a arte de sangrar, abrir ventosas, posicionar sanguessugas e arrancar dentes.

— A cirurgia e a barbearia não deveriam andar misturadas... — disse um dia ao cirurgião-chefe.

— Por quê?

— Porque um cirurgião é mais que um barbeiro. Consideram a nós, cirurgiões, trabalhadores braçais.

— Assim como os sangradores.

— Mas eu quero trabalhar com a mente, como os doutores em medicina.

— Então terá de estudar muito.

— É o que pretendo.

Por isso, para Balmis, o resultado do sorteio e a decorrente convocação para as fileiras ameaçava acabar com sua carreira e destroçar sua vida.

— Não sou contra o Exército — dizia ao chefe, que o entendia perfeitamente. — Como poderia, se trabalho no Hospital Militar?

— Você só não quer servir de bala de canhão, eu entendo.

A família, como tantas outras, encarava aquela convocação com grande tensão, pois temia não voltar a ver o filho caso ele

fosse enviado a algum campo de batalha. Para evitar que um parente fosse recrutado, as famílias recorriam a todos os tipos de esquemas, incluindo subornos e falsificações. As autoridades participavam da fraude, sobretudo quando a convocação afetava algum familiar. Subornar o encarregado pela medição era algo tão corriqueiro que houve até mesmo um caso em que um povoado inteiro só registrou homens com menos de um metro e quarenta de altura; oficialmente, todos eram anões.¹

Com a cumplicidade do pai, conseguiu livrar-se dessa primeira convocação alegando ser aprendiz no Real Hospital Militar e “ser filho único de pai inválido, que obtém o mínimo sustento por meio de seu trabalho”. No entanto, nos anos seguintes, seria chamado novamente.

Deixar sua condição social para trás e se tornar médico ia contra o interesse do Exército: em 1773, Balmis foi considerado apto a ingressar nos Exércitos Reais. Mais uma vez, a sorte esteve a seu lado. Foi convocado à Administração Municipal de Alicante para se apresentar a um médico-cirurgião, que calhou de ser o pai de Josefa. O laudo médico assinado por Tomás Mataix dizia: “Examinado pelos facultativos, que disseram que sofre de reumatismos frequentes e tem limitações de visão, ficando assim inabilitado para trabalhar no ofício de sangrador, motivo pelo qual foi liberado”.

Foi excluído de novo da lista, mas por pouco tempo. Alguns meses mais tarde, chegou uma admoestação do comando de Valência: havia sido novamente incluído na lista porque o laudo anterior fora considerado inconclusivo. A partir desse momento, Balmis poderia ser declarado prófugo e até ser preso. Um irmão de Josefa, seu amigo de infância, encontrava-se na mesma situação. O ambiente em Alicante estava tenso, e não havia dia em que os rapazes não provocassem algum tipo de tumulto diante da injustiça que representava a “contribuição de sangue”. Os motins e as revoltas faziam parte do cotidiano. Assim como as picaretagens, pois todos lançavam mão delas para se livrar.

Balmis evitava ficar em casa, porque poderiam aparecer para prendê-lo, e morou um tempo com os tios em Muchamiel, povoado próximo. Josefa o visitava todos os dias — tinham rotina de eternos namorados –, e foi ela que, com uma proposta, o brindou com uma oportunidade de se salvar.

— E se nos casarmos?

Balmis tinha vinte anos; ela, vinte e sete. Para ela, Balmis era a última oportunidade. Todas as tentativas anteriores de conseguir um matrimônio haviam fracassado. Não podia permitir que aquele terminasse da mesma maneira. Para ele, o casamento significava livrar-se definitivamente do Exército, continuar os estudos e perseguir seus sonhos e suas ambições. Demorou pouco para se convencer de que a atração física ou a paixão não eram requisitos indispensáveis para constituir uma família. Seus pais não interferiram no assunto — embora a diferença de idade surpreendesse, tinham consciência de que unir as duas famílias mais importantes de cirurgiões poderia salvar a vida de seu filho e, no fim das contas, Josefa já era como filha deles. Assim, casaram-se em 30 de março de 1773, na paróquia de Santa María de Alicante.

Um mês depois, Balmis escreveu para a secretaria de recrutamento solicitando a retirada da admoestação e sua exclusão da lista. “O exponente declara-se livre de entrar no sorteio por estar casado. Embora seu matrimônio tenha sido celebrado depois da Ordem Real de Quintas, não foi de motivação fraudulenta nem por vontade do exponente, mas por efeito de instância judicial movida por Josefa Mataix.” Em 8 de julho, por fim, declarou-se que Francisco Xavier Balmis gozava de isenção.



Dois anos depois, Josefa engravidou. Quando estava no quinto mês de gravidez, Balmis disse a ela que iria para a guerra.

— Como é? — protestou.

— Preciso de horas práticas para prestar a prova de cirurgião. Meus professores propuseram que eu me aliste no hospital de campanha que faz parte de uma expedição naval sob comando do general O'Reilly.

— A vida inteira lutando para se livrar do recrutamento, e agora, justo nesse momento, você se alista?

— Ir como médico não é o mesmo que ir como soldado raso. É uma missão sem riscos; dizem é como um passeio militar.

— Um passeio militar! E você acredita nisso...

Balmis tinha vinte e dois anos, sonhava com a glória, acreditava na invencibilidade do Exército e sentia-se protegido porque ficaria na retaguarda.

— Estarei de volta em um mês — disse.

Invadiriam Argel para acabar de uma vez por todas com a base das incursões dos piratas berberes na costa espanhola. Lembraria durante toda a vida a meticulosidade com que limpou os instrumentos cirúrgicos na cabine do barco que servia de hospital: o trocarte, a chave de grifo do trépano, a serra e sua folha de rosto, as pinças hemostáticas, o escalpelo, as agulhas, as leguas, o tira-fundo, os bisturis... Balmis era metódico e queria receber os feridos sob as melhores

condições. Tudo estava limpo e reluzente, inclusive a madeira do piso.

Mas a batalha começou e disseminou o caos. O Exército espanhol havia dedicado vários meses à preparação e à equipagem dos navios, mas nada fizera para conhecer as forças do inimigo, mais numeroso e mais bem organizado do que imaginaram. Logo chegaram embarcações carregadas de feridos. Balmis percebeu que ninguém havia pensado em como fazer para trazer a bordo os feridos mais graves, de modo que tomou uma iniciativa.

— Ajeitem os homens com redes e cabos! Envolvam os feridos e tragam todos a bordo!

Era tamanha a avalanche que não havia redes nem cabos suficientes. A cabine do pequeno hospital foi ficando repleta de vítimas daquele “passeio militar”. O sangue jorrava em abundância em meio à madeira do piso, os feridos proferiam gritos atrozes, e os que morriam eram imediatamente lançados ao mar, sem mortalha nem bala de canhão. Seu pai não dizia que a dor e a infecção, sobretudo a gangrena, eram os grandes inimigos dos médicos? Também havia aprendido com ele que hábitos extremos de higiene eram fundamentais, mas como fazer isso em meio a tanto sangue, pus, sujeira, excrementos e dor? Ao cabo de horas, aquela cabine se tornara um espantoso amontoado de vivos e mortos. Embora se sentisse sufocado pelos acontecimentos, Balmis conseguiu manter um admirável sangue-frio.

— Como não podemos atender a todos — disse aos ajudantes —, precisamos descartar aqueles com ferimentos no ventre, porque esses vão morrer de qualquer maneira devido à

infecção.

— Então, o que devemos fazer?

— Amputem, imbecis, amputem!

Era o método mais seguro para salvar vidas ameaçadas pelos estragos das hemorragias.

— Apliquem torniquetes, fechem as feridas, suturem os vasos! Rápido, pois não temos tempo!

Balmis cauterizou cotos com os ferros que tirava da estufa que ficava em um canto da cabine. Os gritos daqueles soldados ficaram gravados para sempre em sua mente. Quando começaram a chegar oficiais feridos, tomou consciência da magnitude da derrota. O primeiro foi o comandante Bernardo de Gálvez, militar de Málaga, muito conhecido, que havia conquistado o grau de tenente aos dezesseis anos por sua participação na guerra contra Portugal e acabara se tornando capitão do Exército Real graças ao sucesso na campanha contra os apaches na Nova Espanha. Por ter sobrevivido a numerosos e graves ferimentos, era considerado herói. Agora Balmis o tinha diante de si, retorcendo-se de dor com uma ferida na perna, pela qual perdia sangue.

— Dom Bernardo, não temais, estou aqui para salvá-lo.

Não podia tratá-lo sem antes mitigar seu sofrimento. As maneiras de fazê-lo eram escassas: a mandrágora nem sempre funcionava, o ópio era difícil de dosar. Fumar haxixe e tomar uns bons tragos de aguardente ajudava, mas essas opções não estavam disponíveis naquele momento. Balmis optou pelo mais eficaz, embora também fosse o mais arriscado: pegou um pedaço quebrado de um remo de balsa e

desferiu uma pancada na cabeça de Gálvez, que perdeu os sentidos.

— Rápido, precisamos cauterizar antes que ele acorde com a dor!

Queimaram o coto com um ferro de vermelho incandescente. Quando Gálvez recuperou os sentidos, dirigiu-se a Balmis com a voz fraca: — Serei eternamente grato a você, jovem.

— Vos referis à pancada na cabeça?

Gálvez teve vontade de rir, mas seu rosto se contorceu em uma careta de dor. O que jamais teria imaginado era que Balmis havia perguntado a sério, porque não entendera a ironia. Tampouco concebia que lhe agradecessem por seu trabalho. Balmis não suspeitava que aquele golpe na cabeça de Gálvez havia sido um golpe do destino.

Quando o general O'Reilly ordenou a retirada e foram averiguadas as baixas, Balmis deixou de acreditar na glória militar: quinhentos mortos e dois mil e quinhentos feridos — era sangue demais derramado em vão. Ali não havia fama nem honra, apenas vergonha. A impotência diante das feridas causadas pelas armas de fogo, a frustração de não poder aliviar a dor e a incapacidade de salvar mais vidas provocaram nele um sentimento profundo de mal-estar. “Como é limitado o alcance da cirurgia militar”, pensou, balançando a cabeça como costumava fazer quando era tomado pela angústia.



Após a derrota, a frota regressou a Alicante, que se tornou um enorme hospital de campanha. Ninguém entendia como

uma expedição tão potente e que havia exigido tanto tempo de preparo fora derrotada em horas. As pessoas olhavam para os feridos com desprezo, e não se furtavam de comentários debochados: — Foram em busca de glória e nos deixaram na merda!

Quando Balmis reassumiu seu cargo no Hospital Militar, seus superiores o cobriram de elogios.

— O senhor se destacou pela capacidade de decisão, pelos bons reflexos e pela atitude incansável durante a batalha — disseram.

Também seria lembrado como o homem que salvara Gálvez, que por sua vez acabara de ser promovido a tenente-coronel.

O nascimento de seu filho, que foi batizado como Miguel Joseph na Igreja de São Nicolau, contribuiu para dissipar o sentimento de humilhação provocado pela derrota. Com os relatórios médicos em mãos, Balmis, que havia iniciado os trâmites para conseguir o título oficial de cirurgião, foi a Valência ser testado pelo Tribunal Real de Protomedicato, instituição responsável pelos serviços de saúde.

Ao regressar a Alicante, passou a questionar: queria mesmo permanecer naquela cidade?

— Mãe, fui aprovado, já sou cirurgião militar.

A mãe o acolheu nos braços.

— Já superou seu pai, meu filho — disse, com ternura, passando os dedos pelo cabelo bagunçado. — Agora cabe a você tomar o lugar dele, como ele fez com seu avô, não é?

Balmis afastou-a com suavidade.

— Mãe, o mundo é muito grande.

— Você não quer mais trabalhar como sangrador-cirurgião?

— Não sei o que fazer, mãe. Poderia ficar em Alicante e exercer a profissão, o que seria mais fácil para mim, mas quero seguir com minha carreira de cirurgião militar, ser promovido a cirurgião-mor e, então, quem sabe, a cirurgião de câmara do rei. Quero ser médico, viver de minha cabeça, não de minhas mãos.

— É uma carreira muito difícil, meu filho. Aqui você tem uma vida segura, uma esposa, um filho.

— Sim, mãe, mas eu gosto de testar remédios, descobrir métodos de cura, estudar as doenças, fazer experiências.

— Nisso você não mudou nada desde garoto, mas como fará para pagar os estudos de medicina? Seu pai não tem condições, você sabe disso.

— Sei...

O jovem sentia-se incomodado, dividido entre a possibilidade de permanecer em Alicante ou ingressar no regimento para prosseguir com os estudos que o pai não podia pagar. Tinha vinte e três anos, uma sólida vocação para a medicina e era ambicioso. Tinha o objetivo de ascender na escala social, de nunca mais ser um *pechero*. Poucos dias depois, retornou à casa da mãe.

— Ainda não contei para Josefa, mãe, mas os médicos do Hospital Militar facilitaram as coisas para que eu ingresse no

corpo de saúde militar. Dizem que tenho méritos de sobra. É só questão de tempo.

Foi designado para o regimento de Zamora, que se dispunha a efetuar o bloqueio terrestre de Gibraltar.



— Não chore mais, Josefa. Juro que voltarei logo de Algeciras.

— Prometa que nunca vai nos abandonar.

— Juro pela minha mãe.

Mas Josefa não acreditou nele. Conhecia Balmis, seu desapego, sua paixão pela medicina. Além disso, lembrava-se bem do sentimento de abandono, que ficara gravado em seu coração quando fora deixada por outros. Chorava sem parar, pois no fundo sabia que Balmis era mais um homem que escapava de suas mãos.

11

Nas tardes de passeio por La Coruña, sob os alpendres do bairro de Pescadería, Benito Vélez tentava convencer Isabel: — Como foi mesmo que seu patrão fez fortuna, hein?

Ela dava de ombros. Então, ele respondia à própria pergunta: — Na América, não aqui. A América está aí para nós, dispostos a correr riscos.

— Que descarado! Está se comparando a meu amo?

O granadino não tinha pudor em situar-se ao lado dos grandes personagens da cidade.

— Só digo que, nesta vida, tudo é possível.

Para ele, não havia obstáculo que não pudesse ser vencido nem objetivo impossível de cumprir. Ele imbuía seu entusiasmo e sua certeza em Isabel, que tanto precisava de afeto concreto. Daí a pedir sua mão em casamento foi um passo, o que o soldado fez com sua sem-cerimônia de praxe: — Você e eu vamos nos casar e, então, embarcaremos...

— Olhe lá... Amor de soldado *non e de fiar*... — respondia ela, rindo.

— Voltamos em alguns anos e compramos uma casa na cidade alta. Ou você quer trabalhar como criada a vida inteira?

Fez-se um silêncio, e após alguns instantes ele

acrescentou: — Não dizem que servir é comer o pão que o diabo amassou?

Aquela era uma frase que se dizia muito, e Isabel já havia escutado. Ficou pensativa. Não, não queria. Trabalhar como criada era um passo necessário para abandonar a miséria do campo, mas não um objetivo em si. O objetivo de todas as garotas era o casamento, e quando isso ocorria a maioria deixava o serviço doméstico. Casar-se, ter filhos, uma vida própria não dedicada a alguém. Aquele homem tinha a capacidade de dar um sentido a sua existência.

Por isso, Benito tornou-se sua obsessão. Para uma garota de um povoadinho, perdida na cidade, sem família nem amigos, ele era um salva-vidas, uma luz cujo resplendor, ainda mais potente que o do farol de Hércules, iluminava seu caminho. Pensava nele o tempo todo, via-o na multidão do mercado mesmo quando ele não estava lá, acordava no meio da noite convencida de que ele a esperava do lado de fora. Para reduzir a eternidade entre um domingo e outro, o soldado a surpreendia em dias de semana atrás de uma esquina quando ela saía para buscar as crianças ou para recolher água na fonte, como na primeira vez. Eram encontros fugazes, tão irreais que Isabel se perguntava se não eram fruto de sua imaginação. Às vezes, Benito mostrava um envelope que deixara sobre uma mureta e continha uma mecha de seu cabelo, uma flor ou, como ocorreu certo dia, uma proposta formal de casamento. Emocionada e nervosa, voltou para casa sem saber o que pensar, de modo que, sem planejamento, pôs-se a contar os talheres, trocar a água das jarras, pôr a mesa e limpar o vidro das janelas.

Respondeu poucos dias depois, quando estavam sentados no quebra-mar observando o vaivém dos barcos na baía. Pensou que nenhum homem precisava tanto de companhia quanto ele para empreender seus grandes projetos, aceitou o fato de que necessitava dele como precisava do ar que respirava e disse “sim”. Se fosse para passar o resto de seus dias servindo, preferia fazê-lo para um marido que lhe desse filhos e uma vida digna, não para uma família alheia, por maior que fosse seu afeto por ela. Assim, tornaram-se um dos tantos casais de noivos que percorriam a alameda ou o parque nos domingos à tarde falando sobre o amanhã e escolhendo o nome de seus futuros rebentos, alheios aos eventuais arruaceiros que sussurravam ao passar: “Pega muito mal para uma criada passear por aí com soldados”. Careciam de um plano concreto para as bodas, pois não tinham dinheiro nem para esboçá-lo. Não havia remédio, a não ser conformar-se com a esperança de um futuro juntos, em algum lugar do vasto Império Espanhol onde a vida teria um sabor mais doce que na pobre e chuvosa Galícia. Naquele tempo, Isabel não pensava se o noivo manteria a palavra. A situação se tornara tão normal quanto comer todos os dias e não passar frio.

Grande parte das conversas tinha a ver com os delírios de grandeza de Benito Vélez, que, para celebrar sua onomástica, insistiu em convidá-la para uma apresentação de ópera no Teatro de Setaro.

— Mas é muito caro — disse ela.

— Tenho entradas! — respondeu ele, brandindo os pedaços de papel como se fossem um troféu.



Isabel passou a semana inteira na expectativa de ir à ópera, que lhe parecia algo luxuoso e exótico. Pediu à costureira que ajustasse seu traje de domingo, vestiu uma anágua para a ocasião, pôs um belo xale emprestado sobre os ombros e polvilhou ruge nas bochechas para afugentar a palidez. Não fosse a ausência de joias, pareceria mais uma filha de boa família que uma criada. De braços dados com seu militar uniformizado, formavam um esplêndido casal. Mas foi grande a decepção que Isabel teve ao descobrir que o teatro era um edifício decrepito, um local sem adornos, com a pintura descascando e goteiras no teto. Para aumentar a surpresa, a entrada que seu noivo lhe presenteara não dava direito a assento, o que não parecia perturbá-lo. Tiveram de permanecer de pé, ao fundo, junto à plebe barulhenta, enquanto os senhores desfrutavam do espetáculo acomodados nas poltronas e as famílias distintas ficavam nos camarotes. O espetáculo começou com um homem subindo no telhado, agarrando-se em uma soga e atirando-se no vazio. Isabel viu estenderem uma grande rede, que amortizava a queda do homem. Assim começou uma apresentação sem brilho e tão longa que Isabel acabou com dor nos pés.

De repente, já perto do fim da sessão, os músicos pararam de tocar. Os atores se calaram enquanto um murmúrio rouco se elevava do público. Irrompeu em cena o diretor do teatro, rodeado por oficiais do Exército e autoridades civis, e em seguida os atores se amontoaram ao redor dos intrusos. Isabel pressentiu que algo grave estava acontecendo. O público ficou nervoso. Depois de um conciliábulo, a soprano se dirigiu ao auditório e anunciou: — No dia de hoje, 7 de março de 1793, a França declarou guerra à Espanha!

Isabel e Benito trocaram um olhar de pânico. Em meio a uma mistura ensurdecadora de assovios, vaías e esperneadas, além de vivas à Espanha e gritos de júbilo, a cantora anunciou que os revolucionários franceses, irritados com os esforços do rei espanhol, Carlos IV, para salvar seu primo Luís XVI da guilhotina, haviam declarado guerra contra a Espanha a fim de derrubar outro Bourbon e levar a revolução ao povo vizinho. Em sua ofensiva, haviam tomado o vale de Arão.

As paredes do edifício pareciam tremer. A atriz que poucos momentos antes se derretia de amor ao cantar se transformou em uma panfletária furibunda: os franceses queriam acabar com a religião, defender a Espanha era defender Deus, era preciso unir esforços para repelir a agressão revolucionária, os militares se aquartelavam em todo o país, a nação precisava de voluntários e donativos patrióticos. Isabel e Benito não escutaram o resto da diatribe. Aquela notícia ameaçava despedaçar o futuro do casal, e os dois saíram do teatro às pressas. Isabel mal conseguia caminhar.

— O que você tem?

Tinha dor nos pés, mas, como o amor é complacente, optou por não dizer nada e perdoou-o internamente pelo sofrimento de ter assistido à ópera. A ideia de que pudessem mandá-lo para a guerra, de perdê-lo, a angustiava. Sob os alpendres, beijou-o como nunca havia feito, pressentindo que aquela bolha de felicidade estava prestes a estourar. Nessa noite, chegou tarde a casa. Sem fazer barulho, entrou no quarto das crianças, cobriu-as e deu um beijo em cada uma. Então, vestiu a camisola e deitou-se na cama com vontade de chorar.

12

A declaração de guerra dos franceses serviu para galvanizar os espanhóis. Tantos voluntários se apresentaram que não havia meios suficientes para armá-los. Assim como os atores nos teatros, curas e frades predicaram nos púlpitos a favor do apoio àquela guerra de religião, como a consideravam.

— Nós, espanhóis, não desejamos a revolução! — clamavam.

Os espanhóis pouco sabiam sobre a revolução; no país, eram proibidas a importação de jornais e a entrada de livros em cuja capa figurasse a palavra liberdade.

Benito Vélez se salvou de ir à guerra porque seu destacamento ficou na retaguarda, à espera de ser chamado como reforço, enquanto mil e quinhentos homens do regimento foram destinados à Catalunha sob os mandos do general Ricardos com a missão de ocupar a região francesa de Roussillon.

Isabel respirou aliviada. Tinham escapado do primeiro golpe. Retomaram o cotidiano, mas sem a alegria de antes. Viver com a espada de Damocles que representava o fato de que o Exército poderia mandá-lo à frente de batalha fez com que se sentissem mais unidos, se é que isso era possível. Os passeios, as trocas de mensagens, os beijos furtivos sob os

alpendres, os carinhos nas ruas escuras — tudo adquiria um caráter dramático agora que tinham consciência da fragilidade de tal felicidade. O ânimo de Isabel oscilava conforme as informações que chegavam até eles. Temiam que o conflito se intensificasse, porque então a probabilidade de enviarem reforços aumentaria. Mas durante um ano e meio — dezoito meses de relacionamento ininterruptos e sem conflitos, de um amor tranquilo e já assentado —, só chegaram boas notícias da frente de batalha. Benito achava que a partida estava ganha.

— Ricardos contra-atacou e derrotou o Exército francês! Ocupamos Roussillon! — informou a Isabel certo dia, com um jornal na mão.

— Ignacia ouviu nossas preces! Vou à Igreja de São Nicolau acender uma vela para ela...

Mas a alegria foi curtíssima. Pouco tempo depois, um levante massivo na França alterou o curso dos acontecimentos. Os *sans-culottes* recuperaram o território perdido e adentraram a Catalunha.

— Os espanhóis estão em debandada — disse Benito, que falava em primeira pessoa quando os espanhóis venciam, mas na terceira quando eram derrotados. — Atravessaram Navarra e estão em Miranda de Ebro. Que catástrofe, Isabel!

Percebia-se o medo em sua voz. Isabel retornou à igreja para acender velas para a mãe e para grande parte dos santos. O que mais podia fazer, se não estava em suas mãos alterar o curso dos acontecimentos? Naquela mesma noite, chegou a notícia da morte do general Ricardos, que estava em Madri para pedir reforços e teve pneumonia. “Fomos mobilizados,

Isabel. Em menos de vinte e quatro horas, precisamos deixar La Coruña”, Benito escreveu a ela em uma mensagem que depositou no parapeito da janela da cozinha.

O momento tão temido havia chegado. Isabel sempre confiara na sorte e, se não nela, na divina providência e nas rezas para Ignacia. Agora as forças sobrenaturais a haviam abandonado. Naquela tarde, pediu permissão para sair e encontrar-se com Benito. Ele estava sereno. “Ou dissimilava sua preocupação ou não estava plenamente ciente do que tinha pela frente”, pensou ela.

— Estarei de volta na primavera... — disse, com convicção, pois era um otimista inveterado, e era isso que haviam informado seus superiores.

Isabel queria acreditar nele. Lutava para conter suas emoções, uma vez que o sofrimento da separação avivava ainda mais o amor que sentia. Caminharam bastante, até as imediações da Torre de Hércules, de onde divisavam os telhados da cidade salpicada de luzes.

— Vai me mandar notícias, não é?

Isabel parecia um animalzinho encurralado. Benito entrelaçou as mãos com as dela.

— Se eu conseguir, todos os dias.

— Jura?

— Pela minha mãe e por todos os santos — disse, cruzando os dedos e levando-os aos lábios.

Isabel sorriu para ele, abraçou-o e fechou os olhos quando ele começou a sussurrar frases em seu ouvido. Depois de um

tempo, conduziu-a até darem a volta na torre.

Era quase noite quando chegaram a um local com restos de naufrágio — era um dos muitos barcos que haviam encalhado ao adentrar a baía e se espatifado contra os abrolhos. A intervalos regulares, os lampejos do farol iluminavam a silhueta do casco, as rodas de proa arrancadas, o castelo de proa arreventado, os mastros quebrados e os cabos desfeitos. Mas era um refúgio, um lugar mais seguro do que as rochas contra as quais colidia a espuma das ondas. Aninharam-se um contra o outro enquanto, com sussurros, ele pedia a ela paciência e falava do momento do regresso, da viagem prodigiosa em que cruzariam o mar, de como viveriam na América — onde não teriam patrão nem amo nem capitão —, do sonho de um futuro juntos que, embora adiado, seguia intacto, pois era sagrado. Enquanto murmurava nas sombras, desabotoou a camisa dela e, então, o corpete.

— Não — ela disse —, para...

Isabel não insistiu mais por medo de desfazer o encanto, enquanto ele seguia se apoderando de seu corpo. Com a ponta dos dedos, ele acariciou-a nos braços, no pescoço e na orelha, encontrando um caminho até o ventre, e ela, com os sentidos à flor da pele e a alma dolorida, esqueceu-se dos conselhos das amigas da aldeia, voltou a dizer um “não” que se perdeu em meio ao estrondo das ondas e se atreveu a acariciar os braços dele e a fundir seu rosto naquele torso peludo. Grata à escuridão que escondia o rubor que tomava conta dela, entregou-se, morta de amor e desesperança.

A ressaca surgiu assim que ela chegou em casa. Olhou-se no espelho: faltavam diversos botões de seu corpete, havia

perdido o lenço e estava de cabelo solto. Entre outros vestígios do amor, encontrou marcas na altura do pescoço e nos seios, e um ou outro arranhão. Estando sozinha, percebeu a enormidade do que acabara de ocorrer e se repreendeu por ter baixado a guarda — de que serviram tantos meses de indefessa resistência, se havia fraquejado de tal maneira em um momento de debilidade? Então se lembrou do remédio utilizado pelas mulheres da aldeia. Procurou uma esponja, foi até a cozinha na ponta dos pés, empapou-a de vinagre e introduziu-a em seu corpo para não engravidar. Restava rezar para a Virgem e para São Nicolau na paróquia mais próxima, da qual já era frequentadora assídua.

As semanas passaram, e a carta de Benito não chegava. No início, Isabel pensou que o noivo estava sem tempo ou que o correio estava com dificuldades na entrega. Então, se inquietou: “E se estivesse ferido, sem conseguir escrever?”. Inconscientemente, rechaçava a outra pergunta que surgia conforme os dias se sucediam na ausência de notícias: “E se morreu em combate?”.

— Não, isso não. Você teria ficado sabendo — dizia a cozinheira, sua única confidente.

Falava isso para consolá-la, porque não explicava como Isabel teria ficado sabendo. A garota, confusa, preferiu acreditar nela para afugentar a dor. Até que não pôde mais e, certa tarde, foi até o quartel e perguntou pelo cabo Vélez. Confirmaram que não estava ferido nem morto, simplesmente porque as tropas não haviam entrado em combate devido a problemas de abastecimento. Os franceses continuavam a ocupar as províncias bascas e o norte da Catalunha. “Então, por que ele não me escreve?”, perguntava a si mesma, desesperada. “Ele prometeu!”

A cozinheira sentia-se desolada ao vê-la sofrendo tanto, a cada dia mais. Agora, tinha grandes olheiras que ressaltavam a palidez marmórea de sua pele. Sentia-se cansada e fraca

quando precisava estender a roupa ou acender a lareira. Ao servir a mesa, o cheiro da comida lhe dava náuseas. Quando a cozinheira reparou nas pernas de Isabel e viu que as veias pareciam lombrigas, exclamou:

— Filha, você está *preñá*!

Isabel sentiu o sangue gelar. Havia algum tempo reparara que os peitos estavam inchados, mas não deu muita atenção ao fato.

— Quanto tempo faz que não desce?

— Um mês... bem, quase dois...

Não queria escutar as transformações de seu corpo porque, inconscientemente, rechaçava aquele que intuía ser o veredito. Suspeitava, mas não queria admitir. Por isso, quando a cozinheira disse de maneira tão franca, aquilo doeu como se houvessem cravado nela uma faca. aquela mulherona tinha razão. Estava grávida, e era um desastre, porque esperava o filho de um homem desaparecido. De um homem a quem antecipara favores em troca de palavras. Vivia em um mundo onde a honra das mulheres vinha de sua castidade; a dos homens, de manter a castidade das mulheres que estavam sob sua responsabilidade. Perder a honra levava à vergonha e ao ostracismo.

Sentou-se para lutar contra o enjoo. Seu futuro, seus planos, seus sonhos, seu afã de melhorar, tudo escorria pelo ralo. Provavelmente, seu trabalho também.

— Por favor, eu imploro, não diga nada a dom Jerónimo.

— Não direi nada — respondeu a cozinheira —, é você

quem terá de dizer.

— Mas não agora; não posso.

— Mas terá de fazer isso em algum momento.

Até então, ainda nutria a esperança de que Benito Vélez reaparecesse.



Com o fim da guerra, os soldados, desmoralizados, voltaram aos quartéis. E nem sinal de Benito. Isabel se recusava a admitir que seu amor não havia sido mais que uma ilusão, que havia caído no truque mais antigo, mais banal, mais tosco que um homem podia aplicar em uma mulher: prometer-lhe o casamento em troca de sua entrega. E a vida na América, os filhos que teriam...? Não havia dito que aquilo tudo era sagrado?

“Não se apaixonem, meninas; meninas, não se apaixonem pelas palavrinhas de um homem”, cantarolava a cozinheira.

A ideia de ter sido enganada deixava-a enraivecida, e seu inconsciente se revelava à noite, quando era assaltada por um pesadelo recorrente: estava presa em uma casa em chamas, e Benito aparecia para resgatá-la em seu uniforme rutilante. Acordava suada em meio a um mar de lágrimas causadas pelo choque de realidade. Quando podia sair da casa, percorria os lugares por onde haviam passeado, como se assim pudesse ocorrer um milagre para que o noivo ressurgisse do nada. Perguntava por ele aos soldados do regimento, chamava-o aos gritos no parque, alheia aos olhares de espanto dos transeuntes. Escreveu diversas cartas a ele, mas não obteve nenhuma resposta. Se estava vivo, havia deixado de existir.

Pouco a pouco, foi se dando conta de que estava sozinha no mundo, carregando nas entranhas um filho que logo mudaria sua vida. No fim do dia, enfiava a cara no travesseiro. Imaginava-se voltando à aldeia, à sujeira e ao frio, sem ninguém, com o filho no colo, e começava a soluçar. O afeto que os Hijosa tinham por ela não servia de consolo, tampouco se sentia digna de merecê-lo. Perdera o rumo.

No terceiro mês, ainda não havia contado aos patrões, apesar da insistência da cozinheira amiga para que o fizesse. Estava tão convencida de que iriam despedi-la que não se atrevia a confessar. No fundo, continuava acreditando que seu homem voltaria. Ia duas vezes por semana ao escritório do regimento em La Coruña; após um mês, disseram-lhe que finalmente haviam tido sinal dele, que estava vivo. O broto de esperança durou pouco, apenas tempo suficiente para que o oficial acrescentasse que as pistas de Benito acabavam em Sevilha. Então, Isabel pensou que ele havia partido para a América sem avisar por não ter como levá-la... Era difícil para ela se convencer de que havia sido pura e simplesmente abandonada, esquecida, traída, apagada da mente do homem que amava. Não admitia isso. Sempre acabava desculpando-o, alimentando a ideia de que um dia voltaria com dinheiro no bolso para buscar o filho e ela. Precisava dessa esperança para enfrentar a situação. Porque suas opções eram péssimas. Abortar, nem cogitou. Tampouco abandonar o filho em um orfanato. A falta de um referencial masculino a tornava uma prostituta em potencial. As autoridades municipais diziam que “nenhuma moça solteira deve viver sozinha nem vender frutas ou castanhas, e as que contravierem devem ser postas em sanatórios”. Só havia uma opção para evitar o opróbio:

declarar-se “espontânea”, procedimento que exigia que se apresentasse ao corregedor declarando gravidez por palavra de casamento não cumprida e solicitar proteção da justiça para que não fosse incomodada nem perseguida. Em troca, deveria se comprometer a cuidar do filho ou entregá-lo para adoção e a levar uma vida recatada. Era isso ou voltar para a aldeia, de cabeça baixa e marcada para sempre. Sabia que só seria aceita pela família se não voltasse a rescindir em pecado e sob a condição de levar uma vida honrada e trabalhadora, dedicada em corpo e alma a cuidar da criança.

Estava mentalmente preparada para contar aos Hijosa sobre a gravidez quando, de repente, algo muito mais urgente e grave fez com que todos os seus problemas passassem a segundo plano. A doce e bela dona María Josefa adoeceu, com sintomas de gripe.

Em Alicante, Josefa Mataix com certa regularidade recebia cartas do hospital de Algeciras, onde as tropas espanholas iniciaram o bloqueio de Gibraltar por mar e terra. “Precisei livrar meu quarto dos percevejos, e sabe como fiz isso? Colocando pedaços de arenque enrolados em papel debaixo do colchão. Ficou tudo fedido, mas os percevejos caíram fora.” Em outra carta, contava como havia operado um ferido, vítima das incessantes balas de canhão dos ingleses, no mesmo lugar onde havia caído. “Esse ato me rendeu a promoção a segundo ajudante de cirurgia”, concluía orgulhoso. Balmis raramente perguntava por ela ou pelo garoto, cujo sustento era assegurado pelo avô paterno, que acreditava que a carreira que o filho estava seguindo era a maneira de chegar ao mais alto patamar, muito embora ele também preferisse que houvesse ficado em Alicante.

Em seguida, as cartas começaram a ficar mais espaçadas: contava que estava envolvido em uma ação bélica, mas sem guerra, que praticamente não havia feridos nem acontecia nada, mas que esperava obter honras militares quando ocorresse a batalha final da investida. Enquanto isso, estudava francês, idioma do qual já tinha algumas noções básicas, o que era indispensável para que se mantivesse em dia com as inovações médicas. Queria ampliar seus conhecimentos para

não falhar na prova para cirurgião-chefe. O que Balmis não dizia nas cartas era que, para espairer e matar o tédio, além de estudar, ele frequentava tabernas e prostíbulos. Naqueles bordéis, como no hospital de Algeciras, percebeu os estragos causados pelas doenças venéreas e se interessou pelo “morbo gálico”, a sífilis, que causava mais baixas nas tropas nacionais que os britânicos. As formas de tratamento eram um tema inesgotável de conversas entre os médicos militares do hospital, que lhe aconselharam frequentar o bordel destinado aos oficiais, mais limpo e higiênico, onde havia controle médico. Um dos clientes assíduos era um alferes chamado José de Iturrigaray, senhor andaluz nascido em Cádiz, embora fosse de descendência navarra, que havia pouco participara da campanha em Portugal. Alto, com nariz aquilino, uma queixada imponente e lábios finos, era um homem simpático, feliz por estar em sua terra, e era tão egocêntrico que olhava o próprio reflexo em qualquer superfície refletora, como o vidro de uma janela ou lentes de óculos. Sempre buscava ser o centro das atenções e, embora não fosse o tipo de pessoa que inspirasse confiança em Balmis, divertia-o ao contar piadas.

— Já lhe disse quatro milhões trezentas e cinquenta e cinco mil vezes para não ser exagerado!

Balmis sempre ria, por convicção ou educação, pois simplesmente não via graça em ironia. O que nunca pôde imaginar era que acabaria deparando com José de Iturrigaray, o astuto andaluz, no momento mais delicado de sua vida.

O contato com aqueles médicos militares, profissionais que haviam estudado no exterior com bolsas concedidas pelo rei e que almejavam introduzir a modernização científica na

Espanha, constituía um ambiente cultural enriquecedor. Balmis aperfeiçoou sua experiência e ampliou seus conhecimentos em áreas alheias à cirurgia. Por exemplo, o doutor Timoteo O'Scanlan, um dos maiores difusores da variolização, iniciou-o na prática da inoculação para lutar contra a varíola. Outro médico iniciou-o em diversos tratamentos para combater a sífilis. O tempo passado em Algeciras ampliou seus horizontes. “Cada vez sinto mais que minha pátria é a ciência”, escreveu ao pai.

Após dois anos de investidas que castigaram duramente a população do Peñón e quando estava a ponto de se render, a esquadra do almirante inglês Rodney derrotou a frota espanhola que protegia a baía de Cádiz. Apesar das enormes baterias flutuantes que desarticulavam estrondosamente o ataque da artilharia contra Gibraltar, os ingleses abriram caminho e fizeram uma entrada triunfal em Peñón. O povo faminto se lançou contra os mantimentos e os apetrechos que Rodney levava da Inglaterra e contra os espólios.

Entre os espanhóis, difundiu-se o desânimo e a raiva. Balmis ficou sem batalha final e, portanto, sem honras castrenses. Era a segunda derrota militar que vivenciava.

Mas a verdadeira batalha dele era sua carreira, que triunfava. Sua postura durante as investidas lhe rendeu um novo agraciamento em reconhecimento a seu esmero, sua aplicação e seu zelo no cumprimento das obrigações, e ele finalmente foi promovido a cirurgião do Exército. Voltou a Alicante com uma licença indefinida, à espera de um novo destino. Seu filho acabara de completar dois anos.

— Dessa vez, eu e o menino vamos com você — disse

Josefa.

Após tanta rotina militar, era reconfortante levar uma vida estável na grande casa da família Balmis, que também acolhia sua mulher e seu filho. Mas ele se sentia sufocado naquele mundo tão pequeno. Já sabia tudo sobre os limites da profissão de seu pai e de seu avô. O que mais poderia aprender ali? Tinha saudades do convívio com grandes médicos que incitavam sua curiosidade e seu afã de aprender. Aos vinte e oito anos, mais que com Josefa, estava casado com a medicina castrense.

Um dia chegou uma carta com o timbre de seu regimento. O coronel solicitava sua presença como ajudante do cirurgião-chefe em uma expedição que combateria alguns grupos de rebeldes em Nova Granada para em seguida instalar-se no México. Na carta, pediam que realizasse os trâmites necessários e se apresentasse em Cádiz o mais rápido possível. Quem estava no comando do Regimento de Zamora agora era o general Bernardo de Gálvez, oficial cuja perna Balmis havia cauterizado durante a batalha de Argel. Havia prosseguido com sua carreira fulgurante na América, onde fundou a cidade de Galvestown e foi nomeado governador de Louisiana.

Josefa, que mantivera a ilusão de que nomeariam seu marido cirurgião em um hospital da região, de Valência ou talvez de Cartagena, ficou desolada.

— Vamos à América com você — disse a Balmis.

— Não convém — respondeu ele, com cautela e distanciamento. — A América fica longe, a viagem é perigosa, há doenças estranhas e incuráveis... O garoto é muito novo.

Estava munido de argumentos irrefutáveis, de modo que Josefa precisou resignar-se outra vez a uma nova separação, que se avultava mais longa, mais difícil e mais penosa que a anterior. O que mais doía nela era que Balmis não disfarçava a vontade de partir nem a empolgação que sentia diante daquele novo desafio. Ter sua presença solicitada por Gálvez, o militar mais célebre da Espanha, era uma honra que o enchia de orgulho. Nada como ter um padrinho para prosperar na vida. Até agora, embora tivessem resultado em catástrofe, as duas aventuras militares de que havia participado deixaram como saldo promoções profissionais. Tinha motivos de sobra para pensar que aquela nova empreitada lhe traria outras conquistas, novas oportunidades de brilhar em seu trabalho. O pai de Balmis entendeu isso e, como sempre, o apoiou. Josefa ficaria sob seus cuidados, na casa da família, impotente e entristecida, percebendo que o abismo que a separava do marido era cada vez mais intransponível.



O Novo Mundo fascinou e aterrorizou o jovem Balmis. A benevolência das costas, os rios navegáveis, as formidáveis escarpas das montanhas, as selvas exuberantes — era tudo em outra escala.

Querida Josefa,

Duvido muito de que o garoto e você teriam sobrevivido a esta viagem, portanto não se descabele achando que poderia ter me acompanhado. Aqui, tudo é maior e mais intenso. Não chove — caem dilúvios. O sol não esquentar — queima. A vegetação é de uma densidade inimaginável. É uma natureza descontrolada. A umidade e o calor são extremos. Assim que desembarcamos no porto de El

Guajiro, nossas tropas se dedicaram a combater indígenas sublevados pelos criollos, que são os descendentes de espanhóis nascidos aqui. Como nossa superioridade é clara, agora o comando está negociando a paz. Deram indulto a diversos dos cabecilhas e estão prometendo entregar aos criollos alguns cargos na administração. Eu, enquanto isso, dedico-me a observar os habitantes das aldeias. É desolador: homens, mulheres e crianças devorados pelas picadas da varíola jazem por toda parte, rodeados por sujeira e imundície. A maioria dos índios, que andam nus e com o corpo grosseiramente pintado, está abatida e desnutrida. Há muitos cegos com os rostos cobertos de grânulos. Nunca pensei que pudesse existir semelhante grau de miséria humana. O padre Espinosa, missionário local, disse-me que, segundo seus cálculos, um em cada três índios morre de varíola... No entanto, eles não acreditam que seja uma enfermidade, pensam que são vítimas da cólera de seus deuses.

Balmis percorria caminhos estreitos e tortuosos, interrompidos por rios caudalosos. Exausto, sentava-se em uma cadeira estreita com uma longa tábua que servia de encosto, a mesma que ia nas costas do estribeiro, o índio transportador. Viajava com o olhar fixo no caminho que deixava para trás, sem conseguir evitar golpes e arranhões dos galhos. Seu tique já não era uma simples piscada, mas uma contração do rosto na altura dos olhos, como se sua face encolhesse de repente e seu pescoço se espichasse. Era o terror das crianças indígenas, mas também o motivo de alegria dos mais velhos, que, apesar de suas abjetas condições de vida, não perdiam a candura.

— Se a varíola ataca um selvagem desses, recém-saído da

mata, temos um homem morto — dizia o padre Espinosa. — Sabe por quê? Porque só lançará mão de fórmulas mágicas e duchas frias. Não entendem que as epidemias são um castigo divino pela vida de depravação que levam.

— Não coloque Deus no meio disso, padre. Ele não tem nada a ver com isso.

— Então como o doutor explica que um em cada três índios morre de varíola? Caem feito insetos; por vezes tive a sensação de que não sobraria nenhum vivo. É bem visível que Deus não os protege... Algum motivo há.

— É só por causa da varíola, doença de causa desconhecida. Se morrem mais rápido e em maior número que nós, é porque têm o corpo mais fraco.

— Então o doutor não acredita que seja castigo de Deus?

— Padre Espinosa, acredito na ciência acima de tudo, e que Deus me perdoe — disse, benzendo-se enquanto espichava o pescoço.

O cura direcionou a ele um olhar cético. Aquele homem com um tique tão curioso, que contraía o rosto em um gesto que não era riso nem cansaço, que não acreditava em Deus, mas não deixava de se benzer, pareceu-lhe só mais um depravado. Sob sua ótica particular, havia depravados de todos os tipos: depravados indígenas e depravados brancos, como aquele a sua frente. Preferiu mudar de assunto.

— O ruim disso tudo é que os nobres e os proprietários de terra hispano-americanos ficam sem mão de obra.

A brutal sinceridade do cura desencadeou outro tique de

Balmis.

— Tem razão, precisaríamos fazer alguma coisa para conter a varíola. Muita gente na Corte não percebe que esse também é um assunto político, não apenas de saúde. Por ora, a única coisa que se mostrou eficaz foi um procedimento chamado variolização, mas é perigoso. Só nos resta extremar as medidas de higiene.

— E rezar para os santos.

Ambos sustentaram um olhar de incompreensão mútua. O mundo não se dividia apenas entre europeus e indígenas; as fissuras começavam a se tornar perceptíveis também entre os próprios brancos.

Josefa,

Escrevo-te prostrado a bordo do navio de meu regimento, que nos transporta a Veracruz, na Nova Espanha. Após firmada a paz com os espanhóis europeus, nossas tropas foram vítimas de uma epidemia de febre de origem desconhecida. Vários colegas cirurgiões faleceram, e precisei assumir todo o trabalho. No fim, tampouco escapei. Senti um grande cansaço que me impediu de continuar trabalhando, padeci com alucinações e continuo tremendo de frio, apesar do calor. Pergunto-me se não fui contaminado pela varíola...

— Angina — sentenciou o doutor Posse Roybanes, retorcendo a ponta do bigode untado de brilhantina.

Ele era o médico da família, profissional de excelente reputação que fora docente na Universidade de Santiago de Compostela antes de se dedicar inteiramente a trabalhar nas instituições assistenciais, onde se tornara amigo de dom Jerónimo. No início, o médico aparecia duas vezes ao dia para aplicar em dona María Josefa algumas gotas de tintura de mertiolate nas amígdalas inflamadas. Mas, com o passar dos dias, em vez de melhorar, o estado da paciente se agravou. O que começara com febre e dor ao engolir acabou se transformando em convulsões, taquicardia e fortes câibras nos braços e nas pernas, que provocavam dores violentas.

— Isabel...! — gritava a senhora, com o rosto torcido. — Veeenha, preciso de você!

Apenas a criada era capaz de acalmar a dor dos músculos entumescidos, aplicando massagens de linimento. Na antessala, com o semblante sério, estavam o doutor Posse, dom Jerónimo e as criadas.

— Precisamos redobrar os cuidados; é preciso isolar dona María Josefa — sussurrou o médico, que assim confessava certo desconserto. — Precisamos mandar as crianças para

outra casa, de preferência nos arredores da cidade.

— Elas podem ir para o paço que temos em Betanzos... — disse dom Jerónimo.

Puxou o médico pelo braço e o levou até um canto do cômodo, onde podiam falar sem que os ouvissem. Então, o doutor Posse se dirigiu a Isabel: — É melhor que a senhora fique para cuidar de dona María Josefa. Dom Jerónimo e eu julgamos que a senhora seja a mais preparada para enfrentar uma situação tão delicada — disse, antes de dar instruções para que isolasse a paciente.

Enquanto isso, dom Jerónimo mandava a mulata acompanhar as crianças até o paço.

“Se soubessem a verdade a meu respeito!”, era o que pensava Isabel. Sentia-se desonrada, mas, como queria se mostrar à altura da consideração que tinham por ela, dedicou-se de corpo e alma a cuidar da doente. Todas as manhãs, ela a limpava, então a distraía contando anedotas das crianças e lhe dava de comer. À tarde, levava suco de limão fervido com mel e alecrim e sempre estava disposta a massagear suas pernas retesadas pelas cãibras. Só ela e o médico eram autorizados a entrar no quarto. A mulher sentia saudades dos filhos e chorava tanto de dor que Isabel deixou de pensar em sua própria desgraça.

— É preciso esperar que a doença fale — dizia o médico.

Após quatro dias de agonia, a doença “falou”: no belo rosto de dona María Josefa apareceram manchas vermelhas do tamanho de ervilhas. Isabel se lembrou das que vira no rosto de sua mãe naquela manhã em que retornava do campo, a

manhã em que deixara sua infância para trás. Enquanto passava um pano umedecido em água fria sobre a testa suada, o médico se dirigiu a dom Jerónimo para confirmar o diagnóstico: — Trata-se de um ataque funestíssimo de varíola.

— Não é possível! — disse dom Jerónimo, levando as mãos à cabeça. — O que ela fez para merecer tamanho castigo?

— Nada — respondeu o médico. — A doença não é um mal enviado por Deus contra os homens por causa de seus pecados. Deixemos esse discurso para os curas.

Ele era um homem do Iluminismo, um apaixonado pela ciência, inimigo da superstição. Enquanto examinava as manchas com uma lupa, prosseguiu: — Vemos os efeitos da varíola, mas ignoramos as causas. Só o que sabemos é que o contágio se dá por contato.

— Mas ela...?

— A varíola não discrimina, dom Jerónimo. Pouco importa o sexo, o clima, a idade ou a classe social.

O doutor Posse havia visto centenas de rostos tão belos quanto o de María Josefa, ou mais, serem levados ao túmulo no mais espantoso estado de feiura. Havia visto criaturas inocentes apodrecerem com demasiada frequência. Para ele, a varíola era o mais tirano dos estragos, mas também sabia que nem todos os casos evoluíam da mesma maneira. Por isso, acendeu uma chama de esperança.

— É possível que as transformações da varíola se manifestem de maneira benigna.

Isabel, que escutava a conversa, sentiu um calafrio. Compreendia aquela linguagem. Se a varíola fosse maligna, implicaria sofrimentos atrozes seguidos de morte, como ocorrera com Ignacia, sua mãe. Se fosse benigna, a mulher sobreviveria. Teria sequelas, talvez ficasse cega. Com certeza, passaria a fazer parte da grande maioria de pessoas com a cara marcada pela doença.

— No momento, é urgente adotar medidas de boa higiene — concluiu o doutor Posse.

Isabel sabia do que o médico estava falando. Assim como fizera com as roupas de sua mãe, atirou na fogueira as de dona María Josefa. Sentia muita pena ao queimar as anáguas de cetim, os conjuntos de percal, os corpetes de seda Tussah e as saias de brocado. Não pelas peças em si, cujo tecido deslizava entre suas mãos como fizessem carinho, mas porque tinha a sensação de colaborar com a devastação da beleza daquela senhora que pouco tempo antes era deslumbrante. O marido mandou defumar a mansão com vapores de azeite de vitríolo, depois lhe entregou dois grandes porta-joias cheios de adornos que a esposa jamais ostentara. Isabel pegou um por um: broches em forma de pavão com brilhantes e esmeraldas incrustados, colares de pérolas cinza e brincos de rubis. Desinfetou-os com água-forte e água sanitária, como se fossem talheres usados.

A deformação da doente era espantosa. Uma erupção cutânea invadiu o contorno dos orifícios da face e as pústulas avançaram em direção ao peito, aos braços e às pernas. O médico anotava a cor das manchas: esbranquiçada, enegrecida, plúmbea ou rubra; e a forma: mais ou menos

elevada, dilatada ou profunda. O pior foi a inflamação das mucosas; mal conseguia abrir os olhos devido à conjuntivite; a respiração se tornou pedregosa; a voz, rouca.

— Há risco de edema de glote — disse o médico.

Em voz baixa, por ter se dado conta de que precisava explicar, acrescentou: — Pode se asfixiar a qualquer momento. Também há risco de septicemia, isto é, de infecção generalizada. É preciso manter a pele dela o mais limpa possível.

Depois de quatro dias, as pápulas pareciam vesículas cujo conteúdo era turvo e purulento. Exalavam um fedor insuportável, mas Isabel não alterou em nada seu hábito de limpá-las e secá-las. Cumpria a tarefa com gestos precisos, como se houvesse dedicado toda a vida a isso. Estavam no umbral crítico da doença, pois a temperatura da paciente subiu; aliás, subiu tanto que ela começou a delirar. Então, um cura surgiu como por encanto, pois supostamente ninguém o havia chamado, e encontrou-a em tão mal estado que administrou santos óleos.

— O que está fazendo aqui, dom Camilo? — censurou o médico, cético por natureza.

— Todos queremos que dona María Josefa possa morrer na paz do Senhor — disse o cura, com a voz doce.

— Não adiante os fatos, o senhor parece um pássaro de mau agouro.

A visita do cura causou pânico entre os serventes. Alegando desculpas esfarrapadas, alguns fugiram para suas respectivas aldeias. Os que ficaram escapuliam quando pediam que

subissem as escadas. Quando se dirigiam a Isabel, mantinham certa distância — exceto a cozinheira, que já havia enfrentado a varíola e estava imunizada. A mansão foi envolvida pelo silêncio e pela penumbra. Dom Jerónimo, tão forte e valente com os assuntos mundanos, sucumbia diante do medo da morte. A imprevisibilidade da doença e a virulência de seus efeitos o haviam paralisado. “Sobreviverá?”, “serei eu o próximo?”, parecia perguntar-se, “ou serão as crianças?”. Isabel tornou-se o pilar daquela casa, ocupando-se dos cuidados, da intendência e da organização. Dedicando-se a isso e mantendo a cabeça e as mãos ocupadas, conseguia se esquecer da própria situação e mitigar a dor em seu coração. Por causa da morte da mãe, sabia que aquela era a melhor maneira de suportar o vazio da ausência.

A “flor negra”, como chamavam a varíola, não levou a vida de dona María Josefa. No duodécimo dia, ao verificar que as pústulas estavam secando e se transformando em crostas, o médico respirou aliviado.

— O pior já passou — disse. — Chegou a última fase, a da secagem. Ela vai sair dessa.

De fato, as dores foram se atenuando, substituídas por um prurido intenso conforme as crostas se desprendiam. Ao todo, a doença perdurou quinze dias.

— A única vantagem, se é que podemos falar assim, é que agora dona María Josefa está imunizada para o resto da vida.

Quando, pela primeira vez após duas semanas de inferno, dona María Josefa se levantou e viu sua imagem no espelho da sala, não abriu a boca. Começou a chorar, inconsolável e em

silêncio, durante muito tempo. Derramou tantas lágrimas que sua blusa ficou empapada, e Isabel teve que trocá-la. Não chorava pela emoção de continuar viva, chorava pela beleza perdida.

Dom Jerónimo foi taxativo: — Não quero que meus filhos passem por isso.

— Se eu fosse você, faria como o rei — respondeu o médico.

Carlos IV havia passado por uma experiência semelhante. Sua filha, a infanta María Luisa, sobreviveu, como que por milagre, a um ataque de varíola que a deixara desfigurada. Assustado, o monarca quis evitar o contágio dos outros filhos. Farto da eficácia reduzida dos métodos tradicionais de cura — como sangrias, purgantes, dietas, o mercúrio, a salsaparrilha ou o bálsamo de copaíba –, decidiu tentar o único remédio preventivo que a ciência incipiente então propunha: a variolização.

— Consiste em injetar pus de varíola humana em pessoas saudáveis — explicou o doutor Posse.

Dom Jerónimo fez uma careta.

— Introduzir-lhes o mal no corpo? Em crianças?

— Sim, contágio voluntário. Para provocar uma infecção atenuada, mais ou menos benigna, e proteger contra a doença natural.

Dom Jerónimo ficou pensativo. Repugnava-lhe a ideia de

infectar os filhos.

— E isso é lícito aos olhos de Deus? — perguntou timidamente.

— Você teria de perguntar a um cura, mas acho que não. As novidades são sempre perigosas quando se trata de crenças, mas não para a medicina, área que a cada dia faz novos progressos muito úteis para a humanidade.

— E se a infecção sair de controle? Você tem como me garantir que ela pode ser mantida em nível atenuado?

— Não posso garantir, porque pode acontecer de ela se desmandar. Houve um caso em que seis criados contraíram a enfermidade após uma das crianças da casa ser inoculada. Por isso, alguns de meus colegas acham que a variolização ajuda a disseminar a varíola. Não vou enganá-lo: muitos são contrários ao método, pois é inegável que há riscos. Mas esses riscos são reduzidos, se o sujeito estiver saudável. Acredite em mim, dom Jerónimo, foi comprovada a eficácia do método, que nunca é mortífero. Nenhum dos infantes desenvolveu a doença. Por isso, o rei incentiva sua utilização em todos os hospitais e os orfanatos que dependem de seu patrocínio.

— O fato de os curas desconfiarem das descobertas científicas não significa que devemos abraçar qualquer avanço com entusiasmo cego... O príncipe Carlos María Isidro não ficou gravemente enfermo? Até onde sei, a infanta María Amalia perdeu a visão...

— Padeceu de uma grave inflamação nos olhos, é verdade. Mas se recuperou. Dom Carlos também. Os dados dizem que aproximadamente três por cento dos variolizados

desenvolvem a doença e morrem; outros podem ficar mal e levar semanas para se recuperar; alguns poucos desenvolvem infecções diferentes em paralelo, como a sífilis ou a tuberculose... É o preço a pagar para se livrar da varíola.

O rosto de dom Jerónimo refletia a angústia causada pelas palavras do médico, que prosseguiu com os argumentos.

— Ainda assim, é preferível assumir esses riscos a contrair a varíola por meio de contágio. Nesse caso, a mortalidade sobe para algo entre vinte e quarenta por cento; pode-se até perder a visão. Os que têm sorte ficam apenas com as cicatrizes.

A ideia do contágio voluntário para incitar a resposta imunológica do organismo era tão antiga quanto o desejo do homem de acabar com aquela mácula. O médico contou a ele que na China antiga sopravam no nariz das pessoas saudáveis um pó de crostas provenientes de doentes em processo de cura; na Índia, uma casta de brâmanes ficava encarregada de injetar uma gota de varíola extraída de um doente por meio de agulhas finas. Na Europa, seguiam-se vários desses métodos, desde “comprar varíolas”, ou seja, a crosta quase secas de crianças que estavam nos últimos estágios da doença, até colocar jovens saudáveis para dormir com os doentes e, assim, transmitir a varíola natural.

— A variolização não é algo novo, dom Jerónimo — continuou a explicar o doutor Posse. — Sabe há quanto tempo é praticada na Europa? Há cinquenta anos, desde que uma inglesa, mulher do embaixador britânico em Constantinopla, importou a técnica da Turquia. Chamava-se Mary Montagu. Era uma mulher sagaz e estava desesperada, pois seu irmão havia morrido de varíola e ela havia terminado desfigurada.

Após observar como inoculavam em pessoas saudáveis, por meio de punções na pele, o pus proveniente das lesões cutâneas de doentes já convalescentes, experimentou em seu filho... E sabe o que aconteceu?

Dom Jerónimo negou com a cabeça.

— O garoto nunca desenvolveu a doença. Então ela inoculou a filha, que também se safou. A mulher conseguiu tornar o procedimento popular entre a aristocracia britânica, ao ponto de as filhas do príncipe de Gales serem variolizadas. E sabe por que o procedimento era popular na Turquia?

— Como é que vou saber?

— Por causa dos haréns, dom Jerónimo. Nesses lugares onde ganhavam a vida, a beleza era o principal bem das mulheres. Por isso, eram inoculadas muito jovens em algum ponto em que a cicatriz da chaga não fosse visível.

As palavras do médico acabaram convencendo dom Jerónimo, que não quis tomar a decisão sem antes consultar a esposa. Já era capaz de imaginar o pároco de São Nicolau alegando que nunca é lícito fazer o mal, por menor que seja e ainda que em busca do bem, e um amplo setor da sociedade corunhense indignada com o risco a que inocentes seriam submetidos. Ela não hesitou nem por um instante. A dor era tão horrível e trágica, e o temor de padecer, tão extremo, que decidiu salvar os filhos, como havia feito lady Mary Montagu com os dela.

— Também devo me submeter ao procedimento? — perguntou dom Jerónimo.

— O rei não fez isso, e você provavelmente já está

imunizado. Isso funciona principalmente com jovens saudáveis. Deveríamos fazer com Isabel, por exemplo; não tenho certeza de que está imunizada.

Ao ouvir seu nome, Isabel ficou tensa. O médico chamou-a de lado e contou sua intenção.

— Você terá que passar longas horas ao lado da cama das crianças, que vão ficar mal. Terão febres e dores musculares, o mesmo processo enfrentado pela mãe, mas com menos virulência e menor duração. Para que a varíola tenha sucesso, é preciso seguir normas higiênicas estritas, as quais você já conhece.

Isabel assentiu. O médico prosseguiu: — Convém que você também se submeta à prática e que seja a primeira a fazê-lo para que esteja bem recuperada e com as forças recobradas quando chegar a vez deles.

Isabel ficou petrificada. Mesmo que quisesse fazê-lo, não podia. Carregava um bebê no ventre e intuía que algo assim só poderia machucá-lo.

— Não, eu não... O senhor cura disse que isso não é bom, que se Deus...

— Você é jovem e saudável, deveria fazer. É para seu bem, seu futuro, pelos filhos que um dia terá. Pense nisso.

Ao ouvir aquele último comentário, Isabel irrompeu em lágrimas. Olhou para o médico com uma expressão de quem estava completamente perdida. Por um breve intervalo de tempo, teve a tentação de confessar a gravidez para que o médico entendesse que o corpo dela já não lhe pertencia de todo. Cedo ou tarde, teria de fazê-lo — por que não agora?

Mas era como dar um salto no vazio, como descer todos os degraus no conceito que tinham dela, como mergulhar no lodo. Tinha a impressão de que perderia tudo de bom que havia conseguido; de que, entre confessar o pecado e voltar ao buraco negro de sua aldeia, era apenas um passo.

Da viagem que fez até a Nova Espanha a bordo do navio do Regimento de Zamora, Balmis não lembraria nada, tal era seu estado de debilidade, intercalado com momentos de inconsciência. No fim, o barco ancorou em Veracruz, porto com o maior tráfego marítimo em todo o mundo, um lugar onde a febre amarela era tão presente quanto o vício e o contrabando. Centenas de negros, escravos e livres, trabalhavam ao lado de índios do interior na carga e na descarga das embarcações. Pululavam índios do altiplano, reconhecíveis pelo chapéu muito particular que usavam e pelas enormes cargas de cacau. Balmis foi logo retirado daquela cidade insalubre, pestuada de mosquitos e açoitada pelas altas temperaturas, e transportado até o hospital de Jalapa, no contraforte da montanha, onde o ar era cristalino, e os frades, atentos e afetuosos.

— Descartamos a varíola, doutor Balmis — disseram a ele assim que se recuperou. — É muito possível que o doutor esteja imunizado, pois, pelo que entendi, já passou por muitos hospitais.

Balmis assentiu e bufou, aliviado.

— Então... foi o quê?

O frade deu de ombros.

— Há tantas doenças que desconhecemos, doutor. O importante é que esteja bem.

A convalescência de Balmis durou várias semanas, durante as quais aproveitava para dar longos passeios pelos bosques nos arredores e visitar as vilas indígenas, muito diferentes das que havia visto nas selvas de El Guajiro. Os índios da Nova Espanha eram de uma antiga cultura que sobrevivia em seus trajes, seu artesanato, seu idioma e seu profundo conhecimento de plantas medicinais.

— Temos tanto a aprender com eles... — dizia Balmis ao frade que o acompanhava.

Essa sinceridade, habitual para Balmis, podia surpreender. O costume entre as elites de euro-americanos era depreciar os indígenas e toda sua bagagem de tradições e conhecimentos. Mas Balmis era aberto, receptivo e curioso. Depois de recuperar a saúde, os frades pediram que trabalhasse no hospital de Jalapa até receber novas ordens do regimento. Ele aceitou sem hesitar.

Nesse meio-tempo, faleceu repentinamente o vice-rei da Nova Espanha, Matías de Gálvez y Gallardo, homem honrado e amado pelo povo, que, por coincidências da vida, era pai de Bernardo de Gálvez, comandante do Regimento de Zamora. Seu filho Bernardo, que acabara de se instalar em Havana, foi nomeado para substituí-lo. Partiu para o México, onde, em 17 de junho de 1785, tomou posse do cargo. O novo vice-rei tinha a intenção de continuar o trabalho do pai, que, entre outras instituições, havia criado a Real Academia de San Carlos, seguindo o modelo da de San Fernando, em Madri, na formação de arquitetos, pintores e escultores. Também

planejava fomentar a atividade agrícola, a construção de estradas, o levantamento cartográfico e, como bom filho do Iluminismo, tudo o que tivesse a ver com o desenvolvimento da ciência e da medicina.

Balmis trabalhava no hospital de Jalapa havia apenas três meses quando recebeu uma carta de Alonso Núñez de Haro, arcebispo da Cidade do México, solicitando sua presença na capital. Balmis intuiu que, por trás daquela convocatória, estava a extensa sombra do novo vice-rei. A muito nobre e leal Cidade do México o surpreendeu pelo contraste entre a miséria de seus gigantescos subúrbios e a magnificência de palácios, conventos e monastérios. Balmis atravessou os salões do palácio arcebispal, vistosamente atapetados com damascos e veludos, com aparadores repletos de porcelanas exóticas do Japão, de vasilhas de prata cinzelada e peças de ouro. Do teto, desprendiam-se belos candelabros e lustres de prata. Foi recebido em um cômodo suntuoso pelo prelado, que, depois do vice-rei, era o homem mais poderoso da Nova Espanha. Vestia uma casula de veludo preto e um colar reluzente de rubis com uma imensa cruz pendurada, também de rubis. Balmis começou a se balançar para a frente e para trás, como fazia quando criança ao sentir-se intimidado.

— Mandei que vós viésseis atendendo à excelente recomendação de vossas faculdades que me foi feita pelo novo vice-rei.

Balmis pigarreou e piscou, franzindo o cenho.

— Foi declarada outra epidemia de varíola em Oaxaca. Na última, morreu metade dos índios. Preciso de vossa colaboração; fui informado de que estais familiarizado com o

procedimento da varíolização.

— Fui apresentado à prática pelo doutor Timoteo O'Scanlan, um grande especialista. Conhecemo-nos durante o cerco de Gibraltar. Atualmente, é o melhor método preventivo. Mas apresenta muitos riscos.

— Entendo, mas ao menos se pode transformar em incógnita uma morte demasiadamente certa.

— De fato — concordou Balmis.

— Enviei uma circular a todos os curas deste arcebispado para que persuadam seus paroquianos a executarem-na, mas muitos não o fazem porque são contrários à prática. Fecham as igrejas por medo do contágio e fogem, o que me obriga a tomar medidas para que o culto seja mantido. “Fugir da pestilência é boa ciência”, dizem. Os índios também saem correndo, e o problema se agrava porque contagiam parentes nas aldeias do interior. Eu vos peço que viajais às zonas afetadas junto a outros médicos do Hospital de San Andrés para varíolizar tantos quanto for possível.

— Sim, mas... Eminência, como haveis apontado, as pessoas costumam ter muito receio quanto à inoculação da doença.

O arcebispo entregou a ele uma pilha de papéis.

— Esse é o censo que, como medida de urgência, solicitei a todas as administrações municipais da região. Inclui uma lista dos que querem ser varíolizados e dos que são pobres demais para receber o auxílio de que necessitam.

Balmis olhou para ele, admirado. O fato de um religioso

como Núñez de Haro apostar nos avanços médicos era, sem dúvidas, uma boa notícia.

— Será uma honra para mim atender a vosso pedido — disse.

— Ajudai-nos a frear os índices de mortalidade, doutor Balmis.

— Tentarei com todas as forças — disse, assentindo.

Balmis e sua equipe partiram em campanha rumo à cidade de Oaxaca — a Verde Antequera, como era chamada pelos espanhóis por ser parecida com a cidade andaluza e porque as pedras de suas igrejas tinham um tom verde característico. Era uma cidade belíssima, cujos edifícios e igrejas haviam sido concebidos para que as portas e as janelas recebessem sol durante todo o ano. Uma cidade conhecida pela vitalidade e pela alegria de sua gente e pela riqueza de suas festas religiosas zapotecas e católicas. No entanto, a Verde Antequera havia se tornado uma Oaxaca negra. Na entrada da cidade, ardiam imensas fogueiras a fim de purificar o ar. No cemitério da catedral, homens com o rosto coberto enchiam de cadáveres as covas profundas recém-abertas. A *plaza Mayor* estava deserta, exceto por grupos de indígenas que pareciam sombras famélicas, com manchas e marcas na pele, cicatrizes nos olhos e pálpebras inchadas. Padeciam dos sintomas associados à varíola: tez esverdeada, fadiga extrema e tosse contínua. Era raro ver uma mulher bonita que não estivesse marcada pela varíola. Ao perceber os médicos chegando, muitos reuniam forças para se levantar e buscar esconderijo. A maioria se opunha à inoculação. Balmis ficou sabendo que tratavam a doença com banhos de vapor que, na verdade,

serviam apenas para acelerar o contágio. Os curandeiros também prescreviam aos doentes que bebessem e lavassem o rosto com urina quente e aplicassem pimenta amarela nas áreas afetadas. “Vivem reféns do terror”, escreveu ao pai, “temerosos daquilo que os rodeia, imersos em um mundo de espíritos e demônios que controlam as vidas. Acreditam que as oferendas aos próprios deuses — ou as orações ao Nosso — acarretam melhores resultados que os tratamentos dos médicos. O problema, pai, é que muitos dos curas, que exercem grande influência, são igualmente ignorantes”. Quando Balmis sugeriu a um cura que o enterro dos afetados pela varíola deveria ser feito fora das igrejas, o homem respondeu: — Longe das igrejas? Longe de Deus?

— Veja bem, padre, para evitar o contágio é preciso estabelecer normas estritas de higiene.

Apontou para dois índios que tomavam banho juntos em um açude, tentando limpar manchas e erupções.

— O senhor não deveria permitir isso.

Então apontou para um garoto que bebia do açude, as nuvens de moscas ao redor de uma doente deitada em uma rede e os animais que circulavam no chão imundo.

— Nem isso nem aquilo...

— Para que Deus tenha piedade e livre-os do castigo, rogamos aos santos curandeiros e fazemos orações e penitências.

— Padre, isso não adianta.

Balmis e sua equipe conseguiram variolizar todos os que estavam na lista do censo. No relatório de viagem, que causou uma impressão muito favorável ao arcebispado, bateu pé quanto à necessidade de combater a subnutrição, a fome, a violência física e a sujeira entre as populações indígenas. Também sugeriu que as autoridades locais — oficiais e curas — recebessem formação para a prática da variolização, a fim de perpetuar o remédio *in situ*. Como recompensa, Núñez de Haro ofereceu a ele o posto de cirurgião no Hospital de San Andrés, destinado a tratar todos os tipos de doença — um estabelecimento com capacidade para mil leitos divididos em trinta e nove pavilhões.

— O mais interessante para alguém como vós, que gostais da pesquisa, é que o San Andrés abriga a maior farmácia da Nova Espanha, bem como um laboratório e um departamento de dissecações e autópsias.

Balmis se balançava para a frente e para trás. Suas mãos suavam. A proposta era muito sedutora. Do ponto de vista científico, a Cidade do México era a mais avançada de toda a América. Poderia continuar seus estudos de anatomia, fisiologia e botânica. Nunca havia trabalhado em um estabelecimento tão grande e com tantos recursos.

Mas havia um obstáculo.

— Se ficar no México, terei que deixar o regimento...

— Podeis abandonar a milícia na situação de disperso. Posso ajudar-vos com isso.

Disperso era como se chamavam os militares desligados do batalhão ao qual pertenciam para estabelecer residência onde

lhes aprazia. Ao escutar aquelas palavras, Balmis viu o céu se abrir e foi tomado por um sentimento de euforia. Ajoelhou-se diante do prelado e beijou-lhe a mão.

Naquela noite, escreveu a Josefa: “Vi-me obrigado a ampliar minha estada na Nova Espanha, a pedido do arcebispo e do próprio vice-rei...”. Era um argumento de peso, inquestionável. Mas Josefa já não respondia às cartas.

Foi a insistência do doutor Posse em variolizar Isabel junto com os dois filhos do casal Hijosa que fez com que, por fim, ela contasse seu segredo.

— Não quero pôr em risco a vida do pequeno — disse, entre lágrimas. — Eu suplico, não diga nada aos senhores.

O médico estava estupefato, pois o que acabara de ouvir não se enquadrava na personalidade inquestionável de Isabel. Além disso, aquilo gerava um pequeno conflito de lealdade. Conhecedor do caráter nobre e tolerante de dom Jerónimo e da esposa, decidiu deixá-los a par.

O casal chamou Isabel à sala. A jovem entrou com o rosto desfigurado e os olhos avermelhados, olhando para o chão de tão envergonhada. Começou anunciando que voltaria à aldeia porque havia cometido um pecado imperdoável. Esperava uma reação fulgurante, uma bronca e a expulsão. Mas se equivocou. Não houve reprimendas nem sermões. Ela via reprovação no olhar dos patrões, mas eles na verdade estavam assombrados, porque poderiam imaginar semelhante deslize de qualquer uma das empregadas, menos dela. Entenderam que a jovem se deixara enganar devido a sua confiança e sua ingenuidade. Dom Jerónimo disse que ninguém estava a salvo das fraquezas humanas e acrescentou, em um tom de fria

distância: — Na Galícia, julga-se com menos severidade esse tipo de deslize... Por exemplo, em Castilla, minha terra, o código moral é mais estrito. Portanto, você não precisa deixar a casa. Nós a consideramos parte da família e desejamos que você fique.

Ao escutar isso, Isabel se emocionou.

— Você terá seu filho aqui — prosseguiu dona María Josefa — e poderá viver na casa com ele, então pare de chorar e, quem sabe, vá se confessar.

— Ai, senhora, isso eu já fiz...

— E não carregue lenha nem nada pesado.

A mulher, que estava perdendo a vista devido às sequelas da varíola, concluiu que não poderia ficar sem a preciosa ajuda de Isabel. Além disso, os Hijosa praticavam caridade em todos os níveis, desde o financiamento de parte da construção do novo hospital beneficente até a distribuição de donativos entre as famílias mais necessitadas conforme a recomendação do pároco. Ao término daquele encontro, a senhora foi ao quarto de Isabel e pediu que a garota a acompanhasse. No trocador, abriu os armários e deu a ela um vestido que pegou em meio às roupas que havia comprado.

— Pegue esse, você precisará de vestes mais largas...

Servir a alguém não era comer o pão que o diabo amassou, como um dia lhe havia dito Benito Vélez, seu grande amor. Ao menos, não para Isabel. No momento mais difícil de sua vida, encontrou na família que a empregava um apoio que não tinha preço. Outras de menos sorte acabavam em prostíbulos, e seus filhos, em orfanatos.

Mas ela estava marcada.

“Você deve ter a honrada resolução de apagar seu estigma mantendo uma conduta irretocável”, dissera o sacerdote a ela após a confissão.

Por sorte ela não sabia o significado da palavra “estigma”; de todo modo, saiu da igreja convencida de que apontavam para ela na rua. Sabia que estava maculada, desprovida do direito de aproveitar a vida, condenada a se redimir, como disse o cura. Por mais que disfarçasse a barriga com os vestidos presenteados pela senhora, sabia que nunca seria considerada uma mulher decente. Era preciso renunciar ao velho sonho de todas as jovens — o de encontrar um marido —, pois que homem sério iria querê-la, sabendo que já não seria o primeiro?

— Casar, casar, soa bem e sai mal... — disse a cozinheira para animá-la.

O horizonte de Isabel era monótono e previsível. Seu destino era ocupar-se de filhos dos outros, comer sobras, viver alegrias e amarguras alheias, vestir roupas usadas; em suma, viver a vida secundária de que Benito Vélez prometera livrá-la. Agora que dona María Josefa estava prostrada e meio cega, com menos capacidade para cuidar dos filhos, Isabel passava ainda mais tempo com eles. Sempre que perguntavam da gravidez, ela mencionava o pai do garoto, que estava na América, e dizia que esperava receber dinheiro para um dia se juntar a ele. Era uma mentira piedosa, que lhe permitia manter a honra.

Naquela época, recebeu a notícia de que a doença de seu pai

havia se agravado. Seu primeiro reflexo foi viajar para vê-lo, talvez para se despedir de uma vez por todas. Mas então pensou que se apresentar na aldeia com a barriga daquele jeito seria uma tortura. Já imaginava o falatório dos vizinhos, os comentários cruéis, as perguntas das irmãs e as inquisições de dom Cayetano, que sempre demonstrara tanta confiança nela. O sentimento de não ter atendido às expectativas de nenhum dos que haviam acreditado nela era o mais difícil de suportar.

No fim, a vontade de ver Jacobo, nem que fosse apenas para agradecer-lhe por tê-la tirado daquela vida, venceu os incômodos de sua gravidez facilmente perceptível. Juntou o brio necessário, pediu uns dias de folga e chegou a Santa Mariña de Parada em um dia primaveril em que chovia e o sol brilhava ao mesmo tempo. O pai estava tombado no catre da choça escura, inconsciente, rodeado pelos filhos. Talvez esperasse por ela, pois morreu naquela noite. No dia seguinte, enterraram-no no mesmo lugar em que estava Ignacia, no local reservado aos pobres de solenidade. “Vai com Deus, pai...”, foi o que disse Isabel ao atirar um punhado de terra.

Ao se despedir, o cura não pôde conter a ânsia de mencionar seu estado pecaminoso.

— Foi melhor Jacobo não a ter visto assim.

Então disse que estava contente por encontrá-la outra vez e que soubera que os Hijosa continuavam muito satisfeitos com o trabalho dela na casa; Isabel deixou de escutá-lo, agradeceu-lhe outra vez e seguiu seu caminho com um nó na garganta. A frase cruel de dom Cayetano feriu-a em seu âmago. Foi o único comentário desagradável, pois afora isso nenhum vizinho ou parente disse nada; pelo contrário,

olhavam para ela com curiosidade e carinho, sempre cordiais. Em Santa Mariña de Parada, as pessoas não eram intransigentes. Ser mãe solteira não era uma condição desesperadora nem sequer era considerado uma desgraça, mas antes um contratempo, como disse sua irmã. Isabel permaneceu mais uma noite na choça em que passara a infância. O que alguns anos antes lhe parecia normal agora a chocava: dormir no colchão de palha, os animais pululando, os toscos saiotes que a irmã vestia... Percebeu como sua gente era sofrida e modesta, insensível ao padecer físico. Nada havia mudado, mas ela, sim — já não pertencia àquele mundo. Na diligência, retornando a La Coruña, intuiu que não voltaria mais à aldeia.

Exatos quatro meses depois, em 31 de julho do ano de 1793, deu à luz em seu quarto na casa dos Hijosa. Era um dia quente. Pariu com a ajuda de todos os serventes e de uma parideira que trabalhava na sala de partos secretos do Hospital de Caridade, inaugurado três meses antes, e cuja presença foi solicitada por dom Jerónimo. O garoto nasceu em um piscar de olhos, e enquanto a parteira cortava o cordão umbilical, a cozinheira ergueu-o de cabeça para baixo e deu nele duas palmadas de boas-vindas, as quais possibilitaram sua respiração e desencadearam o primeiro de muitos choros. Quando colocaram o bebê em seu colo e Isabel viu sua carinha, pareceu-lhe o retrato vivo do único homem que havia amado e, exausta como estava, irrompeu em prantos.

— Como vai se chamar? — perguntaram a ela.

— Meu filho não é de pai desconhecido — disse. — Tem pai. Então, que tenha o mesmo nome: Benito Vélez.

Os demais criados dos Hijosa, que haviam acompanhado o calvário de Isabel durante a gravidez, não entendiam aquela obstinação em perpetuar a memória de um homem que a havia abandonado. A vaga esperança de que ele voltaria um dia ajudava Isabel a suportar a vergonha de ser mãe solteira. Além disso, ao batizar o rebento com o nome do pai, dava a ele uma identidade respeitável; se usasse o sobrenome da mãe, ficaria marcado como filho do pecado. Assim, transmitia a mensagem de que seu filho não havia sido um tropeço — o que a situaria entre as mulheres fáceis —, mas fruto do abandono de alguém que havia se comprometido, o que de certa forma era verdade. Além disso, um abandono sempre podia ser provisório. Melhor passar por vítima que por libertina.



Ao criar o filho, o sofrimento causado pela vergonha e pelo sentimento de culpa que a vinham martirizando nos últimos tempos não se desvaneceu. Por mais que aquela criança despertasse nela uma emoção profunda, ela se sentia triste e entrou em uma espiral de melancolia.

— Isso é porque o bebê não deixa você dormir — disse a cozinheira.

Isabel também perdeu o apetite e a vontade de viver; era tomada por um sentimento de tristeza e sofria com a ansiedade. Custava-lhe levantar da cama.

— Tenho a sensação de que vai me acontecer algo ruim — disse ao doutor Posse.

— Não vai lhe acontecer nada — disse o médico. — O que

está acontecendo com você é algo frequente, melancolia depois do parto. Você sente alguma dor de cabeça, fadiga?

— Sim, doutor, e um nó no estômago que não me deixa nem respirar.

— Vai passar. Mas você não pode ficar na cama, é bom passear e tomar algumas infusões de tília. Esse humor é uma reação a todas as coisas pelas quais você passou, minha filha.

Cada um buscava animá-la à própria maneira.

— Com um filho, já pode ficar velha, pois não estará sozinha e desamparada — disse a cozinheira.

A crise de Isabel durou um mês, depois do qual ela voltou suas atenções ao filho, que passou a ser sua maior fonte de alegria, embora sempre lhe desse pena o fato de não ter pai presente. O tempo passava, as circunstâncias mudavam, aqueles ao redor demonstravam compreensão, mas, no fundo, Isabel não se adaptava à condição de mãe solteira. Esse caos interior produzia alterações em seu estado de ânimo, o que ela conseguia controlar se entregando ao trabalho, que nunca faltava na casa dos Hijosa.

“Quer ser criada a vida inteira?” — a pergunta que um dia Benito Vélez pronunciara e fizera com que ela percebesse sua condição perturbava-a com constância.

Para Balmis, os anos no México foram os melhores de sua vida. Desfrutava de uma liberdade de que jamais gozara antes. Gostava de ser admirado como médico, por seu valor profissional, não por pertencer a determinada família. No Novo Mundo, dedicou-se a estudar, trabalhar e viver plenamente sua juventude. Graças a sua proximidade com o vice-rei, integrou-se com facilidade à sociedade local, participando de festas e da vida cultural. Tornou-se aficionado pelo teatro, que era uma das fontes de financiamento do Hospital Real de Naturales, instituição que atendia aos indígenas. Como a contribuição destes não era suficiente para a manutenção do hospital, as entradas do teatro, entre outras formas de apoio, serviam para o financiamento.

Sempre era convidado por algum notável a um camarote protegido por gelosias, para que pudessem ver sem serem vistos nas apresentações do Teatro do Coliseu, onde se alternavam obras dramáticas espanholas e sainetes, entremezes, tonadilhas e zarzuelas. Foi nesse camarote, após uma apresentação, que conheceu a atriz principal, Antoñita San Martín, gaditana engraçada e tagarela.

— Fui casada com um rufião que me maltratou tanto que acabei pedindo a separação — contava a todos que quisessem ouvir. — E sabem do melhor? A corte do vice-reinado

sentenciou a meu favor, e fizeram correr meu marido da cidade “por ter vivido à minha custa”, como dizia o papel.

As pessoas riam com vontade, e Balmis ficou desconcertado, pois jamais vira mulher com um temperamento desses.

— E você? — perguntou a Balmis. — Disseram-me que cura tudo. Isso também vale para as dores do coração?

Balmis corou, começou a gaguejar e respondeu muito sério: — O coração é um órgão...

Antoñita o interrompeu ao explodir em uma risada.

— Um órgão! Ha ha ha! As dores do órgão, como isso soa mal! Balmis estava pasmo com aquela mulher vulcânica, que o seduziu de uma só tacada, beijando-o e acariciando-o sem pedir permissão, como gostava de contar depois.

O alicantino jamais havia conhecido mulher daquele tipo, sozinha e independente, tampouco estivera em ambiente boêmio como aquele. De braços dados com a bela Antonia San Martín, comparecia a festas e saraus, e enquanto durou o romance ele se sentia o homem mais feliz do mundo. Estar no centro das atenções satisfazia sua necessidade de reconhecimento, fosse profissional, fosse social. Durante um tempo, formaram um casal muito conhecido na sociedade mexicana. Mas ela nunca cedeu aos seus avanços sexuais, o que Balmis atribuía a uma estratégia feminina de sedução. Até que um dia, não aguentou mais e tentou forçá-la, sempre a sua maneira desajeitada: — Calma, bebê, que é pro seu bem.

— O que você quer dizer?

— O que você acha? Que não tenho vontade de... disso?

Balmis olhou para ela desconcertado e piscou com tanta força que Antoñita caiu na gargalhada.

— Ai, que vida mais desgraçada a minha! Com o tanto que gosto de você!

Ela abraçou e balançou Balmis como se ele fosse um boneco. Então, em voz baixa, contou: — Sei que, depois do que vou dizer agora, você já não irá me querer. Quero que você saiba que eu, sim, sempre vou querer você, apesar de suas estranhezas... que são muitas.

— Por que diz isso? Estou apaixonado por você. Já não disse mil vezes?

— Virgem Santa! Como um homem tão sábio como você pode ser tão burro? Aposto o que você quiser que não vai mais me querer...

— Vamos apostar.

— Os brincos de argola que vimos na joalheria La Princesa.

— Feito. Você vai perder.

— Vou ganhar. Quer apostar mais?

— Com a vontade que tenho, continuaria apostando.

— As argolas são suficientes, não pedirei outro presente de despedida além desse. Vejamos se você não vai me odiar logo, logo.

— Bom, diga, qual é o problema?

— Tenho o mal francês.

Balmis ficou pálido. Como se houvesse perdido a respiração.

— Foi meu marido quem me passou.

O médico espichou o pescoço duas ou três vezes, como se tivesse uma mola na mandíbula, e passou a mão pela cabeleira crespa. Em instantes, atravessou diversas fases: surpresa, decepção, contrariedade, desprezo por aquele marido e, como era rápido e inteligente, aceitação. As peças se encaixavam: Antoñita rechaçava seus avanços não por uma tática feminina de sedução, como havia pensado, mas por uma razão muito mais prosaica.

— Por que não me disse antes?

— Está vendo? Já era! Acabou tudo. Agora você vai me odiar. Eu disse... Mas não pretendo esquecer a promessa dos brincos.

— Não, nunca a odiarei. Se fosse para odiar alguém, seria seu marido.

Então, disse uma frase que só poderia ter saído dele: — Se não pode ser minha amante, será minha paciente.

Antoñita tinha razão. Ao ter de abandonar seu empenho em levá-la para a cama, a paixão de Balmis perdeu fôlego. Mas ficaram amigos. O médico lhe prescreveu um tratamento enérgico à base de mercúrio. Certa tarde, saiu mais cedo do hospital para comprar os brincos que haviam visto juntos na joalheria La Princesa.

O alicantino não desanimou e prosseguiu com as conquistas, sempre no meio das artes cênicas, que era onde

seu lado mundano se expressava com mais desinibição. Não gostava das damas de classe alta, que não caminhavam sozinhas pela rua, exceto para ir à igreja. Obcecadas por aparentar ter pés pequenos, costume que havia chegado da China pelo Galeão de Manila, circulavam no interior das carruagens, recostadas sobre almofadas, cumprimentando de longe os amigos.

Balmis gostava de passear a pé, de braços dados com María, a Carpinteira, ou Anita, a Queretana, dois amores tão intensos quanto fugazes, que lhe renderam uma fama de galã que não correspondia de fato a sua personalidade. Quem o deixou loucamente apaixonado foi a atriz Bárbara Ordóñez, bela e sedutora, alegre e carinhosa. Sua risada cristalina, seu olhar de veludo, o atrevimento de suas mãos... O encanto daquela mulher deu asas a sua imaginação. Só não entendia como uma mulher tão bela e inteligente podia não ter marido. Calejado pela aventura com Antoñita, temia que houvesse cachorro naquele mato. Não sabia que quem tinha cachorro no mato era ele.

— Quero envelhecer contigo — dizia Balmis a ela, de tão enfeitiçado que estava.

Ela esperava que ele um dia pedisse sua mão, porque queria sair da vida de atriz de comédia. Os comediantes tinham uma vida muito difícil: dependiam diretamente do vice-rei, que tinha todos os tipos de poderes sobre eles. A Igreja, por sua vez, dava por garantida sua condenação eterna. Bárbara Ordóñez viu em Balmis a oportunidade de se tornar a mulher de um médico renomado, um passaporte para a respeitabilidade. Mas o pedido nunca chegava.

— Nossa relação é apenas uma ilusão — disse a ele um dia —, não há sentido em continuar com isso.

Balmis retrocedeu.

— Como? — balbuciou, com expressão de absoluto desamparo.

— Sabe por quê? Porque você está mais apaixonado por seu trabalho do que jamais estará por mim.

— Não, não é verdade...

— Sim, senão já teria demonstrado a seriedade de seu compromisso. E não quero mais esperar.

Balmis não tinha como dizer a verdade: que não podia se casar porque corria o risco de acabar na fogueira da Inquisição por bigamia. Ninguém no México sabia que ele já era casado e tinha um filho na Espanha. Tentou desesperadamente continuar o relacionamento com ela, mas Bárbara já havia dado tudo por encerrado.

Frustrado pelas tentativas de recuperá-la, com o coração partido, Balmis se refugiou no trabalho. Era tal sua necessidade de manter a mente ocupada que se matriculou na Universidade do México, onde obteve o título de bacharel em artes. Foi a maneira de superar a angústia do desamor.



No dia do aniversário do rei da Espanha, Balmis foi convidado ao palácio vice-real para a inauguração do novo e magnífico Salão de Beija-Mãos. Sua charrete puxada por um pangaré contrastava com as luxuosas carruagens de cavalos ricamente ajaezados, nas quais se deslocavam os aristocratas.

Outros cortesãos chegavam em liteiras carregadas por escravos negros ou criados de libré. Balmis, que tinha contato com indígenas e marginalizados de todos os tipos, sabia que em muito pouco tempo o vice-rei Bernardo de Gálvez havia se tornado popular entre as pessoas do povo. Para lutar contra a fome causada por uma seca pertinaz, comprou com o próprio dinheiro (além daquele que conseguiu por meio de empréstimos) milho e feijão para distribuir entre os pobres. Então, empreendeu uma série de obras públicas para criar empregos e se dedicou a intensificar o trabalho no campo a fim de aumentar a produção e evitar a escassez. Costumava aparecer em público em uma charrete descoberta, de dois cavalos, que muitas vezes ele mesmo conduzia, e gostava de comparecer a touradas, romarias e festas públicas, onde sempre era recebido com alegria e aplausos. O povo da Nova Espanha estava tão contente com seu vice-rei que o próprio ministro Floridablanca felicitou-o de Madri. Mas tanta popularidade também podia ser contraproducente. Balmis sabia que os hispano-americanos endinheirados e parte da nobreza viam com maus olhos o viés pró-indígena de sua política. Havia algo de revolucionário na atitude de Bernardo de Gálvez que os deixava inquietos.

No interior do palácio, uma soberba tapeçaria de damasco carmesim com franjas, fitas e borlas de ouro se desprendia do teto, de frente para um retrato de Carlos IV. Dez dúzias de cadeiras de madeira fina estavam dispostas para receber os augustos convidados que, de um em um, inclinaram-se diante do vice-rei.

— Vossa mercê... — disse Balmis.

— Não vos agachai — disse Gálvez —; se alguém aqui deve fazer reverência, esse alguém sou eu. Fico muito feliz de ver-vos.

Passando o braço por cima de seu ombro, apresentou-o aos nobres e aos cortesãos: — Temos a sorte aqui, na Nova Espanha, de contar com um dos melhores médicos que existem — disse.

Era o momento de glória de Balmis. Sua única preocupação era controlar a intensidade de seus tiques, sempre disparados pelas emoções.

— Quero apresentar-vos ao explorador científico Martín de Sessé, que está aqui de passagem no comando de uma expedição patrocinada pelo rei com o objetivo de recompilar um catálogo completo de espécies de plantas, aves e peixes da Nova Espanha.

Sessé, assim como Balmis, era um antigo médico militar, mas que havia deixado de praticar a medicina para dedicar-se plenamente à botânica e criara uma cátedra na Universidade do México. Aquele encontro fortuito despertou ainda mais a curiosidade científica de Balmis, que começou a se interessar muito seriamente pela botânica, convencido de que estava nas plantas a cura de doenças.

Ao cabo de um ano de sua chegada, o arcebispo Núñez de Haro convocou-o outra vez. Ia fundir o Hospital de San Andrés com o Hospital Militar do Amor de Deus, que se dedicava principalmente ao tratamento do “morbo gálico”, a sífilis.

— O que vos proponho, doutor Balmis, é que assumais a

direção da divisão de gálicos do novo hospital após a fusão, além de seguir com vosso trabalho de cirurgião.

Como todos os médicos militares, Balmis tinha experiência no tratamento de doenças venéreas. Tal promoção lhe daria mais trabalho, mas também a possibilidade de experimentar e testar diferentes tratamentos, pois aquele que era utilizado, à base de mercúrio, apresentava uma taxa de mortalidade muito alta em médio prazo.

— Aceito vossa generosa oferta, Eminência.

Então, o prelado acrescentou: — Quero informar-vos de que encaminhei uma proposta ao rei para que vos nomeie cirurgião-chefe do novo hospital.

Balmis sentiu um tremor percorrer seu corpo: era a satisfação íntima e intensa de ver como seu sonho caminhava para se realizar. Aquilo compensava todos os bubões, as fístulas, as úlceras, os tumores calosos e viscosos, as verrugas e os condilomas em que precisaria aplicar unguentos mercuriais de questionável eficácia. Cirurgião-chefe! Naquela noite, escreveu à família para dar a grande notícia.

Depois de criar seu filho e com as crianças da casa já mais velhas e exigindo menos atenção, o sonho de independência de Isabel começou a tomar forma. Acabou aceitando que provavelmente jamais encontraria um marido que desse a ela e ao filho uma vida digna e olhava com inveja para as mulheres que trabalhavam na incipiente indústria de La Coruña e regressavam às suas casas após a jornada. Não poderia ela ser como uma das mil e quinhentas fiandeiras que faziam os dedos dançarem nos teares da fábrica de toalhas, a mesma que abastecia desde o rei até os ricos nobres americanos? Ou arranjar um emprego na fábrica de enxárcias e cordoarias de um amigo de seu patrão — ou melhor ainda, na fábrica de chapéus do francês Barrié d'Abadie, um dos negócios mais prósperos da cidade? Continuaría dentro da parcela da população considerada pobre, mas certamente seria um avanço em relação à condição de criada. Quando se inteirou de que o patrão, que não queria ficar atrás da tímida melhoras das manufaturas que ocorria na cidade, havia aberto a primeira fábrica de indianas, tecidos estampados de algodão, Isabel se atreveu a pedir emprego:

— Isso não é para você.

“Estou condenada a ser criada”, interpretou Isabel, mas dom Jerónimo acrescentou em seguida:

— Tenho outra ideia em mente.

Pouco tempo depois, dom Jerónimo precisou fechar a fábrica, alegando baixa demanda. Para ele, era uma perda sem importância; seus negócios, baseados no comércio de produtos coloniais transportados em sua frota de caravelas, iam de vento em popa. Agora que sabia que sua riqueza bastava para que várias gerações de descendentes vivessem bem, ganhar dinheiro deixara de ser o grande estímulo de sua vida. A varíola de sua mulher o havia quebrantado, e, sendo um homem religioso nos umbrais da velhice, preocupava-se com a vida pós-morte. Em seu afã de cair nas graças de Deus e dos homens, dedicava parte de seu tempo à administração do Hospital de Caridade Beneficente, o primeiro grande hospital público da cidade, obra impulsionada pela muito admirada Teresa Herrera, solteira de ouro que deixou sua marca na história da cidade e morreu antes de ver seu sonho realizado. Era tão devota que as pessoas se lembravam dela percorrendo de joelhos o caminho entre sua casa e a Igreja de São Nicolau para se livrar dos demônios que abrigava no corpo. A vida inteira, ajudou mulheres doentes que não tinham como se sustentar; transformou a própria casa no que chamavam de “hospitalzinho de Deus”. Então, quando recebeu a herança da mãe, doou-a integralmente à Congregação das Dores (de cuja junta diretiva Jerónimo Hijosa fazia parte) para que fosse erguido o hospital, a obra de sua vida. No dia em que colocaram a pedra fundamental, ela não pôde firmar a ata de doação por ser analfabeta.

Se por toda a Espanha surgiam hospitais, casas de enjeitados e as conhecidas casas Galera — casas de

recolhimento para as mulheres públicas, que serviam também para a reclusão e castigo de mulheres casadas a pedido dos maridos –, era porque o governo de Carlos IV fomentava as obras de caridade para se opor à influência republicana francesa. Além disso, a ingente quantidade de excluídos, mendigos, loucos, crianças abandonadas e prostitutas que habitavam as ruas se chocava com o espírito humanista do Iluminismo. A pobreza galopante se devia, em parte, aos intermináveis conflitos bélicos daquele século. La Coruña havia sido fortificada, foram construídos paióis, baluartes, revelins, fossos e baterias que protegiam a entrada do porto. Mas faltavam quartéis para alojar tantos soldados; muitos moravam nas casas dos vizinhos. Essa copiosa presença, somada aos migrantes do campo, formava a clientela que alimentava o “crescente número de mulheres entregues à ociosidade e à mais infame prostituição”, como descreveu em 1793 o procurador síndico geral. O resultado era um número altíssimo de abortos e filhos ilegítimos cujas possibilidades de sobrevivência eram praticamente nulas. As crianças eram abandonadas, mortas ou vivas, em pórticos, lixeiras, nichos e debaixo de arbustos; eram atiradas no meio da rua em momentos intempestivos, e algumas eram encontradas parcialmente devoradas por animais. Para evitar o número crescente de infanticídio, o Hospital Beneficente abriu uma sala de partos secretos que garantia o anonimato das gestantes, onde não eram aceitas aquelas que haviam manifestado em público a gravidez. “Uma ideia benéfica, digna de aplauso”, considerou dom Jerónimo.

Uma vez que sabia que era eficiente e, sobretudo, discreta, dom Jerónimo indicou Isabel para trabalhar como ajudante da

parteira, que estava sobrecarregada com a quantidade de mulheres que solicitavam internação e que compareciam com o rosto coberto para que ninguém as reconhecesse. A equipe do hospital era proibida de indagar qualquer coisa sobre a vida delas. A salvaguarda da identidade era tão extrema que, se alguma morria durante o parto, o cadáver não era removido antes da meia-noite. Isabel aceitou. Precisava deixar de ser criada, queria sair de sua prisão dourada, mesmo que fosse para um mundo restrito e marginal.

A sala de partos secretos era dividida em vários aposentos: alguns para mulheres pobres, cujas paredes estavam manchadas, e outros mais limpos, para aquelas que eram capazes de pagar os custos. Só estavam autorizados a entrar ali o capelão, uma guarda, a parteira e Isabel. A maioria das mulheres estava desgrenhada e praticamente em farrapos, outras apareciam bem-vestidas, e todas compartilhavam o mesmo olhar de desesperança total. Aquelas mulheres quase não falavam, devido ao bochorno e à aflição. Uma rezava um terço, outra alisava os cabelos, outra oferecia o peito ao bebê, sabendo que o abandonaria assim que encontrassem uma ama de criação. O regulamento era estrito: o capelão deveria entregar a criança batizada a uma ama de leite. Se, mais tarde, a mãe estivesse em condições de recuperá-la, poderia solicitar. Mas a maioria estava ali em segredo, com escassíssimas probabilidades de ficar com o filho, que acabaria adotado ou em um orfanato. Isabel se reconhecia naquelas mulheres desgarradas e dava graças a Deus — e a Ignacia — pela sorte que tivera ao cruzar com os Hijosa em seu caminho. Talvez algumas daquelas mulheres tivessem pecado por luxúria, mas a maioria havia sido enganada, como

ela; outras foram violadas — como a sobrinha do bispo, muito jovem e de sorriso angelical, com ar de pássaro ferido, que repetia feito mantra uma frase ininteligível. Quanto sofrimento se escondia entre os muros daqueles cômodos... O fato de existir aquela sala para o cuidado dos abandonados era certamente um avanço, um sinal de que os tempos estavam mudando.

Não demorou para Isabel se tornar indispensável ao funcionamento da sala de partos secretos e, durante aqueles anos, aprendeu tudo o que uma parteira devia saber sobre nascimentos e primeiros cuidados de uma criança, bem como noções de administração. Fazia de tudo, desde limpar até comprar varas de pano para fralda, flanela inglesa, sabão, botões... Registrava os gastos meticulosamente no livro de contabilidade, que era revisado pelos patrões da Congregação das Dores. Tudo era anotado, desde o menor dos gastos até esmolas, roupas ou joias doadas, com a respectiva data e a descrição das características e do estado de cada objeto. O controle das finanças era a maior preocupação da Congregação.

21

Em um dia de novembro, Balmis foi convocado secretamente a comparecer no palácio episcopal do povoado de Tacubaya, no vale do México, para ver um paciente. Era um lugar rodeado por extensos e esplêndidos pomares e oliveirais. Sem dizer de quem se tratava, os frades o conduziram por longos corredores até uma alcova. Quem estava na cama era o vice-rei, com a tez enverdecida e a barba por fazer, visivelmente adoentado. O outrora gaiato e simpático Bernardo de Gálvez encontrava-se triste. Balmis se ajoelhou para cumprimentá-lo.

— Nada disso... Levantai-vos, eu imploro.

O médico sentou-se na ponta da cama.

— Mandeí chamar-vos porque me salvastes a vida uma vez e, vai saber, talvez consigais uma segunda vez.

— Tentarei. Onde está doendo, senhor?

— O que me dói é a alma.

— Vou examiná-lo.

Enquanto pegava seus instrumentos e começava a apalpar o pescoço do vice-rei, este continuou falando: — Direi algo, Balmis, que poderá ser útil em vossa carreira... Os piores inimigos não são os franceses nem os ingleses nem nenhum

dos que encontramos nos campos de batalha, mas os inimigos internos, os que não vemos, embora estejam ao nosso redor, fazendo reverência para, então, nos apunhalar pelas costas.

— A quem o senhor se refere?

— Aos nobres americanos, aos oficiais reais. A todos os que reprovaram que eu destinasse recursos aos famintos e à melhora da higiene nos subúrbios para combater as epidemias. Minha decisão de destinar à beneficência parte substancial da renda do Tesouro e outros fundos lhes desagradou.

— Ao que me consta, estão agradecidos pelo senhor ter instalado a iluminação nas ruas e retomado as obras do palácio de Chapultepec.

— Isso eles não mencionam... O que fizeram foi levar uma reclamação ao tribunal, que considerou minha atitude pouco formal e incomum entre os governantes.

— Um governante deve buscar o bem público, não é?

— Deveria ser assim... A questão é que dizem que minha popularidade é suspeita. Fui acusado de conspirar para arrumar cargos para familiares e conhecidos e aproveitar meu poder no vice-reinado para separá-lo da Espanha. Em Madri, acreditaram e estão me tratando como traidor da pátria.

A Corte, que meses antes o louvava, agora o havia repreendido tão severamente que Gálvez se tornara um ser melancólico. Balmis percebeu que os sentimentos de injustiça e frustração haviam desencadeado a doença. O vice-rei não conseguia entender por que o tratavam com tamanha dureza, insinuando que era traidor da pátria por querer aliviar a

penúria dos mais pobres. Ele, que protagonizara uma das façanhas mais heroicas de toda a história militar espanhola ao entrar sozinho com seu bergantim na baía de Pensacola e render os ingleses, levando o rei a acrescentar a expressão “Eu sozinho” a seu escudo de armas. Ele, que conduzira com êxito a política espanhola de contribuir para a independência dos Estados Unidos, dando nome a uma cidade no Texas e a uma baía no golfo do México. Ele, que esteve à direita de George Washington no primeiro desfile da vitória americana, em 4 de julho de 1783. Agora, o herói havia sido despojado de sua glória por uma virada de mesa. O rei não tinha interesse em exaltar o fato de que a Espanha apoiava os republicanos do norte, pois a ideia de independência poderia contagiar a América espanhola.

— Todas essas cicatrizes — disse Gálvez — não são prova suficiente de meu patriotismo?

Balmis olhou a marca na perna que ele mesmo havia cauterizado, e a batalha de Argel voltou à memória. Foi tomado por um sentimento de raiva contida. Um governante como o vice-rei, que atendia com extremo zelo às necessidades do povo, não merecia ser humilhado daquela maneira. Se aliviar as penúrias dos mais fracos significava ser traidor, definitivamente havia algo de muito errado na máquina do império. Balmis sabia bem que o vice-rei estava acometido por uma doença nervosa provocada pelo abatimento de seu ânimo e seu humor.

— Vou morrer — disse Gálvez, após um longo silêncio.

Balmis olhou para ele: — Todos vamos morrer. — Então prosseguiu: — Talvez não tão logo como o senhor pensa. Farei

uma sangria e receitarei um remédio à base de artemísia, alfazemas e flores de papoula. Recomendo beber muito suco de uva e evitar carnes e salgas, nada muito pesado. E tomar banhos mornos.

Foi a última vez que o viu. Alguns dias mais tardes, naquela mesma alcova, o vice-rei deu seu último suspiro. Tinha quarenta anos de idade. Foi sepultado junto ao pai na Igreja de São Fernando, na Cidade do México. Balmis compareceu ao enterro, onde começaram a correr rumores de que havia sido envenenado. Mas o médico sabia que Gálvez havia morrido de tristeza, vítima da inveja e do receio que sua própria glória havia atraído.

Ficou sem protetor, mas não sem proteção, pois o arcebispo Núñez de Haro foi nomeado vice-rei interino, à espera de um novo, diretamente da Espanha.

Balmis conseguiu ser declarado disperso, com um salário de cento e cinquenta *reales* ao mês. Nos anos seguintes, seu prestígio e sua clientela cresceram. Sua fama e seus pacientes lhe abriam portas aonde quer que fosse. Apareciam curandeiros de todas as partes para vê-lo e oferecer-lhe novos remédios, cientes de que Balmis se interessava pelo uso de plantas medicinais. Certo dia, chegou um de Pátzcuaro, local pertencente ao bispado de Michoacán, que se apresentava em espanhol como Nicolás de Viana, o Beato. Era um homem magro, de pele acobreada e com rugas profundas no rosto. Tinha o cabelo grisalho caindo até os ombros e usava um colar de plumas ao redor do pescoço. Andava descalço e vestia uma túnica comprida e um casco de pele mal curtida com amuletos pendurados na lapela. Na Espanha, teriam-no tomado por

vagabundo ou iluminado. Nenhum médico que se prezasse teria lhe dado a mínima atenção. Balmis tampouco o teria recebido, não fosse pelo documento que o homem apresentou: uma carta de recomendação do Tribunal de Medicina do Hospital de Michoacán.

— Escute, doutor, tenho um remédio para curar a sífilis.

Balmis aguçou os ouvidos: aquele era um tema ao qual dedicara muitas horas de estudo e experiências.

— À base de quê, meu bom homem?

— Quem me ensinou foi uma indiazita, que curou vinte e sete infectados... E escuta só, doutor: sem usar mercúrio.

— Ah, é?

Balmis ergueu as sobrancelhas. Era bom demais para ser verdade.

— Chego para ver o doutor com bolhas nos pés e, como quero ver o resultado da cura reconhecido aqui na capital, peço que venha comigo e confira meus resultados.

— Em que consiste esse remédio? — perguntou Balmis.

— Uma fervura de agave, três onças de raiz da mesma planta, duas de carne de víbora e uma rosa-rubra. Fervo um pouco até evaporar metade, então coo com um pano e entrego para o doente beber na cama, para sair tudo no suor...

— É o que chamam de purgante sudorífico — apontou Balmis.

— Como é?

— Nada, nada, continue...

— Então faço outro remédio, com anis e pó de begônia. Sabe por onde coloco?

Balmis negou com a cabeça. O curandeiro prosseguiu: — Pelo traseiro.

— Um purgante, você quer dizer?

— Bem, chame do que quiser...

Balmis foi até Pátzcuaro e examinou os pacientes, que de fato estavam livres das chagas e dos demais sinais da doença. Falou com outros médicos, que confirmaram que aquele método utilizado sem distinção de sexo, dose ou idade surtia efeito. Balmis se entusiasmou, convencido de que estava a um passo de encontrar uma cura definitiva para o mal escrofuloso. “O senhor é capaz de imaginar um remédio inócuo, ou seja, definitivo?”, escreveu ao pai. “Seria o ápice de todos os esforços que fiz desde a campanha de Gibraltar para conter essa doença tão devastadora. Sim, pai, acho mesmo que estou a um passo de uma grande descoberta, a qual evitará muito sofrimento e me consagrará como médico...”

Ao longo de três meses, dedicou-se a testar o remédio. Balmis pôs em marcha seu espírito científico: queria separar o que era superstição do que era produto de sabedoria ancestral.

— Vou tentar eliminar a carne de víbora — disse a Viana.

— Mas é a carne de víbora que mata os espíritos que causam a doença! Se você tirar isso, o remédio não vai funcionar.

— Vamos tentar.

— Vocês médicos não confiam... Acha que eu não posso

curar um doente apenas com o olhar ou o toque?

Balmis pigarreou, e seu típico tique de piscar se manifestou. Deu-se o conflito entre a inovação científica e a sabedoria tradicional; entre o humanista Balmis, com seu espírito racionalista, e o sábio curandeiro sem formação médica que entesourava remédios eficazes. Viana prosseguiu: — Tenho de apresentar o doutor à dona Pachita, que senta para meditar em frente a seu altarzinho e, quando escuta um zumbido, entra em transe e realiza operações cirúrgicas. Há curandeiros que, só de olhar, já sabem o que há de errado com o doente.

— Eu, como médico, costumo saber se o paciente está doente ou não assim que ele passa pela porta do consultório. Nisso concordamos.

— Pode ser que vocês saibam se o doente está mal de verdade, mas não acham que é possível curá-lo com o olhar nem com as mãos.

— Não, isso não.

— Bem, eu curo com o olhar. A questão é que vocês sempre querem ter a verdade e só acreditam no que veem e no que podem tocar... Pois vou lhe dizer uma coisa, doutor: seu Deus está em todas as partes e, no entanto, você já o viu alguma vez? Já pôde tocar nele?

Balmis não soube muito bem o que responder. O curandeiro havia tocado em um assunto delicado, no impasse entre religião e ciência. Balmis acreditava em Deus, mas à própria maneira, como uma necessidade para explicar os mistérios da vida.

— Acredito em um Deus único, amigo Viana, mas não nos espíritos nem na magia.

— Então o remédio não funcionará para o doutor... porque esse remédio vem dando resultados há milhares e milhares de anos... E o doutor quer modificá-lo? Você sabe mais que milhares e milhares de anos de tentativa?

À sua maneira, Viana conseguia escancarar a arrogância do médico, que brincava de aprendiz de bruxo. O curandeiro revelara a Balmis os segredos do agave para curar a sífilis, e este, que havia aceitado o “presente”, modificava-o conforme seus caprichos. Para um homem humilde como Viana, aquilo soava como falta de respeito. Sentia que, ao modificá-lo, Balmis estava se apropriando da invenção (e quanto a isso, tinha lá sua razão). Ao humanista Balmis, pensava o curandeiro, faltava humanidade e sobrava ambição.

— Só quero aplicar um método científico a um remédio que sabemos ser eficaz — respondeu Balmis.

— Se funciona, por que meter a ciência nisso? Não altere o que Deus põe em suas mãos...

— Só quero simplificar o tratamento e estudar a fundo os efeitos terapêuticos do medicamento resultante.

— Como é?

Balmis estava convencido de ter deparado com a chave para encontrar um remédio definitivo para o mal gálico, e o enorme benefício que a humanidade tiraria disso não poderia ficar à mercê do respeito a crenças das quais não compartilhava. De modo que deixou o curandeiro de lado e trabalhou com afinco para modificar as fórmulas originais,

seguindo o método de tentativa e erro. No fim, preparou o sudorífico com a raiz do agave e com pulque e comprovou que a fórmula era mais eficaz. Como purgante, utilizou somente a begônia, planta encontrada por Martín de Sessé em Pátzcuaro que recebeu o nome de *Begonia syphilitica*, devido à fama que tinha na região de Michoacán. Balmis descartou todo o resto. “O resultado de meus trabalhos”, escreveu ao pai, “não poderia ser mais estimulante. Trezentos e vinte e três doentes de ambos os sexos, entre homens idosos, mulheres grávidas e crianças contaminadas durante a gestação ou devido à amamentação foram curados sem os efeitos nocivos do mercúrio. O Real Tribunal do Protomedicato, reunido no Hospital de San Andrés na Cidade do México, aprovou meu método por ser simples, barato, seguro e rápido para a cura desse mal venéreo. Pai, confesso que sinto uma satisfação muito profunda...”

Entusiasmado com a descoberta, Alonso Núñez de Haro incentivou todos os médicos do vice-reinado a utilizá-la. Achava que o mundo inteiro devia se beneficiar daquele tratamento tão atual.

— Quero que leveis a descoberta à Espanha — disse a Balmis.

O médico ficou lisonjeado. O passo seguinte — voltar a Madri com uma cura universal contra o mal venéreo e o aval do vice-rei, bispo da Nova Espanha — prometia ser muito excitante.

— Eu poderia continuar com as experiências e as observações na Corte de Madri.

— Sim, Balmis, só vós podeis fazer com que o agave se some a outras plantas que há séculos transformam a farmacopeia europeia.

— O senhor está se referindo à salsaparrilha?

— Sim, e também à jalapa e aos ipês.

— Como sempre, Eminência, eu agradeço pela confiança em mim depositada.

— Eu é que agradeço. Sempre me surpreendeu a qualidade de vossas observações e vossa dedicação ao trabalho.

Balmis escreveu ao pai a fim de compartilhar seu entusiasmo pelo eminente regresso, mas não recebeu resposta. Um silêncio que se somava ao das últimas cartas que lhe enviara. A ideia de que o pai pudesse estar doente ou — não queria nem pensar nisso — morto era um incentivo a mais para apressar a volta.

Na hora de se despedir de seu mecenas, o alicantino estava com o coração apertado. Voltaria a vê-lo?

— Não são muitos os homens de Deus tão dispostos a aceitar novas ideias.

Foi o que disse a ele Balmis, ajoelhado, antes de beijar o grosso anel de ouro que tinha no anular.

— A Igreja não pode ficar à margem das necessidades dos homens — respondeu Núñez de Haro.

Balmis estava longe da península Ibérica havia onze anos. Tinha aprendido a amar os contrastes e as paisagens do México, as comidas e os costumes, a tolerância e o trato solene e educado dos habitantes. Sentia-se respeitado e querido. Mas pesava mais sua ambição. Voltar com uma descoberta como aquela era garantir um lugar no olimpo da medicina. Outra razão o levou a regressar: sua mulher, Josefa, havia pedido ajuda ao rei por ter ficado sem meios de sobrevivência. O rei, tendo se inteirado por informes verídicos da boa conduta da interessada, ditou uma ordem real que foi enviada ao vice-rei da Nova Espanha obrigando Balmis a auxiliar Josefa nos custos de vida. Para o médico, aquela foi a confirmação de que seu pai, que dava proteção e auxílio a Josefa, estaria morto. Assim, assumiu de imediato a função de ajudá-la e passou a mandar-lhe uma quantia em dinheiro todos os meses.

Balmis saiu da Nova Espanha com cem arrobas de agave e trinta de begônia coletadas por ele mesmo nos arredores de Pátzcuaro, onde cresciam os melhores espécimes. De Cádiz, onde aportou, enviou seu precioso carregamento a Madri enquanto tomava o rumo de Alicante.



— Mãe?

Recebeu apenas o eco de suas palavras como resposta. A casa que outrora havia sido um lar alegre agora estava mergulhada em penumbra e silêncio.

— Francisco...!

A mãe falava com um fiapinho de voz. Abraçou-o chorando.

— E meu pai?

Embora já soubesse a resposta, sentiu uma pontada no peito.

— No céu, meu filho, está no céu.

Toda a sua infância passou por sua mente, tantas memórias impregnadas de ternuras, de momentos felizes passados naquela casa sempre apinhada de crianças, parentes, pacientes e amigos. Tanto tempo compartilhado com o pai. Como pareciam distantes aqueles dias em que não conhecia a solidão! Agora as irmãs haviam se casado, e Josefa e seu filho haviam se instalado em outro lugar. A mãe estava sozinha com suas lembranças.

— Venha comigo ao cemitério para depositarmos flores em sua sepultura, então levo você até onde estão Josefa e o garoto.

Caminharam devagar, pois a mãe já era idosa. Depois de visitar a sepultura de seu pai, seguiram até a casa de sua esposa. Quem abriu a porta foi uma mulher que ele não reconheceu: tinha o rosto murcho, o cabelo grisalho e aparentava mais idade do que tinha.

— Sinto muito por tê-lo importunado ao pedir ajuda para o rei, mas não tínhamos nem o que comer — confessou Josefa.

— Houve uma seca e uma escassez de alimentos muito fortes... — acrescentou sua mãe.

Seu filho apareceu. Vinha da casa do tio, onde trabalhava como aprendiz de arranca-dentes. Era um rapaz de dezesseis anos que olhava para ele com receio. Quem era aquele pai que surgia de novo em sua vida, aquele médico famoso que abandonara ele e a mãe?

— Também vai ser cirurgião? — perguntou Balmis.

— Não, não quero ser como você.

— Miguel, não fale assim! — repreendeu Josefa.

O que Balmis poderia esperar após uma ausência tão longa? Que o filho o recebesse de braços abertos? O garoto estava ressentido e quase não fez perguntas sobre a vida no México ou seu trabalho, o que levou Balmis a deduzir que não tinha interesse nele. Como poderia ser diferente?

— O garoto não o conhece — disse a avó.

Ele foi tomado por um sentimento de culpa ao comparar a relação que tivera com o pai e aquela que agora tinha com o filho, se é que aquilo podia ser chamado de relação.

— Uma vida de estudos e trabalhos consome tanto tempo que pouco resta para cultivar a afeição — disse Balmis, como desculpa.

Sempre encontrava maneira de se justificar.

— Não, você não escolheu a vida familiar — respondeu sua mãe, sempre tão compreensiva —; escolheu servir à humanidade.

Então Balmis lhe contou tudo sobre o remédio revolucionário que trouxera do México e da pressa que tinha em chegar a Madri e apresentá-lo.

— Mãe, estou a um passo da glória.

— É o que você sempre quis, filho. Cada um tem seu destino. Sempre digo isso a Josefa, para ajudá-la a suportar tanta solidão.

Balmis permanecia calado. Não tinha compaixão por Josefa nem por seu filho. Vivia em um mundo sem espaço para esses afetos.



Já era primavera quando se instalou no número 26 da rua da Montera, em Madri. Retomou seus experimentos no Hospital San Juan de Dios, sob supervisão do Protomedicato. Em seguida, sentiu que aquele não era o mesmo ambiente tranquilo e aberto do Hospital de San Andrés, onde um indígena podia chegar com plantas curativas e ser levado a sério, onde cometer um erro não implicava ser crucificado. Aquilo era Madri, a capital de um império onde reinava o despotismo ministerial e a corrupção, onde tudo desmoronava, exceto os preconceitos, a soberba e a inveja.

Balmis, que tentava aclimatar suas plantas no novo Jardim Botânico, deparou com uma atitude cética, fechada e hostil por parte dos membros do Protomedicato, que, antes mesmo de dar início aos testes, questionaram as virtudes daquelas plantas. Uma mentalidade que podia ser resumida em uma pergunta: “Por acaso um cirurgião chegado da Nova Espanha poderia ensinar-lhes algo?”. Balmis aprendeu uma amarga

verdade: chegar com um histórico brilhante não garantia o respeito dos colegas.

Justo quando considerava estar a caminho do sucesso profissional, viu-se diante do abismo da incompreensão. Os médicos mais hostis às inovações denegriam seus achados, convencidos de que o único tratamento possível para o morbo gálico era o mercúrio.

— Veio nos propor uma terapia de curandeiros! — diziam, com malícia. — Foi ele mesmo quem nos contou!

Logo, Balmis e seus tiques se tornaram alvo de piadas. Sabia que os colegas o insultavam pelas costas. Quando precisou apresentar resultados diante da comissão médica, armou-se uma discussão inflamada entre os tradicionalistas e os inovadores, a qual terminou em vaias e insultos. O renomado doutor Bartolomé Piñera deixou a sala e saiu gritando pelos corredores do hospital: — Fraude! Enganação, enganação!

Balmis não estava preparado para uma reação tão violenta. Ficou claro que queriam acusá-lo de fraude para acabar com sua carreira. “Mas por quê?”, perguntava-se.

“Aqui somos assim...”, essa foi a explicação que obteve de um de seus colegas, um inovador. Balmis desabou, ferido na parte mais profunda de seu ser, como um navio de carga avariado na linha de flutuação.

— Sou apenas um professor que persegue o conhecimento, sou honrado e de boa-fé. Por que estão fazendo isso comigo?

— Você é um charlatão! — gritava o doutor Piñera.

Balmis se esforçava para conter a raiva diante dos ataques daquele inimigo mortal, o qual ele não conseguia afastar de sua mente nem durante o sono. Piñera provocava pesadelos e pânico extremo, que o faziam sentir-se um jovem diante de um professor demasiado exigente e severo.

Mas era inteligente o suficiente para não entrar no jogo dos que buscavam sua humilhação pública. Pelo contrário, reagiu com moderação e sabedoria. Pôs mãos à obra e escreveu um relatório sobre “as virtudes eficazes do agave e da begônia na cura da vicissitude venérea e escrofulosa” no qual, além de rebater com contundência as acusações, explicava detalhadamente suas observações clínicas. Na conclusão, lamentava a atitude exageradamente desafiante que encontrara na classe médica da península Ibérica e afirmava seus princípios: “Não vim à Espanha como charlatão, mas como professor instruído nessa matéria, com o desejo de buscar o bem público e de cumprir a importante missão de ser útil à saúde dos homens”.

No entanto, a polêmica suscitada deixou Balmis desiludido, dolorido e abatido. Arrependia-se de ter voltado à Corte. Como fora ingênuo ao acreditar que tudo seria um caminho de rosas, ao convencer-se de que o mérito seria reconhecido de imediato! Agora, seu orgulho e seu nome estavam maculados para sempre.

Tinha a impressão de ter dado um enorme passo atrás em sua carreira. Para alguém que vivia por e para o reconhecimento profissional, o que acabara de acontecer com ele era o pior. Para lutar contra o desencanto, deixou-se levar por sua curiosidade inata, sua fixação pelos estudos e seu

amor pela medicina. Balmis precisava pouco dos outros; tinha um mundo interior rico e estimulante e preferia ficar trancado em casa lendo as últimas revistas médicas a participar das tertúlias com outros colegas para criticar seus detratores ou falar de como sua profissão era injusta e difícil. Como vivia em estado de formação permanente, preferiu queimar as pestanas com dois cursos de medicina clínica a fim de obter o título de doutor. Era um sonho antigo: fazer parte dos homens que trabalhavam com o intelecto. Pensou no pai, no avô e em como ficariam orgulhosos dele caso realizasse esse objetivo.

Sentado na poltrona desconjuntada de seu apartamento na rua da Montera, com as pernas sob os lençóis da cama dobrável para aproveitar o calor do braseiro alimentado pelo carvão que um dos criados repunha regularmente, quando cansava de estudar, fechava os olhos e lembrava dos dias vividos no México, da temperatura amena, do sabor do mole de peru, do caldo de carne, do chocolatinho e da dose de mescal, das apresentações no Coliseu, dos cheiros do mercado de Parián e do trato cortês das pessoas. Em Madri, tudo lhe parecia duro, abrupto, cortante, desde o frio inclemente até o contato com as pessoas, passando pelo sotaque, que agora lhe soava ríspido.

Um dia, ao folhear um exemplar de *La Gaceta de Madrid*, voltaram a sua mente outros tipos de recordações: Oaxaca devastada pela varíola; aldeias selvagens repletas de indígenas prostrados, com o rosto marcado pelos grânulos; discussões intermináveis com os curas que se negavam a autorizar a variolização. O jornal falava de um livro publicado na Inglaterra por um tal de doutor Edward Jenner, com o título

Uma investigação sobre as causas e os efeitos da vacina da varíola, que estava dando muito o que falar nos círculos médicos e científicos de toda a Europa. Citava um médico catalão, Francisco Piguillem, que glosava os benefícios do invento de Jenner e se dispunha a realizar as primeiras vacinações em Puigcerdá assim que recebesse o fluido vacinífero de Paris ou Londres. Para um médico como Balmis, apaixonado pelas inovações científicas, tais informações eram como um elixir de vida. Confirmavam-se suas suspeitas a respeito da imunologia do corpo humano, de modo que imediatamente quis saber tudo sobre aquela descoberta.

Por outro lado, e para sua satisfação, o debate médico sobre seu tratamento contra a sífilis foi pendendo a seu favor, tanto que até mesmo o papa ordenou que fosse adotado em um hospital de Roma.

— É evidente que funciona, doa a quem doer — dizia seu amigo, o doutor Ruiz de Luzuriaga.

Haviam se conhecido porque ambos precisaram defender a ideia da vacina de Jenner diante dos mesmos médicos que haviam atacado Balmis, que agora confrontavam o médico inglês.

O tratamento à base de agave e begônia teve tão boa aceitação que outros médicos o indicavam para tratar não apenas a sífilis, mas também erupções cutâneas, gota, artrite e obstruções intestinais.

Era um consolo para um homem que havia apostado tanto naquela cura. Balmis tinha consciência de que sua reputação estava manchada. Quando, em 1801, obteve o título de doutor

em medicina, sentiu a imensa felicidade de realizar suas maiores ambições. Dava assim um salto social que levaria anos para se concretizar, embora outros conseguissem em pouco tempo por serem filhos de famílias nobres. Sabia que, a partir de então, as portas da Academia de Medicina de Madri se abririam para ele, permitindo que circulasse em meio ao mais elevado círculo médico e científico. Mas nem esse marco em sua vida nem o reconhecimento oficial do dicionário de botânica mexicana, que alterou o nome da *Begonia syphilitica* para *Begonia balmisiana*, tampouco os três cursos de botânica que Balmis fez no Jardim Botânico Real de Madri, os dois anos de química no Real Laboratório ou o título de cirurgião de câmara outorgado por sua Majestade, o rei Carlos IV, com seis mil *reales* a mais de salário por ano, serviram para apagar a memória daquela humilhação.

A experiência com o agave e a begônia deixou a lição de sempre desconfiar dos colegas, tal e qual havia aconselhado Bernardo de Gálvez quando lhe dissera, antes de morrer, que os piores inimigos são aqueles que temos ao redor; manteve-se com a firme e tenaz determinação de seguir mostrando ao mundo seu valor.

La Coruña estava cada vez mais cheia. Todos os dias, chegavam famílias de camponeses do interior da Galícia, de Castilla ou de Astúrias. Isso era reflexo de um plano da Coroa a fim de aliviar tanta pobreza — consistia em contratar famílias para colonizar o rio de la Plata e a costa patagônica. Chegavam em um estado deplorável. No porto, eram examinados, cadastrados e preparados para o dia em que seus respectivos barcos partiriam. O encarregado de supervisionar a saúde dos colonizadores era o doutor Posse, que havia sido nomeado para o cargo por um oficial real do alto escalão. Era uma tarefa ingente, para a qual formou uma equipe com mais quatro médicos, vários cirurgiões e um farmacêutico militar. Sua função era descobrir todos os colonos que, por seu estado físico, não estavam aptos para a viagem.

Dentre as doenças contagiosas, a varíola era a mais comum. Quando encontravam portadores, o médico recomendava que fossem liberados de seus contratos e retornassem às aldeias.

— Sua única possibilidade de cura é o ar limpo da aldeia — dizia.

Pouco a pouco, foram aparecendo cada vez mais camponeses acometidos pela varíola, o que levantou o temor

de uma nova epidemia. Imediatamente, Posse mandou sua equipe procurar suspeitas de contaminação entre os camponeses abrigados em casas particulares e galpões do Exército, tanto dentro como fora da cidade. Ordenou fumigações e realizou inúmeras visitas aos colonos, ciente da importância de isolar os contaminados. Mandou proibir a entrada na cidade de qualquer pessoa proveniente de províncias contaminadas, ainda que tivessem passaporte de boa saúde e provassem ter feito quarentena. Trabalhou com afinco no Hospital Militar e, ainda assim, lhe sobrava tempo para passar pela beneficência municipal caso necessitassem de seus serviços. Sua dedicação lhe rendeu um elogio do intendente do reino, que o nomeou médico municipal de La Coruña, qualificando-o como “capaz e de excelente conduta”.

Um dia, o doutor Posse chegou eufórico à casa de dom Jerónimo. Tinha na mão um exemplar do semanário de agricultura e artes dirigidos aos párocos, que, apesar do título, tratava-se uma revista científica. Aquele exemplar reproduzia um resumo do livro do médico inglês Edward Jenner.

— Isso é uma verdadeira revolução, dom Jerónimo. É um marco na história da humanidade.

Dom Jerónimo estava um pouco perplexo diante do entusiasmo transbordante do amigo.

— É o início do fim da varíola! — repetia Posse, exaltado.

— Você não está exagerando, doutor?

— Não, não... Já falei a você dos trabalhos desse médico rural inglês; faz muito tempo que venho acompanhando. Começou por uma observação muito simples: que as

campesinas que ordenham vacas nunca pegam varíola. Por quê? Levou vinte anos para encontrar uma resposta.

— E...?

— Descobriu que estavam protegidas da varíola devido a um vírus parecido que só dá nas vacas e provoca uma doença semelhante à varíola humana, mas muito menos maléfica e não contagiosa. Jenner demonstrou que o vírus da varíola bovina imuniza definitivamente contra o da varíola humana.

O doutor Posse passou o exemplar que tinha em mãos, e dom Jerónimo se concentrou na leitura. As experiências do médico inglês consistiam em inocular pus infectado de varíola das vacas em seres humanos. Ninguém havia desenvolvido a doença nem demonstrado efeitos indesejáveis.

— Chamou o procedimento de “vacina”, termo oriundo da palavra “vaca”. É bastante simples, parecido com a variolização, mas com inoculação de pus de vaca em vez de varíola humana. Quero pôr em prática esse remédio e vim para pedir-lhe que me conceda o uso de uma sala do Hospital Beneficente para efetuar as primeiras vacinações.

Dom Jerónimo franziu o cenho.

— Não há risco em infectar gente saudável com material extraído de um animal? — perguntou.

— Continue a ler o artigo... Nenhum risco.

Dom Jerónimo lia com grande interesse, mas certo ceticismo.

— Não vou negar que há algo que me incomoda nisso tudo... Ao fim e ao cabo, estão misturando as espécies ao

inocular fluido de vaca em seres humanos.

— É fato que até o momento não se pôs em prática nenhuma medida que introduzisse matéria animal na espécie humana. Imagino que muitos curas reclamarão aos céus, mas o que importa é o resultado.

— Sim, mas não sabemos o que pode ocorrer ao misturarmos as espécies. Quem pode saber que efeitos de longo prazo dessa mescla de fluidos de espécies distintas?

— Todo avanço da ciência vem acompanhado de riscos, dom Jerónimo. Se podemos conter uma doença que acomete sessenta por cento da população e é responsável por dez por cento das mortes com um procedimento que não oferece risco, vamos ficar de braços cruzados?

— É preciso ter certeza de que não há perigo. Deixe-me consultar os demais patronos da congregação a respeito do uso da sala.

A publicação do relatório de Edward Jenner atravessava o mundo, suscitando tanto críticas ferozes quanto felicitações. O principal argumento dos detratores era o mesmo que havia apontado dom Jerónimo. Parecia-lhes imoral e um sacrilégio infectar gente saudável com o fluido repugnante e sujo de um animal. Na Inglaterra, um médico se atreveu a dizer em público: — Asseguro-os de que a vacinação fará com que nasçam chifres bovinos na testa dos vacinados! Não se podem desafiar as leis da natureza, que são também as leis de Deus, sem que se pague um preço alto!

A ameaça às fronteiras entre as espécies produziu tanto pânico que, no início, o papa proibiu testes com a vacina nos

Estados Pontifícios. Mas os resultados falavam por si — era um procedimento tão fácil, inócuo e eficaz que o mundo médico e científico europeu aderiu à prática com entusiasmo. Dos Estados Unidos, o presidente Thomas Jefferson enviou uma carta de congratulação a Jenner; na França, Napoleão ordenou que as tropas fossem vacinadas; e na Rússia a imperatriz mandou que o primeiro garoto vacinado fosse chamado de Vaccinoff e recebesse uma renda vitalícia por conta do governo imperial. Dom Jerónimo, que era esclarecido e tinha uma fé cega no doutor Posse, convenceu os patronos a instaurarem uma sala de vacinação no Hospital Beneficente. Um passo gigantesco havia sido dado rumo à compreensão da imunização, e Posse não descansou até ficar a par de tudo o que se sabia a respeito dos efeitos benéficos.

O primeiro problema enfrentado foi a obtenção do vírus bovino. A varíola das vacas era uma doença verificada apenas no gado do norte da Europa, e por isso as tentativas de conseguir o vírus na Espanha fracassaram. Posse escreveu ao doutor Piguillem, pioneiro da vacina na Catalunha, solicitando que enviasse linhas impregnadas com pústulas de vacas doentes de varíola.

Alguns dias mais tarde, enquanto preparava a sala de vacinação no Hospital Beneficente, deparou com Isabel, sempre muito atarefada.

— Dessa vez não há riscos — disse a ela, após explicar o novo procedimento. — Para que você veja como tenho certeza, o primeiro que vou vacinar será a criatura que mais amo, meu neto de cinco meses. E também quero vacinar seu filho. Serão os primeiros da Galícia.

— O doutor tem certeza de que ele não ficará mal, como os filhos de dom Jerónimo?

— Absoluta. Não tem nada a ver com o que fizemos daquela vez. Pense que ele ficará livre da varíola para sempre.

Isabel sentiu certo receio, mas não encontrou forças para recusar. Já não tinha desculpas, como na ocasião em que propuseram variolizá-la durante a gravidez. Assim, em 16 de agosto de 1800, o doutor Posse realizou as primeiras vacinações da história da Galícia em seu neto e no pequeno Benito, que tinha sete anos, no Hospital Beneficente, com as linhas de algodão enviadas de Barcelona pelo doutor Piguillem. Continuou vacinando muitas crianças com o mesmo método — a vacina transportada em fios —, mas sempre com medo de que o vírus houvesse deixado de ser ativo e o procedimento não funcionasse.

Em um dia de fevereiro de 1801, um acidente trágico no orfanato do hospital mudou o destino de Isabel. Uma criança caiu pela janela do segundo andar e se estatelou na rua. Morreu em meio a gritos que sobressaltaram a cidade inteira. Um acidente que se somava a um caso de grande repercussão que acabara de ir a público: crianças valencianas haviam sido adotadas por comediantes que quebravam as articulações delas para possibilitar mais flexibilidade e restringiam a alimentação para que fossem ágeis. Pela primeira vez, questionava-se a incipiente assistência pública. A poderosa Congregação das Dores, com sua reputação manchada, viu naquele infortúnio o resultado da desordem reinante no estabelecimento, o que, somado à falta de higiene e às contas pouco rigorosas, provocou a demissão da diretora, Lucía Pérez.

— Não existe ninguém em La Coruña com mais aptidões que Isabel Zandal para conduzir as rédeas do orfanato — disse dom Jerónimo na reunião de emergência dos patronos.

Isabel carecia de qualificações para aquele cargo, difícil de ser preenchido porque as exigências eram muito altas, e o pagamento, escasso. Era a segunda diretora a quem despediam; a primeira havia sido acusada de não justificar devidamente os gastos. Embora, de acordo com o

regulamento, a designação àquele posto devesse contar com um processo de seleção, no caso de Isabel foi a insistência de dom Jerónimo que determinou sua nomeação. Era imperativo dispor de outra diretora. Outro fator que sem dúvida pesou foi o fato de que seu filho, então com oito anos de idade, começava a ocupar espaço demais.

— Eu disse há pouco que tinha um trabalho em mente para você, lembra?

— Sim, sim, dom Jerónimo.

— O patronato da Congregação das Dores, reunido ontem, decidiu oferecer-lhe o cargo de diretora do orfanato do Hospital Beneficente.

Isabel sorriu. Pés de galinha surgiram nas bordas de seus olhos. Estava contente: os patrões não haviam se esquecido dela.

— As crianças já estão crescidas, e dona María Josefa e eu achamos que você poderá ser mais útil se dedicando ao orfanato.

— O senhor acha mesmo que dou conta desse trabalho?

— Estou convencido de que você é a pessoa ideal para o cargo. Mas não é um trabalho fácil: sua presença é indispensável vinte e quatro horas por dia, de modo que precisará se mudar para lá com Benito. Receberá um salário mensal de cinquenta *reales* e o pagamento em espécie de uma libra e meia de pão ao dia, com farinha fina de primeiro crivo. Para que tenha ideia, uma torneira recebe quarenta *reales*; uma professora de costura e tricô, sessenta — e o mesmo ganha um professor de alfabetização.

— Fico muito agradecida ao senhor, dom Jerónimo. Não sei se mereço...

Isabel estava emocionada. Pouco importava o quão difícil seria o trabalho, o importante era que deixaria de ser criada. Devia isso aos patrões, mas também a Ignacia, que a obrigara a aprender a ler e fazer contas na escolinha da paróquia de Santa Mariña de Parada. Sem esses conhecimentos, nem sequer poderia ter almejado algo.

— Você merece isso e mais — disse dom Jerónimo.

Isabel ficou pasma, pois não estava acostumada a receber elogios.

— Veja, minha filha, o que torna atrativo o cargo de diretora são as gratificações: você ganhará presentes em dinheiro na noite de Natal e duas autorizações para comer carne durante a Quaresma.

A primeira coisa que a nova diretora fez foi mandar colocar treliças nas janelas dos quartos dos enjeitados para impedir que caíssem. Então, separou as crianças por sexo, armou camas novas e instalou lampiões nos quartos. Decidiu consigo mesma que as crianças, que estavam em um estado lamentável de desleixo, deveriam ficar tão fortes e saudáveis quanto seu filho Benito, cujo imenso privilégio — de ter uma mãe e dormir no mesmo quarto que ela — provocava nos demais uma mescla de inveja e fascinação. Instaurou normas de higiene, muitas por indicação do doutor Posse: mandou trocar com regularidade a palha dos leitos, comprou pinças de ferro para remover a sarna e cortou os cabelos para acabar com os piolhos. Nos que adoeciam, aplicava compressas de

aguardente com panos quentes, além de dar-lhes pão branco e carne para comer. Comprou escovas de mão para limpar a roda e vigiava de perto a responsável por elas para que não se ausentasse em hipótese nenhuma, como era costume antes. No mês em que começou a trabalhar, o orfanato já não se parecia em nada com o que havia sido.

— Para demonstrar minha satisfação e a dos patronos, concordamos em recompensá-la com um pagamento extra mensal de dezesseis *reales* pela confecção de roupas de uso — disse a ela dom Jerónimo.

O trabalho consistia em preparar camisas e fraldas a partir de lençóis velhos, remendar calças e casacos e repor cordões e botões nas calças. Apesar de toda essa carga de trabalho, Isabel estava contente e não se queixava. De vez em quando, sentia falta da comodidade e da vida plácida na casa dos Hijosa. Mas ruminava pouco acerca de seu destino — era a vantagem de não ter tempo para si mesma.

Em bem pouco tempo, começou a considerar todas as crianças do orfanato como se fossem seus filhos. Admirava a capacidade de sobrevivência deles. Três quartos dos que apareciam na roda morriam antes do fim do terceiro dia; houve épocas em que a porcentagem subia para noventa ou até mesmo cem por cento — nenhum sobrevivia! No início, contava isso alarmada ao doutor Posse, como se ele pudesse fazer algo.

— Chegam em um estado muito ruim, doutor. Têm a cabeça amassada, o corpo coberto de chagas e o umbigo pendurado. Vêm de aldeias distantes e são trazidos em cestas ou mesmo em alforjas.

O médico sabia bem da situação: ele visitava assiduamente os estabelecimentos de beneficência. A mortalidade era tão alta que duas funerárias de La Coruña se encarregavam exclusivamente do cadáver de jovens e recém-nascidos. O rabecão da Gloria, construção barroca pintada de branco que suscitava grande curiosidade, era reservada para as famílias de posses. Os enjeitados mortos acabavam junto aos pobres de solenidade, no átrio das paróquias.

As mães, desesperadas, levavam os filhos à noite para não serem reconhecidas. Isabel, obrigada a substituir a torneira sempre que esta ficava doente, escutava os passos na rua, depois o pranto de um bebê que era depositado na roda, e então o choro da mãe, que provavelmente não mais o veria e, como forma de adeus, os rangidos da roda ao girar sobre o próprio eixo, além da irônica nota alegre da campainha que alertava para a chegada de mais um infante. Do outro lado, no interior do prédio, Isabel recebia esses filhos da vergonha e da pobreza.

Alguns já chegavam batizados; outros recebiam o nome do santo do dia, conforme mandava o regulamento. A maioria aparecia envolta em trapos simples, até mesmo em um guardanapo, em um pedaço de manta ou em uma folha de calendário; em 19 de março de 1800, apareceu um bebê nu dentro de um chapéu. Foi batizado José. Às vezes, não era a mãe quem levava a criança ao orfanato, mas alguém que a havia encontrado abandonada em um curral, um palheiro, uma fonte ou uma estrumeira. Um jovem de três anos foi levado por um homem que o encontrou abandonado ao lado da Igreja de São Nicolau, com os pés atados para que não fosse

atrás dos pais. Muitos carregavam um bilhete com o nome, a filiação, a data de nascimento ou do batizado: “Juan Pérez, filho de dois pobres honrados, prestes a completar um ano”; em geral, terminava com uma súplica: “Deem a ele de comer, porque não tem se alimentado”. No caso de Vicente María, deixado na roda em 13 de maio de 1800, um bilhete em uma fita atada à orelha dizia que os pais voltariam para buscá-lo quando as coisas estivessem melhor; junto deixaram uma generosa quantia “para colaborar com a criação”. Qual não devia ser a miséria daquele lar para que os pais achassem que o orfanato seria um destino preferível.

Isabel acariciava os enjeitados enquanto tirava a roupa deles e observava cada centímetro de pele para ver se havia sinal de maltrato — como ocorreu com uma garota que chegou com manchas roxas na cara e hematomas no corpo — ou alguma marca que sugerisse contaminação por varíola ou sífilis — casos repassados ao médico do hospital. Tais crianças estavam condenadas a morrer rapidamente, pois o risco de contágio impedia que fossem amamentadas por amas de leite; recebiam um pobre substituto, leite de cabra, até que apagavam. Os que passavam por essa primeira triagem eram batizados e entregues às amas de leite. Como as colaboradoras fixas do orfanato estavam sobrecarregadas, amamentando até seis crianças cada, Isabel recorria ao que se chamava de amamentação mercenária. Era terrível para ela saber dos muitos descuidos e das fraudes das amas, que em troca de trinta *reales* por mês levavam as crianças para casa. Descobriu que algumas deixavam que morressem e não comunicavam isso ao orfanato a fim de continuar recebendo; outras retornavam ao orfanato com uma criança diferente da que

havam recebido; outras restringiam o leite que davam ao enjeitado para favorecer o próprio filho. Descobriu o caso de uma mãe que, após depositar seu filho na roda, ocultando sua identidade, voltou para buscá-lo e, assim, receber o mísero salário pago pelo orfanato a quem cuidasse das crianças.

Cansada de tanta enganação, Isabel não teve remédio senão impor a mesma norma vigente no sanatório de Santiago: a marcação, sistema humilhante e cruel. Pediu ao cirurgião que fizesse uma incisão com sangue no braço de todos os recém-chegados, profunda o suficiente para deixar uma marca indelével. Assim, dava-lhes uma identidade protetora que durava até que deixassem o orfanato em definitivo, entre os dez e os catorze anos.

Ainda que não fosse o caso, Isabel viveu seu novo trabalho como se fosse uma libertação. Ocupar-se dos filhos de uma família rica era diferente de cuidar de crianças abandonadas. Em sua vida, esse era um progresso importante, que ajudaria a limpar sua reputação. Sentia um afã doentio de demonstrar que era digna de confiança e de recuperar sua honra, pois não havia remédio para curar sua maior dor — o estigma da ilegitimidade que pesava sobre seu filho, do qual ela nunca poderia livrá-lo. Como era dolorido para ela quando Benito chegava a casa chorando porque haviam gritado obscenidades contra ele na rua! A gagueira do garoto se desenvolvia com o tempo e, embora o doutor Posse dissesse que era porque os professores obrigavam-no a ser destro quando na verdade era canhoto, Isabel estava convencida de que era por causa do assédio a que era submetido.

— Ma... mãe, ma... mãe, me chamaram de filho da... filho

da...

— Quietos, Benito, não precisa terminar — dizia Isabel, abraçando-o e tremendo de raiva.

La Granja de San Ildefonso, 4 de novembro de 1802. Uma nevasca precoce surpreendeu a família real dias antes de sua peregrinação anual ao palácio de Aranjuez, onde, como em todos os anos, passariam o inverno desfrutando um clima mais benéfico que o das montanhas de Segóvia.

— Godoy — disse Carlos IV a seu ministro favorito, homem de confiança —, insisto: quero estender minha permanência aqui.

— Com esse tempo, Majestade?

— Até o dia de minha onomástica.

— Então vossa Majestade pensa em cumprir o costume de abrir ao povo os jardins do palácio, mesmo com esse frio?

— O povo aguenta melhor as inclemências do tempo que as mudanças nas tradições.

Manuel Godoy sabia que havia outra poderosa razão pela qual o rei queria permanecer em La Granja. Do pai Carlos III, o monarca herdara a paixão pela caça, a que se entregava todos os dias, do alvorecer até o cair do sol, mesmo quando suas obrigações reais não o permitiam.

No dia do santo que lhe emprestava o nome, Carlos IV apareceu com seu perfil de nariz reto e barriga proeminente

na janela do segundo andar do palácio. O povo enchia os jardins mantidos de maneira pulcra, aglomerado ao redor das fontes cuja água dava vida a uma paisagem congelada de abetos muito escuros, debruados pela neve.

— Vê como eu tinha razão, Godoy? Olhe essa multidão...

Quando os visitantes perceberam que a silhueta detrás da janela era do monarca, ergueram o olhar e aplaudiram.

— Viva o rei!

— Viva!

Carlos IV cumprimentou-os com seu aceno distraído de praxe. Permaneceu alguns segundos observando-os. Continuava se deleitando, como sempre, ao ver a dança da água das fontes. Lembrou-se das tantas vezes em que, naquele mesmo lugar, havia celebrado o dia do santo com seu pai, Carlos III, homem sério, imperial. Ao morrer, o pai havia deixado para ele uma lista interminável de conselhos e instruções, e ele se esforçou para segui-los, pois era obediente. Depois os tempos foram mudando, e ele passou a ser movido por outros interesses e a fazer as coisas à própria maneira.

— Quando era jovem, após a saudação, eu ficava espiando as pessoas da janelinha dos fundos, de onde via sem ser visto — contou a Godoy. — Quando houvesse mais gente nos canteiros, eu ia lá e abria a fonte. Ha ha ha! Eu rolava de rir com a reação da multidão, que não entendia por que estava encharcada.

Godoy riu com gosto. Eram outros tempos. Quando Carlos IV era apenas príncipe de Astúrias, o pai dele governava uma

monarquia e um império que ainda não haviam entrado na decadência em que eles se encontravam agora. Sem dúvidas, coubera a ele uma época particularmente difícil, na qual se questionavam não apenas a sobrevivência, mas também os próprios princípios da monarquia. Para salvar o trono, vira-se obrigado a blindar o país da influência estrangeira — justo ele, que havia nascido na Itália e era culto e sensível às inovações do Iluminismo. Tal contradição pesava sobre seu caráter indolente. Incapaz de enfrentar sozinho os ásperos desafios da política, delegava os assuntos mais espinhosos à esposa, a rainha María Luisa, e aos ministros, especialmente Manuel Godoy. A religião — comparecia às missas várias vezes ao dia — e seus interesses ajudavam-no a escapar da pressão cotidiana de governar um império envolto em um turbilhão de miséria e desordem até então inauditos. Entre seus interesses, destacavam-se a música (tocava violino e comprou para a Corte um quarteto de instrumentos Stradivarius) e a pintura. Foi ele quem descobriu e manteve Francisco de Goya y Lucientes. No entanto, a mais insólita de suas distrações era a fontanária, resultado de sua paixão pela arquitetura e seu interesse pelos mecanismos que faziam as fontes do palácio de La Granja funcionar. Também gostava de carpintaria e, sobretudo, de relojoaria — gabava-se por não ter sido inventado relógio de bolso que ele não soubesse consertar. Relógios cujos tique-taques marcavam o fim de uma era.

Assim como pelo mecenato artístico, destacou-se também pelo científico, embora na Espanha aquela fosse uma época ruim para a livre circulação de ideias. Em seus primeiros dez anos de reinado, impulsionou as ciências médicas com a

criação do Real Colégio de Medicina, bem como de uma escola veterinária e um laboratório de química em Madri, instituições que muniu de vistosas bibliotecas especializadas em medicina, botânica e farmacologia. Patrocinou diversas expedições científicas, como a do barão Alejandro de Humboldt e a de Martín de Sessé pela América do Sul ou a de Malaspina e Bustamante ao redor do mundo. Era, no fundo, um piedoso iluminista aprisionado pelas contradições de seu tempo, amante do progresso, mas temeroso da liberdade que o acompanhava. Demonstrou estar genuinamente preocupado com o bem-estar de seu povo quando, em uma tarde durante aquela estadia em La Granja, obrigado pelo mal tempo a permanecer no palácio, apresentou-se a oportunidade de viabilizar uma façanha médica jamais realizada.

Enfronhado em um cobertor de pele, sentado à mesa de despacho, o rei recebeu ao entardecer seu principal ministro, Manuel Godoy, como era de praxe. Haviam se conhecido quinze anos antes, nos pátios daquele mesmo palácio, quando o cavalo montado por Godoy, então um simples guarda real alto e com vinte e um anos de idade, atirou-o ao chão durante um serviço de escolta. O jovem se recompôs e voltou a montar com total domínio de temperamento, o que impressionou María Luisa, esposa do rei, que testemunhou o acidente de sua carruagem. Mandou chamá-lo, apresentou-o ao marido e, sem qualquer argumento, ambos apresentaram-no à vida da Corte e à política, causando grande perplexidade. Carlos se deu conta de que encontrara aquilo que procurava: um homem completamente fiel a si. Graças a Godoy, podia se livrar para sempre da grande sombra do pai e de todos que continuavam medrando como se ele continuasse vivo. Assim, Godoy foi

iniciado em uma incrível carreira. Foi agraciado com honra e riquezas e, aos vinte e cinco anos de idade, nomeado primeiro secretário de Estado.

Um lustro mais tarde, era o homem mais poderoso da Espanha. A pergunta que o rei invariavelmente fazia todas as tardes em que despachavam não demorou a ser feita: — O que se fez por meus vassallos hoje, Manuel...?

— O que foi humanamente possível, Majestade... — respondeu com sorna. — Vamos tocando as coisas com os inimigos de sempre, e há outros que não nos dão trégua...

Naquele dia, entregou a ele um relatório do vice-reinado de Nova Granada datado de 12 de junho de 1802. Carlos deu um suspiro, pigarreou e pôs-se a ler. À medida que ia virando as páginas, seu semblante foi ficando mais sério. A cidade de Santa Fé de Bogotá padecia de uma terrível epidemia de varíola havia quase dois anos, conforme anunciava o informe. Descrevia-se uma situação desesperadora, em que os cadáveres eram transportados à noite não tanto para impedir o contágio, mas para evitar o pânico. A Administração Municipal enviava uma súplica à Coroa para que intercedesse junto ao vice-rei, que se recusava a liberar fundos da Administração para a construção de um novo hospital e a implementação de medidas de urgência, como cavar valas fundas que servissem de cemitérios especiais, onde se pudessem depositar os cadáveres, instituir espaços para quarentenas e abastecer os locais de cal viva e outras substâncias desinfetantes.

— Santa Fé de Bogotá está submersa nesse mal pestilento — disse Godoy. — Levando em consideração que a epidemia

de dez anos atrás matou quase quinze por cento da população, há o temor de que dessa vez a cifra seja superada com folga.

Carlos sentiu um aperto no estômago. Sabia perfeitamente o que uma epidemia era capaz de fazer com uma cidade: primeiro, criar problemas de abastecimento, dando origem à escassez de produtos de primeira necessidade, o que, por sua vez, provocava uma alta desenfreada de preços e, finalmente, levava à ruína.

Convocou seu assistente de câmara.

— Chame o doutor Requena e peça que traga o presente do médico italiano. Ele sabe a que me refiro.

O homem deixou o despacho. Carlos se virou para Godoy.

— A varíola, sempre a varíola — disse, abatido.

Caracas em 1766, Cidade do México em 1778, Guatemala em 1780, Cádiz em 1800... A lista era tão extensa quanto era vasto o Império Espanhol. Cada vez que parecia estar sob controle, ressurgia como uma fênix, sobretudo nas Américas.

E em sua própria família: como esquecer o terror e a tristeza provocados por tantas mortes de parentes próximos? A de seu próprio irmão, dom Gabriel, junto com sua cunhada e a filha recém-nascida, estava encravada com pesar em sua memória. Quando, pouco tempo atrás, sua própria filha María Luisa padecera da doença, sentiu o mesmo nó no estômago que sentia agora, ao inteirar-se da epidemia em Nova Granada. Um medo que paralisava, justamente no momento em que urgia fazer alguma coisa para evitar o contágio e impedir que o pânico se espalhasse pela Corte.

Para ele, assim como para os demais reis da Espanha, a varíola era o inimigo mais antigo, o mais persistente, o mais cruel. Entre suas distintas vítimas mortais estavam o imperador Fernando IV, da Áustria; o do Japão, Gokomyo; o da China, Fu-Lin; o negus da Etiópia; e o próprio rei Luís XV, da França. Na Inglaterra, havia dizimado os Stuart. Estimava-se que, no mundo inteiro, um quinto da humanidade havia sido morto ou desfigurado pela doença. De todas as pragas que açoitaram os homens, era a mais difundida e a mais duradoura. Nem a peste negra nem a cólera, tampouco a febre amarela chegaram a representar flagelo tão universal e persistente quanto a varíola.

O próprio Carlos IV temia às vezes que sua linhagem não sobrevivesse... A varíola não havia acabado com a família real austríaca, abrindo caminho para os Bourbon? Quanto tempo haveria de transcorrer antes que os Bourbon tivessem o mesmo destino que os Habsburgo? Fazia-se essas perguntas, ciente de que a doença havia influenciado a história da Espanha mais que qualquer outro inimigo.

De repente, entrou na sala o doutor Requena, médico de câmara do rei, um homem baixo e gorducho. Segurava uma caixinha de madeira e alguns documentos, que entregou ao monarca após fazer uma grande reverência.

— Como se chamava aquele médico italiano...?

— Doutor Careno, Majestade — disse Requena. Eu trouxe também a cópia do tratado do médico inglês Jenner, dado a vossa Majestade.

Entregou tudo ao rei, que por sua vez repassou a Godoy.

— Pelo que entendi, a vacinação está gerando ótimos resultados — disse.

— Sim, embora aqui as pragas continuem sendo combatidas com oração, mortificação e penitência — apontou Requena, em tom sarcástico.

— Não é fácil convencer as pessoas de que é possível curar um mal com a inoculação do próprio — apontou Godoy.

— Tem razão, só funciona se dermos o exemplo. Como fez vossa Majestade.

Requena se referia a quando Carlos IV decidiu submeter a filha e os dois filhos à variolização, na esperança de que seus vassalos o imitassem. O rei tomou como elogio.

— Segui seu conselho, doutor. Deveríamos fazer o mesmo com a vacinação... Não acha?

O médico assentiu. O rei abriu a caixinha de madeira e tirou dali algumas lâminas de vidro seladas com cera, em cujo interior era possível ver filamentos.

— Esses fios estão impregnados de material purulento de vaca, não é, doutor?

— Sim, vieram com o relatório de Jenner. Se forem inoculados em seres humanos, evita-se o contágio... A ideia que me permiti sugerir a vossa Majestade é organizar uma expedição para levar esses fios aos territórios de ultramar e massificar o uso da vacina por lá.

Godoy permaneceu pensativo e, então, perguntou: — E não podemos usar vacas de lá, vacas americanas?

— Infelizmente, não — interrompeu o médico. — O vírus

da varíola bovina só ocorre em animais do norte da Europa...

— Godoy, a saúde e a felicidade do povo são a lei suprema
— disse o monarca, diante da falta de entusiasmo alheia.

Com o olhar fixo na montanha nevada, Carlos IV deixou-se levar por devaneios.

— Seria a única maneira de impedir que a população continue a minguar, que o comércio continue estancado, que os campos sejam abandonados e que se perpetue o declínio da mineração. Se ocuparmos aquelas grandes extensões de terras com homens úteis e laboriosos, que trabalhem e sejam ativos, dissiparemos a felicidade.

Encarou Godoy e continuou em um tom ligeiramente irônico: — Mais saúde, mais homens produzindo e mais tributos... Portanto, você é o maior interessado em levarmos a prática da vacinação até lá, Godoy.

Uma poderosa questão de Estado avalizava essa ideia: manter e até mesmo aumentar a força de trabalho também era uma maneira eficaz de melhorar as relações com os nobres americanos, que havia alguns anos criaram uma relação tensa com a Coroa devido às obrigações fiscais e ao corte de privilégios locais que Godoy se vira forçado a impor.

Carlos IV se recolheu cedo para dormir, mas não conseguiu pegar no sono. A palavra “varíola” despertava nele um pânico difícil de dominar. Lembrou-se de um documento que o pai lhe mostrara certo dia, uma carta do vice-rei da Nova Espanha, Martín de Mayorga, sobre a epidemia de 1779 no México; nela, dizia que “não se via nas ruas nada além de cadáveres, não se escutava na cidade nada além de clamores e

lamentos”. Nunca se esqueceu daquilo nem do dado arrepiante levantado pelos ministros do pai, que estimavam que noventa por cento da população autóctone da América havia sido extinta desde que um escravo negro contaminado pela varíola, Francisco de Eguía, integrante do contingente do conquistador Pánfilo de Narváez, desembarcara em Veracruz, no ano 1518, provocando a primeira grande epidemia no México central. Frei Bartolomé de las Casas havia contribuído com duas causas que tampouco podiam ser ignoradas para explicar a dimensão de tal extinção: a desilusão e a tristeza dos indígenas ao ver seu mundo ruir, além da violência das forças armadas.

— A América do Norte tampouco escapou — dizia Carlos IV, ao aludir à elevada taxa de mortalidade das populações autóctones. — Todo mundo conhece a história do comandante inglês Jeffrey Amherst, que ordenou que enviassem cobertores contaminados de varíola aos índios ottawa. Isso nós não fizemos!

Mas comparar-se aos que haviam feito pior era um argumento fraco.

— Agora, o progresso científico brinda vossa Majestade com a oportunidade de fortalecer o Império — disse a ele o doutor Requena. — Podemos fazer isso montando uma expedição de dar inveja a outras nações.

“Ah, se eu pudesse inverter o curso da história”, pensou o monarca na manhã seguinte, enquanto dava seu passeio diário pelos jardins de La Granja, “e recuperar a prosperidade em meus domínios. Então, meu reinado teria sentido para além da mera política nacional, dos interesses imperiais, da ameaça

de nossos vizinhos e das razões econômicas de que Godoy tanto gosta. Um sentido que talvez os homens não entendam agora, mas que nosso Deus todo-poderoso saberá valorizar...”.

Se Manuel Godoy viu na vacinação dos territórios ultramarinos uma medida política para evitar as ânsias emancipadoras dos *criollos* e dos nobres americanos, os médicos de câmara do monarca, imbuídos de inquietação científica, viram naquela expedição um formidável desafio médico, técnico e organizacional. A pedido de Godoy, em 28 de fevereiro de 1803, seu conselheiro em questões sanitárias, o médico Joseph Flores, guatemalteco, apresentou à Junta de Cirurgiões de Câmara um relatório.

— O que proponho, senhores, é transportar a vacina em barcos de linha, levando a bordo vacas infectadas com o vírus da varíola bovina, além de uma quantidade considerável de vidros contendo soro vacinal.

Manuel Godoy franziu o cenho.

— Parece-me muito caro e complicado. Transportar vacas contaminadas em veleiros durante semanas? Em que estado chegarão, se é que sobreviverão?

Escutou-se um murmúrio de aprovação.

— Além disso, sabe-se se as vacas do norte da Europa suportarão as temperaturas tropicais?

Mais murmúrio, seguido de silêncio.

O que pareceu digno de interesse foi a ideia central do relatório de Flores: revestir o ato de vacinação de um caráter religioso.

— Minha ideia é envolver os párocos dos povoados da América. Em vez de batizar as crianças, solicitaremos a eles que as levem para ser vacinadas aos seis meses de idade.

— E quem faria o procedimento?

— Na falta de médico local, o próprio cura poderia vacinar, depois consigná-la em um livro paroquial, que se chamaria Livro de Vacinação.

— É uma ideia excelente — disse Godoy, que sabia que tudo o que ficasse a cargo da Igreja e, assim evitasse gastos do Estado, facilitava sua tarefa.

Mas ele estava reticente. Não conseguia se convencer de todo. Em uma reunião com o rei no final de março de 1803, disse: — A difusão da vacina gera muitos gastos, e os benefícios, se é que os veremos algum dia, são de longo prazo.

O rei respondeu falando na terceira pessoa, que era o que fazia quando não gostava do que ouvia.

— Sua Majestade sabe disso, Godoy. É um projeto para o futuro, mas o futuro já é agora.

— Muitas pessoas serão mobilizadas, grandes questões técnicas precisam ser solucionadas. Além disso, Majestade, há também a dimensão geográfica da empreitada...

Godoy lembrou-o da série de juros reais com o pagamento atrasado, das más colheitas, dos desastres naturais, das epidemias e do século de guerras incessantes que haviam

arrastado a Espanha à situação calamitosa em que se encontrava. Se naquele império o sol nunca se punha, sua luz servia também para deixar às claras o déficit orçamentário anual, que continuava a crescer irremediavelmente.

— O bom seria — continuou o ministro — conseguir que as instituições locais financiassem diretamente as vacinas. Por isso, a importância de vinculá-la à Igreja... Deve ser de seu interesse que o pagamento do dízimo nas paróquias não decaia devido à mortalidade dos fiéis.

— Sim, mas o clero precisa de tempo. Uma vez convencido dos benefícios e da necessidade da vacina, acabará se envolvendo, tenho certeza — respondeu o monarca. — Aconteceu o mesmo com a variolização.

— Flores sugere que, para conseguir o apoio da Igreja, vossa Majestade peça a sua Santidade uma bula que santifique a prática.

O rei suspirou. Algo o incomodava naquela proposta.

— Esse Flores confunde as coisas — disse o monarca. — Coloca a religião a meu serviço, mas na verdade é a monarquia que está a serviço de Deus.

— Não há dúvidas de que a grandeza da Espanha deve-se à propagação da fé — replicou Godoy —, mas aqui se trata de garantir que haja cada dia mais almas convertendo outras à fé. Por isso, não seria ruim que Flores subvertesse um pouco a ordem.

Dividido entre a devoção religiosa e a paixão pelo progresso, o rei continuava incomodado.

— Não é um paradoxo que, sendo rei pelas graças de Deus, eu diga ao representante de Deus o que ele deve fazer?

— Ao fim e ao cabo, Majestade, é questão de se apoderar do coração de seus vassalos para convencê-los de que algo será revertido em benefício para eles próprios... E que melhor maneira de fazê-lo, senão pela religião?

O rei esboçou uma careta. O argumento de Godoy ainda o incomodava, embora não pudesse negar que era pragmático.

— Godoy, você está se tornando um político... exempl... sagaz, digamos. Está bem, sua Majestade suplicará ao papa que emita uma bula, e rezemos para que isso ocorra. Mas não podemos esperar até que o clero se convença dos benefícios da vacina. É preciso agir antes, com o que temos à mão. Godoy, o que podemos fazer é instar vice-reis, governadores e demais autoridades civis e militares a fomentar a vacinação por meio de decretos e exigir que deem o exemplo, como fizeram com a variolização. Quanto aos meios para levar a cabo a expedição, solicitemos o conselho do Ministério das Índias.

No ministério, houve longas discussões sobre o objetivo da expedição. “É político, estratégico, filantrópico ou tudo ao mesmo tempo?”, perguntavam-se, confusos. Os debates foram ainda mais inflamados quando se discutiu a maneira de levar a cabo aquela empreitada tão singular.

— Como vamos mudar a situação decadente em que nos encontramos? — disparou o fiscal da Secretaria Geral de Contabilidade.

Na realidade, ninguém sabia como lidar com o problema. A questão que o rei repassara para eles era um grande abacaxi.

Fizeram o mais lógico: consultar o Protomedicato, corpo técnico encarregado de fiscalizar o exercício das profissões sanitárias (médicos, cirurgiões e farmacêuticos), além de exercer funções docentes. Enquanto esperavam a deliberação de tão douta instituição, a cúpula do Ministério das Índias sugeriu que se enviassem diversos médicos em barcos de linha a diferentes partes da América do Sul. O marquês de Bajamar, contrário à ideia, formulou outra proposta.

— Montemos quatro expedições, uma para cada vice-reinado, para assim aproveitarmos as divisões organizativas já existentes. Então os médicos espanhóis podem instruir os profissionais locais quanto à maneira correta de vacinar.

— Vós não indicais nem como será transportado o fluido nem a maneira de financiar as expedições — replicou um colega. — Será com os tributos cobrados dos índios, com recursos próprios, com os dízimos eclesiásticos?

No fim, após três meses de hesitação, discussões e ranços, o Ministério das Índias sugeriu, em seu relatório de 22 de maio de 1803, que os gastos fossem inicialmente bancados pelo Tesouro Real e, mais tarde, repostos a partir dos fundos da administração das cidades diretamente beneficiadas pela expedição. O rei ficou irado.

— Três meses para chegar a essa conclusão! Quantos órgãos do Estado foram consultados? Quatro? Cinco? E tudo para que respondam essa obviedade? Godoy, ordeno que acelere o processo e dê prioridade absoluta a essa empreitada.

Godoy nunca tinha visto o rei se enfurecer daquela maneira. Para o ministro, tratava-se de um projeto que só

acarretaria problemas, que se somariam a outros imensos, sem solução, que envolviam a administração de um império cujas costuras estavam se desfazendo. Godoy sabia até onde podia manejar o rei, conhecia sua capacidade de influenciar a personalidade passiva e volúvel de seu superior, e sabia medir até que ponto a esposa dele, a rainha María Luisa, influenciava suas decisões. Mas entendeu que, dessa vez, o rei estava falando sério. A varíola mexia com seus brios, e era melhor não brincar com o assunto. Para Godoy, cuja capacidade de análise e síntese dos problemas era conhecida, o desafio a que se propunha o rei se reduzia a algo simples, mas difícil: encontrar um homem capaz de gerir e comandar tal empreitada.

Na salinha fria de sua residência na rua Montera, Balmis terminou a tradução e o prólogo de um tratado sobre a vacina escrito pelo renomado médico francês Jacques-Louis Moreau de la Sarthe. Havia dedicado muitas hora a isso, quase tantas quanto havia dedicado à prática da vacina. Balmis fora um dos primeiros a entender a teoria e a defendê-la com unhas e dentes dos ataques de colegas desconfiados, temerosos da mescla de fluidos entre as espécies. Curiosamente, eram os mesmos que haviam teimado contra o tratamento à base de agave e begônia. Eram sempre eles que se opunham às inovações.

Balmis aprendeu a técnica e ajudou a introduzi-la na Espanha, tornando-se logo o vacinador mais famoso de Madri. Se queria publicar aquele livro, não era apenas porque se tratava de um guia prático de utilidade inquestionável, mas também porque queria se afirmar enquanto conhecedor no assunto. Já era famoso como mestre dos distintos modos de inoculação, do manejo dos instrumentos, da obtenção de soro bovino e do método que devia ser seguido para garantir que a vacina tivesse eficácia.

A publicação daquela tradução e o sucesso da distribuição de fato solidificaram a reputação de Balmis, que começou a receber correspondências de toda a Espanha, até mesmo da

Galícia, de onde o doutor Posse Roybanes, assim que terminou de ler o livro, lhe escreveu perguntando como conseguir pus fresco para garantir o sucesso da vacinação. Em Madri, o tratado de Moreau de la Sarthe se tornou leitura obrigatória entre os integrantes da elite médica e científica. O eco daquele sucesso chegou aos ouvidos de Godoy, que convocou Balmis imediatamente ao palácio.

O doutor se preparou de maneira conscienciosa para a reunião com o homem mais poderoso do Império Espanhol. Ciente do motivo pelo qual o chamavam, fez tudo o que pôde para não desperdiçar a oportunidade de dirigir a expedição sanitária que o rei desejava empreender. Sabia que era o homem perfeito para levá-la a cabo, devido a seu conhecimento da prática vacinal e da América espanhola. Era a tão sonhada ocasião para dar o empurrão definitivo em sua carreira. Sabia que a proposta devia ser irrecusável. Não podia falhar.

Quando atravessou o pátio de armas do Palácio Real de Madri, Balmis sentiu o coração acelerar, apesar do preparado de tília que vinha tomando nas últimas horas. Estava intimamente convencido de responder a uma chamada do destino, que lhe oferecia a chance de restaurar sua reputação. “Sim”, pensou, “a justiça divina existe”. Estava cercado por aquelas paredes de granito erguidas por Carlos III, escoltado por um soldado da Guarda Real. Subiu as escadas recobertas por um espesso tecido azul marinho e dirigiu-se ao amplo e suntuoso gabinete do primeiro-ministro, o qual tinha uma esplêndida vista para a serra. Godoy foi a seu encontro e o cumprimentou afetuosamente, como se o conhecesse havia

tempos. Balmis não conseguiu conter um par de tiques, encolhendo o pescoço e fechando os olhos diversas vezes, e sentiu que Godoy se segurava para não rir.

— Sentai-vos e escutai — disse Godoy, acendendo um cigarro e dando uma longa tragada.

Balmis se transformou. Em um piscar de olhos, em um de seus tiques, deixou de se mostrar um homem tímido e tolo e adotou uma postura que refletia o que ele era de fato: um cientista com um aguçado senso metodológico, um gestor com grandes dotes organizacionais e, sobretudo, um profissional com uma visão clara e realista dos problemas.

A primeira coisa que fez foi desmontar a ideia que o marquês de Bajamar havia proposto aos colegas do Ministério das Índias.

— Não há sentido em montar quatro expedições. Isso equivale a complicar substancialmente a realização do projeto. É evidente que só deve haver uma.

Manuel Godoy estava gostando do que ouvia.

— Uma única expedição, sob comando unificado, sem dúvidas é mais racional — disse o ministro. — Fretar apenas uma embarcação é menos oneroso para o Tesouro público.

— Deveríamos descartar a ideia de transportar vacas nos barcos — prosseguiu Balmis. — O transporte de terneiros infectados pelo vírus da varíola bovina propicia o risco da transmissão de infecções como a sífilis.

— Então, qual acreditais ser a melhor maneira de transportar o vírus?

— Jenner demonstrou que o vírus da varíola das vacas pode ser transmitido de pessoa para pessoa pelo procedimento de braço a braço, não apenas de maneira direta, do gado para o ser humano.

Godoy arqueou as sobrancelhas, dividido entre a surpresa e o fascínio pelo que escutava. Caíram cinzas sobre sua jaqueta, as quais ele limpou sem vontade. Aquilo facilitava muito a transmissão da vacina.

Balmis continuou a explicar: — Introduz-se o pus por uma incisão no braço, espera-se até a erupção produzir uma pústula, o que ocorre geralmente em nove ou dez dias, e então extrai-se o líquido dessa vesícula para transmiti-lo a outro indivíduo. Dessa maneira, é possível conservar a vacina por tempo indefinido.

— Então seria possível transportá-la por meio de soldados inoculados.

— Não podem ser adultos... Muitos desses soldados devem ter enfrentado a varíola natural e estão imunizados. É preciso usar crianças.

— Crianças?

— Sim. Essa é a chave.

Godoy ficou pensativo. Tudo parecia se complicar outra vez.

— As crianças são mais frágeis que os adultos, é verdade — prosseguiu Balmis. — Mas não costumam estar imunizadas.

— E não é muito arriscado fazer isso com crianças?

— É claro que há riscos — riscos de que a cadeia de inoculações seja rompida ou de que a vesícula seja destruída antes de sua utilização, por exemplo, com um corte no braço. Pode acontecer. Para minimizar essas chances, precisaríamos vacinar duas crianças por vez, caso dê errado. Elas teriam que ser constantemente vigiadas.

— E vós achais que os pais deixariam os filhos partirem?

— Caso estivessem muito necessitados... Mas já pensei nisso. Como já deve ter sido pensado, pais em são juízo jamais abandonariam os filhos.

— E então?

— Só há uma solução: procurar crianças abandonadas em abrigos. Na Casa de Desamparados de Madri, por exemplo, ou no orfanato do porto de onde partirmos.

Godoy não tinha certeza se o que escutara era uma loucura ou uma ideia genial. Balmis não era lunático, e a ideia soava inventiva e original, embora ele ainda não soubesse bem como executá-la. Uma expedição com crianças levantava muitos questionamentos, de modo que reuniu os membros do Protomedicato. Alguns viram a hipótese como algo simples, até mesmo formidável, outros, como uma aventura arriscada demais, e outros, ainda, como uma excentricidade.

— Desde quando se fazem expedições com crianças? — exclamou um protomédico.

— E se juntarmos Balmis com o doutor Joseph Flores? — propôs Godoy. — Estamos falando dos dois maiores especialistas que há.

Um murmúrio percorreu a sala. Flores fora o primeiro médico a ser consultado, o guatemalteco que seduziu Godoy com a ideia de envolver os párocos nas vacinações.

— O alicantino é um sonhador — disse o doutor Gimbernát, médico muito amigo de Flores. — Cuidado com suas ideias, que às vezes são uma loucura. Vós vos lembrais de quando ele dizia ter conseguido um remédio à base de cactos e margaridas?

— Agave e begônias — corrigiu outro.

— Isso, mas para o que interessa dá no mesmo.

O ataque contra Balmis foi uma manobra grosseira para favorecer Flores. Rasteiras e cotoveladas eram parte da rotina no pequeno mundo dos favores reais, de modo que Godoy insistiu que, embora as capacidades de Flores estivessem acima de qualquer dúvida, vários atributos tornavam Balmis especialmente apto ao cargo. Tinha anos de experiência como cirurgião e uma reputação abalizada por diversos médicos militares, ao que se somava uma grande curiosidade científica e um espírito aventureiro que o levara a viver por onze anos na Nova Espanha.

— O mais sensato seria solicitar a Balmis um projeto de expedição, como aquele que pedimos a Flores, e depois compará-los... — propôs um dos assistentes.

A sugestão foi aceita por consenso.

Alguns dias depois, Balmis apresentou a eles um plano intitulado Regulamento e roteiro para transportar com a maior brevidade a verdadeira vacina e assegurar sua bem-sucedida propagação nos vice-reinados da América. O

documento estava dividido em sete tópicos, cuja ideia central era levar uma caravana de crianças não imunizadas e inoculá-las progressivamente durante a viagem. Ficariam sob os cuidados de enfermeiros, que deveriam acompanhá-las em todos os momentos para evitar que destruíssem acidentalmente as vesículas. A expedição contaria com dois ou três ajudantes e um diretor — ele próprio.

A segunda ideia-chave era pôr em andamento um modelo de organização que nem sequer existia na Espanha. Como se fosse uma extensão da sugestão do doutor Flores, propunha-se a criar uma série de juntas de vacinação em cada território, presididas por um chefe distrital, de preferência médico ou praticante, ou então um oficial ou eclesiástico, que ficaria encarregado de manter um livro de registros, conservar a vacina e perpetuar sua prática. O roteiro proposto cobria boa parte do globo: as ilhas Canárias, Porto Rico, La Guaira, Havana... até chegar ao México, de onde sairia outra subexpedição rumo a Santa Fé de Bogotá, Lima, Santiago do Chile e Buenos Aires. Também incluía a possibilidade de levar as vacinas até as Filipinas.

Balmis havia calculado o número de crianças necessárias, doze a cada seis semanas. Previa sair com vinte de La Coruña, pois pensou que lá seria mais fácil encontrar um barco rápido, como uma corveta, por se tratar de um porto com tráfego considerável para a América. Além disso, havia um orfanato de crianças em Santiago. O metódico Balmis havia pensado em tudo.

Os membros do Protomedicato se enredaram em uma discussão bizantina sobre a viabilidade do projeto, a ética

questionável de utilizar crianças órfãs e os perigos da empreitada. Cada um pugnava para acrescentar algo. Reconheceram que, tecnicamente, o projeto era sólido. Mas, devido ao fato de nada semelhante ter sido realizado antes, pairava sempre uma sombra de dúvida: era de fato uma ideia inovadora ou uma excentricidade? Ao fim e ao cabo, a reputação da monarquia espanhola estava em jogo, de modo que a discussão não podia ser a toque de caixa. Mas Godoy sabia que o rei tinha pressa, e não dedicaria mais muito tempo ao assunto, de modo que foi diretamente pedir sua opinião.

Carlos IV entendeu de imediato que a ideia era original e muito engenhosa.

— Não vejo problema do ponto de vista moral, já que as crianças acabarão protegidas de um mal que faz estragos.

— Existem os riscos da viagem em si, mas esses existiriam em qualquer circunstância — disse Godoy.

O que vejo é uma oportunidade de exercer sobre meus súditos mais jovens e indefesos a caridade cristã e a generosidade.

O rei sentia uma responsabilidade paternal para com “seus” órfãos; muitos abrigos haviam sido criados com o respaldo da Coroa.

— Contribuirão para o progresso da ciência, o que lhes conferirá dignidade e um sentido à vida — concluiu o monarca.

Madri, maio de 1803. Godoy, ecoando a objeção levantada por um dos membros do Protomedicato, disse a Balmis:

— O doutor Gimbernát insiste que deveis sugerir dois sujeitos para dividir o comando da expedição convosco.

Balmis fechou a cara, contorcendo-se em uma expressão de desgosto. Esse embate vinha diretamente de Flores, por meio Gimbernát, que era seu amigo. Pura disputa de poder. Balmis pigarrou, piscou várias vezes encolhendo o pescoço e disse:

— Acho que seria um erro, senhor. O comando que desejo não é por arrogância ou vontade de mandar, pois mesmo em minha casa deixo as decisões a cargo dos criados. Peço isso pela preocupação de organizar uma expedição tão gloriosa, que será invejada por todas as nações.

— Eu vos entendo, mas...

Balmis não o deixou concluir.

— Dividir o comando equivale a diluir responsabilidade, e, no fim, padecerão os serviços do rei.

— E se, por uma desgraça, que Deus não o permita, vós ficardes doente ou vos encontrardes impedido, por qualquer razão, de exercer as funções? Não o tomeis como

demonstração de desconfiança, é antes uma medida destinada a incrementar a segurança de uma empreitada... exem... arriscada. Não é pouca coisa atravessar o oceano com um conjunto de pessoas tão diversas, com tantas crianças e percorrendo um roteiro tão extenso.

— Senhor — disse, muito sério —, para assumir a responsabilidade total pelo sucesso ou pelo fracasso da expedição, preciso exercer eu mesmo a autoridade máxima. Se não houver um líder central, as consequências podem ser calamitosas.

Godoy entendeu que aquela era uma condição inegociável: Balmis não aceitaria ninguém, ainda menos um rival como Flores. O ministro era suficientemente sagaz para se dar conta de que aquela missão filantrópica, a princípio incentivada por todos, despertava receios e ciúmes entre os médicos que frequentavam os círculos de poder da Corte madrilena e que a teima do doutor Gimbernát podia muito bem ser motivada pelo desejo de assumir, por meio de seu amigo Flores, certo poder sobre uma empreitada cujo sucesso implicaria grande prestígio para seu máximo responsável e seus patrocinadores.

Então, Godoy lhe propôs a nomeação de um subdiretor, que assumiria o comando em caso de acidente ou doença do diretor ou caso fosse necessário dividir a expedição. O médico franziu o cenho. Tampouco lhe agradava essa ideia.

— Uma expedição, um barco, um diretor — disse Balmis, lutando para dissimular sua irritação.

Estava incomodado, como sempre ficava ao tratar com gente de uma classe social superior a sua. Não era bom em

termos de diplomacia. Apesar de ter chegado muito longe em sua carreira, continuava sentindo o peso de não ter nascido no estrato social que tomava as grandes decisões.

Godoy matizou a proposta.

— Será um vice-diretor integralmente sujeito a vossas ordens.

Balmis resmungou algumas frases, alegando que qualquer um de seus ajudantes poderia assumir o comando e substituí-lo caso houvesse necessidade. Mas lhe faltavam argumentos sólidos para defender com mais convicção essa posição.

— Francamente, creio que tanto sua Majestade quanto a Junta de Cirurgiões de Câmara acharão isso imprescindível.

Balmis acabou cedendo, ainda que a contragosto. Era teimoso, pensou Godoy, mas também organizado, autoritário, tenaz, seguro de si mesmo — qualidades que só gerariam benefícios à expedição. Ficou impressionado com seu entusiasmo contagiante, com a descrição realista das dificuldades que encontrariam e também com a maneira minuciosa com que havia desmembrado as diferentes partidas. Balmis tinha a ousadia e a capacidade de organização que faltavam a Flores. Definitivamente, aquele homem era a solução.

Balmis queria conseguir o cargo, mas não a qualquer preço. Aprendera bem a maneira tortuosa como as decisões eram tomadas nas altas esferas de poder e, mesmo que fosse nomeado diretor, temia que cerceassem a liberdade de ação necessária para organizar a expedição tal e qual ele havia planejado. Era um profissional da medicina, não um político. Seus receios não demoraram a se confirmar quando o doutor Requena, o médico que havia sido o primeiro a sugerir que Carlos IV que levasse a vacina à América, fez uma reunião com ele.

— A distribuição dos cargos deveria ser feita entre voluntários — disse Requena, assim que o recebeu.

— Voluntários? — intercedeu Balmis, desconcertado.

— Sim, profissionais que não esperem salário nem compensação econômica. Estamos falando de uma empreitada humanitária.

Balmis estava ciente da precariedade e das dificuldades do Tesouro, mas lhe pareceu descabido que sugerissem tal ideia.

— Com o devido respeito, doutor, devemos priorizar o profissionalismo à filantropia.

— Estou falando de profissionais voluntários... Consegue imaginar o prestígio que essa expedição pode ganhar entre as

nações europeias?

— Já será difícil encontrar profissionais que queiram se comprometer com essa expedição em troca das compensações oferecidas... Não se pode pedir que um voluntário carregue tamanha responsabilidade, tampouco seria bom para a expedição. Como exigir que cumpram suas tarefas, se não o recompensarmos?

A atitude de Requena lhe era familiar, muito própria dos médicos mais preparados e cultos, que se sentiam no direito de opinar sobre tudo, muitas vezes por mero desejo de protagonismo. Balmis concluiu que Requena sentia ciúmes por ser tolhido de uma empreitada cuja ideia inicial partira dele próprio e tentava se integrar de alguma maneira ao projeto propondo ideias que gerassem economia para seduzir aqueles no poder. Balmis, que não era um bajulador, respondeu irritado: — Doutor, entendo que a economia de gastos seja atraente, mas temos de concordar que é utopia.

Requena ficou boquiaberto.

Apesar da interferência de médicos daquele tipo, Carlos IV tinha sua opinião bem formada após ter escutado a de Godoy e ter lido o relatório favorável da Junta de Cirurgiões de Câmara. Em 29 de junho de 1803, publicou uma ordem dirigida a todas as autoridades civis e religiosas nos territórios espanhóis da América e da Ásia, nomeando Francisco Xavier Balmis y Berenguer diretor da Real Expedição Filantrópica da Vacina.

Para o posto de subdiretor, o rei designava o médico catalão Josep Salvany i Lleopart, de vinte e seis anos, natural de Barcelona, cirurgião do Real Sítio de Aranjuez e discípulo

do Colégio de Ciudad Condal, que substituiria o diretor em caso de ausência ou morte; como ajudantes, Manuel Grajales, recém-licenciado cirurgião médico, e o doutor Ramón Fernández de Ochoa; designava também dois praticantes e três enfermeiros, cuja função seria ajudar e cuidar do asseio das crianças e acompanhá-las em todos os momentos, tanto no barco quanto em terra.

Salvany era um jovem cirurgião com histórico acadêmico brilhante, um homem cheio de entusiasmo e valores, com fama de ser sério e bondoso. Estava imbuído da missão de salvar o mundo da varíola graças a um idealismo típico do Iluminismo e também por convicção científica. Seu aspecto refletia o contraste entre força intelectual e debilidade física. Enxuto e pálido, tinha um olhar luminoso e um sorriso sempre presente. Balmis o conhecia dos tempos que passara no Exército e, como tinha o dobro de sua idade, sabia que não lhe faria sombra. Não obstante, ficou surpreso por terem designado alguém de saúde delicada, sem experiência nos territórios ultramarinos nem de comando.

— Como convocam um homem doente como substituto? — perguntou Balmis ao colega Ruiz de Luzuriaga, a quem visitava assiduamente desde que ambos haviam se visto na mesma equipe, defendendo com unhas e dentes a invenção de Jenner e sua aplicação na Espanha.

— Ele tem o que podemos chamar de uma má saúde de ferro.

— É tísico, todo mundo sabe.

— E excelente médico, como todo mundo também sabe.

Destacou-se nos seis anos que passou no colégio de cirurgia.

Isso não pareceu impressionar Balmis.

— E não teime com as doenças, porque é a melhor aliada dos bons médicos. Se não tivesse sofrido com ataques recorrentes de reumatismo desde criança, você acha que Salvany teria estudado tanto e conquistado o que conquistou? Sendo tão jovem?

— Ele não se saiu muito bem no Exército...

— Balmis, ele teve malária! Além das infecções pulmonares com as quais já sofria. Ele se saiu bem... Queria ver você na mesma situação...

— E além de tudo é poeta! — disse Balmis, erguendo o olhar aos céus, como se considerasse não haver maior estupidez.

Ruiz de Luzuriaga riu.

— O que todos sabemos, amigo Balmis, é que esse jovem sempre se destacou pela precisão nos diagnósticos, pela exatidão de tratamentos e pela habilidade ao operar. Goste você ou não. Já imaginou estar em seu lugar, pobre Salvany, com um chefe como você bufando sem parar?

Balmis sorriu, mas sua preocupação era visível.

— Você acha mesmo que a expedição precisa de um poeta doente?

— Ele se candidatou à expedição porque acha que na América encontrará um clima mais benéfico para sua saúde. Cada um tem seus motivos.

— Isso revela muito desconhecimento a respeito da América.

Houve um silêncio. Ruiz de Luzuriaga se virou para ele e olhou em seus olhos: — Balmis, melhor ter Salvany de substituto que um ressabiado cheio de ambições, como Ramón Fernández de Ochoa. Sabemos que ele está tramando com Godoy e os ministros para roubar a vaga do catalão.

Era verdade. Ramón Fernández de Ochoa, sugerido pelo rei para integrar a expedição, estava furioso por não ter sido nomeado subdiretor. Protestou veementemente e arremeteu contra Salvany, aludindo a seu precário estado de saúde.

Desse modo, Balmis passou defender Salvany muito antes do esperado. Embora lhe parecesse abnegado e de caráter tranquilo, e apesar de sua tosse seca e constante deixá-lo nervoso, acabou reconhecendo que, no fim das contas, Salvany tinha as qualidades necessárias para manter o grupo coeso — algo crucial em uma expedição tão singular. Portanto, sem mais delongas, expulsou Fernández de Ochoa.

— Você não tem autoridade para prescindir de mim — desafiou Ochoa.

— Sou o responsável último e não quero gente como você, que gera desconfiança e desunião na equipe.

Fernández de Ochoa saiu batendo porta e foi ao Protomedicato para se queixar, sem se dar conta de que, assim, ajudava a estabelecer a autoridade definitiva de Balmis, que não se deixaria mandar.

Para consolidar seu poder, Balmis escreveu uma carta a dom José Caballero, ministro de Graça e Justiça, agradecendo

pela nomeação e explicando as razões que o haviam levado a prescindir de Ochoa. Também solicitava um salário para cada integrante da expedição, bem como o compromisso da Coroa de sustentar e educar as crianças órfãs até que tivessem idade suficiente e ocupação profissional. Como seus ajudantes lhe haviam sido impostos, pediu também que figurassem três profissionais de sua confiança que trabalhassem na área da saúde — um deles, seu sobrinho, Francisco Pastor y Balmis, que era muito instruído na vacinação, por ter praticado constantemente a seu lado.

Em resposta, o ministro informou-o de que o próprio monarca o apoiava sem ressalvas e que deixava em suas mãos a demissão de qualquer membro da expedição que não fosse de seu agrado. A Coroa se comprometia a cuidar da educação e da eventual adoção dos órfãos por famílias respeitáveis da Nova Espanha e aceitava a nomeação dos três enfermeiros que ele havia proposto, incluindo seu sobrinho.

Balmis respirou fundo: aquela resposta implicava o respaldo definitivo para seu poder. Seria concedido a ele quase tudo o que pedira. O alojamento, a comida e os salários foram designados de acordo com o reconhecimento social e profissional dos expedicionários — o diretor recebia o dobro do subdiretor, que recebia o dobro dos enfermeiros, e assim sucessivamente. A refeição da primeira mesa seria composta por um ensopado, dois ou três acompanhamentos e sobremesas, além de vinho e pão fresco; a da segunda mesa teria o mesmo que a da primeira, exceto por um acompanhamento e uma sobremesa a menos... A terceira seria composta por um bom cozido, e todas as crianças que

ficassem doentes receberiam porção dupla de carne.

Tudo muito burocratizado e atento às hierarquias. No entanto, os salários eram tão baixos que Balmis, conhecedor do alto custo de vida na América, voltou a se dirigir ao ministro Caballero: “É impossível para qualquer indivíduo manter-se com os salários designados, de modo que chegaria o dia em que reinaria entre os integrantes de uma expedição tão brilhante a escassez, a miséria e o descontentamento que acompanha essas circunstâncias”, escreveu. O pedido era tão lógico que Caballero ordenou que o Tesouro dobrasse as remunerações. Embora Balmis tivesse percebido que a luta para obter recursos seria uma constante na expedição, pois grande parte dos gastos era imprevisível, ele ganhara das autoridades a confiança de que precisava.

Estava exultante. O próprio rei o havia encarregado de chefiar uma empreitada filantrópica à altura da enormidade do império. Estava ciente de que apenas em raras ocasiões um homem deparava com o privilégio de poder melhorar a vida de seus semelhantes. Por acaso, havia propósito mais nobre? Além disso, Balmis conseguira ser o único comandante; tirara o rival Flores do caminho, e finalmente seria fechada a ferida que outrora lhe infligiram os colegas liderados por aquele médico que lhe tirava o sono, o doutor Bartolomé Piñera. Estava um passo mais perto de realizar seu sonho de infância.

Embora não fosse religioso, sentiu necessidade de entrar na Igreja de São Nicolau de Bari, perto de casa. Sentado no último banco, desfrutava do frescor, do perfume de incenso e do silêncio. Como havia subido degraus desde que ingressara aos dezessete anos no Hospital Militar de Alicante como

praticante interino! Cirurgião militar, bacharel em medicina, cirurgião de câmara... Sempre estudando, não apenas cirurgia, mas também química, botânica e medicina prática. Agora estava prestes a dar o passo mais difícil, aquele que poderia situá-lo em um plano superior ao dos reles mortais.

Quando saiu, respirou uma lufada de ar cálido; o vento da serra carregava cheiro de xara. A magnitude do que tinha pela frente lhe dava vertigens. Enfurnou-se em casa para concluir os preparativos com a antecedência exigida pela urgência da epidemia e pela insistência do rei. Não descuidou de nenhum detalhe.

— Salvany, quero que os assistentes tenham uniformes como os utilizados pelos médicos dos hospitais militares.

— E os demais?

— O mesmo dos porteiros do Jardim Botânico.

Salvany direcionou a ele um olhar de assombro, que não passou despercebido.

— É importante para a disciplina, pois o uniforme é um lembrete da posição de cada um na hierarquia, bem como de suas funções.

— Acho perfeito, doutor Balmis. E o que fazemos com o caixote de remédios? — perguntou Salvany. A frase saiu entrecortada por uma tosse seca e recorrente.

— Mandei fazer termômetros e barômetros para anotarmos as mudanças meteorológicas capazes de afetar a qualidade do pus da vacina.

Prepararam cuidadosamente todos os instrumentos. Embora o fluido bovino fosse transportado pelas crianças, também havia dois mil frascos para testar eventuais alterações devido à diferença de temperatura e uma máquina pneumática para criar vácuo e selar os recipientes. Balmis encomendou meio milhar de exemplares da obra de Moreau de la Sarthe que ele mesmo havia traduzido para que servissem de manual para a difusão da vacina nos lugares por onde passaria a expedição. Prevendo que manteria uma copiosa correspondência, solicitou preços especiais para o envio de cartas e pacotes. O ministro Caballero, por sua vez, escreveu ao juiz de Arribadas de La Coruña a fim de encarregá-lo do aluguel de um navio mercante de aproximadamente duzentas e cinquenta toneladas sob as mais vantajosas condições para a Fazenda Real.

No entanto, o fundamental eram as crianças, de quem dependia o sucesso da empreitada. Balmis se dirigiu ao número 117 da rua de Atocha, onde ficava o Colégio de Desamparados de Madrid, orfanato mais antigo da Espanha, construído em 1610. Era um austero edifício de dois andares que também acolhia mulheres incuráveis, parturientes sem meios econômicos e pessoas que não tivessem onde passar a noite. Pensando que Balmis poderia ser um doador em potencial, o cura diretor recebeu-o de braços abertos, queixando-se muito dos cortes orçamentários que a instituição vinha enfrentando.

— Aqui moram cento e oitenta crianças abandonadas, a maioria com mais de sete anos de idade, bem como órfãos de pai e mãe com idades entre seis e treze anos.

Balmis viu que dormiam três crianças em cada cama.

— Mal temos material para a oficina de carpintaria, faltam-nos tecidos para a de alfaiataria e pregos para a de sapataria. A única bem abastecida é a de chapéus, pois dispomos de uma clientela fixa. Veja, vou apresentá-lo ao professor dos enterros.

Balmis cumprimentou um indivíduo vestido de preto, desengonçado e de aspecto boêmio, com cabelo comprido e bigode fino.

— Moro aqui em caráter permanente — disse. — Meu trabalho consiste em ensinar as crianças a ganhar a vida. Elas fazem isso cantando em enterros em troca de esmolas. Ensino-as a cantar e a tocar órgão e acompanho-as em enterros e funerais.

— Buscamos educá-las, dar a elas um ofício para que ganhem a vida — explicou o cura diretor. — As garotas aprendem as tarefas da casa e são preparadas para que um dia possam trabalhar como criadas.

— Na verdade, não vim adotar nenhuma criança. Nem poderia ser doador, mesmo que quisesse...

O cura diretor não conseguiu esconder a decepção. Balmis passou a explicar o motivo de sua visita — escolher seis crianças livres da varíola e vaciná-las para que pudesse transportar o soro até La Coruña. Os dois primeiros vacinados retornariam da Galícia imediatamente, e os quatro restantes seguiriam viagem até a primeira escala, em Santa Cruz de Tenerife, de onde seriam enviados de volta, após terem sido vacinados, na primeira viagem do correio.

Era um pedido tão atípico que o cura diretor não soube o que pensar. Aquele médico aparecera em nome do rei, de modo que não se podia impor obstáculo algum. Na realidade, o cura não estava preocupado com os perigos de tal viagem, mas tinha uma obsessão pela continuidade da educação religiosa daquelas crianças.

— Logo que acordam, às quatro horas da manhã no verão e às cinco e meia no inverno, fazem suas orações. Comungam duas vezes por mês. Antes de todas as refeições, rezam três pai-nossos e a ação de graças. Depois da janta, às nove da noite, há um toque de recolher e eles vão para a cama rezando o pai-nosso.

— Faremos de tudo o que estiver ao alcance para que prossigam com a fé — disse Balmis.

— Essas crianças são arredias, a maioria foi abandonada e guarda rancor, daí ser tão importante que fiquem próximas de Deus.

— Entendo bem, padre.

Balmis estava interessado em falar com o barbeiro, sangrador e cirurgião que também residia ali em caráter permanente. Somente ele poderia ajudá-lo a escolher crianças saudáveis, fortes e que não houvessem sido naturalmente acometidas pela varíola.

— O senhor chegou no melhor momento. É hora do almoço, estão todos juntos.

Atravessaram o pátio em que havia um tanque utilizado uma vez por mês no inverno e a cada quinze dias no verão. Um cheiro forte de repolho saía do refeitório. Naquele dia,

havia um cozido de repolho, couve e toucinho. O cirurgião e sangrador apontava as crianças de bochechas avermelhadas e aspecto gárrulo, aquelas que julgava as mais saudáveis. Todas tinham o cabelo raspado para evitar piolhos e olhavam intimidadas para os médicos. Muitas eram raquíticas para a respectiva idade. O cirurgião explicou que isso se devia à desmama prematura ou à falta de ama.

— Todos os rapazotes que o doutor está vendo foram alimentados artificialmente com leite de cabra e sopas de vinho.

— E esse?

Apontou para um garoto de uns oito anos que estava sentado no chão, mordiscando um pedaço de pão. Tinha os olhos de um azul intenso, cabelos loiros e um ar angelical.

— Cândido de la Caridad, garoto saudável, livre da varíola. Ganhou apenas pão e água e está sentado no chão diante de todos por ter fugido após cantar em um enterro.

Cândido olhou para Balmis com olhos que expressavam desconcerto e angústia. O médico se agachou para falar com ele: — Quer conhecer La Coruña com outros garotos daqui? — sussurrou.

— O que é La Coruña?

Balmis sorriu.

— Uma cidade à beira-mar. Já viu o mar?

O garoto fez que não com a cabeça.

— Pois então, falarei com o diretor para tirá-lo do castigo.

Balmis escolheu seis garotos: Cândido, Juan Francisco, Antonio, Andrés, Gerónimo e o mais novo, Jacinto, que tinha seis anos.

— Escolhi vocês para salvarem o mundo. Serão pequenos heróis cuja contribuição para a humanidade ficará registrada nos livros de história. Quero que saibam que, em troca dessa contribuição, a Coroa se comprometeu a cuidar de sua formação.

Os garotos não entendiam nada. Não sabiam o que era receber elogios. Mas, apesar da pouca idade, já intuía que algo precisariam dar em troca de uma sorte “tão formidável”.

No dia anterior à partida de Madri, inteiraram-se do que lhes era exigido. Os três enfermeiros — Basilio Bolaños, Francisco Pastor e Pedro Ortega —, a quem deveriam obedecer o tempo todo, levaram Jacinto e Andrés ao gabinete do doutor Balmis para que fossem vacinados. Balmis queria garantir um pus de ótima qualidade e, para isso, utilizou aquele obtido de outras crianças que ele mesmo havia vacinado e cujos resultados pudera comprovar. O que ninguém esperava era a reação daqueles órfãos que, ao vê-lo se aproximando com a seringa, começaram a gritar e tentaram fugir.

— Isso não dói... — dizia o médico.

Por mais que explicasse a eles que a vacina os livraria de uma doença terrível, não houve maneira de convencê-los — nem sequer oferecendo doces. As crianças olhavam ao redor com receio, como se fossem animaizinhos prestes a ser degolados. No fim, o enfermeiro Basilio Bolaños, gigante com mãos de açougueiro, agarrou Jacinto a força enquanto

Francisco, o outro enfermeiro, pegava o pequeno Andrés. Balmis fez neles a incisão com a agulha e introduziu-lhes o pus. Tudo em meio a gritos.

No dia seguinte, 10 de setembro, os integrantes da expedição saíram de Madri em diversos carros puxados a cavalo. Os três enfermeiros escoltavam os garotos recém-vacinados para evitar que se coçassem e os proibiram de se aproximar dos outros durante as paradas para não contaminá-los. Mas, ao menor descuido, eles desobedeciam. Corriam para lutar (brincadeira favorita) diante do olhar espavorido dos adultos, enquanto os enfermeiros iam atrás para separá-los. Só passaram a se comportar quando a vacina surtiu efeito — o cansaço e um pouco de febre os amansaram. O que parecia um anjinho, Cândido, revelou-se o mais levado. Quando haviam tentado vaciná-lo, recusara-se veementemente. Chorou, suplicou, gritou, insultou, deu socos e chutes e, para escapular, havia mordido a mãozona de Basilio com tanta força que chegou a sangrar. Saiu correndo e fugiu da pousada. De forma que, em seu lugar, acabaram vacinando o pequeno Andrés. Na manhã seguinte, quando estavam saindo para denunciar a fuga de Cândido ao aguazil, o garoto reapareceu com ares de arrependimento.

— Você foi o primeiro que escolhi. É assim que me agradece? — disse Balmis.

— Tenho medo.

— Já disse que não dói... Olha o Andrés, nem chorou.

O garoto olhou para Andrés e deu os ombros, como se não fosse com ele. Havia se safado, e só isso lhe importava.

“Ingovernáveis, receosos, medrosos e impacientes.” Balmis se lembrou da advertência do cura que dirigia o orfanato. Eram garotos maltratados pela vida, abandonados à própria sorte e sem confiança nas pessoas ao redor.

Quando posta em prática, a ideia de utilizar crianças para transportar a vacina era muito mais complicada do que Balmis pensara de início. Cada um tinha sua personalidade, seu caráter, seu gênio e seu passado de abandono. Conviver com eles não parecia simples. Balmis, Salvany e os demais adultos se perguntavam como aguentariam uma travessia de várias semanas no espaço reduzido de um barco, se uma viagem pela estrada já era infernal. Como manter a disciplina? Como matar as horas entediadas? Como curá-los quando ficassem doentes? Como suportariam as mudanças de temperatura? Balmis estava obcecado por essa parte da organização, que lhe escapava; tudo o que tinha a ver com o universo infantil lhe era estranho. Nunca havia lidado com elas. No entanto, precisava delas; sem os garotos, não era possível levar o material para as vacinas até o outro lado do mundo. Sem os seres mais fracos da sociedade, não era possível levar a cabo a façanha médica e humanitária mais ambiciosa da história.

La Coruña, 21 de setembro de 1803. Havia vários dias que na cidade não se falava em outra coisa além da chegada dos expedicionários. As mães aguardavam ansiosas, porque as autoridades anunciaram que o doutor Balmis vacinaria as crianças gratuitamente. Os funcionários do Hospital Benéfico, o primeiro grande hospital de La Coruña, apressavam-se para preparar as dependências destinadas aos peregrinos a fim de abrigar aqueles convidados tão extraordinários. Ainda que de início Balmis tivesse solicitado alojamento no convento dos agostinianos, o intendente do Exército achou que eles ficariam mais bem acomodados naquele estabelecimento reluzente, sobretudo porque nas instalações anexas ficava o orfanato da cidade, repleto de crianças empolgadíssimas com a chegada dos órfãos de Madri.

No orfanato, a gritaria das crianças que, amontoadas na janela do primeiro andar, espreitavam a chegada da comitiva despertou a atenção de Isabel; ela pediu silêncio em seu costumeiro tom sereno e firme. Reconhecia no olhar dos menores o nervosismo e a apreensão de quando chegavam visitas; eles fantasiavam com a ideia de que um casal sem filhos os escolheria para adoção, embora o mais comum fosse que um homem sozinho aparecesse em busca de um garoto para ajudá-lo no trabalho. “Tem homens de uniforme!”,

gritou um menino. Mais adiante, na rua, a diretora viu as autoridades militares, civis e religiosas, bem como os quatro médicos e o capelão do hospital, escoltando o grupo de expedicionários que entrava no edifício principal.

Na porta, o doutor Posse deu afetuosas boas-vindas a Balmis e seu séquito e acompanhou-os imediatamente até uma pequena sala.

— Graças a Deus os senhores chegaram! Foi aqui que iniciei a difusão do método de Jenner — disse Posse. — Tive de cessar as atividades porque não consigo fluido bovino, tampouco consigo conservá-lo puro.

— Trago comigo todo o necessário — assegurou Balmis.

Balmis propôs dar início à vacinação no dia seguinte, mas na colegiada, não no hospital, já que o abade insistira em oferecer seus aposentos para conferir importância e repercussão à ação de vacinação pública.

Mais tarde, Posse conduziu o grupo até a hospedagem de peregrinos, cujos quartos exíguos e sombrios não agradaram ao alicantino, que se desculpou com o médico e pediu que procurassem hospedagem em casas particulares para ele e seus acompanhantes. Mais cedo, havia deixado as crianças no orfanato. Atravessaram um pátio em que havia uma horta; lá, de costas para o muro, crianças pequenas em fila estavam sentadas em pinicos. Naquela mesma manhã, haviam sido desparasitadas com um cozido de nogueira-preta e, para evitar o mau cheiro no interior, foram para o lado de fora. Em um canto do pátio, uma empregada colocava em um caldeirão a roupa suja dos garotos com ajuda de uma forquilha. Ao redor

do fogo que aquecia o caldeirão havia outras crianças com ranho escorrendo e os olhos arregalados.

— A diretora — disse de repente uma voz.

Então apareceu pelo canto da porta uma mulher jovem, de corpo esbelto e passos decididos, que secava as mãos em um pano. Fez uma breve reverência a Balmis e cumprimentou os demais acompanhantes com um gesto quase imperceptível.

— Isabel Zendal. À disposição.

Balmis olhou para ela com sua altivez costumeira, como teria feito com qualquer subordinado. Salvany, por sua vez, o fez demoradamente. Alguma coisa lhe despertou a atenção naquela mulher de olhos grandes e muito escuros, com olhar profundo e cercada de crianças. Observou a testa à mostra, o pano preto que cobria o cabelo, uma pequena contração na altura dos olhos que parecia transparecer certa angústia. Então viu as mãos, rugosas. Ao notar que estava sendo observada, ela abaixou o olhar e fez sinal para que entrassem.

O orfanato estava tão abarrotado de gente que Isabel pediu desculpas, como se fosse culpa dela.

— Temos capacidade para trinta, mas abrigamos quase o dobro disso...

A miséria crescente do campo resultava em ondas de crianças abandonadas nos orfanatos, onde ninguém era recusado, pois assim determinava o regulamento. Não eram apenas órfãos ou filhos de mães indigentes; cada vez mais, chegavam filhos legítimos de pais pobres. Havia dois dias que Isabel negociava na cidade para conseguir alguns catres, grão-de-bico, um pouco de açúcar e amêndoas para preparar uma

chufa para os recém-chegados. O orçamento não era suficiente para todo o alimento, as roupas e os medicamentos de que necessitava, mas ela não era de se queixar e não comentou nada com os visitantes.

— Não se preocupe, senhora — disse Balmis —, pois, dessas crianças que trago, apenas quatro continuarão a viagem no barco. O restante, as que já foram vacinadas, voltará a Madri.

Isabel estava surpresa com o estado deplorável daqueles garotos da capital. Sebosos e desgrehados, vestiam uniformes esfarrapados e pareciam cansados. Coçavam-se por causa da irritação causada pela vacina, apesar das reprimendas constantes dos enfermeiros. Brigavam muito. Andrés estava pálido e com olheiras imensas, mal conseguia ficar de pé.

— Ontem ele teve febre alta — disse um enfermeiro.

— Venha, vamos deitar...

Ela deixou os visitantes à espera enquanto cuidava do menino. Contrastando com o comportamento selvagem dos madrilenos, as crianças do orfanato corunhense apresentavam maneiras bem distintas. Apesar de o lugar estar abarrotado, não havia gritos nem comportamentos abjetos; todos tinham aspecto saudável e demonstravam um carinho reverencial pela diretora. Quando ela regressou, Balmis disse: — Logo, logo sobrá espaço...

— O doutor está dizendo que vai fazer uma doação para ampliar as instalações? — perguntou, em tom dissimulado.

— Não há caridade suficiente para tantos órfãos... —

respondeu o médico. — O que farei é levar algumas das crianças sob amparo do orfanato para a travessia... Quero que a senhora me ajude a selecioná-las.

Isabel mudou de expressão enquanto Balmis tirava de sua pasta uma pilha de papéis.

— Veja, senhora, este é o regulamento da expedição, assinado por sua Majestade, o rei.

Isabel folheou rapidamente.

— Como? O senhor vai levar os órfãos para... para a América?

— Com o aval de vossa Majestade, para livrar o mundo da varíola.

— Mas, mas para tão nobre propósito, o senhor precisa vir a um orfanato em busca de crianças órfãs?

— Não há outra opção.

Balmis e Salvany, ao perceberem que estavam diante de um obstáculo imprevisto, puseram-se a explicar os pormenores da expedição, a necessidade de transportar o soro em crianças que não houvessem entrado em contato com a doença e que não tivessem família...

— Os pais jamais deixariam seus filhos serem levados para tão longe e, caso aceitassem, fariam por dinheiro, o que vai contra o espírito da expedição... Por isso estamos aqui, no orfanato — disse Balmis.

Reiteraram que não haveria risco nenhum para as crianças, que, pelo contrário, ficariam imunizadas para toda a vida. Falaram da transcendência da expedição, do respaldo do rei,

da presteza, das dificuldades... até que ela os interrompeu. Seu instinto se rebelava contra a ideia de deixar “suas” crianças partirem.

— E então quem cuidará deles?

— Ficarão a cargo da Corte até que tenham destino ou ocupação para garantir sua sobrevivência. Esperamos que a maioria seja encaminhada a casas de famílias abastadas; caso isso não aconteça, serão devolvidos às cidades... É o compromisso que obtivemos com a Coroa.

— E nós cuidaremos para que isso seja cumprido — acrescentou Salvany, entre dois ataques de tosse.

— É uma oportunidade para eles, senhora, pense bem... — insistiu Balmis. — Participarão de uma grande aventura filantrópica, a Coroa lhes será para sempre grata. Pois, caso contrário, a senhora me diga, que futuro os espera na Galícia após saírem daqui? As ruas estão cheias de jovens mendigos...

Isabel estava confusa.

— Não têm nada a perder — acrescentou Salvany.

— Essas crianças nunca passaram da Torre de Hércules — disse ela. — Como os senhores podem ter certeza de que sobreviverão a uma viagem tão longa? E os temporais? E se o barco afundar?

— A cada dois meses, os barcos-correio vão e vêm daqui até Buenos Aires e até o México e não afundam... Escolheremos uma embarcação segura, sempre com a supervisão da Casa Real. As crianças serão acompanhadas durante todo o tempo por quatro médicos e três enfermeiros,

algo que jamais ocorre em terra... Além disso, se alguma delas morrer, a morte servirá para evitar milhares de outras causadas pela varíola. Acredite em mim — prosseguiu Balmis —, participar dessa expedição é um privilégio; para eles, para nós, médicos, para toda a humanidade.

Ela parecia desamparada. Compreendia o que aqueles profissionais empolados estavam dizendo, mas não digerira a situação. Uma criança de mais ou menos oito anos se aproximou e agarrou sua saia.

— Ma... mãe, tô com fome...

— Você precisa esperar a hora da janta, assim como os outros.

O garoto foi embora e, resmungando, juntou-se aos demais.

— Nem pensem nesse daqui — pontuou Isabel. — É meu filho.

Ah, se a dona Teresa Herrera estivesse viva! Jamais permitiria que levassem suas crianças do orfanato. A mulher cujos donativos haviam tornado possível a construção do hospital era analfabeta, mas tinha muito dinheiro e vivência, fora muito respeitada e sempre conseguira impor seus valores. Por outro lado... quem era Isabel Zendal? Quem era ela para se opor àqueles médicos que falavam em nome do rei? Era apenas uma empregada mal paga, uma mulher desencaminhada que tivera a sorte de acabar como diretora de um orfanato. Sua opinião não tinha peso. Não só não podia impedi-los de levar tal ideia a cabo, como ainda por cima se sentia obrigada a colaborar, a ser cúmplice de algo que a

repugnava. Como decidir qual criança deveria ficar e qual deveria partir?

Chegou o mês de outubro, e a expedição não estava pronta. Adiou-se a data de partida indefinidamente, espalhando desânimo entre alguns dos participantes e ceticismo entre empregados da Coroa, que não conseguiam engolir uma viagem tão complicada e pouco usual. Balmis e Salvany pugnavam para solucionar um problema imprevisto: a falta de embarcação. Inexplicavelmente, os trâmites do juiz de Arribada haviam fracassado, eles mesmos tiveram que procurar um navio disponível. Seguindo o critério de priorizar velocidade à comodidade, Balmis optou pela fragata San José; mas como, apesar das promessas do armador, ela não ficou pronta no dia acertado, ficaram com a segunda opção, uma corveta menor, de duzentas toneladas e apenas uma cobertura, chamada *María Pita*, em homenagem à heroína que defendeu La Coruña em 1589 contra os corsários ingleses de Francis Drake. Incorporava as últimas inovações, como o artefato formado por uma peça de ferro de um metro de longitude com forma de cone truncado, que servia como para-raios, e embarcações menores situadas no convés para facilitar o uso. Negociou um desconto de quatrocentos pesos fortes, o que foi determinante para que o rei autorizasse a transação. O Tesouro transferiu os fundos em 21 de outubro de 1803 — uma agilidade insólita para a proverbial lentidão da

Administração. Apesar disso, Balmis tinha a sensação de que nada ocorria com suficiente celeridade. Estavam um mês atrasados, e ainda era preciso equipar o barco. Ele queria retirar os canhões para ganhar espaço e comodidade. Então, seria preciso abastecê-lo e contratar a tripulação, uma vintena de homens, entre os quais seria preciso encontrar um capitão, um primeiro piloto, um carpinteiro, um cozinheiro e os marinheiros.

Ainda era necessário resolver o problema das crianças. Depois da primeira visita, Balmis fora ao orfanato diversas vezes, mas Isabel arrumava qualquer desculpa para evitá-lo — afirmava estar ocupada ou se encontrava milagrosamente ausente no instante em que ele chegava. Assim, ele entrou em contato com a Congregação das Dores e, certa tarde, foi até lá com o doutor Posse.

— Quero que você atenda ao doutor Balmis como se fosse eu... — disse Posse à diretora.

— Sim, doutor.

Intimidada, Isabel entendeu que não tinha remédio senão obedecer. O doutor Posse não só era uma autoridade, como também era muito próximo de dom Jerónimo. Ela pegou em uma estante os livros de registro e colocou-os sobre uma mesa.

— A condição mais importante é que nunca tenham sido contagiados com a varíola natural — disse Balmis.

— Não há muitos assim.

Isabel abriu um dos livros e começou a apresentar números.

— 147, Francisco Antonio, entregue por María Fernández, esposa de Antonio Fernández, lavrador... livre de varíolas. — Continuou a ler: — 291, Manuel María, entregue em 15 de outubro de 1796... livre de varíolas. Pascual Aniceto, criado na aldeia de San Pedro de Nós pela ama de leite Manuela Pérez... livre da varíola.

Aquelas páginas revelavam a história do abandono infantil. Depois de um sucinto comentário sobre o estado físico de cada um, descrevia-se o temperamento: “Jorge José não, porque é genioso e alvoroça os demais”; “Juan Francisco, sim, tem boa disposição...”.

— De quantos você precisará? — perguntou o doutor Posse.

— Preciso vacinar de dois em dois, assim temos garantia, caso não dê certo em algum... Para uma travessia de quatro semanas, como calculei, precisarei de vinte e duas crianças.

— Vinte e duas?

Isabel achou muito. Balmis voltou a explicar detalhadamente o procedimento. Em Madri, havia transplantado uma primeira dose de linfa a dois dos órfãos, e quando um grânulo denunciou que o contágio chegaram ao ápice de eclosão, o médico extraíra o fluido e o inoculara em outro portador. Assim fariam até a América.

Balmis ia fazendo anotações, e então, com a ajuda do doutor Posse, examinou os que estavam no orfanato. Apalpam nódulos, fizeram-nos mostrar os dentes, colocaram o ouvido no peito para auscultar a respiração, observaram o branco dos olhos. As demais crianças

precisariam ser trazidas das aldeias, onde viviam nas casas de antigas amas de leite ou com alguma outra família que as criava por dinheiro. Tudo exigia tempo.

Ao término daquela reunião, Balmis se deu conta de um dilema: seria difícil conseguir vinte e dois garotos com idade entre sete e dez anos. Essa faixa etária representava tanto um problema de conduta — já constatado na viagem desde Madri — quanto o risco de que tivessem sido expostas ao vírus da varíola. Como estar cem por cento certo de que não haviam sido contagiadas? Esse era o problema que se apresentava. Em alguns casos, a varíola não deixava marcas.

Naquela mesma noite, Balmis comentou com Salvany: — Se a questão é minimizar o risco de exposição prévia, a solução é levar crianças ainda mais novas — disse Balmis.

— Mais novas? De três ou quatro anos?

— Isso...

Salvany ergueu o olhar aos céus.

— Mas o senhor consegue imaginar os problemas que isso nos traria? Consultou os enfermeiros?

— O crucial é reduzir os riscos para que o circuito não falhe.

— Mas à custa de gerar um risco maior... Nessa idade, as crianças são muito mais frágeis.

— Por isso mesmo — disse Balmis, em seu tom altaneiro.
— São frágeis porque ainda não tiveram contato com a doença. Precisamos dessas. Além disso, são mais dóceis.

Salvany ponderou que a ânsia perfeccionista de Balmis o

estava levando a cometer um disparate. Estaria Balmis disposto a investir a vida dos mais inocentes para assegurar o funcionamento do processo? Onde estava o limite entre o que era lícito fazer com aquelas crianças totalmente indefesas? Salvany guardou para si tais perguntas, pois sabia que o chefe não gostava de divergências.

Mas os comentários de seu subalterno tiveram algum efeito. Balmis não podia ignorar o problema logístico que seria carregar a bordo crianças tão novas. Sem saber como lidar com o problema, pressionado pela própria estrutura que havia mobilizado, com pressa, mas, incapaz de avançar, desanimou. Em seu íntimo, chegou a duvidar da viabilidade de transportar tantas crianças, ainda que jamais tivesse admitido isso. Ele, que sempre defendera com todas as forças a ideia, via-se agora no inferno da dúvida. Pensou no orfanato, na pulcritude do lugar, no rigor das anotações dos livros, e sentiu uma pontada de compaixão pelos órfãos que havia examinado — bochechas rosadas, corpos delgados e ossudos, olhares assustados. Então, pensou em Isabel Zendal.

No dia seguinte, Balmis foi ver o doutor Posse em sua casa. Encontrou-o saindo, a caminho do hospital. O médico galego estranhou sua repentina curiosidade pelas origens de Isabel, por sua trajetória, como havia se tornado diretora, seus vínculos com a cidade, sua família... Posse começou a contar, mas logo franziu o cenho.

— Por que tanto xereteio?

— Precisamos dela.

— Vai nos deixar sem diretora? — perguntou, irônico.

— O senhor precisa me ajudar a convencê-la, seja como for.

Posse entendeu perfeitamente a importância daquilo que Balmis planejava. Além de ser médico, assim como ele, havia introduzido a vacina na Galícia. Conhecia as crianças e a intensidade do vínculo que as unia à diretora. Como homem iluminista e militante da vacina, era um firme apoiador da expedição, de modo que seguiu até a rua Real, à residência de dom Jerónimo Hijosa, o único que poderia ajudá-lo. Naquela sala sempre em penumbra, onde Isabel deixara os objetos brilhando milhares de vezes, foram convidados a sentar-se. Depois das explicações preliminares, Balmis foi direto ao cerne da questão.

— Dom Jerónimo, seria muito pedir ao senhor que interviesse junto à diretora para propor que se junte à expedição?

Dom Jerónimo fez uma careta de desagrado. Balmis era muito direto, excessivamente direto para os costumes da Galícia. Após um silêncio, respondeu: — A ausência de Isabel implica um sério inconveniente aos patronos da congregação.

Ele manteve um longo silêncio, como se quisesse calar suas palavras. Balmis quis intervir, mas dom Jerónimo não era alguém que se deixasse interromper. Fez um gesto para que se calasse e continuou: — Mas, levando em conta a envergadura do projeto, sua transcendência filantrópica e o patrocínio de vossa Majestade, acho que posso convencer os integrantes das vantagens de sacrificar Isabel por um bem maior.

Deixou que se instalasse outro silêncio. Então, prosseguiu: — Agora, veja bem... O que não posso, doutor Balmis, nem vou fazer, é obrigá-la a acatar uma decisão que talvez ela não queira tomar.

— Só peço que o senhor utilize sua influência para...

— Se vier me perguntar, darei a ela um bom conselho; juntar-se à expedição será de qualquer forma um destino mais glorioso que continuar como diretora do orfanato. Mas não me peça para intervir diretamente, Balmis. O doutor terá de convencê-la.



No orfanato, alheia ao que tramavam, Isabel sentiu-se invadida por uma onda de calor quando viu pela janela do primeiro andar Balmis chegando outra vez. Aquele homem

insistente a fazia perder muito tempo. A contragosto, já havia atendido às demandas dele. O que mais ele queria?

— Quero a senhora — respondeu o médico.

A mulher estremeceu. Então, sem rodeios, Balmis convidou Isabel a se juntar à nobre tarefa de salvar o mundo. Além de um futuro promissor, designaria a ela um bom salário. Isabel ficou fria, pela surpresa e porque as palavras convictas não a impressionavam. Já tinha bastante trabalho para salvar a si mesma. Estava tão perplexa que só lhe ocorreu dizer: — Nunca... nunca subi em um barco. — Então reagiu: — Não, não posso largar tudo.

Balmis ficou calado. Isabel se aproximou da janela e olhou o corre-corre no pátio.

— O doutor está levando vinte e dois, mas muitos outros ficarão aqui — disse.

— A congregação pode contratar outra mulher para o cargo. Na expedição, a senhora é insubstituível; essas crianças a conhecem e a respeitam.

— O doutor não disse que dispunha de médicos e enfermeiros?

— Sim, mas não é a mesma coisa que ter a senhora no barco. A senhora sabe disso tão bem quanto eu.

Isabel estava contrariada: não queria partir, tampouco desejava que as crianças partissem. Balmis, mais hábil do que sua indelicadeza permitia ver e munido das informações que Posse e dom Jerónimo lhe haviam repassado, tocou no ponto certo.

— Nem preciso dizer que a senhora levaria Benito junto, embora ele esteja vacinado e não sirva para transportar o fluido. Não sei se a senhora sabe, mas na América o número de filhos sem pai é tão alto que não há diferença de trato ou consideração. É um mundo novo, onde a vida será muito mais fácil para seu filho, para vocês dois.

Aquelas palavras a lembraram do outro Benito, o pai. “Quando querem algo, todos os homens são iguais”, pensou. No fulgor de um instante, perguntou-se onde estaria aquele que a havia enganado. Então, repreendeu-se e disse: — Meu filho será bastardo, tanto aqui como lá.

— A senhora está equivocada — replicou Balmis.

— Por que as coisas seriam mais fáceis na América?

— Escute-me bem — disse o médico, olhando-a fixamente nos olhos para exigir toda a sua atenção, agora que podia tirar as cartas da manga. — Proponho que, em troca de nos acompanhar na expedição, com a glória, as prebendas, as obrigações e os riscos que isso supõe, eu a liberte na América de todos os preconceitos que a senhora carrega aqui.

Isabel não entendia muito bem aonde Balmis queria chegar.

— Tenho a intenção de solicitar uma cédula de indulto para a senhora e seu filho.

Ao escutar aquelas palavras, Isabel se sobressaltou. Incrédula, perguntou: — Uma cédula de indulto... para mim?

— Sim, para a senhora. É possível, graças às relações privilegiadas que mantenho com a Coroa — prosseguiu

Balmis. — Desse modo, a mancha de ilegitimidade será eliminada para sempre; nos novos documentos que lhe entregarei, a senhora aparecerá como mãe adotiva de seu filho. Assim que sair pelo estuário do porto, deixará de carregar o estigma de mãe solteira, e o garoto deixará de ser natural... Sabe o que isso significa, não é?

Sabia bem. Até pouco tempo antes, não era permitido aos filhos de mãe solteira aprender gramática nem estudar — só lhes cabiam os trabalhos artesanais. A lei acabara de mudar, mas os preconceitos continuavam enraizados. Isabel permaneceu um longo tempo em silêncio. O que Balmis lhe propunha era redimi-la por completo, recuperar sua identidade e, sobretudo, devolver a dignidade a seu filho. Uma nova vida, um futuro para o garoto. Sobre tudo, ela aspiraria progredir, servindo a dom Jerónimo e tendo a confiança de que o rei a recompensaria. Balmis acrescentou: — Em troca, peço à senhora o compromisso de acompanhar a expedição até o final, nas Filipinas. Então, poderá escolher entre retornar à Espanha com as crianças ou permanecer onde lhe aprouver.

Balbuciente devido à enormidade da proposta, Isabel respondeu: — Tenho... tenho de consultar dom Jerónimo.

Então Balmis soube que havia vencido aquela batalha.

Em 30 de novembro de 1803, a corveta *María Pita* zarpava de La Coruña. Embora partisse com dois meses de atraso, a rapidez dos oficiais reais na hora de solucionar os problemas financeiros e organizacionais havia sido totalmente atípica, e a única explicação era o envolvimento direto do rei. Naquele mesmo dia, na América, os franceses tomavam posse de Nova Orleans e começavam a dismantelar as instituições espanholas. A expedição era uma pequena luz no escuro declínio do império.

Os aguerridos marinheiros que formavam a tripulação do *María Pita* jamais haviam visto carregamento tão díspar. Havia dias que algumas chalupas levavam até a corveta ancorada na baía sacos de lona, frascos de unguento, faixas, pacotes com livros, caixas com vidros, varas de tela... Dois marinheiros se encarregavam de estiver tudo seguindo as indicações de Salvany. Outros dois, enquanto atendiam às ordens do capitão dependurados na estreita mastreação, comentavam que os índios seriam curados com o sangue daquelas crianças. Na praia, os órfãos viviam seu momento de glória. Havia saído uma hora antes do orfanato e marchado em fila ao som de acordes da banda municipal — os mais novos de mãos dadas com os mais velhos, todos com reluzentes uniformes do Jardim Botânico de Madri, mas incomodados com os sapatos

novos. No fim, os critérios de Balmis haviam prevalecido, e havia oito garotos de três anos de idade, ainda aprendendo a andar. Mais importante de tudo, havia conseguido a cédula de indulto e a permissão do rei para contratar Isabel, sem a qual teria sido impossível reunir o número necessário de participantes. Juntos, haviam ido até o sanatório de Santiago para recrutar os que faltavam, inclusive precisaram convencer pessoalmente a mãe de Francisco Antonio, de oito anos, para que ela deixasse o filho partir a serviço de vossa Majestade em troca de um futuro para o garoto.

Os últimos dias haviam sido frenéticos. Cada órfão precisava de um chapéu, seis camisas, três calças de linho, uma de lã, um casaco, três lenços para o pescoço, três para o nariz, um pente... Além disso tudo, a torneira queria que Isabel levasse para si um enxoval.

— Tenho certeza de que você encontrará um marido na América.

— Que homem vai querer uma mulher com vinte e duas crianças para cuidar?

— Você não conhece os homens — respondeu a mulher.

Ao transtorno dos preparativos, somou-se a aparição de familiares de órfãos que nunca haviam dado as caras por ali, todos exigindo algum dinheiro, porque “suas” crianças haviam sido escolhidas pelo rei. Era tão difícil se desfazer de todos os que apareciam para tirar proveito do abandono que a própria torneira se dedicou a recebê-los e lembrá-los de que, ao “deixar” os filhos na roda, haviam perdido o pátrio poder e, por isso, não tinham direito a exigir nada. Mas insistiam de

maneira irracional; enviavam tios, irmãos, até mesmo as amas de leite.

Antes da partida, houve certo drama no orfanato. Quando souberam que não fariam parte da viagem e precisariam retornar ao abrigo, Jacinto e Andrés, os dois garotos vacinados ao sair de Madri, começaram a chorar, implorando que não os deixassem para trás. Eles queriam embarcar, seguir na aventura com os colegas; não queriam voltar ao frio, ao cozido de repolho e toucinho, a cantar nos enterros nem a rezar no refeitório. Isabel fez todo o possível para consolá-los, mas era difícil. Aqueles garotos, que tinham pavor do abandono porque já haviam sido deixados em um orfanato, choravam e esperneavam sem nem ouvir o que ela dizia. O loiro e angelical Cândido, que vestia o uniforme rutilante, testemunhou a cena. Se houvesse deixado que o vacinassem, pensou, estaria na mesma situação que os dois garotinhos e voltaria à Casa de Desamparados. No fim, Isabel levou-os à cozinha e deixou-os com a torneira, que os empanturrou de madalenas recém-saídas do forno. Ainda assim, os garotos não pararam de chorar.

Através das grandes janelas das casas corunhesas, os vizinhos assistiam à passagem daquele insólito cortejo de órfãos convertidos em heróis, encabeçado pelo arcebispo e pelas autoridades. Na altura da rua Real, Isabel olhou para a janela da casa em que havia trabalhado por tantos anos e discerniu, entre os reflexos do vidro, a silhueta de dona María Josefa, com o olhar perdido. Isabel acenou com a mão, ciente de que a senhora já estava completamente cega por causa da varíola. Qual não foi sua surpresa quando ela devolveu o

aceno. Coincidência dos gestos? Isabel pensou que a mulher os havia percebido, se não com os olhos, com o coração.

No porto, as autoridades se desmancharam em discursos grandiloquentes.

— Os senhores viajarão a lugares remotos, percorrerão paragens surpreendentes, conhecerão culturas extravagantes, viverão experiências únicas, encontrarão seres necessitados; e o que fizerem por eles, Deus lhes dará em dobro.

Houve vivas ao rei, a Balmis, à expedição. Como o vento ganhava força — razão pela qual partiriam naquele dia —, as palavras oficiais se perdiam no ar e as crianças demonstravam impaciência. Algumas estavam com fome, outras não conseguiam ficar quietas e brincavam de jogar o chapéu ao vento. Conseguiram escutar algumas palavras sobre Isabel Zendal, tantas vezes ignorada, e agora exaltada por cruzar o mar, a única mulher entre a meia centena de varões. No fim, os expedicionários, cerca de trinta, tiveram de passar pela frente do corregedor, que lia os nomes em voz alta, e do arcebispo, que os rociava com água benta antes de embarcarem na chalupa que os levaria ao *María Pita*. Todos eram aplaudidos. Depois das crianças, escutou-se: — Dona Isabel Zendal.

Ao ser chamada de “dona” pela primeira vez, Isabel não conseguiu conter um gesto que revelava um regozijo íntimo e profundo.

Mas não durou muito. Assim que subiu a bordo, aturdida pelo ruído de cabos, correntes e adriças agitados pelo vento, deparou-se com os marinheiros, de pele curtida pelo sol e

pelo salitre e cara de poucos amigos.

— Só veio acompanhar as crianças, logo vai desembarcar...

— disse um deles.

— Não, eu viajarei com vocês.

Para aqueles profissionais de cabos e mastros, mulher a bordo trazia má sorte. Sua presença irritou tanto a tripulação que o próprio capitão, Pedro del Barco y España, basco, tenente de fragata, precisou intervir e ameaçar expulsar aqueles que, mesmo antes de zarpar, provocavam um início de motim.

— Você, vá para cabrestante içar a âncora! Você, depressa, precisamos aproveitar o nordeste e a força da maré! Soltem as braças! Ergam a bujarrona, a vela mestra e o traquete! Nada de atrasos!

Obedeceram-no a contragosto. Pedro del Barco era um marinheiro de comprovada competência. Ele apresentara a Balmis o problema de carregar uma mulher a bordo e tentara dissuadi-lo da ideia. Em vão. Ainda que, depois de Deus, fosse a mais alta autoridade dentro da embarcação, a descrição do relatório do Ministério da Marinha ao qual Balmis tivera acesso lhe fazia justiça: “Conduta, muito boa; inteligência, farta; desempenho, bom; subordinação, muita; generosidade, muita”.

— Icem o traquete! Recolham as escotas!

Fixado o rumo, as velas se estufaram suavemente. *María Pita* adernou, o que provocou um início de pânico entre Isabel e as crianças, que estavam no convés observando as pessoas agitarem lenços e o sol refulgir nas janelas das grandes casas

de La Coruña. Era um dia esplêndido, fresco, luminoso.

— Benito, quero lhe dizer alguma coisa.

O garoto se aproximou da mãe.

— A partir de agora, você nunca mais precisará dizer que seu pai abandonou sua mãe, entendeu?

O garoto assentiu.

— Se alguém perguntar, não importa quem seja, diga sempre que sou sua mãe adotiva.

— A... adotiva?

— Sim. Quer dizer que, em vez de ter carregado você em meu ventre, adotei você depois de nascido.

Benito estava desconcertado.

— Mas... é ver... é verdade?

— Claro que não! É um segredo nosso. É para que nunca mais o incomodem por seu pai ter nos abandonado.

— Então nunca mais vão dizer... que você... que você é uma... uma...

— Não, nunca mais.

O garoto a encarou.

— Mas você continua sendo minha mãe, né?

Isabel caiu na risada. Então, ficou pensando que o filho tinha dito uma frase inteira em sequência, sem gaguejar. Era a primeira vez que ouvia isso. O garoto se soltou do abraço materno e saiu correndo.

— Aonde você vai?

— Brincar!

— Tome cuidado.

Ao se aproximar da costa de Sada, o capitão deu ordens para que soltassem as escotas, virassem e seguissem a leste. A corveta transmitia uma boa sensação ao navegar. Em pouco tempo, deixaram a Torre de Hércules para trás. Instintivamente, Isabel procurou os restos do barco preso aos escolhos, onde vivera o momento mais intenso de sua vida nos braços do pai de seu filho. Mas fazia tempo que o mar engolira tudo. Permaneceu um longo tempo apoiada na amurada, vendo desfilar pela última vez a paisagem verde de sua infância.

Duas semanas depois da partida, apareceu no orfanato um casal de camponeses em trajes de veludo escuro. Tinham o rosto bojudo e a pele acobreada. Estavam em busca do filho, o pequeno Vicente María, que levaram à roda ao nascer por não terem condições de sustentá-lo. Havia deixado uma pequena soma em dinheiro como colaboração e um recado dizendo que voltariam quando as coisas se ajeitassem. Agora haviam melhorado, porque, conforme explicaram à torneira, que substituíra provisoriamente Isabel no cargo de diretora, herdaram uma pequena propriedade na aldeia. Presentearam a instituição com uma cesta cheia de verduras da própria horta.

— Deve estar com três aninhos e cinco meses...

A expressão da torneira se desfez. A verdade era que ninguém tinha levado o bilhete a sério. Tantos pais diziam que voltariam para buscar os filhos e não apareciam nunca!

— Seu filho não está aqui. Está a caminho da América — balbuciou.

Os camponeses ficaram estupefatos. Na medida do possível, a torneira explicou o ocorrido, porque o casal não sabia nada sobre a expedição nem sobre a luta contra a varíola — viviam afastados do mundo. A mulher se pôs a chorar em silêncio e, então, a soluçar; lágrimas espessas percorriam suas

bochechas avermelhadas. O homem estava quebrantado. Mas não protestaram nem subiram o tom de voz. A torneira os levou até a capela, consciente de que a santidade do lugar atenuaria a situação. Tinha razão. Os pais aceitaram com resignação o pobre consolo oferecido pela nova diretora, que informou que o filho estava participando de uma façanha de amor aos mais necessitados, pela qual seria recompensado por Deus e pelo rei, e que o futuro dele, portanto, estava garantido.

— Se é pelo bem dele... — concluiu a mãe, fazendo o sinal da cruz.

Então, cabisbaixos, despediram-se da torneira e deixaram o orfanato.

Isabel avisara Balmis sobre a situação de Vicente María e o bilhete que dizia que os pais voltariam para buscá-lo, mas o médico deu de ombros. Obter braços suficientes para a viagem fora custoso demais para que ele se detivesse pelo improvável reclame do garoto. Não havia sido nada fácil consegui-los, e ele precisara usar todo o seu arsenal de persuasão — e até de coação. Sua certeza de que a expedição redundaria em benefícios para a humanidade não deixava brechas para que pensasse em um caso individual. Balmis era um idealista que vivia por e para aquela expedição pioneira e descartava automaticamente tudo o que não a beneficiasse. Não era homem de sentimentalismos; estava tão convencido do sucesso de sua missão que, sem muita reflexão, afastava qualquer pedra no caminho. Que importância tinha o sentimento de pais com saudades do filho para o resto da vida se comparados à grandeza de propagar a vacina pelo mundo?

Ser um filantropo acarretava certa arrogância — não era para os fracos.



Quando chegaram ao alto-mar, o vento ganhou força. As velas caranguejas sustentadas pelos três mastros da *María Pita* estufaram, e a corveta começou a cabecear para se esquivar das ondulações. Navegavam com todas as velas hasteadas. O capitão deu ordens para que abandonassem o convés, pois não queria que alguma das crianças fosse levada por uma onda, uma vez que já anoitecia. No interior, o espaço era muito restrito — um mundo escuro onde a única claridade entrava por portinholas onde antigamente havia canhões. À noite, nenhuma luz era autorizada, devido ao medo obsessivo de incêndios. As crianças começaram a chorar. Era um coro de lamentos que ia aumentando e se mesclava com o ruído do mar contra o casco. A escuridão as havia deixado sem qualquer referência em um ambiente com o qual não estavam familiarizados.

— Mãããe, mãããe...! — gritava desesperado Tomás Melitón, um garoto de três anos e meio, que tinha orelhas em abano, grandes olhos acastanhados e uma expressão de perpétuo espanto. Era um dos preferidos dos mais velhos devido ao temperamento comunicativo, à vivacidade e à docilidade.

— Por que gritar isso, se você não tem mãe — disparou Cândido, o loiro.

— Cale-se! — disse Isabel, que pegou o pequeno Tomás no colo.

— Eu também..., eu também quero — disse Benito, que,

em momentos difíceis, não gostava de compartilhar a mãe com ninguém.

Cândido sentiu ânsia e vomitou tudo o que tinha ingerido. Outros acabaram fazendo o mesmo. Logo, o barco era um caos de prantos, vômito e gritos de pânico. Um verdadeiro inferno. E a viagem estava apenas começando.

O espaço era tão reduzido que Isabel precisava se agachar para se deslocar. Enquanto as crianças se acalmavam um pouco após o barco ter virado e deixado de balançar tanto, ela foi ver Balmis.

— Doutor, as crianças estão colocando as tripas para fora, mas é porque, além de tudo, há um fedor horrível subindo dos porões.

— Sim, sim, o cheiro atroz sobe das latrinas, falarei com o capitão.

Lá embaixo, acumulava-se água dos temporais, a que escorria pelas aberturas da embarcação, água da louça lavada, água residual da vida dos homens e dos poucos animais que transportavam.

— Amanhã ordenarei que façam fumigações diárias com vinagre, zimbros e pólvora de canhão nos porões. Por ora, não podemos fazer nada.

Foi a noite mais longa de toda a viagem. A vida em um barco, capaz de pôr à prova os espíritos mais calejados, foi traumatizante para as crianças. Isabel, que dormia em uma cabine com o filho e os mais novos, perguntava-se como poderiam aguentar aquilo até chegarem a um porto. Não lhe parecia possível. Os três enfermeiros, que dormiam em uma

cabine grande com o restante das crianças, também estavam enjoados. Não conseguiam vigiar os recém-vacinados, que dormiam em catres sobrepostos.

Para fazer necessidades, Isabel dispunha de um balde que devia ser virado por sobre a amurada após a utilização. Ainda assim, era melhor que as latrinas, ou beques, da população, feitas de madeira com buracos no meio, sob o gurupés, logo atrás do mascarão de proa. À noite, os homens hesitavam em ir ao beque, com medo de serem varridos por um golpe do mar; então, utilizavam os porões para se aliviar. Balmis, Salvany e o capitão gozavam do privilégio de dois beques na popa, resguardados das inclemências do tempo.

Para Isabel, a promiscuidade era mais difícil de suportar que os enjoos, o cheiro do porão ou o choro dos que se sentiam mal. Estava sob os olhares de todos — como responsável pelas crianças, era alvo de solicitações constantes; como única mulher entre os vinte e seis membros da tripulação e os nove expedicionários, era alvo de olhares procazes dos homens. Tinha um medo visceral de menstruar. Como sentia a falta da ajuda de outra mulher! Precisava lavar os panos manchados às escondidas, mas não se atrevia a pô-los para secar no convés por vergonha de que os marinheiros descobrissem do que se tratava. Pensava em sua mãe, em suas irmãs, em dona María Josefa e desejava a companhia da torneira... Conversava com elas na privacidade de seu coração. Precisou criar um mundo à parte e se refugiar nele. Era difícil ser a ovelha negra, objeto paradoxalmente de escárnio e desejo. Quando os marinheiros a viam se afastar a sós com um enfermeiro, berravam impropérios, cantadas e frases de

patuscada. Mas nenhum se atreveu a investir contra ela, por medo de acabar como comida de tubarão.

No início, as crianças enjoavam muito, sobretudo quando precisavam ficar sob o convés. Vomitavam nos mesmos pinicos em que faziam as necessidades, choravam, queixavam-se da dor de barriga. As mais sortudas dormiam — o sono era a melhor maneira de combater o enjoo. Cândido estava ainda mais pálido que de costume — enfiava a cabeça por uma escotilha para respirar ar puro e olhar para longe, como o haviam aconselhado. Isabel, que conversava diariamente com os médicos para levar a cabo o plano de vacinações, pediu tanto a Balmis quanto a Salvany que examinassem as crianças duas vezes ao dia, uma de manhã e outra à tarde, o que também de certa forma criava uma rotina. Isabel precisava de ajuda médica para cuidar dos pequenos transtornos dos quais padeciam, fossem enjoos, resfriados, fossem dores de garganta ou de barriga.

Quando o tempo abriu e o balanço do mar melhorou, nas proximidades de Lisboa, voltaram a passar o tempo no convés. Isabel vestia a mesma roupa sempre, com a cabeça coberta por um pano de camponesa galega e, para se proteger do vento fresco, enrolava-se em um xale preto. Ao melhorarem, os garotos ressuscitaram, e com isso ressurgiu o bulício. Viam o barco como um imenso brinquedo. Passavam o dia inteiro correndo uns atrás dos outros, brincando de esconde-esconde

e fazendo travessuras. Cândido de la Caridad se tornou o líder do grupo dos madrilenos devido a sua personalidade forte e porque arranjava para eles comida extra. Apesar da proibição estrita, deslizava até a despensa e roubava chouriços ou um pouco de pão, que então dividia com seus comparsas. Um dia, Benito, filho de Isabel, pegou-o no flagra.

— O que você está fazendo? Isso é pro... proibido.

— Não vai contar pra sua mãe, né?

— Não, se... se você me der um pedaço.

Cândido separou um pedaço do chouriço, mas Benito queria mais.

— Pega, abusado.

Benito era respeitado por ser protegido da “chefa”, mas os demais galegos eram responsabilizados pela baderna. Eram obrigados a confessar o roubo de água ou o fato de terem atirado cordas por cima da amurada. Um dia, Cândido desatou os cabos que mantinham os botes salva-vidas erguidos sobre o convés. Isso fez com que o contramestre aparecesse e descobrisse o feito.

— Foi Francisco Antonio! — disse Cândido, referindo-se a um dos galegos.

O contramestre queixou-se com o capitão, que apareceu no refeitório na hora da janta com o casaco abotoado e a gravata ajustada, ostentando um ar severo e a voz cortante. As crianças olharam para ele com temor.

— Francisco Antonio!

O garoto se levantou timidamente.

— Não vou tolerar nenhum desmando; desatar os cabos de bote salva-vidas é muito grave. Como você foi capaz de fazer algo assim?

— Eu não fiz isso... — balbuciou o garoto.

— Se fosse um marinheiro, eu mandaria enforcá-lo por sabotagem, não sem antes lhe dar quinze chicotadas. Saia daqui! Vá para a cabine sem jantar. Amanhã você ajudará a esfregar o convés.

O garoto foi embora choramingando. Isabel sabia que ele não era o culpado por aquela criancice. Quando acabaram de jantar, levou comida para a cabine do garoto a fim de consolá-lo. Soluçando, Francisco se queixou amargamente dos “de Madri”, especialmente de Cândido, que os amolava e culpava pelas próprias traquinagens.

O cozinheiro, por sua vez, não demorou a perceber que havia chouriços e salsichões faltando, e a princípio pensou nos marinheiros, sempre famintos. Mas os marinheiros teriam dissimulado os furtos de comida, porque sabiam que as reprimendas seriam duríssimas e, no caso, havia migalhas de pão e linguças que pareciam ter sido mordiscadas por ratos. Queixou-se ao capitão. Estava claro que haviam sido os garotos.

Dessa vez, Pedro del Barco se privou do sermão e chamou Isabel para a sala de comando. Contou-lhe o ocorrido. Em um barco à mercê do oceano, a navegação em si implicava riscos suficientes, sem que precisassem dos perigosos desmandos dos garotos. E a quantidade de víveres havia sido calculada com precisão possível para que não faltassem, mesmo em caso

de calma ou avarias.

— Os garotos estão criando muita tensão entre os marinheiros — disse o capitão. — Eles se queixam de que a senhora não impõe respeito.

— Há um grupinho de três ou quatro que está alvoroçando os demais. Suspeito de quem esteja por trás desses roubos de comida.

— Então, leia para eles a cartilha. Na reunião de rotina que tivemos com os médicos essa manhã, eu disse que precisamos de mais disciplina por parte dos garotos.

— É mais fácil controlá-los em um orfanato do que em um barco, onde entram e saem de qualquer lugar de acordo com sua própria vontade — disse Isabel, como forma de desculpa. — Asseguro ao senhor que não voltará a acontecer. Começarei a dar aulas de leitura para eles todas as manhãs. Assim, ao menos durante esse tempo, não ficarão zanzando por aí.

— Está bem. Confiamos na senhora.

Quando Isabel estava prestes a sair da sala de comando, ouviu o capitão dizer: — Se eu soubesse que navegaria com um bando de moleques...



Isabel tinha uma maneira infalível de se inteirar dos acontecimentos: seu filho Benito.

— Quem está roubando a comida? — perguntou.

— Não sei.

— Você não sairá daqui até me dizer.

Assim, trancou Benito na cabine. Ele passou a tarde inteira lá, até que ficou enjoado e chamou a mãe. Suplicou a ela que o deixasse subir ao convés, mas Isabel foi inflexível, apesar dos vômitos e da tez esverdeada de seu rebento.

— Cândido, o ma... madrileno — confessou, por fim, Benito. — Mas não diga que fui eu quem contei...

Isabel procurou Cândido, que brincava tentando subir no traquete, e puxou-o pela gola da camisa.

— Então é você que anda roubando comida, hein?

— Não fui eu, não fui eu...

— Vamos até sua cama.

Cândido guardava provisões debaixo do travesseiro: pedaços de chouriço, pão dormido, rosquinhas quebradas...

— Não fui eu — insistia o garoto —, alguém pôs isso aqui...

— Ah, que mentiroso! Vá se desculpar com Francisco Antonio. Agora quem está de castigo e terá de esfregar o convés é você. E passará uma semana sem sobremesa! Se voltar a roubar, será castigado pelo capitão, e eu não gostaria de estar em seu lugar, caso isso aconteça.

Em vez de baixar o olhar envergonhado, o garoto encarou-a, desafiante: — Nem gosto de doce mesmo — disse, encolhendo os ombros.

Ela ficava exasperada por aquele desbocado irredimível ser imune aos castigos. O garoto se negou a pedir desculpas a Francisco Antonio, pois seu orgulho o impedia disso, mas não escapou de esfregar o convés, porque foi obrigado por um

marinheiro corpulento de costeletas e uma tatuagem no braço: “Te amo, mãe”.

Alguns dias depois, quando o clima já anunciava a proximidade das ilhas Canárias e permitia que brincassem no convés até o anoitecer, Cândido encontrou uma oportunidade para se vingar.

— Olha, o dedo-duro — disse a Benito. É para isso que serve ter mãe, para dedurar?

— Eu não disse nada — mentiu Benito.

— Vou jogar você no mar, peidorreiro...

Junto com os três outros de Madri, encurralou Benito próximo ao cabrestante, na proa. Benito estava aterrorizado. Para se defender, pegou um dos remos dos botes salva-vidas. Os outros o cercaram, mas, justo quando começariam a atacá-lo, escutaram a voz de um marinheiro: — O que estão fazendo aqui, seus zuretas?

— Benito queria atirar o remo no mar e tentávamos impedi-lo — mentiu Cândido, com ar angelical.

— Não é verdade — disse Benito.

— Vamos, me dê isso, excomungado — disse o marinheiro.

— Não se brinca com isso. Para dentro, que vocês dão mais trabalho que os ingleses na guerra. Vou mandá-los ao pirata Drake, que comerá suas mãos, pelo Sacramento!

— Você acha que é poderoso porque tem mãe — sussurrou Cândido, com rancor.

— Invejoso.

— Pano de mortalha...



Isabel deu uma nova bronca em Cândido e o deixou trancado por um dia inteiro na cabine, separado do resto. Foi resgatado pelos marinheiros. Era sua vez de ser vacinado.

— Já vacinamos Juan Francisco e Antonio; agora, Gerónimo e você.

— Não vão me espetar!

— Não vem com essa de novo. Aqui você não tem escapatória.

— Fiosdaputa!

E começou a chutar e se debater com a violência de praxe.

— Aonde você vai? — perguntou o enfermeiro Bolaños. — Não tá vendo esse mar tão imenso que nem se vê terra? Aqui não tem escapatória.

O garoto respondeu com um soco em suas genitálias que o neutralizou. Conseguiu escapulir do médico Grajales e do enfermeiro Francisco Pastor e se escondeu nos depósitos do porão. Ficaram muito tempo procurando por ele, até que pediram ajuda aos marinheiros. Logo, os vinte e seis membros da tripulação estavam revirando o barco.

— Cândido de la Caridad! — berrou um marinheiro. — Que nome tem esse grumetinho dos diabos!

No convés, Isabel estava preocupada. Aquele garoto era tão desafiador e rebelde que poderia fazer mal a si mesmo caso não cedesse. Estavam demorando tanto para encontrá-lo que chegou a pensar que tinha caído no mar.

— Não quer ser vacinado — disse Gerónimo, amigo de Cândido.

— Mas não vai sentir nada. Não dói.

— Não é isso, é que ele sabe que, se for vacinado, será mandado de volta para Madri, e não quer isso. Nem eu.

Como fazê-los aceitar que estavam ali com o único propósito de ajudar a transportar a vacina e que, uma vez vacinados, deveriam retornar? A expedição precisaria de mais e mais crianças, e a embarcação não poderia transportar todos indefinidamente. Precisariam regressar aos poucos.

— Em Madri faz frio, batem na gente, nos fazem rezar muito... — repetia Juan Francisco.

Isabel se lembrou das lágrimas de Jacinto e Andrés quando souberam que voltariam à Casa de Desamparados. Era capaz de se colocar no lugar deles, uma vez que conhecia as máculas da assistência pública. O patronato de Madri não era apoiado por uma congregação como a das Dores em La Coruña, por gente como dom Jerónimo ou por uma diretora como ela. Como censurá-los por não querer retornar ao que devia ser um inferno pior que aquela viagem de barco? Havia certa crueldade no que estavam fazendo com aqueles garotos. Gerónimo confessou: — Cândido nos disse: “Se não querem voltar a Madri, não podem deixar eles vaciná-los”.

— Cândido é esperto, mas desta vez não dê atenção para ele. A vacina é boa e protegerá vocês da doença.

Um marinheiro encontrou Cândido escondido no paiol de velas. Encontrou-o por acaso porque, ao pisar com força, o garoto, que estava ali embaixo, gritou de dor. Puxou-o pelos

cabelos, mas enquanto percorriam o convés até a cabine de Balmis, que esperava para vaciná-lo, Cândido escapou outra vez. Correu feito um coelho junto à amurada e se refugiou no gurupés, um lugar perigoso.

— Saia daí, você pode cair na água!

— Não quero!

A tripulação toda estava em função de Cândido. Isabel se aproximou e disse que, se ele aceitasse ser vacinado, ela faria os trâmites para que não fosse devolvido a Madri, mas a La Coruña. Cândido olhou para ela com uma expressão de agradecimento, como se estivesse surpreso por alguém tê-lo entendido. Naquele momento, pareceu que ia ceder, mas, quando um marinheiro se aproximou, ele ameaçou se atirar na água.

— Vou pular, vou pular!

Naquele instante, outro marinheiro deslizou por uma adriça da genoa e surpreendeu o garoto por trás. Estava cercado, não tinha escapatória. Olhou para baixo, para o mar, mas não se atreveu a pular. O marinheiro agarrou-o pela gola e levou Cândido dali, embora o garoto continuasse a chutá-lo.

O doutor Salvany, o médico Grajales e dois enfermeiros precisaram segurá-lo enquanto Balmis fazia uma pequena incisão com a seringa e introduzia o pus da varíola.

— Fiasdaputa! — gritava o garoto.

— Cala a boca, seu endemoninhado!

Levaram-no até a cama para que se tranquilizasse. Após se deitar, derrotado, começou a chorar amargamente. Já se via

retornando a Madri, cantando nas igrejas gélidas, submetido à férrea disciplina de um imenso orfanato. Dentro de oito dias, quando se formasse uma vesícula cheia de pus variólico, Balmis ou Salvany extrairiam o líquido para injetá-lo em outro braço de outra pessoa. A partir daquele momento, Cândido sabia que já não seria mais útil, que sobraria, que seria apenas uma boca a mais para alimentar e que o devolveriam ao mundo do qual o haviam tirado. Deixou de ser o mais ativo e nervoso, o mais criativo e desafiador, e passou a ser o mais apático e triste. A reação provocada pela vacina e a melancolia o prostraram. Os enfermeiros que se revezavam para vigiar a evolução da vesícula agora estavam diante de um garoto dócil, que não saía da cama.

— O Teide! — gritou um marinheiro de seu posto de vigia.

— Venha ver — disse o enfermeiro Bolaños.

Cândido se aproximou da escotilha. Ao longe, divisava-se a silhueta da montanha envolta em bruma, o cume coberto de neve. Permaneceu um longo tempo observando. Então, deixou-se cair na cama outra vez.

Santa Cruz de Tenerife recebeu a expedição de maneira triunfal. Após dez dias na embarcação *María Pita*, pisar em terra firme e não enjoar era uma merecida recompensa. O bispado havia organizado um te-déum na igreja da Conceção, ao qual todos os garotos compareceram impecavelmente uniformizados. Ao cantar, a voz de Cândido se destacava em meio às demais, cristalina e pura, tão surpreendente que o público se virou para ele. O pequeno demônio tinha uma voz que o transformava em anjo.

— Em Madri, ele era disputado para os enterros — disse Juan Francisco a Isabel.

Mais tarde, os expedicionários desfilaram pelas ruas. Para os garotos, tudo era novo e diferente: a forma de falar das pessoas, a rica indumentária dos camponeses canários, o clima, a comida, a vegetação. Os ilhéus receberam o grupo com carinho, como se fossem pequenos heróis.

Os canários desejavam havia muito tempo que chegasse o primeiro fluido vacinífero para travarem a batalha final contra a varíola. O bispo havia exortado a população a aceitar a santa vacina, prometendo indulgência aos que oferecessem o braço aos médicos da Europa. Embora houvesse muitas curas reticentes, a intervenção do rei junto ao papa fez com que a

Igreja finalmente se posicionasse a favor da vacina. Assim, Balmis, que havia teorizado a respeito de tudo no papel, pôde comparar seus planos com a realidade. As convocatórias para três vacinações gerais foram um sucesso — as pessoas formavam filas longuíssimas. Uma sala da Administração Municipal foi ajeitada para receber os grupos de crianças saídas de todas as outras ilhas para serem inoculadas, a fim de garantir a continuidade do processo após a partida da expedição. De repente, com crianças reunidas brincavam em meio às palmeiras da explanada em frente à igreja, onde havia vendedores de salsaparrilhas, frutas e doces, além de um titereiro que, tocando flauta, fazia um camelo se abaixar. Enquanto isso, Balmis, Salvany, Isabel e os enfermeiros se dedicavam ao trabalho mais fundamental: instruir os agentes sanitários locais sobre o procedimento. Isabel gostava de ajudar na vacinação. Fazia com que se sentisse mais que uma diretora de orfanato. Sua missão era distrair tanto o portador — enquanto o médico ou o enfermeiro extraíam uma gotinha de pus — como o receptor, em quem previamente haviam feito uma pequena incisão com uma seringa e injetado um pouco do fluido. Era incrível a quantidade de vacina que uma única vesícula podia conter. A partir dos grânulos dos quatro garotos madrilenos da expedição, foram vacinadas noventa e seis crianças; com isso, noventa e seis novos portadores poderiam vacinar outras duas mil trezentas e quatro crianças... No fim, todas as crianças da ilha acabariam imunizadas. Era um bom princípio.

Chegou a hora de seguir viagem. Todas as crianças, à exceção dos quatro madrilenos, retornaram ao barco em meio aos aplausos da multidão. Os garotos vacinados até então

foram conduzidos pelos médicos até o monastério dos agostinianos, que aceitaram assumir a guarda e a custódia durante o tempo que permanecessem na ilha.

— Voltarão a La Coruña no primeiro barco-correio — anunciou Balmis ao entregar as crianças.

— Não posso seguir com vocês? — perguntou Cândido. — É que... é que... — O choro impediu que continuasse a falar.

Não era habitual ver o mais duro de todos aos prantos. Por isso, sua reação era especialmente comovente.

— Escrevi para a nova diretora pedindo que você possa ficar em La Coruña, se quiser — disse Isabel, a fim de consolá-lo. — Assim você pode esperar até Benito e eu voltarmos.

Dava pena vê-lo. O mais vivaz, o mais atrevido, o mais forte era agora um pequeno vulnerável que se agarrava à saia de Isabel como se fosse um bebê de colo.

— Precisaremos de mais garotos na próxima escala, não podemos sobrecarregar o barco agora... — explicou Balmis, de maneira técnica. — Ainda nos resta muito caminho a percorrer. O senhorito fez um trabalho elogiável. A humanidade e Deus o recompensarão.

— Não quero ser recompensado por Deus... Quero ser recompensado pelos senhores — disse Cândido, com uma lógica infantil esmagadora.

Tal e qual Isabel havia previsto, a despedida foi desoladora. Não entendiam por que eram deixados aos cuidados de monges que não conheciam, por que a festa e a aventura deles

acabava nem por que tinham que retornar ao orfanato sem Isabel e os demais companheiros.

— Nããão! — gritava Juan Francisco, chorando. — Eu não vou ficar!

— Homem não chora — disse Isabel, sem pensar muito.

O garoto a olhou, suplicante.

— O que foi que eu fiz? — perguntou, fungando.

Quando Isabel tentou explicar-lhe que não deveria sentir-se culpado, o garoto escapuliu pelas escadas. Não queria consolo, não queria explicações nem abraços — queria partir com os demais. O único que se manteve impassível foi Cândido. Havia parado de chorar. Estava sereno e não demonstrava qualquer emoção. Os monges não precisaram contê-lo com os demais quando Isabel e os médicos deixaram o monastério, recebendo chutes e insultos com a grosseria de que algumas crianças criadas em orfanato eram capazes.

— Adeus, diretora Isabel — disse Cândido, no quício do portão.

Isabel acenou. Ficou tranquilizada ao ver que o garoto aceitava seu destino.

— Estão desesperados, como os que deixamos em La Coruña — disse Isabel a Balmis enquanto retornavam ao porto.

— O compromisso que assumi com o orfanato foi de devolvê-los o mais cedo possível. Cumpriram sua obrigação; agora seriam apenas um fardo para nós. Cedo ou tarde, teremos de nos separar de todos...

Ao aceitar aquele trabalho, Isabel não havia levado em conta a melancolia progressiva que implicava a aventura de conviver com crianças para depois se separar delas. Quando era diretora no orfanato, tinha todos sob seu manto protetor.

— Você não se queixou do amontoamento? — disse Balmis.
— Agora terá mais espaço.

— Pouco importa o espaço diante do sofrimento das crianças. Você não tem filhos, né?

Desconcertado com a pergunta, Balmis hesitou.

— Sim, tenho um.

Isabel sentiu que havia tocado em um assunto delicado e não fez mais perguntas.

— Vive em Alicante, já é crescido...

Talvez Balmis tenha sentido naquele momento uma pontada de culpa ao lembrar que abandonara a esposa e o filho. Sim, tinha plena consciência disso, agira em nome de uma causa maior, mas nunca havia parado para pensar neles de verdade, no sofrimento que podia ter lhes causado. As palavras da diretora lembraram-no de que havia sido um marido e um pai ausente. Quantas lágrimas Josefa teria derramado diante das longas e repetidas ausências? Quantas vezes o filho teria perguntado por ele? Quanta saudade teria sentido? “Eram perguntas inúteis e, de qualquer forma, já não havia remédio”, disse a si mesmo.

— Entendo perfeitamente seu ponto de vista, Isabel. Mas não somos um colégio nem um abrigo para órfãos — somos a Real Expedição Filantrópica e seguimos ordens do rei.

— Sim, eu sei — disse ela, resignada.

A cúspide vulcânica do Teide se desvaía no horizonte. A bordo da embarcação *María Pita*, que se aproximava do fim da travessia do Atlântico, Isabel escutava em seus sonhos os gritos dos garotos que haviam deixado para trás e abraçava o filho, a seu lado na cama protegida por cintas de couro para evitar que caísse enquanto dormia.

— Estou com sauda... saudades de Cândido — dizia Benito.

Isabel estava percebendo que aquela expedição, mais que um desafio físico, seria uma constante provação afetiva. Não conseguia imaginar seu futuro para além da imensa extensão que os rodeava. Era uma mulher endurecida, mas não o bastante para aceitar o sofrimento de um órfão. Saber que os jovens acabariam se dispersando e que a expedição precisaria sempre de novos garotos não era suficiente para enfrentar a dor lancinante de abandoná-los sucessivamente. O abandono... Se alguém conhecia bem a devastação que ele provocava na alma de uma pessoa, era ela.

Os dias foram passando, e o clima esquentou à medida que se aproximavam de o *la raya*, como os espanhóis chamavam a linha do Equador. Isabel transformou a popa do convés em uma oficina de costura; lá, cortava calças, ajustava suspensórios e remendava camisetas. Obrigava o filho a

ajudá-la, até que um dia Benito apareceu em meio a lágrimas. Ela se sobressaltou, achando que havia acontecido algo grave.

— Me... me cha... me chamaram... de senho... senhorita cos... costureira.

De fato, era drama. Isabel o consolou e, depois que o garoto se acalmou, foi correndo se juntar aos companheiros.

Na popa, Balmis, que passava a maior parte do tempo trancado em sua cabine, longe da bagunça das crianças, escutou uma cacofonia de gritos e insultos, de modo que teve de abandonar a preparação de vacinas e sair para restabelecer a ordem. Deparou com um espetáculo de violência inaudita para crianças tão pequenas. Os demônios estavam à solta.

— Chega! — gritou. — Quietos, todos!

— Ele me aranhou com uma agulha, *carallo!* — disse um dos galegos.

Benito estava vermelho de raiva e tinha uma grande agulha de costura na mão.

— Me dá isso!

— Só se ele pa... parar de me xingar!

— Se não parar imediatamente, direi ao capitão para dar-lhe um bom castigo.

— Quem me castiga é minha mãe.

— Não, em um barco a autoridade máxima é o capitão. Quer conferir?

Benito abaixou os olhos, e os demais começaram a se dispersar. Ninguém queria ser vítima da ira do capitão. Ficou

claro que, no mar, a virilidade era um valor levado a sério.

Apesar das brigas ocasionais, os garotos não tiveram remédio senão acostumar-se à navegação. Nem o mar profundo nem as bruscas mudanças de direção os amedrontavam, pois viviam em uma mescla de alvoroço e medo do desconhecido. O medo reverencial que tinham do capitão era a garantia de bom comportamento. Todos queriam se sentir queridos pela autoridade máxima. Faziam fila para que Pedro del Barco os deixasse usar a luneta — divertiam-se seguindo as procelárias, aves de plumagem enegrecida e com o tamanho de um estorninho que deslizavam entre as ondas fazendo piruetas. Viveram sua grande aventura quando vários peixes-voadores ficaram presos no convés. A existência de peixes com asas era a coisa mais fantástica que poderiam imaginar, e, embora a primeira reação tenha sido a vontade de arrancá-las, acabaram deixando a tarefa para os sete marinheiros profissionais e um segundo grupo formado pelos de “matrícula”, isso é, pescadores costeiros. Para os órfãos que até o começo da viagem jamais haviam saído do orfanato, ver tubarões, golfinhos, medusas ou tartarugas e pescar atuns e dourados compensava os frequentes vômitos e enjoos provocados pelo balanço da embarcação. Os menores sofriam mais. A vacina provocou no pequeno Tomás Melitón uma reação violenta, com febre e calafrios. Seu pranto não deixava ninguém dormir — tanto que Isabel escutou o piloto de guarda clamar aos céus: — Nunca pensei que uma corveta em alto-mar se transformaria em abrigo de pirralhos!

Manter a cadeia de injeções era a preocupação vital dos médicos e dos enfermeiros. Tantos perigos ameaçavam um

veleiro nos grandes mares que ninguém jamais sabia a data de chegada — nem sequer estimada. Por isso, se a travessia se estendesse por qualquer razão que fosse, corriam o risco de ficar sem fluido por falta de garotos.

Salvany não tinha essa obrigação, mas fazia guarda como os demais para matar o tempo. Gostava de compartilhá-la com Isabel, a única mulher, porque tinham idade parecida e porque admirava a dedicação dela. Também para fazer um contraponto ao desdém com que os marinheiros a tratavam. Intrigava-se com aquela mistura de babá, tutora e enfermeira, de mãe e general, de doce e rígida, tudo isso coroado pelo mistério de sua vida passada. Achava-a ao mesmo tempo previsível e surpreendente, como na vez em que se referiu a Balmis da seguinte maneira: — Ama a humanidade mais do que ama os seres humanos... Mas, shhh, não comente nada disso com ele — disse, pondo os dedos sobre os lábios.

— Não se preocupe — respondeu Salvany, abafando uma gargalhada.

Isabel abriu um sorriso cúmplice. Ambos eram unidos pela aversão à arrogância do diretor, que não se esforçava para disfarçar o fato de que os indivíduos eram um meio para atingir seus fins.

Quem estava verdadeiramente imbuído por um desejo profundo de buscar a felicidade dos demais era Salvany. Ao contrário de Balmis, era requintado ao tratar com os subalternos. Preocupava-se com todos, conversava com os marinheiros, indagava sobre a saúde de cada um, ajudava os enfermeiros, brincava com as crianças e se ofereceu para dar-lhes aulas de ciências naturais à tarde a fim de ajudar Isabel a

estruturar a rotina do grupo. Um dia, quando percebeu que os garotos estavam assustados devido a uma tormenta tropical que assomava ao longe, contou a eles que os trovões eram improperios de um capitão morto que havia perdido o rumo, e os ruídos produzidos pelo velame e pela mastreação eram as queixas do barco devido ao excesso de carga. De sua infância, restara uma pontada de poeta.

Salvany e Balmis se diferenciavam pela idade e pela disposição, mas compartilhavam uma vocação intensa para a medicina. Ambos eram de família de cirurgiões, embora Salvany gozasse de uma condição mais confortável, pois seu pai pertencia a uma linhagem de médicos que iniciava no bisavô paterno e sua mãe também era filha de médico. Nascido em Barcelona, fora criado em Cervera, para onde seus pais se mudaram quando ele acabara de completar três anos. No século XVIII, a cidade possuía a única universidade de todo o principado. Lá, estudou gramática durante três anos e poesia durante outros três. Depois, transferiu-se para Barcelona e cursou filosofia no Convento de San Agustín; dos catorze aos vinte anos, estudou no Real Colégio de Cirurgia. Tornou-se especialista em dissecar cadáveres para saciar sua curiosidade sobre o corpo humano.

Balmis, que gostava de botânica, geografia e química, considerava-o intelectual devido à paixão pela poesia e, portanto, depreciava-o, porque Salvany valorizava a contemplação ou a análise mais que a técnica e a capacidade de ação. Para Isabel, essa queda pelas humanidades fazia de Salvany um ser especial. Fascinava-a sua proximidade, o simples fato de que alguém de sua condição se dignasse a falar

com ela, a escutá-la, a demonstrar amizade. E também sua maneira de falar, porque nunca tivera muito contato com um poeta que revestisse de gala a realidade, por mais abjeta que fosse. Era seu maior aliado, uma vez que os enfermeiros conviviam entre si, seu filho passava o dia com os outros garotos e a tripulação continuava a ignorá-la. Além disso, ele a ajudava com as aulas.

O tempo custava a passar e o tédio era inevitável, ainda que os dias estivessem organizados com visitas dos médicos, aulas de manhã e à tarde, refeições e brincadeiras. Benito ciscava em todos os cantos do barco e sempre encontrava alguma coisa para confeccionar um brinquedo — um pedaço de cabo, algumas madeiras, tecido dos sacos... Como, no fundo, sabia que era protegido por sua mãe, não tinha pudor de entrar em lugares proibidos, como os porões ou os paióis. Certa noite, quando passou para além da base do mastro da bujarrona e das manivelas das bombas de achique, escutou um ruído que o assustou. Achou que havia um marinheiro na escuridão e se escondeu. Mas ninguém apareceu, e o ruído continuou, mais alto que os rangidos do barco e a ondulação da água na amurada. Era uma lamúria. “Tem algum bicho aqui”, disse a si mesmo, apavorado. Quis sair correndo, mas a curiosidade prevaleceu. Seus olhos, acostumados à escuridão, seguiram a origem do som. No maleiro de um dos porões, onde guardavam os barris de vinho doce levados a bordo em Tenerife, distinguiu a silhueta de um corpo estendido. Uma criança.

— *Carallo!* O que... o que... o que você tá fazendo aqui?

Era Cândido, doente, sujo, suando em bicas, tombado sobre um dos barris.

— Não fale nada — sussurrou.

— Você está mal.

— E daí?

Benito saiu e regressou pouco depois com uma jarra de água fresca. Cândido bebeu até se saciar, estava desidratado. Pelo chão, havia restos de comida furtada das despensas, e um rato passou por cima de seu corpo. Benito se assustou.

— Os ratos não mordem — disse Cândido.

— Como você se enfiou aqui?

— Com o cara que trouxe os barris, em seu barco. Um dos marinheiros me ajudou a subir, eu disse que tinha me perdido...

Benito sabia o que significava trair o garoto madrileno, e não queria se expor novamente a sua ira. Não planejava dizer nada. De qualquer maneira, o que Cândido havia feito lhe parecia tão atrevido e temerário, tão grande e arriscado, que acabava por ser admirável. Tanta ousadia não era algo próprio dos humanos, mas dos heróis. Disse a ele que levaria parte de sua própria comida e água, da mesma que bebiam à mesa.

Quando conseguia se esgueirar da vigilância da mãe ou dos outros garotos, descia para ver Cândido.

— Por que você não sai? — dizia. — Não vão lhe fazer nada... O que você acha, que vão atirá-lo ao m... ao mar?

— Não, mas vão me castigar.

— E daí? Se você continuar aqui, vai ficar cego por não ve... ve... ver a luz. Além disso, você está doente.

— Não quero esfregar o convés.

— Vão lhe dar um sermão e pronto, terão que a... aguentar.

Mas Cândido não estava escutando. Estava absorto em seus próprios pensamentos.

— Vou lhe contar um segredo — disse a Benito. — Eu gostaria de ter uma mãe, como você.

— Tenho certeza que minha mãe defenderá você.

— Mas o capitão me castigará...

Após um silêncio, Cândido perguntou: — Como é ter uma mãe só sua?

Desconcertado, Benito respondeu: — Bem... é alguém que sempre diz o que você precisa fazer, dá sermões e fica incomodada, mas então passa...

— E o que mais?

— Não sei... mãe... é mãe. Cuida de você quando está mal, dá o que você mais gosta de comer, essas coisas... A minha, sem dúvida, era mais minha antes; agora é adotiva. Foi o que ela me disse ao sair de La Coruña. Mas não conte pra ninguém.

— Ah... — Cândido o olhou de cima a baixo. — Olha que para adotar você com essa cara de morto de fome... Podia ter me escolhido! — disse, com uma risada fraca. — Quando eu era pequeno, sonhava em ser adotado, mas os curas diziam às senhoras que apareciam com os maridos que eu era muito agitado. Na verdade, não queriam que eu partisse porque era o melhor cantor e ganhavam dinheiro comigo. Então, as senhoras pegavam outro, e eu ficava a ver navios.

Os olhos de Cândido se fecharam e ele acabou pegando no sono.

Benito foi muito sigiloso na hora de ajudar o clandestino, que sobrevivia praticamente como os ratos em meio aos barris, escondendo-se no maleiro quando escutava passos. Em sua inocência, Cândido pensou que aguentaria a viagem inteira assim; agora, tinha certeza de que Benito não o denunciaria. Só não contou com um inimigo invisível. À medida que o barco se aproximava da terra, o calor se tornava insuportável. O ar dos porões estava insalubre. Chegou o dia em que Cândido não aguentou mais os eflúvios do álcool.

— Benito, vou sair porque estou sufocando aqui, estou enjoado.

— Quer que eu fale com mi... minha mãe antes?

— Sim.

Isabel arregalou os olhos quando o filho contou sua descoberta. Como o *rapaciño* podia ter escapado do monastério e embarcado escondido? Agora entendia por que Cândido deixara de chorar e protestar subitamente na última vez em que o vira. Havia encarado sua seriedade e sua despedida como um sinal de que aceitara o destino, mas era justamente o contrário. Estava tramando sua fuga do monastério. Havia conseguido o que queria: não ia a Madri, mas à América.

— Temos um clandestino a bordo — disse Isabel ao entrar no refeitório levando Cândido pela mão.

Todos ficaram pasmos. Cândido havia reaparecido, para o terror dos garotos galegos e do contramestre, que temia suas travessuras. Mas seu aspecto estava muito longe de intimidar:

assustado, fraco, as pernas feito palitos, pálido e com olheiras, o garoto era uma sombra de si mesmo.

— Desse aí não nos livraremos nem com sal grosso — comentou o piloto.

— Sabe o que é feito com os intrometidos como você? — perguntou o capitão.

Aterrorizado, o garoto fez que não com a cabeça.

— Atiramos ao mar.

Cândido agarrou com tanta força o braço de Isabel que a machucou ao cravar as unhas.

O capitão se virou para seus homens e arremeteu contra eles: como permitiram que se infiltrasse? Como nenhum marinheiro o havia encontrado? Que tipo de marinheiros eram para que um rapazote conseguisse pregar uma peça daquelas neles? Então, dirigiu-se a Cândido: — Não vamos atirá-lo ao mar porque somos gente de bem, rapazola. Mas, como você está aqui sem autorização, terá que ganhar seu sustento. Já que gosta tanto dos porões, ajudará a bombear a água para fora. Já pa baixo!

— Não, lá embaixo de novo não.

— Tá com medo dos ratos?

— Não — disse o garoto, chorando —, mas lá eu fico enjoado.

— Você vai se acostumar.

Isabel se aproximou do capitão: — Sei que não deveria me meter nisso, dom Pedro, pois onde há patrão... já sabe, eu

também sei... quem manda, mas o garoto está muito debilitado. Deixe que se recupere por uns dias e, então, aplique o castigo.

Pedro del Barco olhou para Cândido, cujos olhos tristes de um azul intenso pareciam maiores devido à magreza. Dava a impressão de nunca ter esvaziado um prato na vida.

— Que seja, trombadinha.

O doutor Salvany se levantou da mesa e se dirigiu ao capitão: — Com sua permissão, senhor, posso levá-lo à enfermaria para examiná-lo.

Isabel respirou aliviada, então explicou ao capitão os motivos por que o garoto não queria retornar ao orfanato de Madri. Pedro del Barco amoleceu. Isabel sabia que não era homem de guardar rancores e que acabaria perdendo o jovem.

— O garoto tem colhões — reconheceu o capitão —, mas não podemos dar corda, é um inconsequente.

Era preciso repreendê-lo, mas no fundo a proeza de Cândido, tão pequeno e atrevido, gerava admiração. Era necessário brio, desprezo pelo medo e uma força de vontade para fazer o que ele fez. Sobretudo, era necessário ter muita vontade de não retornar ao orfanato.

Para Balmis, era uma boca a mais a alimentar, uma responsabilidade a mais, um custo maior para a expedição.

— Veremos o que fazer com você quando chegarmos ao México — disse a Cândido. — É melhor se comportar, se não quiser desembarcar antes disso.

O garoto se recuperou com a mesma rapidez que havia definhado, graças aos cuidados dos médicos e à atenção de Isabel. Sabia que havia feito algo condenável, mas também estava orgulhoso, porque os demais o viam com um misto de fascínio e estupefação. A partir de então, manteve-se na linha por medo de que o capitão cumprisse a ameaça de castigo. Embora morresse de vontade de exhibir sua galhardia, agora se negava a fazer as travessuras que Benito propunha, como subir na espicha, trepar a escadinha do mastro, tocar a sineta fora de hora ou brincar de esconde-esconde na cabine do capitão, de onde um escravo os expulsaria a golpes de vassoura.

Como a temperatura no interior era insuportável, passavam muito tempo no convés, onde os marinheiros haviam instalado redes para dormir. Os dias pareciam eternos, e os garotos se distraíam como podiam, brincando com pássaros marinhos ou subindo nos botes salva-vidas suspensos sobre o convés. Cândido aprendeu a imitar os marinheiros, cuja habilidade para cuspir o tabaco que mascavam era lendária — lançavam a saliva com uma pontaria extraordinária. Organizou um campeonato de cusparadas, vencido por Benito, embora o pequeno Tomás Melitón tenha seguido em sua cola. Por mais novo que fosse, cuspiu melhor que os mais velhos. Ficava tão ufano ao receber cumprimentos que passou a treinar com afinco; tanto que o posicionaram em um local seguro a sota-vento para que cuspiu caprichado sem que houvesse o risco de que o conteúdo fosse parar em algum desavisado no convés.

À noite, Salvany ensinava-os a identificar as constelações

no céu estrelado dos trópicos. Os garotos escutavam boquiabertos enquanto ele falava dos astros e do universo. O médico assegurava-lhes de que, assim como a ciência podia evitar a varíola, um dia o homem chegaria à Lua... Os garotos não entendiam a conexão entre as duas coisas, mas acreditavam e riam.

Uma noite, enquanto aproveitavam a brisa, Salvany foi vítima do mais violento ataque de tosse que tivera. Cobriu a boca com um lenço e, quando a tosse acalmou, Isabel viu que o lenço estava manchado de sangue. Assustado, Salvany escondeu-o em seguida. Sabia o que aquilo significava.

— Faz tempo que você está com a doença? — perguntou ela.

O termo “doença” era um eufemismo para tuberculose.

— Nunca havia cuspidido sangue.

Contou que estava doente havia anos. Acreditava que o contágio se dera quando atuava como cirurgião interno no Real Pelotão da Guarda Valona, porque desde então padecia de febres terçãs. Quando, mais tarde, prestou as provas para a cátedra de Anatomia na Universidade de Huesca, foi assaltado pelo cansaço provocado pela doença.

— E estando tão... — Isabel não se atreveu a pronunciar a palavra “doente” –, por que aceitou essa missão?

— Eu mesmo pedi para participar, e o rei, que havia me nomeado cirurgião-real, designou-me para substituir Balmis caso houvesse algum problema.

— Sim, mas não ao custo da saúde que você ainda tem!

Repreendeu-se por seu atrevimento e sua franqueza, mas Salvany não deu bola. Tinha apenas vinte e seis anos, era ossudo, magro e elegante e já parecia idoso. Um jovem ancião. Isabel se perguntava como um homem tão frágil, e ainda por cima doente, suportaria as agruras da viagem. Salvany continuou: — Essa viagem dá um sentido a minha vida, o de lutar contra a doença. A minha e a dos demais. Além disso, apesar do que aconteceu hoje, não perco a esperança de, em climas mais quentes, melhorar.

Isabel ficou um bom tempo pensativa. Salvany se aproximou dela e disse quase em seu ouvido: — Peço que não mencione o incidente do lenço ao nosso diretor.

— Não se preocupe.

Isabel estava desnorteada. Quando retornou à cabine, cortou um pedaço de tecido vermelho do tamanho de um lenço, pespontou e, no dia seguinte, ofereceu a ele.

— Para que não dê para perceber caso aconteça de novo — disse.

Salvany tinha uma atitude romântica perante a vida e queria aproveitá-la a fundo, ainda mais ao pressentir que seria curta. Abrigava em sua alma um ímpeto ao sacrifício, de dedicar-se por completo ao bem-estar alheio. Era um idealista puro, como Balmis, mas com a diferença de que era generoso com seu tempo e sua pessoa. Balmis era respeitado; Salvany era querido.

Trinta e quatro dias depois de ter zarpado de Tenerife, *María Pita* deslizava em silêncio pelo labirinto de veleiros ancorados na enseada de San Juan de Porto Rico, cuja paisagem era dominada pelos campanários da cidade e pela fortaleza do morro, que se destacava sobre as verdes colinas da ilha. A intenção de Balmis era começar a vacinação no mesmo dia. As notícias das epidemias, que falavam em milhares de escravos e brancos mortos em todo o continente americano e em corpos empilhados na entrada das aldeias envoltas pela fumaça das piras funerária, tornavam urgente a tarefa de estancar o mal o mais cedo possível, sem perder um minuto sequer. Mas na praia não havia ninguém para recebê-los — só o que os esperava era o cheiro da salga de peixe que saía do embarcadouro do mercado. Não havia oficiais uniformizados, multidões, palco decorado para discurso nem uma procissão organizada para um te-déum na catedral. Será que não haviam recebido a circular enviada por Godoy a todos os vice-reis, capitães-gerais e governadores da América anunciando a chegada? Tampouco as cartas enviadas de Tenerife ao governador de Porto Rico, que era de fato precedido pela fama de altivo e soberbo? Ou será que a epidemia havia causado tantos estragos que restavam apenas crianças brincando em poças pestilentas? Por fim, após horas

que pareceram durar uma eternidade, foram sanadas as dúvidas. Foram abordados pela falua real trazendo a bordo o ajudante do governador, que lhes deu as boas-vindas.

O oficial acompanhou-os até o alojamento previsto na Casa de Vacinação, antigo convento onde Isabel e os garotos foram recebidos por freiras que a tratavam por “dona”, algo com que ela não conseguia se acostumar. Como não havia espaço para o elevado número de expedicionários, o ajudante do governador precisou pedir a vários anfitriões que alojassem os médicos em suas casas.

— Os senhores encontrarão comida em abundância por todos os lugares, apesar da escassez de fundos dos cofres públicos — enfatizou o oficial, ressaltando o esforço de ter abastecido as casas.

Os recém-chegados estavam desejosos de alimentos frescos. Os garotos cravaram os dentes em frutas que nunca haviam visto — mamão, banana, abacaxi... — e provaram pratos com nomes que faziam rir.

— O que é isso? — perguntavam, com cara de nojo.

— Mofongo, é uma combinação de banana frita e torresmo; vamos, vou lhe dar tembleque e alcapurria para provar.

Mas os garotos já tinham escapulado. Quando Isabel experimentou um pedaço de pão recém-saído do forno, sentiu-se no paraíso. O calor tropical, agora desprovido da brisa do mar, era pegajoso, e ao anoitecer surgiam mosquitos dos lamaçais, para o tormento das crianças. Nunca haviam visto insetos tão grandes.

— É melhor os garotos se acostumarem — diziam as

freiras —, porque há por toda a América pernilongos enormes, capazes de atravessar a roupa com o ferrão, e mosquitinhos que picam muito.

Mas Isabel, em seu quartinho com cama e um genuflexório que utilizava como criado-mudo, protegida por mosquiteiros, depois do aperto do barco, sentia-se como se estivesse em um palácio. Estava muito satisfeita pelos garotos terem chegado todos sãos e salvos, exceto por uma ou outra tosse ou disenteria. O que havia de fato os contaminado foram os palavrões da tripulação, para o espanto das freiras, que, pouco habituadas, perguntavam: — O que quer dizer arrombado?

— É o mesmo que bobão — replicou Isabel.

— Essas crianças têm tanta imaginação! — disse outra. — Meu Deus, sabem cada coisa!

— Há outro insulto que dizem muito — disse uma freira tão jovem que parecia uma criança. — Parido a punheta?

Isabel ergueu o olhar para os céus. Aquela monjinha tão jovem só podia estar brincando, não fazia seu estilo, ela realmente não sabia o que estava dizendo. Isabel mudou de assunto.

— Cabeça de bagre, energúmeno... São os que eles mais dizem, porque é o que dizem os marinheiros.

— Virgem santa — disse uma, fazendo o sinal da cruz.

Quem não estava satisfeito era Balmis. A chegada de uma expedição patrocinada pelo rei da Espanha não merecia o deslocamento do excelentíssimo senhor governador para recebê-los? Obteve as respostas para suas perguntas à noite,

quando foi convidado com os demais médicos da expedição a comparecer ao palácio para cumprimentar o governador, o brigadeiro general Ramón de Castro, que os recebeu na companhia do doutor Francisco Oller, cirurgião-chefe do Hospital Militar. Não houve calor nem entusiasmo nas boas-vindas. Balmis logo soube por quê.

— Diante do surto epidêmico que ameaçava nossa ilha no ano passado — contou-lhes o governador —, só consegui material em vidrinhos.

— Fios impregnados em linfa vacinal — precisou o doutor Oller. — Foi enviado por meu correspondente, o doutor Mondeher, da ilha vizinha de Saint Thomas.

Balmis, que sonhara em ser o primeiro médico a vacinar nas Américas, não conseguiu ocultar a frustração. Além disso, ofendeu-se ao saber que o governador havia encarregado Oller de oferecer a vacina ao público, quando ambos sabiam que a expedição estava a caminho e os fios não eram confiáveis, pois a matéria vacinífera perdia eficácia com o calor. A Administração Municipal havia alugado uma casa na *plaza* de Armas para realizar sessões de vacinação, e duas mil pessoas passaram por lá.

— Aqui você terá pouco trabalho, Balmis... Já há tantos vacinados!

— Tem certeza de que as vacinas funcionaram?

— Absoluta.

Balmis farejava algo de errado naquela história: por acaso seriam movidos pela cobiça e vendiam doses de vacina? Ou planejaram se adiantar para apontar o feito e ganhar crédito

político?

— Ofereceram a vacina gratuitamente — disse Salvany, que havia realizado uma pequena investigação por conta própria —, mas é bem possível que tenham se antecipado para ganhar a simpatia do povo.

Salvany descobrira que o doutor Oller, graduado, assim como ele, pelo Real Colégio de Cirurgia de Barcelona, havia introduzido alguns anos antes a variolização em Porto Rico, mas tinha tanto medo dos riscos que não submeteu os próprios filhos ao processo. Por outro lado, testou a vacinação assim que obteve os cristais de Saint Thomas.

— Disse que a primeira tentativa foi inócua, mas a segunda funcionou...

— Temos de ver isso — apontou Balmis.

— Logo depois — prosseguiu Salvany —, o governador mandou vacinar as duas filhas e a esposa. E o regente, que alguns anos antes conseguira escapar de um surto causado pela variolização, também pediu para ser vacinado.

— Mais que conter a epidemia de varíola, o que desejavam era se protegerem eles mesmos.

— Até mesmo o bispo, antes de embarcar para Caracas, onde seria consagrado, tomou a mesma precaução. Não nos esperaram por uma simples razão: todos quiseram se vacinar antes do resto.

Não eram movidos pela cobiça, concluíram os médicos, mas pelo egoísmo, pelo desejo de serem os primeiros a se proteger, eles e seus conhecidos, passando por cima das

normas estipuladas pelo Protomedicato da Espanha.

— Oller quis obter méritos com o governador, que, por sua vez, queria ser condecorado pelo Conselho das Índias.

Diante de um governador e um médico que não seguiam um método profissional e propagavam, segundo o alicantino, falsas vacinas que não protegiam da varíola, a trupe beneficente dos expedicionários tinha de deixar tudo às claras.

— Precisamos demonstrar que essas vacinas não funcionam — disse Balmis a Salvany. — Estão enganando as pessoas.

— Não me parece que Oller tenha seguido o protocolo adequado.

— E como poderia, se o desconhece?

— E também devido à pressa, por querer se adiantar.

— Pouco importa a razão, Salvany. O fato é que não elaboraram um censo confiável dos vacinados nem quiseram criar equipes de vacinação... É como se houvessem esquecido da necessidade de manter o fluido vivo! Como se não tivessem a intenção de continuar vacinando, a começar pelos recém-nascidos.

Alguns dias mais tarde, ao se inteirar de que uma pessoa vacinada por Oller havia morrido de varíola, Balmis questionou publicamente a eficácia da campanha do governador. Foi ver o bispo, recém-chegado de Caracas, e o informou da possibilidade de que a vacinação tivesse sido ineficaz.

— Queremos deixar-vos alguns dias em observação...

Aterrorizado com a possibilidade de desenvolver a varíola devido a uma prática ruim, o bispo concordou. Logo Balmis e Salvany confirmaram suas suspeitas.

— Vossa vacina não deu resultado, Eminência.

— E...? — perguntou, assustado.

— Nada, não tem problema. Mas nós precisamos de apoio para que um caso desses não volte a ocorrer. Para que tudo seja feito como deve ser feito.

Ao concluir o sermão de domingo na catedral, o bispo, que apoiava a postura oficial de cooperação que a Igreja acabara por adotar, disse: — Meus filhos, como bom pastor que guia suas ovelhas, volto a recomendar que se protejam da varíola comparecendo aos postos de vacinação, mas que o façam segundo os ditames do doutor Balmis e sua equipe. Para servir de exemplo, ofereço-me para uma nova vacinação.

Quando, em 26 de fevereiro de 1804, Balmis se preparava para vaciná-lo com o fluido de um dos garotos, o doutor Oller apareceu de surpresa na Casa de Vacinação.

— Você não precisa fazer isso, Balmis. Não conseguirá me ridicularizar.

O diretor da expedição respondeu: — Ridicularizá-lo? Não vim para isso; vim para vacinar do jeito certo.

— Meu procedimento é tão bom quanto o do doutor.

— Como pode negar as evidências?

Balmis estava fora de si.

— Nem mesmo o homem mais ignorante teria procedido

como você, doutor! Veja este rapaz!

Apontou para um jovem, de sobrenome Sánchez. Tinha a cara coberta de marcas de varíola. Havia sido vacinado por Oller em San Juan, e o acaso quis que naquele preciso momento o rapaz retornasse de Yabucoa, sua aldeia. Nele, a vacina não tinha surtido efeito. Oller ficou lívido diante da prova de seu fracasso. A situação, testemunhada pelo bispo, era especialmente violenta.

— Aqui está a prova de sua ineficácia — disparou Balmis.
— Se não seguirmos o método já testado pelos especialistas, não chegaremos a lugar nenhum! E o doutor deveria saber disso.

Mas Oller oferecia resistência.

— Trarei pessoalmente os vinte e nove que vacinei e que os senhores revacinaram — balbuciou. — Não demonstram reação à segunda vacina porque a primeira, aquela que eu fiz, surtiu efeito, sim.

Balmis ergueu o olhar aos céus e disse em seu tom petulante: — Espere alguns dias e verá como reagem a minha vacina... A sua é um número de comédia manjado, uma fraude previamente ensaiada!

— O doutor não me insultará!

— Não insultarei, só direi que o senhor é a pessoa mais incompetente que há para assumir uma responsabilidade tão séria.

O prelado mudou de cor quando viu que Oller investia contra Balmis com os punhos fechados e um olhar de raiva

profunda. O religioso levantou-se da cadeira e intercedeu na briga.

— Acalmem-se, cavalheiros, acalmem-se.

A notícia do estranhamento circulou com rapidez.

— Brigaram a chutes e socos...

— E quem ganhou?

— Nosso diretor! — diziam os garotos.

Logo, as dúvidas de Balmis se tornaram de conhecimento público e os pais começaram a aparecer para revacinar os filhos. Diante da pressão popular e daquela que vinha do próprio bispo, o governador Castro e seu cirurgião militar tiveram de dar o braço a torcer.

— Autorizaram-nos a espalhar cartazes por toda a cidade para revacinarmos os vacinados nos últimos dias do mês.

— Isabel, contamos com sua ajuda, certo?

Ela assentiu. Como o resto da equipe, ficava incomodada diante das tensões entre as partes. “Que diferença para aquela escala em Tenerife”, disse a si mesma.

Isabel teria gostado de se misturar mais com a população local e desfrutar de seu *status* de dona. Mas mal houve oportunidade, devido à debilidade das relações entre as autoridades locais e a direção da expedição, de modo que passou a maior parte do tempo com as freiras, vigiando os garotos que brincavam com a criançada local na praia e nas ruas.

— Nenhum desses negrinhos, mulatos e mestiços sabe

quem são os pais. Alguns sabem quem é a mãe, mas nunca o pai. Aqui vivem todos afastados de Deus.

Isabel engoliu em seco. As palavras das freiras fizeram-na recordar que vivia em uma mentira piedosa, oferecida por Balmis para que ela pudesse se redimir. Com a diferença de que não se sentia afastada de Deus.

— O que são essas marcas que os negros têm nos braços?

— A marca da escravidão, minha filha. Quando chegam da África, encostam neles um ferro incandescente, e a cicatriz que fica é a maneira de identificá-los.

— São capazes de dançar durante horas ao som desses tambores — acrescentou a freira mais velha — e, quando caem de bêbados, dedicam-se ao amor livre atrás dos arbustos.

De seu quartinho, Isabel escutava-os cantar sob a sombra das bananeiras, e a esses cantos se somavam os sons da rua, as campanadas da catedral e o estrondo dos aguaceiros repentinos.

Despojado de sua glória, farto de tantos empecilhos e tanta insipidez e sem vontade de perder mais tempo defendendo sua opinião de especialista científico contra o militar e o aristocrata locais, tendo vista a imensidade da tarefa que os aguardava, Balmis fixou a data de 2 de março, ou seja, quatro semanas após sua chegada, para partir de Porto Rico em direção a Caracas. Foi então que outro assunto turvou ainda mais suas relações com o governador. A expedição precisava recrutar quatro garotos para levar a vacina à capitania-geral da Venezuela, e o governador não mexeu um dedo sequer, alegando que praticamente não restavam crianças para ser vacinadas, assumindo, assim, a defesa de seu médico militar e de suas vacinações. Então, Balmis pensou em Isabel.

— Precisamos de mais crianças — disse a ela. — Sem a colaboração dos oficiais locais, apenas a senhora, talvez com a ajuda das irmãs, poderá nos ajudar a recrutar pelo menos outros quatro. Suplico que vá até os bairros pobres tentar convencer as famílias.

— Uma coisa é deixar seus filhos serem vacinados, outra é deixá-los partir com desconhecidos para uma viagem marítima.

— Sempre é mais fácil se são pobres.

— Nisso o doutor tem razão.

Isabel e os enfermeiros deixaram os mais novos sob o cuidado das irmãs na Casa de Vacinação e, guiados por duas freiras, percorreram os subúrbios da cidade para conseguir a mais preciosa das cargas: crianças pobres. Isabel oferecia às mães levar os filhos ao México, onde receberiam educação como bolsistas do rei entre os garotos galegos. Foi assim que conseguiu reunir quatro famílias cujos filhos viviam nas ruas. Mas um deles, Juan Eugenio, tinha aspecto de doente, e Isabel decidiu excluí-lo. Balmis insistiu: — Precisamos de quatro.

— Não parece estar bem de saúde.

— Se não encontrar outro, vamos levá-lo. Três não é suficiente, seria muito arriscado.

Arriscado para a expedição, mas e quanto ao risco assumido pela criança? Isso Balmis não via ou, conforme Isabel acreditava, não queria ver. Quando já haviam embarcado, Balmis mudou de opinião.

— Percebi que não há espaço na embarcação *María Pita* — disse. — É melhor propor a eles que os devolvamos quando estivermos na Venezuela.

— Mas isso irá privá-los dos benefícios prometidos. Não aceitarão.

— Precisaremos fazer algum milagre — disse Balmis.

De fato, as mães protestaram energicamente e quiseram tirar os filhos do barco.

— O que nós, pobres, temos além de nossas crianças? — lamentavam-se.

— Eu entendo — disse Isabel, que jamais teria se separado de Benito, nem por todo o ouro do mundo.

Então, ainda que a contragosto, usou a cartada que às vezes funcionava com os pobres.

— O que posso lhes oferecer é uma compensação, algum dinheiro.

Ela viu o rosto das mulheres se iluminar. Balmis precisou se resignar a oferecer um montante de cinquenta pesos, o equivalente ao salário de seis meses de um pedreiro², por dois garotos de quatro anos, um de oito e outro de nove. Isabel achava imoral pagar por Juan Eugenio, pois via que não estava bem, mas acabou cedendo diante da pressão de Balmis e dos familiares. Todos eram filhos naturais, sem pai conhecido.

De acordo com o regulamento da expedição, esse montante deveria ser pago pelas autoridades locais. Mas as relações entre Balmis e o governador Castro estavam tão deterioradas que os dois só se comunicavam por cartas. Nos dias que antecederam o embarque, o governador deu como resposta ao pedido de reembolso que era contrário ao pagamento, alegando que a vacina havia chegado antes à ilha. Era uma maneira de fazer pouco caso de Balmis, de negar a importância da visita da expedição e de redirecioná-la à sua própria campanha de vacinação, por mais ineficaz que houvesse sido. Balmis precisou arcar com os gastos tirando do próprio bolso.

— É pouco cínico esse governador Castro! — disse ao capitão. — Anda por aí dizendo que já tinha introduzido a vacina na ilha, mas lá estão Isabel, Salvany e o resto da equipe

revacinando uns mil e tantos que supostamente já foram vacinados por Oller e trabalhando até a meia-noite.

Isabel havia se tornado especialista em fazer com que as crianças não gritassem como se estivessem sendo degoladas. Contava-lhes histórias de bons espíritos que entravam pelo braço e se expandiam por todo o corpo, deixando uma marca; então, apontava para o pequeno corte e as crianças olhavam para ela com os olhos arregalados. Um mágico não teria se saído melhor.



Em 2 de março de 1804, os expedicionários embarcaram de volta preparados para uma travessia que deveria ser curta. Os quatro moreninhos berraram muito ao se despedir das famílias — ainda mais quando dois deles foram vacinados, por mais que lhes dissessem que todas as crianças que viajavam no barco haviam passado pelo mesmo processo sem chiar. Em sua cabine, Balmis escreveu em seu diário que partiriam com poucas crianças, pois o governador havia imposto a eles dificuldades de todos os tipos. A falta de ventos favoráveis atrasava a saída.

— Quando poderemos zarpar? — perguntava a Pedro del Barco. — Estamos há mais de uma semana ancorados!

— O que posso dizer além do que o doutor já não saiba? É só nos arranjar um ventinho.

Balmis olhava para o céu em busca de algum sinal, em vão.

— Não quero parecer insistente, mas deveríamos levar conosco um piloto local para nos ajudar a entrar nas águas da Venezuela, que são traiçoeiras.

— Tenho certeza absoluta de que o capitão se sairá muito bem. Sua perícia e sua experiência não têm páreo.

— Agradeço o elogio, doutor, mas, pense bem, daqui a pouco pode ser tarde demais.

Balmis, que já gastara dinheiro de forma inesperada para compensar a família dos rapazes, não queria ter novos gastos. Tampouco o animava a ideia de lidar com qualquer autoridade daquela ilha. Só queria partir.

Todas as manhãs, o bote auxiliar levava barris de água fresca, abacaxis, mamões, goiabas, maçapães, alfajores de iúca e doces preparados pelas freiras para o lanche dos garotos. Mas não havia fruta ou doce no mundo capaz de aliviar a tensão que havia se instaurado naquele barco. Tensão entre as crianças devido à inatividade, aos mosquitos e ao calorão, que Isabel mitigava abanando uma folha de palmeira sobre os pequenos, como vira as habitantes locais fazerem. Cândido e Benito apelidaram os novos de “negritos”, e logo todo o barco os chamava assim. Provocavam-nos apenas para que os porto-riquenhos os insultassem.

— Mariconas, come-bostas!

Os garotos galegos retrucavam: — Babaquaras, merdalhões!

Cândido e Benito caíam na risada enquanto os demais se engalfinhavam aos socos.

Também havia tensão entre os marinheiros, que cochichavam sobre a possibilidade de retornar à Espanha e continuavam atribuindo a calma à má sorte causada pela presença de Isabel. Sobretudo, pairava um clima de tensão

entre os médicos, pois, conforme o tempo passava, talvez comesçassem a faltar garotos para o transporte do fluido, o que significaria uma catástrofe de consequências incalculáveis.

À exceção dos garotos, todos saíram de Porto Rico com um gosto amargo na boca. No caso de Balmis, pela frustração de ter deparado com servos do rei tão pouco cooperativos e, definitivamente, tão corruptos; no de Salvany, porque a expedição deixou de corresponder à ilusão romântica que ele criara para si. “Aconteceria o mesmo nas demais escalas?”, perguntavam-se. Atravessaram o Atlântico em vão? Seriam recebidos como em Tenerife ou como em San Juan? Se passaram um mês em Porto Rico para obter resultados tão exíguos, quanto demorariam para salvar o império? Era como se, de repente, passassem a ver os limites da própria expedição. Limites sujos e inesperados.

No fim, em San Juan comprovou-se que os vacinados por Oller não estavam imunizados, mas os vacinados pelos expedicionários, sim. Foi uma vitória com sabor de derrota. Energia e tempo desperdiçados. O mais grave era o fato de não terem sido estabelecidas equipes de vacinação, tampouco um protocolo estrito de funcionamento.

— Foi uma batalha perdida — disse o auxiliar Grajales.

— Calma, Grajales — disse Balmis. — Ainda restam muitas batalhas nessa guerra.

O que deveria ter sido uma navegação de oito dias sem

problemas se transformou em uma luta angustiante contra o tempo. O primeiro problema, que se revelaria muito maior do que parecia a princípio, foi o fato de que um dos “negritos”, Juan Eugenio, não pôde ser vacinado devido a sua constituição frágil, que era exacerbada pelos enjoos e pelos incômodos. Isabel tinha razão: aquele garoto deveria ter ficado em terra. Mas agora, faltando um garoto e tendo sido postergada a data de partida, corriam o risco de não chegar à Venezuela a tempo de continuar transmitindo o fluido vacinífero. Essa eventualidade significaria o fim da expedição. Um fracasso total.

Quando achavam estar próximos ao porto de La Guaira, perceberam que o capitão passava horas no convés observando o galhardete no topo do mastro, o qual indicava a direção do vento; olhava pela luneta, fazia cálculos com o sextante e discutia com o piloto e o contramestre. Até os garotos perceberam que havia algo de estranho. Na verdade, a tripulação, pouco conhecedora daquelas costas, perdera o rumo. Os marinheiros olhavam de soslaio para Isabel, culpando-a pelo que estava acontecendo. Quando o capitão finalmente confessou, Balmis ficou lívido.

— Só nos resta um garoto para inocular. A vacina corre o risco de acabar inutilizada! — exclamou.

— Devo lembrar que o doutor não quis atender ao pedido de contratar um piloto local — disse o capitão.

— Teria feito isso, caso o governador tivesse arcado com o custo dos garotos, conforme seu dever!

Agora, ele se arrependia por não ter dado ouvidos ao

capitão. Perder a cadeia de vacinação seria dar fim à expedição. Não podia permitir aquilo.

— Atrique no primeiro lugar da costa em que for possível — ordenou.

Estavam perdidos no mar. Desesperadamente perdidos. Nem sob um temporal nem embaixo d'água nem com um ataque de corsários ou um encalhe... Aquele sonho acabaria em razão de algo tão pouco heroico, um extravio. Como explicariam isso ao rei? “Balmis se encontra na maior das aflições por estar em uma costa desconhecida com apenas um garoto vacinado, e esse líquido precisaria ser utilizado hoje mesmo”, anotou o capitão Pedro del Barco em seu diário.

Na noite do quarto dia de navegação, Isabel surpreendeu Balmis encarando o horizonte escuro no convés. Aproximou-se dele e percebeu que estava chorando. Surpresa, em um gesto inocente pôs a mão em seu braço, como teria feito com Jacobo, seu pai.

— Não se preocupe, doutor, o capitão nos disse que logo chegaremos à costa...

— “Logo” pode ser muito tarde.

Não imaginava que alguém como Balmis chorasse. “Os fortes nunca cedem”, pensava. Mas ali estava ele, esgotado pelas brigas inférteis das últimas semanas, aterrorizado com seu sonho quebrando em pedaços, furioso consigo mesmo por não ter tomado todas as precauções possíveis, tremendo feito vara verde. Quando ele se acalmou e Isabel recolheu a mão, surpreendeu-se ao ver que ele a segurava. Ela tentou se desvencilhar, mas Balmis apertou-a. Percebeu que estava

diante da mulher mais linda que conhecera. Na penumbra, a pele dela contrastava ainda mais com o cabelo azeviche que caía sobre os ombros. De nariz fino e os lábios carnudos, a mulher mantinha a cabeça erguida e olhava para ele com toda a sua dignidade, tanta que parecia arrogância. Era sua maneira de fingir que não estava nervosa. Os olhos de Balmis se perderam naquele olhar e flutuaram nas profundezas reluzentes de seus grandes olhos escuros. Isabel tentou se soltar, mas Balmis apertou ainda mais sua mão e a acariciou. “Não era um gesto de carinho recíproco”, pensou Isabel, “era possessão”. “Está atrás de algo mais.”

Assim, ela forçou levemente e retirou a mão, e Balmis, homem acostumado a conseguir o que queria, pareceu desconcertado. Ela percebeu que seu ímpeto de consolá-lo havia emitido um falso sinal. Devia muito a Balmis. Admirava-o. Mas ele não despertava nela nenhum outro sentimento. Simplesmente não gostava dele, tampouco de sua arrogância ou de sua tentativa de se aproveitar de sua compaixão.

O médico agiu como se nada houvesse acontecido. Aparentemente era verdade, nada havia acontecido, mas Isabel sabia bem que, caso não houvesse oferecido resistência, teria se tornado mulher do diretor em um instante. Cedo ou tarde, ser a única mulher em uma embarcação teria seu preço. Correu para buscar refúgio em sua cabine e afastar a angústia na companhia das crianças. Só esperava que aquele incidente caísse logo em esquecimento, que não se repetisse e, sobretudo, que Balmis, tendo seu incomensurável orgulho ferido, não impusesse qualquer tipo de represália.

Balmis estava transtornado devido à própria audácia. Havia muito tempo não tinha uma relação estável, desde a época das atrizes do Coliseu do México, quando ainda era jovem. Nos últimos anos passados em Madri, só teve um ou outro contato esporádico, puro alívio sexual com mulheres livres, como uma faxineira solteira do hospital ou uma viúva que trabalhava como balconista em uma mercearia na rua Carretas. Encontravam-se no Domingo de Ramos na Páscoa e, privando-se das preliminares, satisfaziam-se feito animais no cio. Mas sempre chegava o momento em que elas queriam mais — um pouco de amor, uma pitada de segurança, uma carícia ou um presente, mesmo que simbólico. Então, Balmis desaparecia. Assim, chegou à conclusão de que não tinha tempo para relacionamentos. Percebeu que, do ponto de vista do tempo e do dinheiro, era mais rentável frequentar casas de prostituição da capital, onde havia grande variedade de senhoritas de idades, raças e estilos diferentes — desde peludas e grandotas até bonequinhas de porcelana limpinhas —, todas por um punhado de pesos. O que mudava era o preço. Pagar eximia sua alma de culpa e responsabilidade e o fazia sentir-se livre. Sempre viu as casas de tolerância como salvação, pequenos édens onde se sentia abrigado do frio e da solidão, onde não precisava se esforçar para controlar seus tiques, onde não precisava seduzir nem dançar, algo que definitivamente não estava apto a fazer. Bordéis que, para homens como ele, eram verdadeiros templos de liberdade, onde era possível ser anacrônico e grosseiro sem sofrer as consequências e sair aliviado ao amanhecer, feliz por sentir-se vivo. Balmis gostava dos prostíbulos porque eram lugares para amar a si mesmo, para se fazer um mimo, não para amar

os outros. Sabia Balmis amar aos outros, os mais próximos? Talvez, em sua arrogância, havia pensado que Isabel, por ser mãe solteira, seria uma presa fácil ou que desejasse ser a mulher do diretor para assegurar seu posto na expedição. Talvez sentisse algo além da simples atração sexual pela única mulher a bordo, talvez sentisse algo genuíno por aquela mulher que se portava sempre com diligência e abnegação e que se tornara o pilar daquela empreitada desvanecida com a qual pretendiam salvar o mundo. Isabel não tinha consciência de sua própria importância, mas Balmis, sim. Sem ela não havia crianças, e sem crianças não havia vacina. Sem vacina não havia glória, e sem glória... Balmis ficava sem razão de existir.

Repreendeu-se por ter se equivocado em relação a Isabel. “Que tolice a minha”, disse a si mesmo. Teve de reconhecer que aquela mulher despertava nele sentimentos enterrados havia muito no fundo do coração. Sua voz, profunda e sonora, com um traço de galego que agora se misturava ao cecear do espanhol que escutava ao redor, fazia-o estremecer. Lembrava-se de ter lido um autor oriental que contava que casamenteiros afegãos garantiam que a voz era mais da metade do amor. Tinham razão, mas nesse caso o cheiro também contava. Isabel tinha aroma de mar e sabão; e, quando percebia seu aroma no ar, Balmis era assaltado por tiques e começava a piscar e contrair o pescoço, de tão alterado. Talvez estivesse obcecado por aquela mulher, como nos tempos que passou no México, agora que tinha mais de cinquenta anos e sentia o amargo sabor do fracasso iminente. A humilhação de ter sido recusado, mesclada com certa indignação, porque também pensava que ela devia tudo a ele,

fez com que se trancasse em sua cabine. Sentia-se como um pássaro com a asa machucada, as certezas de seu mundo se desmoronavam, assim como a expedição ameaçava desmoronar; por isso, tomou beladona para conseguir dormir. Pensou em seu pai, na vida em Alicante, em Josefa e em seu filho, naquela vida que talvez devesse ter seguido para não naufragar estrepitosamente.

— Terra à vista! — gritou, do alto do mastro principal, o vigia.

Após quatro dias perdidos no mar, encontravam-se à altura de Puerto Cabello, cento e cinquenta quilômetros a oeste de Caracas, em cuja enseada soltaram a âncora.

— Obrigado, meu Deus! — disse Balmis, ajoelhando-se no convés.

Ancoraram justamente quando a vesícula do último garoto havia maturado. Precisavam agir depressa. Do barco, viam-se corvos pousados sobre o telhado das casas caiadas e roupas coloridas estendidas nas varandas. Balmis enviou por um marinheiro uma mensagem ao comandante da praça, Pedro Suárez de Urbina, pedindo com urgência vinte e cinco crianças. Como reagiria o comandante? Como o brigadeiro Ramón de Castro em Porto Rico, recusando-se a fazer qualquer coisa? Ou entenderia a gravidade e a urgência da situação e se disporia a colaborar? Durante as horas que levaram para desembarcar, Balmis estava fora de si. Caso não obtivesse ajuda oficial, precisaria solicitar colaboração imediata às freiras ou aos religiosos do convento local. Dispunham de poucas horas até que a vesícula do último garoto secasse. Por isso, quando chegaram à costa e viram que

eram aguardados pelo comandante, pelos representantes eclesiásticos e pelas famílias mais importantes da cidade acompanhados de vinte e oito crianças com cara de assustadas para ser vacinadas imediatamente, Balmis suspirou e conteve a vontade de chorar, dessa vez de alegria. Conseguiram salvar a vacina, salvar a expedição. Balmis sentia que também havia se salvado.

O comandante ofereceu todo tipo de atenção e todas as facilidades possíveis, permitindo que Balmis reorganizasse a expedição. Decidiu sair antes rumo a Caracas com seus dois ajudantes e uma criança com grânulos vaciníferos. O resto da expedição permaneceria em Puerto Cabello sob o comando de Salvany, acompanhado dos dois praticantes e dos três enfermeiros, com a missão de levar adiante uma vacinação geral. Esse grupo se dirigiria, então, a La Guaira a bordo da embarcação *María Pita* para finalmente se reunirem todos na capital. Ele achou que seria melhor que Isabel permanecesse em Puerto Cabello e se encarregasse dos galegos já vacinados.

Salvany e sua equipe ficaram sobrecarregados com a quantidade de gente — havia até mães com crianças já infectadas que insistiam em vaciná-las, como se fosse uma cura milagrosa, não uma prevenção. Ele pediu que Isabel deixasse as crianças sob os cuidados das religiosas e fosse ajudá-lo. Não se tratava apenas de vacinar, mas também de ensinar o procedimento aos médicos locais, de maneira que pudessem atuar por conta própria. Isabel tinha a tarefa extra de cuidar do porto-riquenho Juan Eugenio, que estava doente e apresentava febre intermitente. Durante o dia, precisou deixá-lo com as outras crianças.

As religiosas, por sua vez, estavam exasperadas com o comportamento abjeto daqueles órfãos e com os insultos vulgares. Não conseguiam impor autoridade sobre os pivetes, que se negavam a assistir à missa ou a rezar antes das refeições.

— Ao menos faça o sinal da cruz! — ordenou uma freira a Cândido antes que ele começasse a comer.

— A senhora não manda em mim!

A freira lhe deu uma bofetada barulhenta na cara. Cândido olhou para ela com ódio contido e respondeu com um arrote, cujo eco fez todos no refeitório caírem na risada. Os demais o imitaram, e logo a freira, desnorteada com aquele concerto de arrotes, saiu em busca de ajuda. Voltou com um cura alto e com ar de poucos amigos, que tirou Cândido do refeitório e o obrigou a se ajoelhar em seu gabinete. Enquanto batia na mão do garoto com uma régua, dizia: — Sei quem é você. É o clandestino. Dona Isabel me disse para não o perdermos de vista. Vamos arranjar alguma coisa para você fazer aqui enquanto os demais seguem viagem...

Cândido ficou pálido. O cura bateu outra vez, com força.

— Ai!

— Pode gritar, que eu não ligo.

— Desculpas, padre, não fui o único...

— Mas foi você quem começou!

— Não fui eu, foi minha barriga...

O cura deu outro golpe seco com a régua.

— Essa é por ser respondão! E essa por ser desobediente!

Cândido não conseguiu segurar a dor e derramou algumas lágrimas. O cura largou régua sobre a escrivaninha. As mãos de Cândido estavam avermelhadas, e os dedos, inchados.

— Cem pai-nossos e cem ave-marias. Quero escutar.

Cândido ficou três horas ajoelhado cumprindo a penitência. Quando Isabel retornou com Salvany, ambos exaustos, o garoto continuava rezando. Olhou para ela com apreensão.

— Você vai morar aqui no colégio de frades.

— Não, por favor...

— Não me venha chorar nem implorar, você perdeu todas as oportunidades.

Ela se fazia de durona, mas no fundo dizer aquilo a deixava de coração partido. Queria que Cândido entendesse que era um intruso naquela expedição e, se estavam tolerando isso, o mínimo que precisava fazer era se comportar bem. O garoto olhou para ela com seu ar angelical de sempre, que não era fingimento, mas uma maneira de expressar que não era capaz de se controlar. Aquele olhar representava seu ponto forte, pois era difícil resistir à piedade que inspirava.



Em Caracas, salvas de artilharia em meio a aplausos, música e fogos de artifício receberam Balmis e os expedicionários de maneira triunfal. Na Administração Municipal, o capitão-general e governador Guevara Vasconcelos agradeceu-lhe pela visita e lembrou-o de como Caracas fora castigada pela última epidemia, que causara oito

mil baixas em uma população de trinta mil pessoas.

— Os jovens já não frequentavam a escola, e o comércio parou — disse o governador. — A única arma que tínhamos para nos defender eram os versos do médico Francisco Gil: “Saída imediata, remota distância e muito longa ausência”.

Balmis, por sua vez, agradeceu pela recepção calorosa.

— Vocês não precisam mais fugir — disse. — Eu trouxe a solução definitiva.

Então, apresentou os garotos portadores do fluido, os pardos de Puerto Cabello, penteados e incômodos em uniformes, que receberam uma ovação ressonante, a primeira e provavelmente a única da vida deles.

Em seguida, Balmis anunciou a criação de uma equipe de vacinação, um órgão pioneiro de saúde pública composto pelas personalidades civis e eclesiásticas mais importantes, de maneira que sua atividade fosse mantida mesmo após sua partida. O mais urgente agora era conter a epidemia que se estendia por Maracay, Montalbán e Valência e que teria chegado a Caracas, não fosse essa visita.

No dia seguinte, 30 de março, Sexta-feira Santa, em meio a uma cerimônia religiosa cheia de pompa na catedral de Caracas, com música sacra e a presença de oficiais reais e grandes fazendeiros de cacau vestidos com trajes de gala, Balmis vacinou sessenta e quatro pessoas. Registrou-se na história o nome de Luis Blanco como sendo o da primeira criança de Caracas a receber a vacina. O governador Guevara Vasconcelos emitiu um ofício que dava total apoio à expedição, exemplo que foi seguido em outras regiões da capitania-geral

da Venezuela.

O que estava acontecendo lá era o sonho dos expedicionários transformado em realidade. A vacina começou a se difundir rapidamente pelas mãos de médicos e praticantes locais, que levaram crianças recém-vacinadas para suas aldeias a fim de transportar e conservar o fluido. Assim, o procedimento chegou em 15 de abril a Maracaibo, onde o governador Fernando Millares mandou por decreto que todos os habitantes da província fossem vacinados. O poeta Andrés Bello dedicou estes versos ao diretor da expedição: *E a ti, Balmis, a ti que, abandonando*

O clima pátrio chega como gênio

Tutelando de saúde e aos teus passos

Uma vital semente difundindo...

Balmis, que alguns dias antes se encontrava no abismo do desespero, suspirava de prazer. Finalmente reconheciam seus méritos. O episódio de Porto Rico não havia sido mais que um parêntese. Agora, estava confiante de que encontraria a mesma acolhida no resto do império. Tinha razões para se sentir orgulhoso. O doutor Josef Domingo Díaz, eminente cientista venezuelano sugerido por Balmis para ser secretário da primeira Junta de Vacinação Central, que serviu de modelo para outros assentamentos da América, levou o fluido da vacina a cento e sete cidades, vilas e povoados e chegou a vacinar mais de cem mil pessoas. Era um resultado melhor do que qualquer um poderia esperar. Sobretudo, era a prova — tão necessária, agora que Balmis havia perdido a confiança em si mesmo — de que suas ideias eram bem fundamentadas e de

que seu plano tinha sustentação.

Salvany não conseguiu aproveitar a curta viagem marítima de Puerto Cabello até La Guaira nem o caminho de lá até Caracas, cidade situada em um vale a quase dois mil metros de altura cujo acesso se dava por estradas sinuosas e perfumadas por uma densa vegetação tropical. Estava de cama devido ao esforço dos últimos dias, tremendo de febre, e dois carregadores tiveram de levá-lo em uma maca, de tão fraco que se sentia. Isabel repartia seus cuidados entre ele e o pequeno Tomás Melitón, que também padecia de febre. Havia tempo que aceitara a ideia de que alguém estaria doente; o clima úmido e caloroso tinha seu preço. Na caravana de garotos, Cândido também seguia.

— Esse garoto deveria ficar aqui, no colégio de Puerto Cabello, sob cuidado dos curas — disse Salvany.

— Mas ele não quer... — disse Isabel, sabendo que aquela resposta lhe renderia uma enxurrada de críticas.

— Ele é uma criança e tem que fazer o que mandarem — argumentou o assistente Grajales. — Já fomos condescendentes demais com ele.

— Aqui terá educação e futuro — acrescentou Salvany.

— Sinto muito — concluiu Isabel —, mas não tenho coragem de abandoná-lo.

Quando Cândido ficou sabendo disso, saiu correndo para colher flores e levá-las à diretora. Foi sua maneira de agradecer pelo apoio.

Nos dias em que Isabel e Salvany ficaram sozinhos em Puerto Cabello, criaram uma intimidade que se intensificou ainda mais com o trabalho conjunto. Ela o viu atuar ao lado dos funcionários locais até tombar na cama com uma palidez anêmica, esquecendo-se de comer e sem parar um minuto sequer para recuperar o fôlego. Admirava a dedicação daquele homem que nunca se queixava, tirava forças da fraqueza e jamais deixava de cumprir com seu trabalho. Salvany tinha uma humildade natural que lhe dava um aspecto de sábio. Era o oposto de Balmis. Havia nele algo de puro que a doença havia preservado, despojando-o de tudo que não fosse essencial. Após ter sido cobiçado em Barcelona enquanto estudava medicina, precisou esquecer as bajulações das moças em busca de casamento e renunciar ao desejo de formar uma família. Paciente e médico a uma só vez, impossibilitado de levar uma vida normal, apegou-se à convicção de que a entrega aos demais, aos desfavorecidos, era a única coisa pela qual valia a pena viver. As mulheres de sua condição, as mais sedutoras, pensaram que ele tinha vocação para servir a Deus e que logo acabaria em um convento. Mas Salvany não tinha outra paixão além da medicina.

— Sempre fica algo do bem que fazemos. Do resto, não fica nada.

Isabel não queria reconhecer, mas sentia por Salvany algo mais que amizade — um sentimento proibido e semelhante ao amor. Sua alma de poeta, sua aversão ao confronto, sua

absoluta dedicação à causa, sua valentia e, sobretudo, sua gentileza e sua proximidade o tornavam diferente da maioria dos homens com que convivera. Era o contrário daquele que havia sido o único amor de sua vida, o pai de seu filho Benito, vulgar e charlatão. Salvany era sério e tinha ao mesmo tempo uma humanidade alegre, com a expressão cândida que alguns homens conservam até o final de seus dias. O interesse que Isabel tinha em cuidar dele ia além do âmbito médico. Abria a camisa de seu pijama com muito tento para aliviá-lo do calor, fazia-o beber gole a gole poções para controlar a respiração pedregosa e passava um pano úmido em sua testa para limpar o suor. Os demais, enfermeiros e tripulantes zombavam daquele caso secreto de amor. Mas era um amor platônico, pois Isabel jamais se atrevera a revelar seus sentimentos.

Em Caracas, hospedaram-se no palácio do governador com o resto dos expedicionários e foram tratados como heróis. Talvez tenha sido o luxo e a comodidade daqueles aposentos, o encanto daquela pequena cidade situada em um vale dominado pelo impressionante monte Ávila, a temperatura amena, sem frio nem calor, o recebimento caloroso da população, a companhia tranquilizadora de Isabel... O fato é que Salvany não demorou para se recompor e deixou de parecer uma bela estátua da morte. Como sempre, prevaleceu sua imensa vontade de viver sem se preocupar com o futuro, buscando em sua dedicação um aturdimento contínuo, um bálsamo espiritual que lhe permitiu melhorar.

Foram três dias frenéticos, durante os quais vacinou junto com Balmis mais de duas mil pessoas. Ao término de cada sessão, a Administração Municipal organizava um espetáculo

com uma orquestra composta por todos os indivíduos que tinham, ou alegavam ter, talentos musicais. As famílias de posses disputavam a chance de convidá-los para almoçar ou jantar em busca do privilégio de sentir a emoção viva daqueles médicos vindos para instruí-los com seu conhecimento e sua experiência.

Mas Balmis, além de possessivo, era extremamente sensível. Não gostava de compartilhar sua fama nem dividir o tempo de um integrante da equipe que considerava insubstituível e por quem sentia uma inegável atração. Tinha um sexto sentido para o perigo e deve ter sentido que Isabel escapava de suas mãos. O falatório dos enfermeiros e dos membros da tripulação, deixando entrever que havia algo além de “compressas para aliviar o peito” entre Salvany e Isabel, não passou despercebido.

Ao entardecer, Isabel foi avisar os médicos que Juan Eugenio, o porto-riquenho, havia piorado. Suspeitando de uma infecção intestinal contagiosa, isolaram o garoto em um quarto. Salvany a acompanhou para auscultá-lo. Percebeu que tinha as órbitas oculares afundadas. Apertou a pele de Juan, que parecia de papelão, e quando pediu que abrisse a boca deparou com gengivas brancas.

— Está desidratado — disse.

Isabel contou que lhe dava água com suco de lima, mas que o garoto passara a rejeitar. Havia vomitado diversas vezes.

— Uma infecção intestinal o está consumindo — disse Salvany. — Precisamos continuar dando água com lima e, quando estiver melhor, é preciso dar um xarope de ipecacuanha.

Administraram o remédio a pequenos goles, enquanto acalmavam e tranquilizavam o garoto, que, por fim, conseguiu engolir. Então, exausto pelo esforço, pegou no sono. Isabel e Salvany permaneceram um longo período em silêncio, acompanhando na penumbra o sono do garoto.

Então Salvany se atreveu a fazer um gesto que ela não esperava: acariciou seu rosto. O susto a deixou petrificada, mas era uma surpresa de amor; quando se recompôs, ela

olhou nos olhos dele e esboçou um sorriso terno. Como parecia linda aos olhos de Salvany, naquela penumbra, com o rosto lívido e o olhar lânguido, tão diferente do comum entre as mulheres. Ele sentia um prazer quase espiritual ao contemplá-la. Uma doce força lhe dava uma sensação de segurança muito prazerosa, como se nada de ruim pudesse lhe acontecer quanto ela estivesse por perto. Ali estava a felicidade, ao alcance das mãos. No fundo, sabia que era apenas uma ilusão, que não tinha direito de desfrutar daquela mulher que a vida havia posto em seu caminho.

No entanto, puxou-a em sua direção e abraçou-a. Então, ela apoiou a cabeça em seu peito, que exalava o cheiro das compressas de eucalipto que ela havia aplicado. Permaneceram calados e imóveis até que ela se espreguiçou, endireitou-se e pôs as mãos ao redor da cabeça dele. Deu-lhe um beijo, o primeiro que ela dava por iniciativa própria, em vez de receber, um beijo que durou uma eternidade porque ambos estavam à espreita do passo seguinte. Foi ela quem continuou no comando: mordiscou orelhas dele, o pescoço, mergulhou os dedos naquele cabelo grosso e, então, desabotoou a camisa e passou os dedos pela cintura de Salvany, percorrendo o cóis da calça enquanto escutava gemidos de prazer. Teria ido até o fim, até o ápice, se o pequeno Juan Eugenio não tivesse acordado gritando. Sobressaltada, Isabel ajeitou o corpete e foi ver o garoto.

— Foi um pesadelo — disse. — É por causa da febre.

Preparou um lenço molhado e passou na testa do menino. Depois que o garoto já havia se tranquilizado, Isabel voltou para o lado de Salvany. O ardor havia esfriado, e ela mais uma

vez apoiou a cabeça sobre o peito de seu amado.

— Agora ele vai dormir...

Ficaram um longo tempo em silêncio.

— Posso fazer uma pergunta? — sussurrou Isabel.

Salvany assentiu.

— Você nunca se casou? Não tem filhos?

Salvany demorou para responder. Seu rosto anuviou-se.

— Estive a ponto de me casar com a filha de um professor de latim; ela gostava muito de poesia, como eu. Como você. Eu a amava muito e queríamos ter filhos.

— E...?

— Fiquei doente outra vez, já achava na época que era tuberculose, e no fim das contas era mesmo. Senti-me moralmente obrigado a romper o compromisso. Ela não queria, dizia que cuidaria de mim, que não se importava com a doença, que muitos conviviam com esse mal durante anos, mas achei que ela merecia um marido melhor que um doente como eu. Além disso, que sentido haveria em transmitir minha herança de má saúde a meus descendentes? Pensei muito e decidi que não podia ser pai. Nem marido nem pai. Sou casado com minha doença.

— Não diga isso...

— É verdade... Uma semana antes do casamento, expliquei a ela. Foi difícil para os dois, mas tive de fazer isso justamente porque a amava. Não teria conseguido conviver com a culpa caso houvesse acontecido algo de ruim com ela ou se

tivéssemos um filho com algum problema...

— Agora você é casado com a expedição.

Salvany riu.

— Quem sabe eu não possa me curar em algum rincão deste novo mundo. E então...

— E então?

— Um dia a expedição acabará, então irei buscá-los e a encontrarei onde estiver.

Isabel se aninhou no peito de Salvany. Escutava as batidas de seu coração e, ao longe, a respiração do garoto doente que dormia. Era a segunda vez na vida que se encontrava nos braços de um homem que amava.

De repente, ela se sobressaltou com o rangido da porta. Era Balmis, que não conseguia acreditar no que seus olhos viam: Isabel, com o cabelo bagunçado, recostada sobre Salvany, que tinha os olhos brilhantes e a camisa desabotoada. Conseguiu discernir o olhar trêmulo de Isabel, resplandecendo como um clarão na penumbra. Teve a impressão de ver lágrimas em seus olhos.

Não disse nada, foi embora batendo a porta e com a respiração entrecortada. O pior não fora o que viu, mas o que não viu. Aquilo que sua mente, em um espantado desvario para dar sentido à descoberta, sugerira com rebuscada malícia. Viu sem ver corpos nus e entrelaçados, ouviu sem ouvir a explosão de júbilo dos orgasmos sincronizados, sentiu sem sentir o cheiro dos corpos suados, tocou sem tocar a roupa atirada no chão. Saiu dali encolhendo o pescoço e piscando,

ébrio de fúria contida.

Salvany e Isabel se arrumaram. Não disseram nada um ao outro, as palavras não faziam falta. Ambos sabiam que aquele momento de descuido lhes custaria caro.

Quatro dias depois, aproveitando a chegada de notícias urgentes sobre a epidemia que assolava Santa Fé de Bogotá — e cujo pedido de auxílio ao rei da Espanha havia antecipado o início da expedição —, Balmis se reuniu com Salvany nas dependências do palácio do governador de Caracas.

— Andei pensando e acho que chegou o momento de o senhor se encarregar do comando de uma sub-expedição ao reino de Santa Fé, onde certamente terá o mesmo acolhimento que recebemos aqui...

Salvany ficou ainda mais pálido que de costume. Esperava algum tipo de represália, mas jamais uma tão cruel. Balmis prosseguiu: — Com Grajales como ajudante, além do prático Lozano e do enfermeiro Bolaños. O objetivo é levar a vacina pelo rio Magdalena até Santa Fé de Bogotá, então seguir pelo interior do continente até o Peru e Buenos Aires. Enquanto isso, eu vou a Cuba, à Nova Espanha e, de lá, às Filipinas.

— Mas não havíamos combinado de dividir a expedição após chegarmos ao México? Se ficarmos juntos agora, podemos superar as adversidades, como fizemos em Porto Rico.

— Eu sei, Salvany, tenho consciência do risco que corro ao desligá-los de meu comando, mas a saúde da população deve

estar acima de nossas conveniências. A situação em Santa Fé de Bogotá exige nossa presença com extrema urgência.

Fez-se um silêncio. O catalão se sentia castigado, manipulado, ludibriado. Suspeitava que Balmis lhe passava uma missão em um território ao qual ele mesmo não desejava ir e não parecia preocupado com o fato de Salvany desconhecer completamente aquele destino.

Então, soltou a pergunta que tinha na ponta da língua: — E Isabel?

Ouvir aquele nome desencadeou um tique no rosto de Balmis, que respondeu: — Isabel continuará comigo. Vai levar os garotos até a Nova Espanha, onde passarão a depender do vice-reinado, e seguirá até as Filipinas. Uma vez lá, estará livre para retornar à Europa ou permanecer na América. Sei por que está perguntando isso, Salvany...

O catalão ficou apreensivo. Temia que Balmis o censurasse por alguma coisa. Fofocas e difamações eram moeda corrente em um grupo de gente tão diversa e que viajava junto havia tanto tempo.

— Teme não encontrar crianças, não é?

— Exato.

— O doutor deverá conseguir dois ou mais garotos em cada povoado.

Salvany o deixou prosseguir, pois de nada adiantava discutir. Já haviam falado da necessidade de se dividir. No entanto, teria apreciado alguma liberdade na hora de escolher o itinerário ou o momento da cisão. Balmis lhe aplicava um

castigo: encarregava-o da parte mais difícil da viagem, guardando para si a joia da Coroa: Nova Espanha e sua capital, México, a cidade mais rica e importante da América espanhola, onde havia vivido durante anos. Também impedira Salvany de ter aquilo que lhe era mais valioso: a companhia de Isabel.

— Não vejo como cobrir todo o território se não nos dividirmos — acrescentou Balmis.

Salvany estava olhando pela janela. O céu azul, o ar puro e cristalino, a vegetação prodigiosa... Caracas era parecida com a ideia que ele tinha do paraíso. Aquele teria sido um bom lugar onde ficar. Bom para sua saúde, com temperatura estável durante o ano inteiro, sem muita umidade... Com Isabel ao lado, teria tudo. A felicidade tão próxima e, ao mesmo tempo, tão longe.

— Não, não... — disse o catalão.

— Como é? — perguntou Balmis.

— O doutor me desculpe, estava pensando em outra coisa.

Salvany voltou à realidade. Era melhor que fosse assim. Ainda que ficasse de coração partido ao se separar de Isabel, ele já era perito no assunto. Assim como havia rompido com aquela que seria sua esposa, sabia que cedo ou tarde precisaria fazê-lo com qualquer outra mulher que entrasse em sua vida. Ele não podia ser o futuro de ninguém, ainda mais de alguém querido e admirado. Para Salvany, amar significava obrigatoriamente sacrificar-se, separar-se, abandonar. Pelo bem de sua amada, deveria partir.

Assim, virou-se para Balmis e disse: — Compreendo a

prioridade, doutor... O processo de difusão da vacina deve ser o mais rápido e funcional possível.

Naquela mesma noite, quando viu Isabel no convento onde estavam hospedados os garotos, Salvany, com o coração na mão, comunicou a ela que a expedição se dividiria. Isabel sentiu o corpo gelar.

— Mas você não pode viajar sozinho...

— Estou melhor. Enquanto cumprir com meus ideais, Deus me dará forças. A senhora sabe que...

— Balmis se vingou da pior maneira... — interrompeu Isabel. — É um ser... espantoso — disse, enquanto lutava para conter as lágrimas.

— Não, Isabel, não... — disse Salvany, acariciando o cabelo dela. — No fundo, Balmis tem razão... a vida é assim. Você não pode me amar, porque tenho pouca saúde.

— Mas como poderei viver sem você?

Seria difícil para ela suportar o dia a dia sem ele, sabendo que já não se cruzariam nos corredores do barco, que não poderia chamá-lo a qualquer momento usando o pretexto de um garoto indisposto, que não haveria mais conversas no convés à luz do luar nem o suave deixar-se levar pela fluidez de suas palavras. Buscava refúgio em algum resquício de esperança, pois era doloroso pensar em outro amor impossível.

Salvany mudou de assunto.

— Se não nos dividirmos, nunca conseguiremos o que conseguimos na Venezuela. Você não se enche de felicidade

pelo que conquistamos aqui?

— A felicidade virá para mim quando todos os garotos estiverem sãos e salvos... E quando eu estiver com você.

Salvany acolheu-a em seus braços. Por pouco tempo, pois naquele convento havia crianças e freiras por todos os lados.

— A senhora é parte da expedição, Isabel, e como tal o sucesso também é seu.

Isabel não estava com ânimo para ouvir falar em sucesso. A saúde do garoto doente e a notícia que lhe dera Salvany mergulharam-na em um triste desamparo. Ao ver que o pequeno Tomás Melitón estava aos prantos porque um garoto mais velho havia batido nele, ela se recompôs e ajeitou o cabelo.

— Diga-me, quem cuidará dos garotos de que vocês precisarão?

— Nós mesmos. Você nos ensinou a fazer isso — respondeu Salvany.

Isabel esboçou um sorriso forçado, cheia de pesar.



Após a sessão de vacinação no palácio do governador, Balmis se aproximou dela.

— Parece-me uma excelente ideia que o pequeno Cândido permaneça na Venezuela — disse.

— Cândido seguirá conosco, doutor.

— Para que expô-lo ao risco de mais navegações? Quem sabe o que o espera no México?

— O garoto seguirá conosco, não posso abandoná-lo.

Disse com tamanha firmeza que Balmis não insistiu. Sabia por que ela reagia daquela maneira e não queria, em hipótese nenhuma, que Isabel deixasse a expedição.

Após solicitar ao governador Vasconcelos seis garotos para si e quatro para Salvany, que fossem robustos e saudáveis e não tivessem sido vítimas da varíola nem vacinados — Balmis já não queria crianças tão jovens quanto antes –, desceram de Caracas até o porto de La Guaira. Isabel estava com um humor sombrio. Não se separava de Salvany, que agora se mostrava aturdido por seu destino e tinha a pele cinza de tanta palidez. “Quem iria ampará-lo?”, perguntava-se ela. “Quem prepararia os medicamentos?”

No dia da partida, Balmis deu suas últimas instruções ao grupo de Salvany.

— Recomendo aos senhores união, eficácia, precisão nas operações e a devida obediência aos chefes, com quem precisarão se entender — disse Balmis, de pé sobre o casco de uma embarcação recém-calafetada no porto de La Guaira. — Também recomendo que peguem dois ou três garotos em cada parada, de constituição robusta e não muito novos, pois a experiência mostrou que, além de darem mais trabalho, estes ficam expostos e são frágeis devido à debilidade e à facilidade com que mudam de comportamento.

Estava utilizando os mesmos argumentos que Salvany havia utilizado em La Coruña para que não levassem garotos

tão jovens. Balmis era assim, se apropriava de tudo. Então, entregou-se a ponderações mais científicas, como à importância de observar a influência da vacina sobre outras doenças comuns. Mantinha a ambição de acrescentar aquela viagem à lista das grandes expedições científicas da Espanha iluminista. Não houve sentimentalismos quando se despediu do grupo.



Balmis tinha o olhar voltado para a Cidade do México, capital do vice-reinado da Nova Espanha, que abarcava desde a América Central até as distantes terras do Canadá e os territórios de Texas, Nevada e Novo México. Agora, tornar a vacinação um sucesso ainda maior do que havia sido em Caracas só dependia dele, de sua determinação, sua inteligência e seu tato para superar os obstáculos burocráticos e culturais. Já não teria Salvany para negociar, argumentar e convencer os reticentes nem para lhe fazer sombra, tampouco para roubar o coração de Isabel, sua protegida.

Em La Guaira, três barcos contratados pela expedição esperavam por eles. Em um bergantim-correio repleto de mercadorias com destino aos Estados Unidos e que faria escala em San Juan, os quatro garotos porto-riquenhos seguiam para ser devolvidos aos pais. Três estavam vacinados e pletóricos; viveram uma experiência inesquecível, um conto de fadas que não queriam que terminasse; desejavam permanecer com os colegas galegos para continuar brincando de esconde-esconde nos porões e recebendo acolhida de príncipes em cidades desconhecidas. Não lhes servia de consolo o fato de que logo estariam outra vez com a família. Choravam amargamente no

convés do bergantim El Palomo enquanto davam adeus aos amigos, aos seis novos integrantes com quem nunca brincariam e a Isabel. Ela estava especialmente compungida porque Juan Eugenio, desidratado pela febre e pela diarreia, viajava naquele barco. Ela o havia deixado em uma cabine debaixo de um cobertor, pois tinha frio. Só esperava que a travessia fosse tranquila para que chegassem o mais cedo possível. Abraçou-o demoradamente, deu instruções a um marinheiro acerca dos cuidados necessários, despediu-se dos demais e voltou à embarcação *María Pita*.

Com a atividade intensa da estiva, o abastecimento dos barcos e o alvoroço da multidão ainda mais entusiasmada que no dia da chegada, agitando braços e panos no ar, não conseguiu se despedir dos que viajavam no bergantim San Luis, grupo que acabaria ficando conhecido pela “expedição Salvany”. A separação era traumática, pois nada une tanto quanto o sofrimento compartilhado. Durante os últimos seis meses, haviam passado juntos por penúrias, decepções, surpresas, desgostos e bons momentos. Separavam-se sem saber se voltariam a se encontrar.

San Luis e *María Pita* navegaram lado a lado por muitas horas. Isabel e Salvany estavam cada um no convés de seu respectivo barco, apoiados na amurada. A despedida foi silenciosa, sem gestos nem abraços. Podiam ser privados da companhia um do outro, da liberdade para decidir, mas não do olhar. Isabel imaginava-o cruzando rios caudalosos, atravessando vales e planícies, escalando montanhas ciclópicas... “Como suportaria isso?”, perguntava-se. Ficou com a última imagem de seu sorriso, a barba de três dias que

encobria seu rosto anguloso e a lembrança da felicidade que ele a fizera sentir. Havia tratado-a com bondade e interesse. Havia lhe dado calor humano, ternura, tempo e atenção. E a felicidade se aprecia quando é perdida. Pouco a pouco, uma sensação de vazio foi se apoderando de Isabel, que percebia o tanto de espaço que Salvany havia ocupado em seu coração. Agora, saberia outra vez o que era a solidão. O homem que a fizera sonhar e sentir se desvanecia no horizonte. Ao fim de várias horas de navegação, o *San Luis* virou a oeste, rumo à desembocadura do rio Magdalena; a embarcação *María Pita* continuou em direção a Cuba. “Voltarei a vê-lo?”, perguntou-se Isabel. Haviam prometido manter contato por meio dos relatórios que Salvany enviaria à metrópole e também por carta, graças ao sistema de barcos-correio que interligava os vice-reinados e as capitanias-gerais da América a intervalos regulares. Quando entrou no barco com o rosto encharcado de lágrimas, disse a si mesma: “Quase prefiro a solidão de antes”.

À noite, o vento refrescou. O capitão ordenou que arriassem a vela-mestra e o traquete e içassem a vela de tempestade antes que se iniciasse uma tormenta tropical curta e violenta. Cândido era o único passageiro que se divertia, que achava os raios, os trovões e as ondas enormes emocionantes... O barco deslizava veloz, mergulhando nas ondas e recolhendo água ao se erguer para subir outra vez, empinando até a crista esbranquiçada. A tormenta amainou, mas o vento continuou nos dias seguintes sem piedade nem trégua.

O mundo que Isabel via através de sua escotilha era como uma imensa caldeira de leite fervente que parecia se lançar

sobre o barco, abaixo de um céu tão baixo e sujo que era possível tocar com a mão. O convés era varrido por tantos golpes d'água que os marinheiros não conseguiam manter-se em pé. Escutava-se dia e noite o silvo do vento, o tumulto do mar e o ruído da água se estatelando contra o casco. Os marinheiros, os médicos e Isabel viviam em tensão constante, sem descansar; deslocavam-se segurando com força nos corrimãos e nas camas. Os garotos estavam aterrorizados. Todos choravam, enjoados. Cândido deixou de ver aquilo tudo como brincadeira e também foi vítima de náuseas e vômitos. O pequeno Benito acabou semiconsciente, com a pele fria e espasmos. Os conselhos tradicionais — desde respirar sal de amoníaco até direcionar o olhar para o horizonte — não funcionavam naquele inferno. O pânico de ver seu filho assim e a angústia de não poder aliviá-lo, tampouco aos demais, fez com que ela também passasse mal como nunca acontecera antes, com vertigem e perda de coordenação nos movimentos. Desesperada, chegou a pensar que morreriam. Perguntou-se como havia se permitido embarcar naquela aventura. Por que havia caído na ladainha de Balmis, um homem impiedoso e ávido pela glória que nem sequer se aproximara da cabine dos garotos? Na verdade, Balmis estava fechado na própria cabine vivendo sua agonia, sofrendo de disenteria e tão enjoado que nem sabia onde estava. Seu sobrinho, Francisco Pastor, cuidava dele como podia. Para aqueles passageiros, não existia céu nem estrelas, apenas nuvens baixas e um mar enfurecido. Chegaram a esquecer o dia da semana, o mês e até as lembranças da vida em terra. A embarcação *María Pita* balançava, inclinava, caía a toda, gemia por todas as balizas como um animal submetido à tortura. Embaixo, os

marinheiros se embrenhavam nas latrinas à luz de uma lanterna de azeite. Tinham o rosto sujo e uma expressão despavorida, estavam esgotados, como se estivessem havia anos sem dormir; já não sabiam como era estar seco e sentir o solo firme sob os pés.

Finalmente desembarcaram na maior ilha das Antilhas. Não onde haviam previsto, Santiago de Cuba, mas no lugar a que foram levados pelos ventos, mais ao oeste, na bela cidade amurada de San Cristóbal de Havana. Em 26 de maio de 1804, dez dias mais tarde do que calcularam de início, a corveta ancorou em meio a um bosque de mastros e velas de embarcações de todos os tamanhos. Da enseada, os passageiros exaustos contemplaram aflitos o tráfego das barcas que carregavam açúcar, cacau e tabaco em meio aos grandes navios. Embora não fossem esperados, logo apareceram os membros da comissão da Administração Municipal, que comprovaram como estava debilitada a saúde dos expedicionários, especialmente a dos garotos, que saíram do barco com um aspecto miserável, sujos, apoiando-se uns nos outros, como sobreviventes de uma batalha. Foram conduzidos ao interior das muralhas por ruas sem calçamento onde transitavam homens e mulheres negros, muitos deles escravos, e seguiram até a cômoda casa do capitão-geral, o marquês de Someruelos, a qual era envolta por um jardim tropical com macacos nas árvores e gaiolas repletas de pássaros multicoloridos. Naquele paraíso, foram recebidos na presença dos oficiais da guarnição e das famílias mais distintas da cidade, principalmente fazendeiros e

comerciantes espanhóis.

Isabel aceitou de bom grado a hospitalidade do marquês e se instalou com o filho em um quarto de frente para o jardim, com cortinas que voavam com a brisa. Balmis e os demais se alojaram nos palacetes dos *criollos* ricos, e os garotos, no convento das freiras agostinhas, que os alimentavam à base de frutas cozidas com açúcar e pão de cazabe, feito de milho e iúca. Os marinheiros começaram a reparar a embarcação *María Pita* em um dos grandes estaleiros, onde eram construídos navios para a Armada Real com madeira dos abundantes bosques que cobriam a ilha. Como hóspede na casa do marquês de Someruelos, Isabel era convidada às múltiplas recepções ali realizadas. No início, ficava incomodada porque sentia que não fazia parte daquele mundo, daquela elite açucareira e negreira de uma ilha que vivia seu grande momento de prosperidade. Tampouco se sentia próxima dos empregados, escravos ou libertos. Vivia em um limbo social. Mas as pessoas eram vivazes e afáveis, e as mulheres, especialmente hospitaleiras. As de estirpe não a menosprezavam; pelo contrário, esmeravam-se para que se sentisse incluída. Lá não existiam os preconceitos da Europa. Assim, dona Isabel precisou esquecer a saia preta e o pano de galega e se vestir com saias largas de musselina branca, botinas, blusas de tafetá e flores no cabelo, já que a moda do chapéu havia passado. Sentia-se à vontade com aquela roupa alegre, adaptada ao calor, e chamou a atenção dos garotos na primeira vez em que foi visitá-los. “A diretora se fantasiou”, diziam. Ficava tardes inteiras passando a roupa das crianças, pregando botões, cerzindo calças ou simplesmente os escutando. Embora se espantasse com a vida social, não tinha

remédio senão aceitar os convites. O próprio Balmis apresentava-a como uma mulher excepcional, cuja participação era fundamental para a expedição. Isabel corava e baixava o olhar.

Em um daqueles festejos, reparou nela o sevilhano dom Santiago de la Cuesta Rodríguez, homem moreno de feições marcadas, com uma barriga proeminente e que vestia um traje de linho branco, chapéu de jipijapá e sapatos de pele espanhola — o maior importador de escravos negros “boçais” (aqueles diretamente da África) e dono também de uma casa comercial que oferecia serviços bancários e financiamentos, ou seja, que emprestava dinheiro para a produção açucareira. Dom Santiago, viúvo havia pouco tempo, deixou-se seduzir pela altivez natural de Isabel e por uma beleza que a roupa branca realçava. Como era da península Ibérica, sua presença, seu sotaque e seus modos pareciam-lhe exóticos. Ele resolveu organizar um jantar para os expedicionários. Ao término do ágape, pediu que ela o acompanhasse e conduziu-a pelos corredores ornamentados de seu palacete até chegarem ao jardim. Em uma edificação contígua, mostrou uma coleção de plantas secas como se fosse a coisa mais extraordinária do mundo.

— O explorador Humboldt foi meu hóspede na viagem que fez a Cuba há dois anos e deixou seu herbário sob meus cuidados.

— Ah... — disse Isabel.

O nome Humboldt não lhe dizia nada, tampouco ela entendia o porquê de tamanho fascínio por plantas secas. Tinha consciência de que aquele magnata a tomava por uma

mulher do mundo, quando não era mais que uma babá, filha de pais “pobres de solenidade”. O homem aludiu ao sentimento de solidão que o torturava desde que perdera a esposa e às benesses de compartilhar uma vida em matrimônio e falou de seus negócios, da importação massiva de negros que trazia da África e de seus projetos de abrir fábricas para produzir em série roupas para escravos. Nada do que dizia impressionava Isabel, que estava com os pensamentos longe dali. Não a impressionavam nem a ostentação de poder e riqueza (que dom Santiago realizava com ênfase crescente à medida que percebia a falta de interesse) nem o relato do medo que tinha de ser assassinado por seus escravos durante o sono, como ocorrera com todos os nobres americanos escarmentados pela revolução dos africanos na vizinha Santo Domingo. Isabel não conseguia se interessar pelo personagem nem pelo mundo dele. Havia visto a miséria do bairro dos escravos, situado em um lamaçal. Os barracos de adobe onde coabitavam gado, galinhas e crianças desnudas com a pele cheia de chagas lembraram-na da miséria de sua infância. Agora, seu coração se ocupava de Salvany e dos garotos da expedição. Por isso, tampouco ficou feliz ao receber o soberbo buquê de flores que dom Santiago lhe enviou no dia seguinte, com um bilhete em que declarava seu amor de forma direta e prometia a ela um império de felicidade. Armou-se um grande rebuliço entre as mulheres que passavam pela casa do marquês de Someruelos, que olhavam para ela com admiração, como se houvesse ganhado um prêmio. E que prêmio! O viúvo mais cobiçado da sociedade. Por isso, não entenderam quando Isabel lhe respondeu com uma carta em que agradecia pelas flores e por toda a atenção e

explicava que seu coração não estava disponível. A recusa não serviu para nada além de atizar o orgulho de dom Santiago, que voltou a insistir enviando seu cocheiro, um negro vestido de fraque preto com fitas douradas, colete, polainas, cartola e um chicote requintado e com um pacote nos braços.

— Presente da parte de dom Santiago — disse a ela o negro.

Isabel abriu e viu um leque de ouro e seda bordada com delicados desenhos de teias de aranha.

— Não posso aceitar, devolva.

— O sinhô pódi sincomodá muito — respondeu o homem.

As mulheres que circulavam pela casa recomendaram a mesma coisa enquanto admiravam o leque — ninguém repreendia a conduta de dom Santiago, isso estava fora de cogitação. Isabel entendeu que aquele homem não era como Jerónimo Hiosa — era um cacique acostumado a mandar, ser obedecido e conseguir o que desejava... Seu império não se baseava na compra e venda de seres humanos? Isabel estava decidida a não se deixar comprar, por preço algum.

Em Cuba não existia apenas a elite imperial da Espanha, à qual pertencia o marquês de Someruelos. Havia um punhado de cientistas, alguns deles membros do Exército, outros descendentes da elite açucareira, como o botânico José Antonio de la Ossa ou o doutor Tomás Romay, médico e cientista de excelente reputação, que Balmis, apesar de seus problemas estomacais, logo fez questão de conhecer. Romay lhe contou que a vacina já havia chegado a Cuba.

— Graças à expedição. Graças aos senhores.

Balmis ficou surpreso, sem entender. Romay explicou que, diante da ameaça de uma nova epidemia, aproveitou a chegada de uma mulher a Havana, María Bustamante, que o próprio Balmis havia vacinado em Porto Rico para inocular seus filhos e, em seguida, diante do sucesso do procedimento, outras duzentas pessoas. Dessa vez, Balmis reagiu com contentamento. A vacina havia sido levada não pela ambição de médicos ou oficiais venais, mas de maneira natural, por uma pessoa vacinada que um médico inteligente como Romay soube aproveitar. O procedimento estava se espalhando por conta própria naquela ilha de trezentos mil habitantes, o que não deixava de ser admirável; assim, só o que restava para Balmis era organizar bem a equipe de vacinação. Dedicou-se a isso com a inestimável colaboração do doutor Romay, homem

honesto que agia de forma metódica e cautelosa e não disfarçava sua admiração por Balmis.

— Estou muito agradecido pelo fato de o doutor ter vindo com seus ilustres colegas supervisionar meu trabalho e corrigir meus erros.

Para os ouvidos de Balmis, aquelas palavras soavam como música. Ambos contavam com o respaldo dos bispos, que publicaram um édito exortando os curas “a contribuir para a propagação desse feliz achado”. O de Havana, dom Juan José Díaz de Espada, era um conhecido higienista que inauguraria ao lado de Romay o primeiro cemitério extramuros da cidade. A partir das conversas apaixonadas com aqueles colaboradores, ciente de que a doença vinha com os barcos negreiros, Balmis propôs a dom Santiago de la Cuesta, que representava os demais comerciantes de escravos, que todos os negros que chegassem ao porto fossem vacinados. Dom Santiago, após consultar os colegas, disse que estavam de acordo, contanto que os gastos ficassem a cargo do Tesouro real. Absteve-se de dizer que as diretrizes dadas aos capitães dos barcos negreiros eram de assassinar à noite os escravos que contraíssem a varíola, caso se acreditasse que assim o contágio do resto do barco pudesse ser evitado. Balmis escreveu às autoridades de Madri propondo o pagamento de dois *reales* por semana aos facultativos da Junta de Vacinação para que imunizassem os escravos. Teria sido uma arma muito eficaz para conter o contágio, mas ele nunca obteve resposta.

Estava à espera de novos garotos para levar a vacina de Havana ao porto de Veracruz. Mas nem o governador nem o

capitão-geral, tampouco os bispos conseguiram famílias dispostas a oferecer crianças. Os que viviam no orfanato local não serviam, pois todos haviam sido vacinados. Então, Balmis recorreu à especialista no assunto e lhe pediu que fizesse o mesmo que em Porto Rico, percorrendo os bairros pobres em busca de portadores.

— Não quero seguir com a expedição — disse Isabel, de supetão.

Balmis não respondeu. Era a primeira vez que ela o enfrentava; na verdade, era a primeira vez na vida que ela peitava um superior. Sempre havia se comportado de maneira submissa. Com seu pai, com dom Cayetano, com os Hijosa; nunca lhe passara pela cabeça desafiar ninguém, muito menos quem lhe dava de comer. Era algo que tinha em seu âmago. “As pessoas mudam”, pensou Balmis ao observar o vestido branco de musselina que Isabel usava. Então, lembrou-se das fofocas sobre Isabel e dom Santiago e imaginou o pior dos cenários: “Encontrou um pretendente rico, e por isso vai...”. Acabaria pagando por tê-la afastado de Salvany. Dom Santiago, com seu poder, poderia roubar facilmente a peça-chave da expedição. Se fosse isso mesmo, a situação era gravíssima. Grave a ponto de soltar as rédeas de seu mau temperamento. Ele fez esforço para se controlar.

— Chegaram até mim alguns falatórios, sabe como é, as pessoas fofocam, de que dom Santiago a cortejou e que a presenteou com objetos de grande valor... Imagino que a senhora tenha cedido às pretensões dele.

— Ainda não, doutor.

Esse “ainda” gelou o sangue de Balmis. Isabel acrescentou:
— Não sou uma presa fácil, ainda que o doutor pense o contrário.

— Nunca pensei...

— Mas agiu como se pensasse, quando só o que eu queria era consolá-lo.

Uma enxurrada de tiques o deixou praticamente sem palavras.

— Peço... peço desculpas à senhora.

— Já era tempo — ela disse para si mesma.

Instalou-se um silêncio incômodo entre os dois.

— E então? Quanto a dom Santiago?

Isabel não se dignou a responder. Balmis prosseguiu: — Eu sei que tivemos dias muito difíceis de travessia, Isabel. E era esperado que isso ocorresse depois de tanto navegarmos, é a lei das probabilidades, mas não significa que...

— Não é por isso que desejo abandonar a expedição.

Balmis olhou para ela com um ar interrogativo. Ela devolveu o olhar.

— Acaba de chegar a notícia de que Juan Eugenio morreu no trajeto até Porto Rico.

O médico ficou um longo tempo em silêncio. Então, disse:
— Que Deus o tenha. Também devem ter sido atingidos pelo temporal. Aquele garoto estava ruinzinho desde a partida.

Isabel deixou escapar um riso nervoso. O comentário do médico lhe pareceu o cúmulo do cinismo.

— Eu disse que era preciso deixá-lo em terra, mas o doutor insistiu para que ele viesse. Nem sequer pudemos vaciná-lo.

— Ele contribuiu à própria maneira para a grandeza da expedição. Deus levará isso em conta.

— Já eu não serei perdoada por Deus.

— Será, sim. Não foi culpa sua.

O médico continuou resmungando palavras ininteligíveis. Isabel esperou que terminasse.

— Foi culpa minha.

Isabel estranhou a confissão repentina; parecia um lapso de nobreza, mas descartou a ideia, pois aquele homem vivia imerso em vaidade.

— Lembra-se do garoto que adoeceu na viagem entre Madri e La Coruña? — perguntou Balmis. — A senhora o socorreu em seguida, deixando todos nós na espera.

— Sim, se chamava Andresito.

— Eu soube que morreu na volta de La Coruña para Madri. Eu não quis dizer para não a perturbar.

Isabel estremeceu.

— A morte de Juan Eugenio poderia ter sido evitada, doutor. Bastava que não tivesse embarcado.

— Faltava um... Fiz isso por medida de segurança.

— Segurança do doutor, não do garoto.

— Pela segurança da expedição — disse, com uma pontada de exasperação.

Irritava-se ao ser posto na parede por uma subalterna.

— É bem provável que esse garoto tivesse falecido de qualquer modo, vindo conosco ou ficando em San Juan.

— Se sabia disso, por que não me escutou? A morte de um garoto, doutor... é algo que não posso... não estou aqui para vê-los morrer.

Nunca havia visto Isabel naquele estado de nervos.

— Não sou como o doutor, que não sabe o que é uma criança — prosseguiu Isabel —, que não sabe o que significa dar tudo por um filho, tudo, até mesmo a vida. Quando acordou à noite para consolar alguém? Quando preferiu morrer a ver algo acontecer àquele ser inocente que depende de si? Nunca. Para o doutor, as crianças são como fichas em um jogo... em um jogo mortal. Então, não me peça para buscar mais garotos.

Isabel apertava os punhos. Estava havia vários dias entre a fúria e a melancolia, desde que vira Salvany se afastando em definitivo, de pé, encoberto pela amurada do *San Luis*. Perguntava-se onde ele estaria agora. Teria deparado com a mesma tempestade? Estaria vacinando indígenas? Como teria gostado de acompanhá-lo em vez de ficar com Balmis, um iracundo manipulador! Pela primeira vez, sentia a revolta contra o destino.

— Isabel, peço que se acalme e reflita — disse Balmis. — Até agora, a senhora foi melhorando de vida... Abandonou sua aldeia, deixou de servir, tornou-se uma funcionária com salário e agora está part...

Isabel tapou os ouvidos. Não queria ouvir Balmis enumerar

mais uma vez as vantagens de fazer parte da expedição. Não aguentava mais o mesmo discurso.

— Por favor, doutor, pare!

Se para Balmis o fim justificava os meios, para Isabel, não. Podia suportar tudo: o mau-caratismo e as arbitrariedades do comandante, os modos rudes dos marinheiros, a falta de privacidade, as horas intermináveis no barco, a sobrecarga de trabalho, a bajulação presunçosa do maior negreiro de Cuba, mas não aguentava a morte de crianças que estavam sob sua responsabilidade.

— Quero retornar à Espanha — concluiu.

Balmis não sabia bem como lidar com aquele tipo de crise, tampouco havia previsto esse tipo de situação. Intuíu que o melhor era manter o sangue-frio e utilizar o pouco tato que possuía.

— E até encontrar um barco... Vai morar onde?

— Posso ajudar o doutor Romy a vacinar, por exemplo. Ou trabalharei no sanatório ou no bispado.

Balmis não fez mais perguntas. A dificuldade da viagem fazia suas vítimas, pensou, embora ainda lhe restasse a dúvida: teria Isabel caído nas garras de dom Santiago, homem poderoso, capaz não apenas de transmitir a ela a segurança que toda a mulher anseia na vida, mas também de influenciar seus pensamentos para desviá-la de suas obrigações?

Após um longo silêncio, Balmis disse: — As baixas são inevitáveis em uma empreitada como a nossa, assim como os acidentes, pois estamos percorrendo um caminho nunca antes

percorrido e, ainda por cima, na companhia de seres frágeis. Não temos guia nem patrão para nos orientar. Por isso, há falhas e continuará havendo. Mas o resultado é o que importa. É em relação a isso que responderemos perante Deus.

Afastou-se com passos lerdos, contraindo o pescoço.



Como bom estrategista, Balmis deixou que se passassem alguns dias antes de voltar a vê-la. Isabel, cada vez mais angustiada com a insistência do magnata, sentindo a falta de Salvany e devastada pela morte daqueles garotos, afundou-se em melancolia. Para lutar contra o calor e a saudade, deitava-se na cama, fechava os olhos, imaginava o ar fresco de sua terra e a chuva fina refrescando seu rosto. Lembrava-se bem dos dias de sol no inverno, tão inesperados e melhores que os dias de verão, porque sabia-se que não durariam. Era capaz de se concentrar no cheiro das panelas fumegantes nos lares da Galícia, no ruído dos cascos de cavalo contra os paralelepípedos da rua Real, na enorme praia coroada pela Torre de Hércules. A nostalgia devastava seu ânimo.

Enquanto isso, Balmis enviava pedidos e solicitações formais aos bispos e às demais instituições para arranjar garotos, mas, passadas três semanas, ainda não conseguira nenhum. Tinha pressa de partir, pois antecipava um triunfo muito maior na Nova Espanha, de modo que aceitou a proposta do mordomo da casa em que estava hospedado, Lorenzo Vidat, que o convenceu a comprar três jovens escravas negras. A mais velha provavelmente não tinha dez anos.

— É um bom negócio comprá-las aqui e vendê-las em

Veracruz, onde poderá ganhar cinquenta pesos por cada uma — dissera-lhe Vidat.

Balmis examinou-as meticulosamente; viu que estavam saudáveis e livres de varíola. Ainda assim, faltava uma quarta criança para garantir o transporte da vacina. Aconselhado pelo marquês de Someruelos, dirigiu-se ao quartel à procura de um jovem recruta e conseguiu convencer um “tamborzinho” do regimento de Cuba chamado Miguel José Romero a unir-se ao grupo.

Quando tudo estava pronto, mandou chamar Isabel. Falou com toda a sinceridade: — Peço à senhora que não me deixe sozinho agora a cargo de todas as crianças que precisam retornar à Espanha. Falta pouco para chegarmos ao México e lhe peço um pouco mais de paciência. O vice-rei nos receberá com todas as honras, já foi avisado de nossa chegada pelo próprio ministro Godoy. Lá, tudo será mais fácil, solucionaremos todos os problemas. Rogo que continue conosco.

— E se morrerem mais crianças? O doutor utiliza os mais pobres e indefesos em prol de sua própria glória.

Isabel logo se arrependeu de ter dito o que pensava. “Como podia desferir um golpe daqueles em Balmis, depois de tudo o que já lhe havia dito?”, ela se perguntou, assustada. Com o orgulho ferido, o médico esboçou uma careta de contrariedade.

— Não é pela minha glória, mas pela glória da Espanha, de nosso rei e da humanidade.

Ela não se atreveu a continuar discutindo. Fez-se um longo

silêncio que foi finalmente interrompido por Balmis. Com um tom seco e profissional que nunca havia utilizado com ela, disse: — Recordo a senhora que o compromisso que adquiriu com a expedição se encerra quando houver chegado às Filipinas e as crianças que trazemos conosco forem devidamente devolvidas ou entregues a famílias da Nova Espanha.

Em seguida, Balmis fez uma reverência ligeira, deu meia-volta e partiu. Isabel ficou muito tempo pensando. A personalidade de Balmis a enojava, embora ele se mostrasse muito doce diante de estranhos. Odiava-o por tê-la separado de Salvany antes do combinado. Odiava que a houvesse obrigado a embarcar aquele garoto enfermo. Por outro lado, a sombra extensa do magnata negreiro lhe causava desassossego. Não se imaginava nos braços daquele homem que não admirava e de quem não gostava, por mais dinheiro que tivesse. A ideia de prosseguir com Balmis lhe causava repulsa; a de permanecer em Havana à mercê do homem mais poderoso da ilha lhe dava medo. Estava encurralada.

Durante a travessia do Atlântico, apesar das discrepâncias com Balmis e de não nutrir por ele muita simpatia, Josep Salvany se mantivera em um confortável segundo plano, graças ao dom de comando, à capacidade organizativa e à personalidade forte do diretor da expedição. Só precisava substituí-lo em umas poucas ocasiões. Agora, contudo, todo o peso da organização recaía sobre suas costas.

Como responsável pela expedição que agora comandava, tinha todos os integrantes sob seu controle; com Grajales de assistente, Lozano de prático e Bolaños de enfermeiro, sabia que os quatro garotos mestiços que levavam consigo seriam bem atendidos e vigiados. Mas o que Salvany não conseguia controlar era a natureza desconhecida e oscilante da costa caribenha. Passados quatro minutos da meia-noite de 13 de maio de 1804, cinco dias após ter zarpado de La Guaira, o *San Luis* navegava à altura de Baranquilla quando Salvany, os ajudantes, as crianças e a tripulação — todos dormindo — foram chacoalhados com uma força descomunal. O estrondo imenso foi seguido de sacodidas semelhantes às de um terremoto. O barco dava fortes solavancos, como se fosse se partir em mil pedaços. De nada servia segurar nos corrimãos ou nas grades, tamanha era a força dos trancos. Escutavam os móveis se batendo, a louça quebrando, gritos e prantos.

Grajales sentiu um líquido quente escorrendo pela cabeça, pôs a mão no cabelo e viu que era sangue. Um dos garotos perdeu os sentidos após bater a cabeça, e os demais gritavam de pavor.

— Estamos encalhados! — gritou um marinheiro.

— O que faremos?

— Esperaremos para ver o que o capitão diz.

Nesse momento o barco inclinou e caiu a bombordo como uma velha baleia ferida. Homens e objetos voaram, chocando-se uns contra os outros e contra as paredes. Após esse caos, a embarcação permaneceu imóvel antes de dar um último suspiro. Salvany levou uma pancada na testa que o machucou — era uma caçarola de ferro fundido. Nesse momento, escutou-se o grito de um marinheiro: — Água entrando!

— Estamos naufragando — gritou pelo alto-falante o capitão. — Saiam todos!

Haviam encalhado em um banco de areia e rochas na desembocadura do rio Magdalena, um lugar especialmente perigoso, porque a topografia do fundo do leito mudava.

Era uma noite escura. Os marinheiros soltaram as amarras dos botes salva-vidas e, em questão de minutos, organizaram a evacuação. Um dos garotos não queria se mexer, estava agarrado à cama, apavorado. O enfermeiro Bolaños precisou arrancá-lo a força e puxá-lo pelos cabelos até entregá-lo a um marinheiro que o enfiou no bote. Não havia tempo para dar atenção, tomar precauções, convencer ou esperar para ver como as coisas ficariam. Salvany e Grajales tentavam recuperar os instrumentos de vacinação na escuridão da

cabine, até que foram obrigados a sair devido à ameaça do nível de água crescente.

Do lado de fora, o panorama era desalentador. O barco estava desconjuntado, as velas esfarrapadas de seus três mastros batiam contra o mar, os aparelhos rangiam, e o cordame, as enxárcias e as escotas formavam uma massa inextricável. Os dois botes estavam cheios; não cabia mais nada. Mas os quatro garotos estavam lá dentro. Um marinheiro fez sinal para que Salvany saltasse para o bote, mas ele se negou.

— Salte, Grajales! — ordenou.

— Salte você, Salvany. Eu vou ficar.

— Vai ficar? À espera da morte? Não, Grajales, estou ordenando que o doutor salte para o bote imediatamente. Se alguém precisa morrer, serei eu, que já estou meio morto. Vamos, ande!

Salvany praticamente o empurrou. Ainda havia muitos para ser resgatados nos destroços, incluindo o capitão, que observava tudo com a resignação de um marinheiro profissional que aceita o fim. “Qual seria a solução?”, perguntava-se Salvany, “atirar-se ao mar à noite?”. Estavam próximos da costa; ao longe, divisavam-se as luzes do povoado de Barranquilla, mas não era perto o suficiente pra chegar a nado. Alguns começaram a rezar; outros se mantiveram impassíveis, esperando pelo pior.

— Barco a estibordo! — gritou de repente um marinheiro.

Ao se virarem, viram na semiescuridão um barco avançando em sua direção. Aquela aparição mágica era o

Nancy, navio de corso sob comando do tenente Vicente Varela que navegava por aquele trecho do rio e testemunhara a desgraça do *San Luis*. Seus marinheiros consideraram antes a ideia de desencalhar o barco, mas desistiram ao ver os destroços. Então, dedicaram-se a resgatar o restante dos passageiros, o equipamento e grande parte do material médico. Em botes de salvamento, chegaram a uma praia deserta a barlavento de Cartagena, onde os náufragos desembarcaram. Varados na praia enquanto agradeciam a Deus por ninguém ter morrido, viram os homens que os salvaram retornarem ao barco, que se preparava para zarpar de novo.

“Seria aquele acidente o final da expedição sob seu comando?”, perguntou-se Salvany. Ou pior... o fim da vida deles? Tudo levava a crer que sim. Estavam perdidos, longe do roteiro estabelecido por Balmis. O jovem médico se prontificou a socorrer os feridos, que eram muitos.

— O que o doutor tem, Salvany? — perguntou um deles.

— Eu? Nada.

— Tem, sim, olha — disse, apontando para sua testa.

Salvany passou a mão no rosto. Escorria sangue por um olho. Mas não sentia nada; a preocupação de não perder os grânulos vaciníferos dos rapazes e sua insubstituível transmissão, bem como a grande perda de bens materiais, atormentavam-no mais que a dor, a fome e a sede.



Na manhã seguinte, aproximou-se deles um grupo de zambos (mescla de índios e negros) seminus, que olharam

para aqueles despojos humanos com compaixão.

— Barco...? — comentaram e fizeram um gesto mostrando que havia afundado.

— Sim, sim, barco quebrado, afundado, fodido. Nós, água...
— disse Grajales, fazendo um sinal para mostrar que tinham sede. — Perdemos tudo, tudo.

— Venham até nossa aldeia, que fica atrás da praia — disse o zambo.

Os zambos levaram-nos às choças e lhes deram água fresca, farinha de mandioca e frutas. Salvany estava aliviado pelo fato de a expedição ter sido salva. Agora, precisavam chegar a Cartagena o quanto antes.

— Nós guiaremos — disse um zambo —, mas terão de pagar...

Então, fez um gesto como quem sacode uma bolsa com moedas.

— Não temos nada.

— Sem dinheiro, ficaremos aqui.

Nesse momento, chegaram quatro deles com uma tartaruga enorme sobre os ombros.

Fatiaram-na e puseram-na para ferver em uma caçarola enegrecida e amassada. Comeram ainda muito quente, enquanto negociavam o pagamento.

— Branco diz sempre paga... O zambo acredita, o zambo trabalha, o zambo guia o branco... e então?

Salvany e os enfermeiros olhavam-no com os olhos

arregalados e um pedaço de tartaruga na mão. O homem continuou: — Então o branco nunca paga.

— Diga a ele que sim, que sim — pediu Salvany, nervoso —, pagaremos assim que chegarmos, que estamos a pedido do rei da Espanha, não somos corsários nem foragidos, somos gente de bem.

— Gente de bem? E como você quer que ele acredite? — perguntou Grajales.

Depois de uma negociação que durou algumas horas e deixou Salvany exasperado, os zambos aceitaram como pagamento os objetos resgatados do barco.

Guiados pelos indígenas, atravessaram terras cobertas por manguezais e, então, lamaçais, sofrendo com “os rigores do clima ingrato e o cruel martírio de vários insetos”, como escreveu Salvany.

Em 18 de maio, quatro dias após o naufrágio, chegaram às portas de Cartagena das Índias, a maior cidade do vice-reinado de Nova Granada, onde foram recebidos como um exército derrotado após uma batalha. Salvany achou a cidade magnífica, uma joia rodeada de muralhas que protegem igrejas e conventos esplendorosos, praças floridas e casas comerciais, desde o impressionante Forte de San Fernando até o Hospital da Obra Pia. Muitos pensaram que havia sido Deus, em sua infinita misericórdia, quem salvara a expedição. Salvany, Grajales e os ajudantes sabiam que estavam vivos porque os nativos os guiaram. Após pagá-los, foram convidados a ir à catedral, onde foi celebrado um solene te-déum, e participaram de festejos e recepções organizados pelo

governador e pelo bispo com as personalidades mais influentes da cidade, as quais, reunidas no imponente consulado cartaginês, anunciaram que assumiriam todos os gastos de estadia e manutenção da expedição. “Foi uma acolhida apoteótica, daquelas que teriam agradado a Balmis”, pensou Salvany.

Todos os integrantes da expedição haviam adoecido em decorrência do naufrágio, e a maioria estava se recuperando no hospital. Como sentia saudades de Isabel! Embora, em sua generosidade, tenha pensado que fora melhor ela escapar do naufrágio e de todas as calamidades pelas quais passaram. Ele, alheio aos estragos que a ferida na testa estava causando, dedicou-se à vacinação, começando pelos nativos que o haviam salvado. Contou com o apoio determinado e eficaz do governador, que facilitou seu trabalho, já que o território sob seu comando vivia permanentemente sob ameaça de epidemias. Salvany vacinou com seu grupo mais de duas mil pessoas em Cartagena. Então, instruiu dois religiosos da Ordem dos Irmãos de Belém e enviou um deles acompanhado de quatro garotos ao Panamá e outro a Buenos Aires, este levando a vacina em recipientes de vidro. Também mandou inocular algumas vacas para conservar o pus e fazer com que adquirisse novo vigor. Organizaram uma equipe de saúde e deram instruções simples e fáceis de seguir. As reuniões seriam feitas semanalmente, e os comissários de bairro teriam de apresentar um garoto a cada nove dias a fim de perpetuar o fluido.

As crianças que ele levara de La Guaira estavam demorando para se recompor de diarreias constantes, e como Salvany

queria prosseguir e chegar a Santa Fé de Bogotá, pediu dez garotos ao orfanato de cartaginês para transportar a vacina.

Em 24 de julho de 1804, fizeram uma saída pomposa de Cartagena, benzidos pelo bispo e ovacionados pela população. O governador entregou a Salvany os comunicados oportunos, que davam ordem para que as autoridades dos povoados onde transitariam auxiliassem os expedicionários com tudo de que precisassem. Louvou os céus, a atividade incessante e o esmero de Salvany. Então, os expedicionários deram início à subida do rio Magdalena em sampanas, embarcações velozes com teto de taquara, rumo à savana baixa e úmida, a antessala da selva.

Salvany estava física e moralmente exausto. Apesar do sucesso em Cartagena, começava a se dar conta da magnitude da tarefa.

— É muito território para apenas quatro homens — disse a Grajales.

— O que podemos fazer é instruir o maior número possível de pessoas, religiosos, sanitaristas, mulheres, militares... e que cada um vá instruindo outros...

— Mesmo assim... Temo que uns poucos homens com meios escassos não sejamos o suficiente para vacinar um império.

Mompox ofereceu-lhes uma acolhida espetacular. Praticamente todos os habitantes estavam no cais para aclamá-los enquanto os sinos da igreja soavam. Tinham muito vívida na memória a lembrança da última epidemia de varíola, que quebrantara as atividades da cidade, conhecida pela qualidade das joias que os ourives moldavam em ouro e pela excelência dos objetos de barro e dos adornos de louça feitos por ceramistas locais. Para o deleite de crianças e adultos, aquela epidemia não havia afetado a qualidade de seus doces, suas geleias e suas frutas em conserva. Era outra vez uma cidade florescente, com um colégio conceituado onde

se podia estudar gramática latina e filosofia.

Descansaram ali por uns dias. Salvany não pôde aproveitar as férias porque foi afligido por uma surdez repentina, o que, somado às enxaquecas causadas pela ferida no olho, deixou-o prostrado.

— Enganei-me ao pensar que minha saúde melhoraria nestas terras.

— O doutor devia estar muito desesperado para acreditar em todas essas patranhas sobre os benefícios do clima... A América é grande, aqui cabem todos os climas.

— No fundo, eu não quis me informar melhor porque isso significaria acabar com a última de minhas esperanças de cura. Às vezes nos deixamos enganar por nossas próprias fantasias. Eu mal sabia o que era calor antes de chegar aqui.

Qualquer coisa que não enfrentar a irreversibilidade de sua doença, a perspectiva da morte. Enquanto a equipe vacinava a cidade inteira, Salvany jazia em um catre no vicariato da Igreja de Santo Domingo, na rua Real del Medio, onde se concentravam belos edifícios de estilo sevilhano. A surdez acrescentava o isolamento à receita de solidão, desespero e impotência. Era uma porta que se fechava...

“Qual de meus sentidos será o próximo?”, perguntava-se Salvany durante angustiantes noites de insônia. “A visão? O tato? Será assim até que eu desapareça do mundo dos vivos?”

Não escutava o voo ameaçador dos mosquitos; só quando os via pousar sobre seu braço ou sua perna é que os esmagava com um tapa.

— Deixai-me viver alguns anos a mais, Senhor, um mês a mais, um dia a mais, e outro, e outro... Deixai-me vivo até acabar essa missão.

Sentia mais do que nunca falta de Isabel, de suas palavras de terna amizade proferidas com doçura, sua presença reconfortante, seus conselhos cheios do senso comum das camponesas galegas. Via-a como um arco-íris dentro do túnel da solidão. “Se eu sobreviver”, pensava, “irei buscá-la”. Era um projeto improvável, mas ajudava-o a seguir em frente. Não escutou as batidas na porta nem os passos do cura e do enfermeiro Bolaños, acompanhados de facultativo local que carregava uma maleta. Salvany se sobressaltou ao vê-los. O médico sorriu para ele e disse algo que não escutou, tirou os instrumentos da maleta e examinou-o. Então, concentrou-se nos ouvidos.

— Infecção auditiva, temos que limpar bem os canais.

Pôs-se a fazê-lo com delicadeza. De repente, começou a sair do ouvido de Salvany um líquido amarelado, o qual o médico limpou com gazes. Saía aos borbotões. Repetiu a operação no outro; parecia irreal que houvesse tanto líquido em ouvidos.

— Trouxemos goiaba em conserva para o doutor.

Foi a primeira coisa que escutou, por cima de um assobio ininterrupto e dos tampões de algodão. Sorriu. A vida seguiria. Lá fora, um zambo cantarolava: *O branco morre rezando*

O negro morre chorando

E o índio não morre mais...

Para ganhar tempo e abranger uma porção maior do território, Salvany decidiu dividir sua equipe até Santa Fé. Enviou por terra o ajudante Grajales, um toledano que havia estudado filosofia, medicina prática e cirurgia, considerado pelo resto da equipe “muito humanitário” e um pouco doido, e o praticante Lozano, enquanto ele e o enfermeiro Bolaños prosseguiriam rio acima, parando para vacinar os povoados ribeirinhos. No relatório que redigiu, Salvany escreveu com seu lendário afã pela precisão o impressionante número de vacinados: “Estima-se 24.410, sem ter sido observado nem sequer um leve incidente entre eles”.

À medida que seguiam rio acima, sempre bordeando as margens para evitar as fortes correntes do centro, a selva ficava mais fechada. Vista de longe, era como um mar verde e preto, tedioso e fascinante, mais intimidador que as próprias águas. A copa das árvores era tão alta que se juntava dos dois lados, aprisionando o rio e impedindo que os raios de sol atravessassem a folhagem. Agora Salvany entendia o estupor registrado nos diários de bordo dos antigos viajantes que adentraram as profundezas da selva tropical.

Perto dos lugares onde acampava à noite, viu nenúfares de um metro de diâmetro, escaravelhos tão compridos quanto a agulha que utilizava para vacinar e castanheiras altas como os campanários de catedrais. Viu enredadeiras que mais pareciam serpentes e serpentes que adotavam a forma de enredadeiras. Dedicou-se a contar o número de espécies distintas morando em uma única árvore caída e parou, cansado, ao chegar a quarenta.

— Não existe um buraquinho sequer, por menor que seja,

onde não habite alguma forma de vida — observou, antes de se perguntar: — Quantos seres invisíveis não devo esmagar a cada passo que dou na selva?

Durante aquela viagem, viu nuvens de mariposas multicoloridas que pousavam sobre a areia de uma praia e revoadas de papagaios que davam voltas sobre aquele imenso aglomerados de árvores e mato. De vez em quando, mestiços e remadores que viviam de contrabando acenavam da margem. O que era indescritível era o calor do meio-dia, quando precisavam parar e já não eram protegidos pela brisa produzida pelo avanço da sampana. Calor, umidade e mosquitos transformavam aquele éden em uma emboscada infernal. E, então, havia a água onipresente; os aguaceiros não davam trégua. Alternavam-se com furacões que sacudiam a folhagem das árvores com violência descomunal, quebrando galhos e arremessando-os pelos ares como projéteis. Nada permanecia seco. Nem sequer estendendo a roupa perto do fogo durante a noite eles conseguiam secá-las.

— Seria bom consertarmos a sampana — sugeriu o marinheiro.

— Melhor não pararmos até chegarmos a um povoado maior... — disse Bolaños.

— Não quero naufragar outra vez — replicou Salvany. — É melhor pararmos, se você julgar conveniente.

— Se parar de chover, melhor seguirmos até Nares. Nos povoados dessa região não encontraremos bons materiais para os reparos.

Chegaram a Nares ao entardecer. Qual não foi sua surpresa

quando, ao desembarcar das sampanas, descobrir que eram esperados por seis homens e duas crianças? Um deles chamou-o pelo nome.

— Doutor Salvany?

— Sim, sou eu.

— Estamos há dois dias esperando vosmecê... Viemos de Medellín.

— Deram sorte, pois quase não chegamos... a que se deve sua presença?

— Fomos enviados pelo doutor Gómez, também de Medellín, para... é que... para vosmecê nos comunicar...

O homem entregou um papel a Salvany. Era um bilhete do doutor Gómez pedindo fluido vacinífero.

— Há muita varíola por lá, senhor...

— Bolaños, nossa fama nos precede — disse Salvany, com clara satisfação, ao ajudante. — Vamos preparar-lhes um frasco com soro.



Feitos os reparos na sampana, prosseguiram viagem, mas Salvany estava a cada dia mais fraco. Na cidade de Honda, onde vacinaram duas mil pessoas, perdeu quase totalmente a visão do olho esquerdo, o que machucara durante o naufrágio. Em seu diário, escreveu: “Só pude verificar as duas primeiras vacinações, pois fiquei totalmente cego devido ao excesso de calor e da luminosidade necessária para esse processo”.

Forçado a parar mais uma vez, Salvany voltou a temer o pior. A febre, somada ao calor e à umidade, lhe provocou

surtos de asma, e ele tinha a impressão de viver em uma sauna asfixiante. Escreveu para o vice-rei Antonio Amar y Borbón mencionando o agravamento de seus males. Teve de recomeçar a carta diversas vezes, pois as gotas de suor borravam a tinta. O papel amolecia e se desfazia. Um assovio acompanhava sua respiração enquanto escrevia, como se quisesse eximir-se de culpas: “As doenças e os acidentes não têm piedade de mim”. Em Santa Fé de Bogotá, o vice-rei ficou alarmado. Temeroso de que a vacina não chegasse à capital, enviou um médico com o material necessário para atender Salvany, acompanhado de várias crianças que transportariam o fluido, caso o médico falecesse.

Salvany não morreu naquele dia, mas perdeu para sempre a visão do olho esquerdo. Despediram-se do rio e empreenderam a subida pelo pé dos Andes. Como foi bom deixar aquele calor maléfico, paralisante e opressor. Os mosquitos pararam de atacar, e Salvany pôde respirar outra vez um ar fresco, que ele tinha a sensação de ingerir. Mas logo o ar se tornou frio e, mais acima, rarefeito. O cansaço passou a dominar, como antes havia sido o calor. A extenuação retardava a caminhada. Os guias nativos ensinaram-nos a combater o mal da altura à base de marmelada e chocolate.

Em 18 de dezembro de 1804, pouco antes de entrar em Santa Fé de Bogotá, reencontraram Grajales e Lozano, que chegaram na véspera. Ver Salvany encheu-os de emoção, não apenas porque temiam por sua saúde, mas também pelo apreço sincero — e pela admiração — que tinham por ele. Nunca agira nem respondera mal a seus subordinados, como costumava fazer Balmis. Salvany crescia com as adversidades;

quanto mais doente ficava, mais força e domínio de temperamento demonstrava.

Foram recebidos com entusiasmo pela população. Nas igrejas, os cônegos exaltaram o sacrifício dos expedicionários e recomendaram o uso da vacina. O vice-rei ofereceu uma sala no Hospital San Juan de Dios, mas Salvany recusou.

— Excelência, temo que não seja bom que o povo relacione a vacina com a morte e a doença.

A primeira coisa que fez, para servir de exemplo às pessoas, foi vacinar o vice-rei e toda a sua família. E não parou ao criar uma equipe de vacinação. Sua ambição foi adiante: constituiu uma equipe de saúde, cujo fim era cuidar da saúde pública em geral, porque, além da varíola, existiam ali outras doenças mortíferas, como a febre amarela. Quando deixaram Santa Fé de Bogotá em 8 de março de 1805, quase oito meses após terem partido de Cartagena, a Junta Municipal de Salubridade e Higiene calculou que havia sido atingida a espantosa cifra de 53.327 vacinações.

Conforme foi se apagando o vulcão de ira que sentia por Balmis, Isabel Zendal se imaginou retornando ao mundo que deixara para trás. Então, lembrou-se do mal-estar de mãe solteira, dos preconceitos que Benito sofria por ser filho natural e da vida escura e precária no orfanato de La Coruña. Não queria voltar para lá, embora Jerónimo Hijosa fosse ficar agradecido caso isso acontecesse — disso ela não tinha dúvida. Por outro lado, permanecer em Cuba à espera de um barco para retornar à Espanha significaria ficar à mercê de Dom Santiago.

Havia uma terceira razão para seguir viagem. Compromissos eram compromissos, e Balmis cumprira sua parte: ele a havia transformado em “dona Isabel”. O que pensaria disso Ignacia ou Jacobo, que sempre lhe ensinaram o valor da palavra dada? Ou Salvany? Ouvira notícias de sua viagem atribulada, do naufrágio e de sua chegada a Santa Fé de Bogotá. Mas eram informações oficiais, não havia nada de pessoal nelas, exceto a menção das muitas penúrias de que padeceram. Não havia baixas, e era isso que importava. Sim, o que diria Salvany, se ela rompesse o compromisso assumido com a expedição? Agir contra Balmis era agir contra Salvany, contra sua mãe, morta pela varíola, contra dona María Josefa Hijosa, contra todas as vítimas desse mal que haviam marcado

sua própria vida. Também era ir contra aqueles dois madrilenos, doze corunhenses e cinco compostelanos infernais aos quais dedicara tanto tempo e energia. Seu compromisso estava onde estava seu coração, e seu coração estava com eles e com a expedição.

Balmis deu um grande suspiro quando a viu, cercada por crianças, na embarcação que os levava até onde a embarcação *María Pita* estava ancorada. “Graças a Deus, não caiu nos braços do magnata Santiago”, pensou. Mal haviam se cumprimentado, e Isabel voltou a tomar conta de seu espaço. Acabara-se a boa vida. Como despedida, o marquês de Someruelos a convidara na véspera para jantar com a esposa e as amigas que haviam transformado sua maneira de vestir. Já não usava preto em nenhuma situação; a Galícia estava muito longe. Foi um jantar à luz de velas no esplêndido jardim, servido por criados de libré. O fato de ter rechaçado o grande poderoso de Havana a tornara interessante — e até misteriosa — para alguns; outros pensaram que era simplesmente uma galega pouco esclarecida, que não sabia aproveitar as oportunidades. De qualquer maneira, era uma mulher difícil de classificar. Como era possível que ninguém adivinhasse o que acontecia nos meandros de seu coração?

Quando, no convés, Isabel viu chegar a nova trupe, aquelas três garotas escravas e o tamborzinho, ficou devastada. As três garotas eram levadas pela mão e choravam porque não queriam deixar a família.

— Vocês voltarão logo, nesse mesmo barco... — disse para consolá-las.

Era uma mentira piedosa, porque aquelas crianças eram

mercadoria, e ela sabia que Balmis precisaria recuperar o dinheiro e vendê-las a quem fizesse a melhor oferta.

Assim que zarparam, Balmis vacinou duas das garotas. Ficaram aterrorizadas ao receber a injeção. Por mais que lhes explicassem, as pobrezinhas pensavam que aquilo era magia negra. Isabel as consolou e protegeu, acomodando-as em sua cabine, e não desgrudou delas durante toda a travessia para protegê-las dos olhares lascivos dos marinheiros. O barco navegava com um vento fraco de popa, o que aumentava a sensação de calor. O ar sufocante e o balanço da embarcação minaram o moral de todos.

Alguns garotos, cansados e entediados, engalfinharam-se com o tamborzinho, mulato comprido como uma taquara que andava dançando, como se seguisse o ritmo de tambores.

— Você não é negro, é branco como nós, olha só, logo você vai ver.

Em vários, empurram-no até o porão e o esconderam perto da latrina. Ao menos uma vez na vida, nem Cândido de la Caridad nem Benito faziam parte da turba. A iniciativa partiu de um garoto chamado Gonzalo, que até então não se fizera conhecer por mau comportamento.

— Agora o chefe sou eu — disse, imitando Cândido e se aproximando do garoto com um pedaço de estopa na mão. — Vou tirar sua cor.

Esfregou a estopa na cara do tamborzinho enquanto os outros garotos o seguravam e um cobria sua boca. Incentivado pelo grupo, Gonzalo perdeu o controle e esfregou tanto e com tanta força que fez sangrar o rosto do cubano.

— Se você sair daqui ou pedir socorro, vou esfregar o resto de seu corpo — ameaçou Gonzalo.

O pobre tamborzinho ficou um dia inteiro na parte mais suja e fedorenta do porão.

Isabel passara a manhã toda procurando por ele.

— Vocês viram o tamborzinho? Ele não caiu no mar, né? Benito, você não viu?

Perguntou diversas vezes, mas Benito não sabia de nada. Cândido respondeu encolhendo os ombros. Exasperada, falou com Pedro del Barco, que deu ordens para que toda a tripulação procurasse o cubano. Os marinheiros reviraram o barco, até encontrarem o esconderijo do menino, que, assustado, não queria sair dali. Isabel ficou tão furiosa que sentiu vontade de trancar todos naquela masmorra.

Mais uma vez, o capitão deu um castigo exemplar. Mandou açoitar Gonzalo na frente de todos e atou os demais ao mastro, um por vez, deixando-os várias horas sob o calor escaldante. Cândido e Benito tampouco se livraram. Não acreditaram neles quando disseram que não sabiam de nada. Até então, haviam participado, e inclusive liderado, todas as badernas, de forma que era pouco crível que não tivessem participado dessa, ainda que de maneira indireta, encobrindo os culpados. Cândido protestou quando recebeu o castigo de limpar os beques.

— Não fui eu, eu não fiz nada! — dizia, chorando.

Quando chegou a vez de Benito, o capitão fez um sinal para Isabel, perguntando se deveria castigá-lo ou não. Ela olhou para o filho, que tremia, embora estivesse convencido de que a

mãe o livraria, como tantas vezes antes. Ela sentiu a tentação de salvá-lo do castigo, mas que exemplo seria aquele? Tampouco acreditava que fosse totalmente inocente. De modo que fez das tripas coração e assentiu com a cabeça.

— Mãe! Nããããã...!

Ela tapou os ouvidos para não escutar os gritos.

Isabel fechou-se em sua cabine, cansada e decepcionada. Sentia-se farta da crueldade daqueles garotos, cujo comportamento, cada vez mais fora de controle, refletia no de seu próprio filho — ao menos era isso que ela pensava; farta de exigências, palavrões, falta de respeito, de não poder compensar as carências deles. Farta de não ter contato com outras mulheres, do arrogante e ambicioso Balmis. Estava enfastiada do calor e de não vislumbrar seu futuro com clareza.

A navegação até Veracruz foi lenta e pesada. O porto, principal via de saída da prata e das riquezas da Nova Espanha, era a parte mais perigosa do percurso das Índias, um autêntico bastião natural responsável por quinze por cento de todos os naufrágios do planeta entre os séculos XVII e XVIII. Aproximar-se dele se tornava uma operação ainda mais delicada devido ao vento norte constante que empurrava o barco em direção à costa e aos arrecifes e obrigava a tripulação a tomar precauções extremas para não encalhar. Quando surgiu no horizonte o baluarte de San Juan de Ulúa, anúncio do porto e da cidade amuralhada, o capitão deu ordens para que barlaventassem em zigue-zague a fim de manter uma distância prudente entre os dois estreitos canais.

Quando, em 28 de julho de 1804, ancoraram em frente ao

portão da aduana, estavam todos doentes. Balmis havia perdido peso e parecia outra pessoa. Tinha as bochechas afundadas, o cabelo mais branco, suava frio e caminhava um pouco encurvado devido à dor de barriga constante. Aparentava ter passado anos sem dormir. Estava convencido de ter contraído febre amarela, a qual suspeitava ser transmitida por picadas de um mosquito determinado. Não havia cura conhecida, então tomava as mesmas medidas que tomaria em caso de disenteria: basicamente, hidratar-se. Isabel e as crianças também haviam sido acometidas por moléstias intestinais, de modo que não aproveitaram a chegada. O único a fazê-lo foi o cubano, que via aproximar-se o fim de seu calvário. Para todos, o importante era que a navegação se encerraria. Chegaram ao destino sem maiores percalços e sem uma vítima sequer, à exceção de Juan Eugenio. E o garoto paulista Andrés, embora ele não tenha chegado a participar da viagem marítima. Isso em si já era um feito prodigioso, considerando as cifras projetadas pela Casa de Contratação de Sevilha, segundo as quais um décimo dos participantes de viagens à América morriam em decorrência de doenças e acidentes.

— Vejam! — disse Balmis, com os olhos iluminados e a voz trêmula. Apontava para o cais do porto, com o intenso movimento costumeiro, o edifício da aduana e, atrás, a torre do convento de São Francisco.

— São as tropas enviadas pelo vice-rei! Até as companhias milicianas estão em formação para nos receber! Olhem esses fogos! Escutam as balas de canhão do baluarte de Santiago? E os sinos?

Isabel olhava para ele, confusa. As crianças não entendiam. Não se via nada na costa além da movimentação cotidiana: carretas transportando mercadorias, bondes puxados por mulinhas, carroças que serviam para recolher o lixo rodeadas por “nopos”, aves pretas que comiam os restos que caíam e estavam por todas as partes. E, assim como em Porto Rico, não havia ninguém para recebê-los. Ninguém para reconhecer o esforço titânico que estavam fazendo, muito menos para agradecer-lhes. Os heróis da expedição da vacina estavam sós, sob o comando de um diretor cujo juízo havia sido distorcido pela febre e que precisou ser tranquilizado como se fosse um dos garotos.

Diante das circunstâncias, Isabel pediu ajuda.

— Por que não avisamos o intendente? — perguntou a Antonio Gutiérrez Robredo, ajudante de Balmis.

Fizeram o trajeto até o cais em um dos botes da embarcação *María Pita*. Viram-se na cidade mais barulhenta e caótica que já haviam pisado, uma babel cosmopolita e mísera, mescla insólita de servidores reais, oficiais de tropa e marinheiros, bêbados, mendigos e prostitutas. Vendedores de frutas e de peixes, empanadas, água e trompadas — doces típicos de gergelim — percorriam as ruas em que se escutavam português, italiano ou flamenco, porque os donos das peixarias eram mulatos, morenos, chineses, portugueses de Angola, negros andaluzes, índios filipinos, genoveses e judeus africanizados. Veracruz era uma cidade pequena demais para a importância de seu porto; tinha uns poucos edifícios trabalhados com corais e madrepérolas dos arrecifes, residências de dois andares com pátio central e muitas casas

de madeira oriunda dos naufrágios.

No casario da Intendência, uma das poucas construções imponentes, foram recebidos pelo intendente, autoridade máxima na região, um homem afável que lhes entregou uma carta do vice-rei dando-lhes as boas-vindas à Nova Espanha. Não se desculpou pela ausência de recepção oficial, pois simplesmente não havia recebido essas instruções. Junto com a carta, entregou-lhes um exemplar de *La Gaceta de México*.

— Leiam isso... Quem enviou foi o vice-rei.

O exemplar dedicava-se exclusivamente a descrever os esforços do vice-rei em sua “titânica” luta para disseminar a vacina na Nova Espanha. Aquilo explicava tudo. Mais uma vez, um servidor real de alto escalão, no caso o vice-rei, havia se adiantado à expedição. A história se repetia. Na verdade, como averiguariam depois, a circular de setembro de 1803, que avisava a todos os vice-reis, os governadores e os capitães-gerais da pronta partida da expedição, havia revelado a eles a existência da vacina, e isso os impulsionara a buscá-la a qualquer custo antes da chegada dos expedicionários e reivindicassem para si o feito.

Robredo explicou ao intendente que se encontravam em uma situação crítica devido à doença do diretor da expedição e porque as vesículas das escravas que os acompanhavam desde Havana estavam no ápice. Precisavam inocular outras pessoas para que a cadeia não fosse interrompida.

— Há um perigo iminente de perdermos o tesouro que custou tantas adversidades.

— Vivemos uma grande epidemia poucos anos atrás, e a

maior parte da população, a que sobreviveu, está imunizada — respondeu-lhe o intendente. — Além disso, agora até mesmo os barbeiros administram a vacina, por isso é mais difícil encontrar candidatos.

Quando voltaram ao barco acompanhados pelo intendente e por dois secretários que subiram a bordo para cumprimentar Balmis, este já havia se recuperado da confusão mental, mas continuava abatido pela grande decepção da chegada e da notícia de que a vacina, mais uma vez, o havia precedido.

— Sei perfeitamente que o importante não é ser o primeiro a introduzir a vacina, que o mais urgente é possibilitar seu acesso a todos, ricos e pobres, indígenas e espanhóis.

Estavam tão doentes que precisaram esperar alguns dias antes de abandonar o barco, embora tivessem desejos ardentes de descer em terra. Enquanto o capitão e a tripulação preparavam a embarcação para o regresso, Balmis nomeou seu sobrinho, o enfermeiro Francisco Pastor, responsável por uma ramificação da expedição que deveria se dirigir até a Guatemala para, de lá, difundir a vacinação a partir da Ciudad Real de Chiapas até os confins da América Central.

— Será melhor nos dividirmos... Em Oaxaca e Chiapas, os senhores serão mais bem recebidos que aqui, tenho certeza. O tamborzinho seguirá com vocês; já podem vaciná-lo. Depois, precisarão conseguir mais garotos. Voltaremos a nos ver na Cidade do México daqui a dois meses.

O cubano estava feliz por acompanhar Pastor. Aceitaria o que fosse para ficar longe do grupo de garotos espanhóis.

Chegou o momento da despedida. As crianças saíram do

barco tão fracas que mal cumprimentaram os marinheiros. Isabel obrigou cada um dos meninos a abraçar ou apertar a mão do tamborzinho, mas Gonzalo, seu pequeno torturador, recusou-se a fazê-lo. O capitão interveio outra vez e ameaçou açoitá-lo em público novamente caso não se despedisse do cubano.

— Além disso, quero ouvir seu pedido desculpas em alto e bom som! — acrescentou.

O garoto não teve opção senão fazê-lo.

— Des... culpas — disse, a contragosto.

Pedro del Barco se virou e exigiu a presença de Cândido. Quando Gonzalo teve certeza de que não o escutavam, acrescentou em voz baixa, enquanto abraçava o tamborzinho sem vontade: — Zambo, fiadapu...

Ao escutar seu nome, Cândido escapuliu assustado, pois temia uma represália de última hora por alguma travessura que não se lembrava de ter cometido. Um marinheiro acabou perseguindo-o pelo barco e, por fim, levou-o nos braços até o capitão.

— Eu não fiz nada — repetia o garoto.

Era verdade. Dessa vez tampouco havia feito nada.

— Só quero lhe dar um abraço — disse o capitão, apertando-o contra o peito. — Meus marinheiros e eu sentiremos saudades de você.

Depois, dirigindo-se aos demais, acrescentou: — E de todos vocês.

Então, os demais viram que Cândido estava chorando em

público pela primeira vez devido à surpresa, ao desconcerto e ao esgotamento.

Francisco Pastor, o cubano e dois enfermeiros deixaram a cidade em seguida, e Balmis, Isabel e os garotos foram conduzidos ao local de hospedagem, um convento onde lhes serviram mais comida do que conseguiam engolir, o que era costume mexicano: cinco pratos compostos de peixes, aves e um guisado de carne com cebola, alho e batata, além de chocolate e biscoito. Alguns garotos pareceram voltar à vida com aquela dieta, enquanto outros pioraram.



Nos dias que se seguiram, Balmis e seus ajudantes não conseguiram vacinar ninguém em Veracruz. Ninguém se apresentou, porque nem o intendente nem as autoridades eclesiásticas haviam informado a população. Era pura negligência, e Balmis ficou fora do sério porque os grânulos vacinais no braço das garotas estavam prestes a passar do ponto. Cansado, embora muito fraco, entrou no gabinete do intendente sem ser anunciado. Quando estava de frente para ele, falou sem rodeios: — O rei, o senhor Carlos IV, não deixará de castigar sua falta de colaboração — disse. — Você está incorrendo em grave irresponsabilidade.

Seguiu enumerando todas as represálias possíveis, e o homem, que fugia do confronto e era sibilino, acovardou-se: — Só o que posso fazer é trazer para vocês uma dezena de recrutas do regimento do quartel — propôs.

Balmis suspeitava que tinha à frente um oficial mais disposto a receber honras que a lutar contra a varíola, mas concordou porque não dispunha de alternativa. Algumas horas

mais tarde, antes que pudessem descansar, já estavam abrindo cortes nas pústulas das garotas para extrair o pus e vacinar os soldados em seus próprios quartos, no convento.

Isabel, preocupada com a má saúde dos garotos e temerosa de que tivessem sido contaminados pela febre amarela (como aparentemente acontecera com Balmis), propôs que saíssem dali o quanto antes e abandonassem aquele clima asfixiante.

— Não temos mais nada para fazer aqui — disse Balmis, convencido da inutilidade de permanecer em um lugar onde não haviam sido bem recebidos. — Subiremos até Jalapa e, quando estivermos recuperados, seguiremos até o México. De lá, com a colaboração do vice-rei, espero, estabeleceremos algumas rotas para difundir a vacina por toda a Nova Espanha.



No dia seguinte, uma caravana de carroças puxadas a cavalo postas à disposição de Balmis pelo intendente conduziu a maltratada expedição até o clima mais benéfico e seco do pé da cordilheira. Balmis levava consigo três dos recrutas que vacinara, e a última coisa que fez em Veracruz foi negociar o preço das três escravas cubanas com o intendente. Isabel se despediu delas com o coração apertado. Eram tão frágeis e vulneráveis...

— Vai saber onde vão parar... — comentou.

— O intendente me prometeu que as colocará como criadas em boas casas — disse Balmis.

— Temo que acabem trabalhando como prostitutas em algum boteco do porto.

— Essas garotas foram batizadas, não lhes é permitido

exercer a prostituição.

Isabel deu de ombros. A ingenuidade de Balmis a exasperava. Dividida entre o impulso de não as abandonar e a obrigação de prosseguir com a expedição, disse: — Ninguém as protegerá, e o doutor... o doutor não está nem aí! Quanto ganhou com essa venda?

Mais uma vez, Balmis sentia o dedo acusador de Isabel encravar-se como um punhal em seu coração. Lembrou-se da última discussão, acerca da morte do garoto porto-riquenho, e resolveu ser cauteloso.

— O intendente se recusou a me pagar o que custaram. Perdi dinheiro na transação, mas conseguimos preservar o vírus.

— Felicito o doutor, cumpriu com o objetivo primordial da expedição.

Isabel olhou pela janela. Deteve-se na embarcação *María Pita*, ancorada ao lado de muitas outras.

— Cumpri? Não! Cumprimos. Nós, a expedição; inclusive a senhora, Isabel.

— Eu me sinto culpada por essas garotas. Culpada por algo que eu jamais teria feito, que é embarcá-las no navio.

— Não vi outra opção. Fazemos o que podemos, que nem sempre é o que queremos.

— Fico revoltada por utilizarem escravas na grande missão patrocinada pelo rei da Espanha e pelo fato de o doutor abandoná-las no primeiro porto.

— Não foram abandonadas, estão a cargo da autoridade

competente. Garanto que serão bem tratadas.

— Autoridade competente! Não foi o que o doutor disse ontem...

— O fato de não terem nos recebido como deviam não significa que não...

Isabel o interrompeu.

— Sempre escutei o doutor dizer que essa expedição despertará inveja nas demais nações do mundo... Por enquanto, para mim, desperta vergonha.

— Você está sendo injusta, Isabel. A senhora teria me entregue seu filho Benito se fosse mãe de uma família normal? É claro que não. Fomos avançando com o que podíamos, com órfãos, garotos abandonados e escravas... Devemos ser condenados por isso, mesmo se conseguirmos acabar com uma praga terrível?

— Se os abandonarmos, não teremos o perdão de Deus.

Outra vez ela falava em abandono. “Depois de ter trabalhado em um orfanato cheio de garotos desamparados, como poderia esquecer aquela palavra?”, pensou Balmis. Quis responder que as pirâmides do Egito foram construídas por operários cativos, que as grandes obras da humanidade haviam exigido o sacrifício de muitos párias, escravos e prisioneiros, que não se devia buscar justiça neste mundo, mas no outro, que eles seriam julgados pelo resultado da expedição, não pelo que ele considerava um detalhe, como aquelas garotas cubanas. Mas ela parecia tão obcecada, tão cheia de fúria contida, que ele preferiu se calar. Não queria provocar a erupção do vulcão que se escondia por trás de uma

personalidade aparentemente mansa.

Viajar por terra era tão árduo que um dos garotos chegou a dizer que sentia falta do barco, onde ao menos podiam perambular, escalar e brincar de esconde-esconde. Como se esqueciam rápido dos maus momentos, dos temporais, das calmarias, dos enjoos... É que as trilhas da Nova Espanha eram tão desastrosas que os passageiros se viam obrigados a descer da carruagem e seguir a pé por longos trechos, às vezes vadeando um riacho, às vezes subindo ladeiras acentuadas. Os mais novos seguiam montados em mulas, de três em três, segurados por Isabel e pelos enfermeiros que caminhavam ao lado. Os expedicionários ficaram sabendo que os índios arrumavam as trilhas apenas quando algum vice-rei passava por ali e que nenhum aparecia por lá havia mais de um ano. As autoridades obrigavam-nos a abandonar as pobres choças e as famílias para repararem os trechos impraticáveis, à própria custa, o que ia contra as normais reais que tanto recomendavam o bem-estar dos indígenas. Mas uma coisa eram as leis; outra, a realidade.

Por fim, após uma subida que lhes pareceu eterna, chegaram a Jalapa, povoado grande e belo por sua frondosidade, onde não fazia frio nem calor e onde encontraram alívio no convento de São Francisco, em cujo hospital adjunto Balmis havia se recuperado da doença

contraída nas selvas colombianas durante sua primeira viagem ao Novo Mundo. Agora, como na outra vez, os monges o ajudaram a melhorar. Quando lhes perguntaram se haviam sido vacinados, os frades disseram que até então ninguém se oferecera para fazê-lo.

— Mas o vice-rei não promoveu uma campanha de vacinação?

— É a primeira vez que ouvimos falar disso — respondeu o monge.

Antes de prosseguir viagem, Balmis os vacinou. Então, seguiram por uma paisagem de mato alto e colinas escuras e esbranquiçadas de origem vulcânica, onde, para a alegria dos garotos, de repente passavam manadas de potros selvagens a galope. No povoado de Perote, foram recebidos por uma delegação do Tribunal Regional e da Administração Municipal, pelos curas e, como sempre, por alguns indígenas que ofereciam flores e súchiles, espécie de rosário trançado com pequenas flores, e tocavam instrumentos. Quando Balmis se oferecia para vaciná-los, os indígenas desapareciam. Continuavam sem querer saber de procedimento que injetava o mal no corpo, supostamente a fim de curá-los. Nada havia mudado desde que fora enviado pelo bispo Núñez de Haro para conter a epidemia em Oaxaca. Sendo assim, não insistiu. Tinha pressa de chegar à Cidade do México. Para saber o porquê, em vez de protegê-los e agradecer pelos serviços prestados à expedição, as autoridades se empenhavam cruelmente em impor-lhes obstáculos.

Onze dias depois de sair de Veracruz, chegaram à pousada do santuário de Guadalupe, a meia légua de distância da

capital. Como era um local pobre e desconfortável, Balmis não quis passar a noite ali. Independentemente de seu gosto pelo luxo, precisava de um mínimo de privacidade — naquele momento, defecava sangue e mal conseguia se mexer. O que ele tinha não era febre amarela, mas “a vingança de Montezuma”: fortes diarreias causadas por amebas ou salmonela. De modo que escreveu uma carta ao vice-rei, lembrando-o de que haviam se conhecido em Algeciras (omitiu a explicação de que fora em um bordel) durante o sítio de Gibraltar e anunciando que entrariam na capital ao entardecer, depois que os garotos descansassem e se asseassem. A carta terminava assim: “Espero que vossa Excelência tenha a bondade de me informar o alojamento que nos será destinado para que possamos nos dirigir diretamente a ele”. Também pedia que, para conferir prestígio à chegada da expedição, uma delegação de magistrados e membros da Administração Municipal os recebesse.

Nesse meio-tempo, dom Benito María Moxó, bispo auxiliar de Michoacán, que estava de passagem pelo santuário, deslocou-se até a pousada quando soube da chegada da expedição. Era um homem afável, culto, conhecido por ser defensor fervoroso dos indígenas e do valor de sua antiga civilização.

— O doutor Balmis deve saber que o vice-rei Iturrigaray tentou impedir a entrada de sua expedição em Veracruz... Tentou isso com ajuda do fiscal da Fazenda real.

Os tiques de Balmis se aceleraram.

— Por quê...?

— Com o pretexto de que já não é necessária. Empreguei todo o meu zelo a dissuadi-lo. Acompanhei o desenrolar da expedição desde o início porque tenho o privilégio de conhecer Josep Salvany desde que era garoto... e também toda a família dele. Ambos somos de Cervera.

Balmis olhou assombrado para ele. Explicou-lhe a cisão da expedição e acrescentou que não tinha notícias recentes de Salvany. Então, pensando em si mesmo, perguntou: — Por que pensais que o vice-rei se esforça tanto para fazer pouco caso de nós? Não vi nenhum rastro da vacina nas cidades por onde passamos...

Então, o bispo lhe contou como Iturrigaray e sua família (era casado com sua prima vinte anos mais nova, dona Inés de Jáuregui, filha de um antigo vice-rei do Peru) haviam chegado de Cádiz um ano antes com um séquito de vinte e cinco criados e ajudantes, recebidos com todas as honras em Veracruz, com banda de música e desfile do Exército, um gigantesco cartaz de boas-vindas, uma carruagem de tiro com seis cavalos e sua escolta pessoal, a Guarda de Alabardeiros. Não faltara uma calorosa ovação do povo.

— A carga que traziam surpreendeu: eram cento e setenta volumes que, por fazer parte de sua bagagem particular, ficavam isentas dos processos aduaneiros — continuou o prelado.

— O que havia na bagagem?

— Tecidos, tecidos de todos os tipos. Ele alegou que os levava consigo porque não tivera tempo de fazer para si as vestimentas apropriadas. Nos dias que passaram em Veracruz

descansando das seis semanas de travessia, o vice-rei aproveitou para vender tecidos por meio de um testa de ferro. Com esse contrabando, ganhou cerca de cento e cinquenta mil pesos.

Balmis deu um suspiro profundo. Quando o conhecera, em Algeciras, já lhe parecera um homem de pouco valor. Mas nunca teria imaginado que atingisse esse grau de sem-vergonhice.

— A maracutaia foi descoberta e houve um grande escândalo — continuou dom Benito. — Para recuperar a confiança das pessoas, tentou demonstrar que, acima de tudo, era um governante preocupado com a felicidade do povo. Convocou o doutor Arboleya, médico do navio que os havia atendido durante a viagem, e propôs que desse baixa do cargo de médico da Marinha e fosse contratado para implantar e propagar no México a grande novidade da área da saúde, a vacina contra a varíola, da qual ficara sabendo pelo anúncio da chegada de sua expedição, doutor Balmis.

— Quis se adiantar a nós para limpar sua imagem entre o povo.

— Isso. Iturrigaray precisava, acima de tudo, do crédito político que algo tão milagroso e promissor quanto a vacina poderia lhe proporcionar. Assim, enviou Arboleya a Cuba, de onde voltou com a vacina incrustada em fios de seda, certamente da mesma linhagem que você, doutor, propagou naquela ilha. Vacinou imediatamente seu filho de vinte meses no Patronato de Crianças Pobres da capital para impressionar o povo, é claro. Compareceram dignitários do palácio, professores dos colégios, senhores dos tribunais e grande

parte da nobreza, que nunca havia pisado em um lugar tão miserável. O mais insólito da história toda é que a vacina não surtiu efeito.

— E como poderia? Não se deve vacinar em condições como essa...

Aquilo soava como o ocorrido em Porto Rico, mas em uma escala muito maior. A vacina fora utilizada com um intuito mais político que de saúde. Agora, Balmis entendia a ausência de qualquer recepção em Veracruz.

— Para que o doutor entenda com quem vai tratar, digo que, para cair nas graças do povo, assim que chegou à Cidade do México ele autorizou novamente as touradas, que haviam sido proibidas pelo vice-rei anterior. Então, foi a Guanajuato para receber um presente de mil onças de ouro, oferecido pelos mineiros daquela cidade em troca de autorização para explorar outra mina. No retorno à capital, inaugurou com grande pompa a estátua equestre de Carlos IV que havia sido encomendada pelo marquês de Branciforte, outro vice-rei conhecido por suas trampas, trapanças e falcatruas em busca de enriquecimento.

— Eles não vêm para governar, mas para roubar.

Como teria sido diferente a chegada da expedição, se os Gálvez, pai e filho, fossem os governantes locais! Ou mesmo Núñez de Haro... Porque nem todos os vice-reis eram corruptos; houve muitos que, pelo contrário, administraram a colônia de maneira eficaz. Como Revillagigedo, que mandou instalar mil seiscentos e oitenta pontos de luz no México, exterminou os cachorros de rua para conter doenças e deu

ordens para que fossem punidos com cinco anos de prisão aqueles que quebrassem lâmpadas.

Balmis ficou pensativo e, por fim, disse: — Apesar da vontade do rei de introduzi-las por aqui, as luzes têm difícil permanência em ultramar.

— É. Agora, cada um faz o que lhe dá na telha — disse o bispo. — Os mecanismos de controle falham. Madri carece de autoridade... e de meios. É o final de uma era, doutor, nada voltará a ser como antes.

Balmis, nutrido de expectativas quanto à chegada na Nova Espanha, não se deixava abater. Sem a colaboração do vice-rei, ou seja, sem a colaboração da Administração, a tarefa prometia ser dura, talvez impossível. Mas, sabendo que tinha a razão e o rei ao lado, achava possível, embora se encontrasse fisicamente muito debilitado.

Isabel, por sua vez, sentia que chegavam ao fim da aventura. Logo aqueles garotos deixariam de depender dela, que precisaria abandoná-los à própria sorte. E, como sempre ocorria em circunstâncias assim, ficava nervosa. Já não acreditava na bondade das autoridades, tampouco pensava que fossem respeitar sua parte do trato. Havia visto demasiada negligência, e os oficiais reais já não impunham o respeito de antes. A constante luta de Balmis contra a máquina administrativa servira para abrir seus olhos. Talvez por isso, dedicou-se a asseá-los e a vesti-los de forma pulcra, para que fizessem uma entrada triunfal no México. Queria que não parecessem órfãos, mas príncipes.

O caminho pavimentado que percorreram em sete carruagens se chamava Calçada dos Mistérios, pois era ladeado por monumentos onde os peregrinos que iam até o santuário podiam rezar. Ao entrar na cidade, Balmis sentiu seus batimentos cardíacos se acelerarem. Foi tomado pelas recordações dos anos vividos ali, durante os quais tanto aprendera, tanto se divertira, tanto amara. Isabel ficou impressionada com a miséria e a imensidão dos arredores, uma infinidade de choças de adobe e palha entre ruelas embarradas e montanhas de lixo e esterco. O fedor era insuportável. Balmis explicou que era devido aos matadouros e também aos cemitérios: a camada de terra era pouco profunda e ficava encharcada porque os terrenos eram pantanosos, de modo que não havia como enterrar devidamente os mortos. Certos mendigos (na maioria indígenas) pareciam cadáveres vivos — estavam cobertos de farrapos ou nus, tinham o rosto sujo e o corpo pintado. Estavam bêbados de pulque, bebida produzida a partir da fermentação de hidromel feito de um tipo de agave conhecido como *maquey pulquero*, que causava estragos na população. Muitos dormiam ao relento, nas escadarias das igrejas; outros caíam de bruços nos charcos e se afogavam. Em alguns círculos da Administração, dizia-se que aquela era a pobreza mais abjeta de todo o Império

Espanhol.

Era também a riqueza mais deslumbrante. Ao chegar ao centro, viram-se em um mundo distinto, aquele que Humboldt batizara de Cidade dos Palácios, com ruas retas e amplas, avenidas largas que abrigavam um público radiante e edifícios suntuosos, muitos deles construídos sobre os alicerces de antigos palácios astecas. Não se comparava com nenhuma das cidades que haviam visitado, nem La Coruña nem Havana. Balmis estava inquieto porque não via sinais de boas-vindas. À época, a cidade abrigava cerca de cento e treze mil habitantes. Não fora possível reunir um pequeno grupo, organizar um jantar de agradecimento para impor sua presença diante da plebe? “Talvez fosse ocorrer na praça do Zócalo, o coração da cidade, onde estava situado o palácio do vice-rei”, pensou o médico, otimista, enquanto mostrava a Isabel e aos ajudantes a universidade, a escola de minas e a de cirurgia, onde havia lecionado. Falou-lhes sobre o Hospital do Amor de Dios, onde trabalhara (na Cidade do México, havia uma dúzia de hospitais e dois sanatórios) e do esplêndido jardim botânico, que se encontrava no recinto do palácio vice-real.

Quando chegaram à enorme praça do Zócalo, parecia que as carruagens iam se desconjuntar devido ao pavimento, tão rudimentar e acidentado. No meio, a estátua equestre em bronze do rei Carlos IV, que o vice-rei acabara de inaugurar. Balmis se sentiu reconfortado; era como ter por perto o próprio mentor da expedição. Mas o resto do panorama era desalentador. Restavam apenas alguns vendedores de comida em barraquinhas. Àquela hora tardia, a silhueta da catedral se

recortava contra o céu alaranjado.

O palácio vice-real se encontrava na mesma praça, de frente para o mercado de Parián. Nenhuma delegação esperava por eles — nem magistrados nem funcionários da Administração Municipal. Os guardas que estavam nas grades da entrada pareceram surpresos com a visita. Ninguém os havia avisado.

— Enviei hoje de manhã um mensageiro de Guadalupe para o vice-rei — disse Balmis.

O guarda pediu que esperassem e entrou no palácio. As quarenta pessoas que chegaram nas carroças, entre as quais Balmis, seus ajudantes, os garotos impecavelmente uniformizados e os soldados vacinados, estavam de pé, olhando com incredulidade aquele edifício suntuoso onde se decidiria seu destino.

O guarda saiu acompanhado de um secretário, que transmitiu a Balmis as desculpas do vice-rei.

— Sua Excelência não recebeu nenhuma mensagem anunciando a chegada...

— E a carta que mandei de Havana? E a mensagem de Veracruz? E a Cédula Real de 1803?

Balmis apertava os punhos. Isabel temia que acabasse estourando, mas o médico se conteve.

— Não sei dizer, senhor. O que sua Excelência me indicou a fazer é acompanhar os senhores até um local de hospedagem. É provisório, porque sua chegada não era esperada tão cedo. Os senhores alteraram o itinerário, não é? O vice-rei achou

que ficariam alguns dias em Puebla...

Era uma maneira diplomática de pôr a culpa por aquele desencontro no próprio Balmis.

— Viemos diretamente para cá, mas repito que mandei diversos avisos a sua Excelência. É urgente para mim falar pessoalmente com ele. Nós nos conhecemos, fomos companheiros de regimento em Algeciras...

— A essa hora, temo que não vá ser possível.

— Rogo ao senhor que, por favor, faça com que me receba. Essa expedição é uma vontade do rei da Espanha.

O secretário voltou a entrar no palácio. A noite caiu sobre a praça, os garotos corriam uns atrás dos outros e se queixavam de fome e sede, mas o homem não voltava. Vários mendigos e comerciantes se aproximaram e circundaram a comitiva, atraídos por tão inusitado grupo. Balmis esperava sentado em uma carruagem, olhando para o chão. Que império era aquele onde se ignoravam as ordens da autoridade máxima? Isabel se compadecia dele: havia dito tantas vezes que no México seriam brindados com uma acolhida espetacular e que era amigo do vice-rei, havia falado tanto da Nova Espanha, como se fosse uma espécie de terra prometida, que aquela espera se tornava patética. O uniforme dos garotos já estava sujo de poeira e barro. O homem que via ali sentado, aquele sonhador doente, avelhentado e decepcionado, não merecia esse tratamento, por mais orgulhoso ou vaidoso que fosse. Nenhum deles merecia.

O secretário levou mais de uma hora para sair do palácio com a notícia de que o vice-rei não receberia Balmis. O médico

apertou os punhos e clamou aos céus, mas não havia muito o que fazer para atenuar sua raiva.

Mais surpresas os esperavam. Escoltada pela guarda do vice-rei e guiada pelo secretário, a comitiva foi à hospedagem. Logo deixaram o México dos palácios e suas avenidas iluminadas para adentrar mais uma vez na periferia. As pessoas saíam de casa ao escutar os ruídos da comitiva, achando que se tratava de uma ronda militar. Eram dez da noite quando chegaram ao local que lhes haviam designado, ao lado de um açude cheio de imundícies, vestígio da antiga cidade lacustre. O ar fedia, pois estavam no bairro dos curtidores de peles.

— Como organizarei as vacinações daqui? — perguntou ao secretário. — Precisamos ficar alojados em um lugar central.

Assim que entrou, sentiu na pele o desprezo que o vice-rei tinha por eles. Era uma casa com paredes rachadas, quase sem móveis, em reforma e cheia de pó. Escutavam-se os gritos dos bêbados de uma *pulquería* vizinha. Não havia camas, mas esteiras no chão.

— É um alojamento inapropriado para um emissário do rei da Espanha — balbuciou ao secretário, porque quase não lhe saíam as palavras, estava mal. — Preciso de uma residência oficial.

— Ofereço-lhes minhas desculpas, mas, como disse aos senhores, não sabíamos... A residência oficial também está em obras — acrescentou. — Está totalmente desmobiada.

— Bem, levaremos lâmpadas e móveis para torná-la habitável! — disparou o médico, exasperado. — Não podemos

permanecer aqui, diante dessa mistura de embriaguez e alvoroço — disse, apontando para o bar ao lado.

— Amanhã conseguiremos uma casa mais central para vocês.

Balmis tremia de raiva e impotência. Estava envergonhado diante da sua equipe, pois havia estimulado suas ilusões e os decepcionara. Mais uma vez, pecou pela ingenuidade. Isabel, esgotada, recolhia os uniformes dos garotos para guardá-los.

— Tendo em vista como o vice-rei nos recebeu, o que me preocupa é como irá cuidar das crianças — disse Isabel.

— Farei com que cumpra as diretrizes do rei.

— Fará o que tiver vontade.

Isabel se deitou junto com seu filho e os mais novos. Balmis ficou olhando como os demais se organizavam nas esteiras enfileiradas para dormir e como alguns continuavam com suas brincadeiras, alheios ao drama dos mais velhos. Cândido e Benito gostaram da casa, pois não tinha móveis e eles podiam jogar objetos de um lado para o outro. Balmis olhava para eles como se os visse pela primeira vez. Até então, só havia reparado no problema logístico que implicavam, porque precisava arrastá-los consigo depois de vacinados. Agora, via-os como o que eram, seres cheios de vida que demonstraram vigor e resistência admiráveis. Diante das piores circunstâncias, não cansavam de brincar nem de rir. Então, percebeu que sentiria saudades deles e que precisaria defendê-los do descaso do vice-rei. Pensou em seu filho e sentiu uma pontada de remorso, porque pela primeira vez se deu conta de que realmente não o acompanhou em um

período valioso: a infância.

Balmis estava tão desanimado e se sentia tão mal fisicamente que não conseguia pegar no sono. Condenou-se por cogitar a ideia pueril de que seu nome estaria na boca de todos ou que suas antigas amizades estariam esperando por ele. Levantou-se e entrou no quarto dos garotos, iluminado por um lampião a óleo. Dormiam placidamente. Isabel estava entre os dois pequenos; seu cabelo solto sobre a esteira, sua pele branca quase transparente. O médico permaneceu um longo tempo observando-a. Pensou em si mesmo, em como sua vida havia passado rápido, nos anos que voaram desde os tempos da begônia e do agave. Sentiu-se velho e exaurido. Pela primeira vez, pensou no depois, se é que terminaria a expedição sem interrompê-la por falta de apoio oficial. Na melhor das hipóteses, terminaria seus dias como herói, realizando assim seu sonho de infância, mas de qualquer maneira seria um herói solitário, sem ninguém com quem compartilhar a glória. Então, foi tomado pela imagem de Isabel nos braços de Salvany e sentiu uma pontada de ciúmes. Ela era das poucas pessoas no mundo por quem ele sentia admiração; tinha por ela um profundo afeto que nascera do trato contínuo durante aqueles meses. “O que teria sido da expedição sem ela?”, perguntava-se. O que seria dele sem ela? Sua presença lhe inculcia segurança, um bem-estar difícil de explicar. Tê-la por perto lhe dava a impressão de que tudo estava sob controle. Era uma sensação viciante. Balmis, que havia dedicado toda sua força, seu tempo e seu talento ao trabalho, naquela noite pensou que talvez tivesse se esquecido de si mesmo, que seu trabalho o deixara sem vida própria, que seu destino de homem da ciência era, no fim das contas, a

solidão. Mas agora via que a solidão podia se tornar um fardo pesado demais e que, nos últimos tempos, estava redirecionando a Isabel o interesse que era capaz de sentir pela humanidade inteira.

Vestiu-se, saiu da casa e pediu ao cocheiro que estava à disposição que o levasse até um endereço na parte nobre da cidade. Era uma noite escura, com cheiro de lama e fumaça de fogueiras ao redor das quais indígenas se aqueciam acocorados. Chegou a um edifício próximo ao Coliseu. Subiu dois andares ofegando e bateu na porta. Uma criada índia abriu.

— Senhora Bárbara Ordóñez?

— Não, senhor.

— Já não mora aqui?

— Nunca ouvi esse nome.

— Bárbara Ordóñez! A atriz! — insistiu Balmis, exaltado porque a criada não a conhecia.

— Não sei — disse a índia, de modo automático.

Balmis voltou até a carruagem e deu outro endereço ao cocheiro, dessa vez de uma casa perto da catedral. Um criado negro que usava um turbante abriu a porta. Cheirava a tabaco e flores murchas.

— Sou o doutor Balmis, avise a senhora de que estou aqui.

O homem se ausentou por alguns instantes e voltou pedindo que o acompanhasse. Na sala iluminada pelo fogo da lareira, estendida no sofá, estava Antoñita San Martín, a atriz de Cádiz, a maior atração do Coliseu, que conseguira se

separar do marido que a maltratava e vivera um breve romance com Balmis. Vestia um roupão de seda estampado com flores vermelhas, tinha o cabelo tingido de ruivo e seu rosto parecia uma estátua de gesso. Balmis se assustou.

— Não tenha medo, amado, sou eu mesma...

— Com tanta maquiagem eu não tinha...

— Não é maquiagem, é para tirar as rugas. Um pouco de cera misturada com esperma de baleia. Os anos cobram seu preço...

Tinha *chiqueadores* presos às têmporas, parecendo pintinhas — tratava-se de um remédio caseiro contra a enxaqueca, feito com rodela de papel untada com gordura. Abriu sua cigareira de filigranas de prata e acendeu um cigarro. Duas mulatas sentadas sobre uma almofada de pele de jaguar a abanavam.

— Eu sabia que você estava por aqui de novo...

— Deve ser a única a saber.

— Eu li no *La Gaceta*.

Balmis contou para ela da expedição, da decepção da chegada, dos obstáculos impostos pelas autoridades. Então, relembrou os velhos tempos, os sucessos do teatro e o caso de amor que tiveram, o qual culminou com a revelação do “mal francês”.

— Você me curou direitinho. Nunca mais tive problemas. Mas teria preferido continuar como sua amante a me tornar paciente... Apesar de suas estranhezas. Você continua piscando descontroladamente?

Como resposta, Balmis soltou seu tique habitual. Antoñita gargalhou.

— Como está agora? — perguntou Balmis.

— Velha, murcha e feia. Você não percebe por causa da máscara.

— Todos estamos envelhecidos, e os que não estão logo estarão. Está, sim, com um pouco mais de idade do que quando a deixei. Mas nem murcha nem feia, isso jamais. Você me parece bem-cuidada...

— Eu tive sorte, e um bom amante cuidou de mim. Quando morreu, herdei esta casa e seus outros bens. Então, agora estou a salvo. Não como a pobre Bárbara...

O médico se sobressaltou ao ouvir o nome da antiga amante.

— Morreu na indigência, pois não encontrou alguém para tirá-la daquela vida, e no fim já não lhe ofereciam trabalhos como atriz. Vivia da caridade dos amigos. Veja bem, o bispo nega tudo a nós, comediantes: os sacramentos e até mesmo o direito de sermos enterrados. Assim, ela acabou em uma vala comum. Bonita como era, não teve jeito.

Balmis ficou aturdido.

— Lembro-me de sua risada...

— Ela gostava muito de você. Dizia que vocês se casariam e morariam na Espanha. Pura fantasia, porque o conheço melhor e sei que não nasceu para viver acompanhado.

— Não é bem assim, foram as circunstâncias... — disse, abatido.

— As coisas mudaram muito desde que você morou aqui. Antes, os vice-reis gostavam de teatro e das artes e nos apoiavam. Mas esse está muito ocupado em enriquecer. Torna nossa vida impossível. Paga mal e atrasado.

Iturrigaray havia se tornado o centro de todos os esquemas do México. Antoñita contou como, na época de chuvas, ele pegou na enxada certo dia para motivar os trabalhadores que tentavam conter as inundações. Sempre a fim de ganhar popularidade.

— Pouco a pouco, foi afundando na areia movediça — contou a mulher —; esteve a ponto de morrer, não fosse pela atenção dos cavalheiros que o acompanhavam o tirarem do lodaçal.

Riram com vontade.

— Como estão longe os tempos de Bernardo de Gálvez...

— Ele, sim, teria ajudado você. Teria se empenhado, e a população formaria fila para ser vacinada.

— E o bispo?

— O do México não facilitará as coisas. Não se afasta da política nem das diretrizes do vice-rei. Para nós, garante a condenação eterna.

Antoñita deu uma tragada funda. Então se esticou na direção de Balmis e disse a ele em voz baixa, para que as criadas não a ouvissem.

— Saia dessa cidade, amado, ela estará amaldiçoada enquanto o vice-rei continuar aqui.

Ela se recompôs e mudou de tom.

— Quem pode ajudar é o bispo de Puebla, dom Ricardo María Rodríguez del Fresno. Ele o receberá como você merece. É um grande senhor. Foi um advogado conhecido antes de entrar para a Igreja, sempre ao lado dos pobres, dos índios e dos que não tinham um pesinho que fosse para se defender. É como você, preocupa-se com os necessitados e sabe muito de tudo... Assim como você, acredita no bem.

— E você, acredita no bem?

— No bem? Não tem jeito. Eu acredito é no bem-me-sabe, prato que comíamos em Cádiz, com muito cominho.

Riram de novo, o que provocou o riso das criadas, que se divertiam com aquele homem que erguia a voz enquanto piscava e sacudia a cabeça descontroladamente.

Na manhã seguinte, o secretário compareceu à casa em que os membros da expedição estavam hospedados. Chegava com ordens para transferir os garotos a uma nova residência, o Patronato Real de Pobres. Três carruagens os esperavam. Os garotos estavam maravilhados. Finalmente, conheceriam seu novo lar. Balmis demorou para se levantar e se vestir. Quase não havia dormido, pois ficara conversando com Antoñita até de madrugada. Sentou-se na carroça ao lado do secretário.

— A vacinação será feita no patronato... — disse o informante.

— Não é um bom lugar, fica afastado e as pessoas não costumam ir a lugares públicos — replicou Balmis.

— É onde costumam ser feitos os procedimentos desde que o próprio vice-rei mandou vacinar o filho lá... Você devia ter visto como as pessoas se amontoavam nas ruas para ver o cortejo de carruagens adornadas passando...!

— Sim, imagino...

O Patronato Real de Pobres ocupava um grande edifício na rua de la Merced. Embora o regulamento e o funcionamento fossem emprestados do orfanato de Madri, era uma instituição enorme, com mais de quatrocentas crianças abandonadas que pululavam em salas com paredes sujas e

rachadas. A maioria era de negros, mestiços e índios, mas também havia um bom número de filhos ilegítimos brancos. Foram recebidos pelo capelão e diretor e pela governanta, uma mestiça gorda com cara redonda e duas tranças pretas, que informou aos recém-chegados que ali a divisão era diferente: aqueles que tinham de zero a três anos eram considerados infantes; de três a sete anos, jovens ou crianças; a partir dos sete, moços ou mancebos. Cada categoria tinha responsabilidades específicas. A transgressão mais grave que uma criança ou um jovem poderia cometer eram erros nas aulas de catecismo, o que era castigado com açoites. Outros castigos eram deixá-los de joelho para que segurassem nas mãos alguns pesos por um tempo determinado, prendê-los em uma armadilha com buracos suficientes para crianças das mais diversas estaturas e, o mais temido de todos, vesti-los com um traje preso ao pescoço e, em seguida, pendurá-los no teto por duas cordas, à vista de todos.

— Para os mancebos — disse, no tom asséptico que apenas uma oficial mal paga é capaz de emitir —, temos uma cela isolada, onde os trancamos pelo tempo que os professores ou o capelão decidirem.

Diante da expressão de pavor dos garotos, acrescentou: — Mas essa cela quase nunca é utilizada.

Tomás Melitón, que havia completado quatro anos, começou a chorar. Outros o imitaram. Os mais velhos se contiveram, mas ficaram com o semblante retorcido. Cândido já tentava descobrir como escapar. Benito tinha a expressão de quem por pouco se salvou de uma execução. O desconcerto e a decepção podiam ser vistos em todos os rostos, inclusive no

de Balmis, dos ajudantes e de Isabel.

No mais, a vida naquele patronato não era muito diferente da vida no orfanato de Madri. Durante o período da manhã, havia aulas de escrita, embora o mais recomendado, como disse o capelão, fossem as orações, os rosários e outras devoções. Os ofícios dos jovens eram repartidos por semanas: roupeiros, varredores, coroinhas, auxiliares de cozinha, leitores e zeladores. Uma vez explicado o funcionamento, os garotos precisaram fazer os trâmites de entrada. O capelão identificou um por um, anotou os dados pertinentes, como sinais particulares, vestimentas e idade, e então lhes indicou o caminho até a governanta, que os recebia e fazia sua higiene. Isabel precisou entregar seus “infantes”, os garotos galegos mais jovens, que agora tinham mais ou menos a idade de Tomás Melitón, a outra funcionária, que os conduziu até um quarto onde teriam de compartilhar colchões de palha.

— Não vá embora! — gritava Tomás para Isabel.

— Eu vou, mas voltarei para vê-los todos os dias — respondeu ela, com um nó na garganta.

— Nããããã...! Nããããã...!

Choraram até escorrer ranho do nariz e estendiam os braços na direção dela. De repente, aquilo se transformou em uma cacofonia de prantos e gritos de garotos que se sentiam novamente abandonados. Isabel sabia que era melhor partir que ficar para consolá-los. Planejava voltar todos os dias, até que se acostumassem com a nova vida. Ao descer as escadas, encontrou Cândido, que já havia feito os trâmites de ingresso.

— Por que não posso ficar com Benito e com você?

Isabel gaguejou. Não sabia o que responder ao garoto, que olhava para ela com uma expressão desconsolada. A vida não era fácil, as crianças não podiam ser adotadas assim de qualquer jeito, era preciso seguir regras...

— Não faça nenhuma bobagem — disse ela. — Faremos todo o possível para tirá-los daqui.

— O doutor Balmis sempre disse que somos heróis... Então, por que nos castiga nos deixando aqui?

Ela tampouco soube o que responder.

— Não é um castigo, ninguém está fazendo isso com vocês.

— Ele nos disse que moraríamos com famílias...

— Sim, sim, a governanta me assegurou que muita gente vem adotar crianças aqui...

Buscavam facilitar as adoções, havia assegurado ela. Mas a maioria dos adotantes eram artesãos que levavam crianças já mais velhas para transformá-las em aprendizes. Esses tinham a vida garantida, assim como as garotas contratadas para servir nas casas... Os mais novos eram entregues às famílias das mulheres que lhes haviam dado de mamar, caso ela houvesse se apegado ao bebê e assim pedisse. Os demais, que tinham a idade de Cândido, era mais difícil encaminhar.

— Mais cedo ou mais tarde — disse a governanta —, um terço dos garotos é adotado.

Isabel se lembraria daquela manhã como a pior de sua vida. Preferia uma tempestade em alto-mar, uma sobrecarga de trabalho ou vacinar milhares de pessoas, qualquer coisa que não fosse abandonar suas crianças naquele lugar. Qualquer

coisa que não escutar os prantos e as súplicas dos mais novos e dos mais velhos, ter de tirar mãozinhas que seguravam sua blusa, encarar olhares de decepção, sair com a sensação de ter participado de uma mentira generalizada, de ser cúmplice dos que os usaram, de não estar à altura, de ter quebrado a promessa de lhes dar uma vida melhor. Desde a partida de La Coruña, foram nove meses de convivência intensa, aventuras compartilhadas, angústias e alegrias, brincadeiras e descobertas. Nove meses de atenção a cada um deles.

Deixou-se desabar na carroça, que arrancou logo em seguida.

— Tchau, Benito!

Era Cândido, que gritava da janela do primeiro andar, balançando o braço por entre as grades. Benito ergueu a vista e fez um gesto com a mão.

— Venha me visitar! — disse Cândido.

Benito assentiu com a cabeça.

— Que sorte você tem de ficar com sua mãe, seu pau de virar tripa!

— Ladrão de galinhas!

— Bocaberta!

— Cabeça de ovo!

— Malassombro!

A carroça virou a esquina e encerrou a despedida dos garotos.

Isabel estava desolada.

— Tanta viagem, tantos perigos para as crianças, tanto sacrifício... para acabarem aqui? É assim que a monarquia agradece pelo serviço prestado? Nós os trouxemos de um orfanato pobre para um patronato miserável, que bela mudança! O doutor não havia fechado um acordo com a Coroa sobre o futuro dessas crianças?

Balmis estava pálido. Os garotos também haviam se agarrado a seu gibão e, aos prantos, lhe suplicado ajuda. Ele também estava com a consciência pesada.

— Não foi esse o trato que eu fiz. A Coroa se comprometeu a realocá-los oportunamente em famílias da Nova Espanha, conforme sua classe e suas aptidões.

— Então, o caso é que o vice-rei não dá ouvidos ao rei.

— Sim, é o ponto a que chegamos neste império que está desmoronando. Na Cédula Real, ordenou-se ao vice-rei que os amparasse e educasse com os fundos do Tesouro, até que pudessem se manter por conta própria. Nunca pensei que ele os deixaria nesse patronato. Há outras instituições, colégios, academias...

Mais uma vez, Balmis deparava com seu grande desafio: o descaso dos que não eram leais ao monarca. Estava claro que nem o vice-rei nem as autoridades locais queriam se encarregar dos garotos vaciníferos, devido à responsabilidade e ao gasto de alimentá-los, educá-los e cuidar deles, apesar das ordens explícitas para que recebessem tratamento especial.

O secretário instalou-os em uma casa na rua Echevarría, mais central, propriedade da marquesa de Casa Nevada, a poucas quadras da praça de Armas. Como todos os casarios nobres do México, esse tinha uma “sala do trono”, sempre arrumada para receber uma eventual visita dos reis da Espanha. Era o único cômodo que havia sido concluído e estava luxuosamente decorado. Dispunha de um trono real de damasco com galeras e franjas de ouro e de um cobre-leito de veludo carmesim que devia ter uns cinquenta metros de comprimento. À espera de uma visita tão extraordinária quanto improvável, os nobres utilizavam aquela sala para receber pessoas distintas, inclusive o vice-rei, mostrando assim fidelidade ao monarca ausente e distante. Mas o resto da casa estava em obras, e faltavam móveis.

— Peço desculpas aos senhores, mas não encontramos nada melhor.

Mais uma vez, o secretário precisou escutar amargas reprimendas.

— Desculpas? — gritou Balmis. — Desculpas? Parece que isso você sabe fazer muito bem. Mas eu preferia que obedecesse às ordens de sua Majestade, o rei da Espanha.

O secretário, contrariado, fez uma careta e optou por ficar

calado. Ninguém falava com ele naquele tom. “Quem esse europeu convencido acha que é?”, pensou. Ele dava satisfações ao vice-rei, a ninguém mais, gostasse ou não disso aquele galego aborrecido.

— Ficaremos bem acomodados — disse Isabel para acalmar o clima. — É um alojamento muito melhor que o de ontem...

O secretário respirou fundo, mais receptivo ao tom conciliador de Isabel que ao temperamento de Balmis.

— Os senhores me digam do que precisam, e eu providenciarei.



Passaram os primeiros dias no patronato, porque Balmis logo quis começar a vacinar e Isabel queria ficar com os garotos — eles precisavam disso. O pequeno Cândido os esperava desde cedo, apoiado na janela do primeiro andar, tamanha era sua ansiedade para vê-los. Apesar de ter plena consciência de sua orfandade, considerava Balmis, Isabel e Benito a sua família e não entendia por que estavam longe. Mantinha a esperança de que o levariam consigo a qualquer momento. Todos tinham dificuldades para se acostumar com o confinamento do orfanato, que lhes parecia muito mais lúgubre e angustiante que o do barco. Tampouco gostavam do trato severo dos professores ou de ser obrigados, como em Madri, a recitar tantas orações e rosários. Além disso, precisavam conviver com o assédio de garotos *criollos*, como antes haviam assediado os mestiços e todos os novatos que se juntavam à expedição. Os *criollos* debochavam de seu aspecto, de seus uniformes surrados e de seu jeito de falar. Gonzalo, o

garoto que havia esfregado um pedaço de estopa no rosto do tamborzinho cubano, foi agora objeto de escárnio dos órfãos do patronato, que riam de seu sotaque galego.

— Cara de leite! Vamos escangalhar você!

— Bastardo!

— Cândido, me ajuda!

Cândido, que o perdoara por ter sido injustamente castigado em seu lugar quando Gonzalo fizera aquela selvageria no barco, não tinha medo de enfrentar os mexicanos, que também o chamavam de “cara de leite”.

— Se encostar um dedo nele, você vai amanhecer com os peixes, fiadaspu!

A fúria que carregava dentro de si o ajudava a impor respeito.

Balmis e Isabel vacinaram os órfãos enquanto esperavam que as pessoas chegassem, mas apareceram apenas sete no primeiro dia e nove no segundo. No terceiro dia, não apareceu ninguém. Diante dessa indiferença desconsoladora, Balmis teve mais uma vez o medo de perder o fluido e quebrar a cadeia de vacinações quando a reação nas crianças alcançasse o ponto culminante.

Solicitou mais uma vez uma entrevista urgente com o vice-rei, dessa vez por meio do bispo Benito María Moxó, a quem relatou a situação precária em que se encontravam as crianças do patronato. Se o vice-rei não cumprisse com o compromisso, Balmis pediria ajuda à Igreja, e era melhor já preparar o terreno.

Dessa vez, Iturrigaray recebeu Balmis. Foi em seu gabinete, no segundo andar do palácio vice-real, o mesmo onde Bernardo de Gálvez havia recebido o médico em diversas ocasiões, sempre com afeto e diligência. Balmis não conseguia deixar de pensar naquele herói destruído por sua própria honra e integridade. Agora, o mundo estava nas mãos dos mesmos aproveitadores e ladrões de galinhas que haviam aniquilado Gálvez por causa da inveja.

José de Iturrigaray vestia um traje de seda bordada com rendas no peitilho, uma peruca branca e deslumbrantes chinelos de verniz. Balmis chegou com o cabelo revoltado, a barba por fazer e vestindo um gibão e um casaco sujos de pó. Não se viam havia dezoito anos.

— Peço ao doutor mil desculpas pelos inconvenientes de vossa chegada — começou o vice-rei. — O doutor nos pegou desprevenidos...

— Não exatamente, Excelência — pontuou Balmis.

O vice-rei ignorou a réplica de Balmis e continuou falando: — Lembro do doutor em Algeciras, sempre com testes e experimentos... Fico contente de ver-vos transformado em um grande médico, embora estejais um pouco pálido e magro.

— A vingança de Montezuma, sabe...

O vice-rei soltou uma gargalhada.

— Que sacana esse Montezuma...!

— Eu me lembro de vossas piadas... Vosso repertório era único.

O vice-rei sorriu. Era simples e claro no trato, sem muita

cerimônia. Passava a impressão de ser compreensivo, indulgente e piedoso. Tinha fama de conceder todos os indultos que lhe pediam e de fazê-lo de imediato e de boa vontade. Tudo com o objetivo de agradar.

Balmis disse, com uma pontada de ironia: — Agora vós sois o rei em outras partes.

Era uma frase de um antigo vice-rei do Peru, outro governante astuto que aproveitava bem o poder do cargo. O vice-rei era o homem mais poderoso do vasto Império Espanhol em territórios da América. Seu superior imediato, o rei da Espanha, morava a sete mil quilômetros de distância, e a probabilidade de que fosse visitar os territórios de além-mar era nula. Iturrigaray respondeu: — Digamos que Deus está no céu; o rei, na Espanha; e aqui estou eu.

E riu da própria piada.

— E eu venho suplicar ajuda — disse Balmis.

— É para isso que estou aqui.

— Em primeiro lugar, preciso urgentemente de alguns indivíduos para vacinar e preservar o fluido que trouxemos da Espanha. Em segundo, preciso que vos encarregueis dos garotos que transportaram a vacina, conforme as solicitações reais, para que não fiquem misturados com o resto da miserável população do patronato...

Foi a maneira mais diplomática que achou para dizer a ele que devia tratá-los conforme o combinado com a Coroa. O vice-rei escutava com o cenho franzido. Balmis prosseguiu: — Em terceiro lugar, que forneçais o necessário para facilitar nossa viagem às Filipinas depois que terminarmos nosso

trabalho no México.

O vice-rei pigarreou.

— Falarei com a Administração Municipal para que arranjem esses indivíduos para a vacinação. Mas deve saber que a vacina já foi introduzida na Nova Espanha, doutor Balmis. Dediquei-me a isso assim que cheguei, com a colaboração de médicos locais.

— Mas era sabido que a expedição estava a caminho, com todas as condições necessárias para introduzir o fluido de qualidade que trouxemos com sumo cuidado desde a Europa.

— Sim, claro que sabia, mas... e se os senhores se atrasassem indefinidamente ou o barco naufragasse, por exemplo? Além disso, conhecendo as finanças do império, eu duvidava que a expedição fosse financiada. De modo que não quis perder tempo. Para um governante, a felicidade do povo vem antes de tudo, como o doutor bem sabe.

Tanto cinismo provocou em Balmis uma enxurrada de tiques.

— Nisso, o doutor não mudou. Está igual ao que era quando jovem! — disse Iturrigaray, entregando a ele sete pastas cheias de papéis. — Aqui estão todos os documentos da campanha que realizamos na Nova Espanha.

O médico olhou rapidamente os documentos enquanto o vice-rei alisava as costeletas, observando-se no reflexo de seus chinelos de verniz. Continuava tão orgulhoso quanto antes. Balmis viu o ofício de 5 de maio enviado pelo vice-rei ao fiscal da Fazenda real para impedir a chegada da expedição a Veracruz, confirmando o que o bispo Benito María Moxó lhe

havia contado. Preferiu não dizer nada e continuou folheando.

— Vede, esse documento diz que só foram imunizadas quatrocentas e setenta e nove pessoas na capital... Excelência, restam trinta mil residentes suscetíveis à contaminação pela varíola. Não podeis ignorá-los.

— Existe uma resistência popular à vacina, não há dúvidas.

— Eu imploro que useis vossa influência sobre o povo para que aproveitem o precioso fluido. Estamos vacinando há vários dias no patronato, e quase ninguém apareceu para ser inoculado.

— Sob nenhuma circunstância eu aprovaria vacinações forçadas. O que posso fazer é ordenar que sejam publicados cartazes anunciando a expedição.

— Eu agradeço muito, mas não é o suficiente. Assim como fizemos na Venezuela, precisaria que convocásseis corporações, agremiações e sociedades de amigos para respaldar nosso trabalho.

Contou a ele como lá haviam mobilizado a população, organizado as juntas de vacinação, falou do altíssimo número de vacinados, mas o vice-rei se mostrava indiferente.

— Eu também mobilizei as autoridades locais. Vacinei meu filho em um ato público para dar o exemplo.

— Mas a vacina não funcionou, pois o material não era eficaz. Sem dúvidas, perdeu as propriedades medicinais durante o traslado.

O vice-rei mordeu os lábios, pois aquele insignificante Balmis ficara sabendo de tudo. Para o médico, estava claro que

o vice-rei não tinha tanto interesse em dar exemplo e ser imunizado contra a doença quanto tinha em dar visibilidade à própria conduta a fim de conquistar a admiração da Corte e apagar a má impressão inicial.

— Com todo o respeito... Se falta entusiasmo popular — atreveu-se a dizer Balmis —, é devido aos maus resultados obtidos até agora.

— Não afirme isso antes de ler os documento que lhe entreguei, doutor.

— Não encontramos vestígios da vacina em nenhuma das cidades por onde passamos. O povo não está ciente de sua importância. Não basta inocular-lhes o fluido que, trazido de Cuba em vidrinhos, perdeu toda ou parte da eficácia. Não basta vacinar os filhos dos nobres, é preciso vacinar todo o povo — mestiços, índios e negros e, depois, os recém-nascidos. É preciso fazer isso de forma sistemática, não a trancos e barrancos.

— Então, apresente-me um plano para vencer a resistência do público. Conseguimos impor a lei de Cristo em missas, procissões e festas dos padroeiros, mas não nas almas, essa é a verdade.

— Apresentar-vos-ei até o fim deste mês. Será um plano no qual, se vós me permitis, explicarei as medidas que precisam ser tomadas. Serão necessárias celebrações públicas, missas solenes e vacinações cerimoniais para despertar na população o desejo de se vacinar.

— Quanto aos garotos — disse o vice-rei —, podemos inscrevê-los na Escola Patriótica. Ali aprenderão um ofício e

terão melhores condições. Os padres betleemitas também possuem bons colégios, o doutor chegou a ver?

Balmis fez que não com a cabeça.

— Se os aceitarem, deixariam de ser um peso para o maltratado Erário real.

— Bem, assim farei.

Fez-se um silêncio, como se Iturrigaray considerasse que a conversa havia chegado ao fim. Pelos silêncios e pelo olhar, era possível ver que Balmis o exasperava. O vice-rei continuava olhando para seus chinelos; era um homem vaidoso.

— E as Filipinas? — disse o médico. — Poderíamos aproveitar a próxima viagem do Galeão de Manila e partir de Acapulco. Eu precisaria saber a data exata de partida e deixar os preparativos em dia. Vossa Excelência poderia dar ordens ao capitão do galeão para que providenciasse acomodação para algo entre quarenta e quarenta e seis pessoas...

Iturrigaray assoviou e desviou o olhar. Balmis fixou o olhar em seu nariz aquilino e sua mandíbula de predador.

— Quanta gente! — exclamou Iturrigaray. — É uma empreitada custosa, doutor, e talvez desnecessária para o Tesouro público neste momento.

— Desnecessária?

— Se a vacina já foi difundida nas ilhas, totalmente desnecessária.

— Mas segundo a Cédula Real...

— Sim, eu sei, mas na Corte nem sempre se tem consciência do estado de nossas finanças — interrompeu o vice-rei, dando a entender que seria feito o que ele decidira.

Balmis estava tão indignado que suas mãos suavam. Iturrigaray era um lobo em pele de cordeiro.

— Ainda que a vacina tenha chegado às ilhas, a expedição continua necessária para instruir médicos e criar equipes de vacinação e clínicas, segundo as instruções de sua Majestade.

— O doutor está autorizado a proceder com os preparativos — disse o vice-rei. — Mas, se eu ficar sabendo que a vacina já foi levada às Filipinas, reservo-me o direito de rescindir a permissão da viagem. Já disse ao doutor: nossos cofres estão vazios.

Balmis lutava para conter sua ira. Aquele homem, que todos sabiam ter enriquecido à custa do Erário, acreditava mesmo que era o rei encarnado, capaz de fazer pouco das ordens de Madri. Jurou que deixaria o rei à parte do comportamento de Iturrigaray — não por orgulho ferido, mas pelos milhares de mortos devido à varíola em consequência de seus atos.

O vice-rei não fez nada do que se comprometera a fazer, exceto pendurar alguns cartazes que não surtiram efeito, porque a maioria da população não sabia ler. Balmis pediu ajuda ao alcaide do bairro, um homem resoluto, que conseguiu levar vinte índias ao sanatório para que vacinassem seus filhos. Como gritavam aquelas mulheres! As crianças que lá moravam estavam assustadas. Não havia maneira de convencê-las, apesar dos esforços persuasivos de Isabel e dos enfermeiros. Inocular o mal em seus rebentos lhes causava medo e repugnância. Balmis tentou lhes dar algum dinheiro, mas elas não apenas se negaram a aceitá-lo, como pegaram o próprio dinheiro e o ofereceram a Balmis para que poupasse seus filhos. Teria sido uma situação cômica, não fosse pelo pavor das mulheres.

— Não há como vacinar nessas condições — disse Balmis.

— Deixe comigo, doutor! Sei lidar com essa gente. É preciso forçá-las — disse o administrador.

— Não, não podemos fazer isso — disse Isabel.

— É para o seu bem, para o bem de seus filhos.

O administrador arrancou um garoto dos braços de sua mãe e amarrou-o a uma cadeira enquanto as mulheres berravam no corredor, como se estivessem chorando por alguém morto.

— Não, assim não vale a pena vacinar — disse Balmis diante do olhar de incompreensão do alcaide. — Não é questão de forçar as pessoas, mas de convencê-las. Se não, é como se déssemos o peixe sem ensinar a pescar.

O alcaide não entendia por que não obrigar os índios a fazer o que fosse mister, sem maiores ponderações.



No fim do mês, Balmis apresentou ao vice-rei os relatórios acerca dos meios necessários para manter e perpetuar a vacina na Nova Espanha e de como implantar uma casa de vacinação pública em um edifício central, que tivesse quartos limpos e cômodos convenientes ao procedimento. Seu plano contemplava a revacinação de todos os que haviam sido inoculados; caso necessário, em troca de uma pequena recompensa econômica. Havia dedicado longas horas à preparação daquele projeto, e o diretor da expedição estava confiante de que o fato de ter elaborado tudo de maneira coerente e lógica faria o vice-rei refletir e mudar de atitude.

À espera de resposta, foi com Isabel visitar o convento dos padres betleemitas na rua Tacuba, tal como havia sugerido o próprio Iturrigaray. Foram recebidos na entrada de um edifício majestoso pelo frade Rodrigo, homem alto e enxuto com grandes olhos azuis e brilhantes, que vestia o típico hábito pardo da ordem preso na cintura por um cinto de couro, calçava sandálias e ostentava uma barba hirsuta que chegava ao umbigo. Balmis pensou naqueles santos cujos retratos assinados por Murillo ou El Greco estavam pendurados nas igrejas da Espanha. Em volta do pescoço, tinha o medalhão da ordem, com a cena do nascimento de

Jesus num curral em Belém. Como membros da primeira ordem religiosa nascida na América com a finalidade de servir aos pobres, eram reconhecíveis em todo o continente, pois mais pareciam mendigos ou vagabundos. Sua imagem dava a entender que seguiam à risca o voto de pobreza.

— Claro que cuidaremos de seus galegos. Contamos com mais de vinte hospitais e uma dezena de escolas em toda a Nova Espanha.

Isabel respirou aliviada. Frei Rodrigo prosseguiu: — Vou lhes mostrar a escola, que fica ao lado do claustro. Ali damos comida para os pobres e lecionamos.

Para chegar à escola, era preciso atravessar o hospital beneficente, do outro lado de um claustro belamente decorado com azulejos e fontes de pedra lavrada. Mas assim que entrou, Isabel, tomada por ânsia de vômito, precisou retroceder com a mão na frente do rosto. O cheiro era insuportável. Balmis também precisou conter sua vontade de vomitar, pois nunca havia visto antes um hospital tão abarrotado, tão pobre, tão desprovido de tudo. Era óbvio que não conseguiam manter a higiene mínima, tamanha a superlotação: variolosos, tísicos, sífilíticos, feridos, presidiários recém-libertos, alguns caídos em colchões, outros sobre panos ou pedaços de couro no chão. Também havia loucos que esgrimiam gestos ameaçadores ou vulgares ou que repetiam algum tipo de mantra enquanto socavam a parede. A ordem dos betleemitas havia sido a primeira a abordar a loucura. Frei Rodrigo explicou assim: — Na quinta lei de nosso estatuto, consta a obrigação de acolher todos os tipos de doentes, mesmo casos contagiosos. Somos obrigados a levá-los aos hospitais em nossos próprios

ombros. O mesmo vale para os infiéis. Aos loucos, damos abrigo. Hoje ingressaram duas mulheres que foram curadas da melancolia involutiva.

Isabel as viu catando piolho tranquilamente, sentadas no parapeito de uma janela. O mais estranho daquele lugar nauseabundo e cheio de todas as formas de sofrimento humano era que, depois de acostumar o olfato, percebia-se uma rara serenidade. Frei Rodrigo se virou para Isabel e disse: — Aqui deixamos os loucos mansos soltos; para os furiosos, temos quatro solitárias no segundo pátio.

Então, abrindo um de seus grandes olhos azuis, acrescentou: — O delírio, senhora, causa grande tristeza se acompanhado da solidão.

Aquele padre era o mais próximo de um santo que Isabel já havia conhecido. Como devia ser difícil a santidade! Eles, os expedicionários, tão orgulhosos de sua dedicação para salvar o mundo, deparavam com homens muito mais entregues, de uma humildade admirável, que, com baixíssimo orçamento, levavam a cabo uma tarefa elogiável.

— Espanta-me o contraste entre seus poucos meios e a riqueza do edifício. Esses azulejos, por exemplo, ou as próprias fontes do pátio...

— Doutor Balmis, é mais fácil conseguir fundos para abrir novas sedes que para dar conta dos gastos diários... — disse-lhe o frei Rodrigo. — Esse é o cotidiano aqui, e nos adaptamos a ele confiando que o Todo-Poderoso sempre nos oferecerá soluções.

A escola padecia dos mesmos problemas de superlotação e

falta de higiene que o hospital: jovens de todas as idades se amontoavam em um espaço reduzido, malvestidos e, a julgar pela sopa rala que lhes foi servida, subalimentados. A diferença era que ali não existiam medidas coercitivas nem castigos. Era paz e pobreza. Isabel e Balmis concordaram que não era o lugar apropriado para deixarem os galegos: em primeiro lugar, não havia espaço, embora frei Rodrigo insistisse no contrário; em segundo, aquilo estava ainda mais distante das condições prometidas pela Coroa. Isabel e Balmis, que acreditavam já ter visto o pior no Patronato de Pobres, precisaram aceitar que a escola dos padres betleemitas tampouco era a solução.

Isabel retornou ao patronato com a resolução firme de convencer o diretor a transferir os sete garotos com idades entre três e quatro anos para a ala feminina, porque, segundo ela, os menores precisavam de um ambiente física e moralmente mais saudável. Ao menos lá eles seriam mais bem-cuidados e vigiados. Por ora, era tudo o que podia fazer por eles.

Restava a Escola Patriótica, estabelecida graças à generosa doação do capitão Francisco Zúñiga, um rico proprietário de minas que destinou duzentos mil pesos à formação profissional de órfãos de ambos os sexos, mas eles ficaram sabendo que o edifício estava em construção e ainda não havia vagas. Nenhuma das soluções propostas pelo vice-rei era factível.

Balmis estava exasperado de tanto esperar por uma resposta. Mas Iturrigaray nem sequer deu sinal do recebimento dos relatórios, o que era uma maneira pouco sutil de ignorar as recomendações. Isso indicava uma atitude e um silêncio dolorosos. “Por que me vê como inimigo político, se a expedição só tem fins humanitários?”, perguntava-se Balmis ao visitar Antônia San Martín no fim do dia.

— Você continua o mesmo ingênuo de sempre — disse-lhe a atriz. — Acha que o mundo é preto no branco, como seu trabalho: perfura a pele, a pessoa reage e é salva da varíola. Mas não, a vida não é assim. Vê se põe na cabeça que esse senhorzinho *andalú* que chamamos de vice-rei não tem interesse em nada que não seu próprio benefício.

Custava a Balmis aceitar que uma personalidade do nível de um vice-rei pudesse agir daquela maneira. Depois de uma pausa, disse: — Então é inútil ficar na Cidade do México.

A mulher depositou o cigarro em um cinzeiro e aplaudiu, debochada.

— Como você é esperto, amado. Como pode ser tão esperto para algumas coisas e tão tonto para outras? Tão tapado? Às vezes, para ganhar uma guerra, é preciso perder batalhas, e essa é melhor dar por perdida. Vá para Puebla e se coloque sob

proteção do bispo.

Balmis espumava de raiva. Não dormia à noite, pensando no que fazer. Tinha claro para si que o conflito com Iturrigaray não podia ficar assim. Reagiu como costumava fazer nessas situações: com as armas de que dispunha, as quais podiam ser muito eficazes. Dedicou-se a escrever longos relatos à Auditoria Real, ao Protomedicato e ao ministro do rei, José Caballero. Com sua minúcia característica, descreveu como fracasso a campanha de vacinação empreendida pelo vice-rei. Alegou que havia sido confiada a pessoas pouco ou nada instruídas e a apadrinhados para quem desejava entregar cargos, acusando-o diretamente de nepotismo. Então, passou a esmiuçar os erros cometidos, inclusive dos mais grosseiros, como a utilização de fluido ainda imaturo — erro que também havia sido cometido em Porto Rico. Depois de muitas noites em claro, Balmis teve sua desforra. Não eram cartas escritas para facilitar as relações com o vice-rei, mas pensou que, quando chegasse a admoestação, já estaria muito longe de seu alcance. Iriam a Puebla.

Isabel foi ao patronato se despedir de Cândido.

— Vamos ficar fora por uns dias...

— Por que não posso ir com vocês?

— Porque você já foi vacinado.

— Benito também...

— Sim, mas ele vai acompanhar a mãe dele.

Cândido estava aborrecido.

— Se você adotou o Benito, porque não me adota também?

— perguntou.

— Se pudesse, faria isso...

— E por que não pode?

— Não teria como sustentá-lo, mas quem sabe um dia...

Quis lhe dar um fio de esperança ao qual se agarrar, mas o garoto estava enfadado; foi embora e deixou-a sozinha, sem se despedir.



Em 18 de setembro de 1804, escoltados por tropas do Exército, chegaram a Puebla de los Ángeles, a segunda maior cidade do vice-reinado, acompanhados por Benito e outro garoto do patronato que transportava a linfa e estava vestido à moda antiga, com gibão, calça e colarinho de serralha-branca.

— Diz a lenda que foi fundada pela vontade de alguns anjos
— explicaram a eles.

Isabel pensou que apenas anjos poderiam ter escolhido aquele vale nas alturas para erguer uma esplêndida cidade, rodeada de vulcões tocados pela neve. O ar era cristalino, e a temperatura, amena e primaveril. Quando Balmis viu na entrada da cidade que eram esperados por um grupo substancial de oficiais reais e religiosos rodeados por uma multidão de vizinhos, lembrou-se das palavras de Antoñita San Martín sobre o bispo e suspirou.

— Encontraremos aqui o que o doutor esperava na capital
— disse Isabel.

O governador, que havia publicado uma proclamação anunciando a chegada da expedição, proferiu um breve

discurso elogiando “a preciosa vacina” e, então, se ofereceu para acompanhá-los à catedral. Balmis e Isabel transbordavam de alegria. Tiveram a sensação de flutuar enquanto atravessavam as ruas pavimentadas e ladeadas por igrejas, monastérios e palácios construídos com pedra de cantaria cinza e tijolos vermelhos. Não podiam deixar de admirar as glicínias e as roseiras que subiam pelas fachadas, de cujas sacadas as pessoas cumprimentavam-nos balançando flores.

— Nunca vi azulejos de tantas cores — disse Balmis, que havia desenvolvido uma pequena paixão por aqueles mosaicos, talvez porque revelassem o *status* social de seus donos.

— Antes, vinham das Filipinas; agora, Puebla se tornou o centro de produção de cerâmica mais importante de toda a América espanhola — disse-lhe o governador.

“Filipinas...”, pensou Balmis. “Sim, estamos a caminho.” O apoio, o calor do povo, o ambiente festivo, as palavras de gratidão — não havia dinheiro no mundo capaz de rivalizar com aquela sensação de plenitude. Sentir o reconhecimento pelo trabalho bem-feito deixava-nos em estado de glória.

Chegaram à catedral, a maior do continente, mas estava tão abarrotada que tiveram dificuldade para se aproximar da capela do Rosário e ver o ouro que a recobria. A duras penas, abriram caminho até as primeiras fileiras, onde os expedicionários se sentaram. O cheiro era de incenso e dos milhares de flores que decoravam o altar. Todos ficaram em silêncio quando apareceu o bispo Ricardo María Rodríguez del Fresno, homem de porte aristocrático, com olhos cinza e serenos, cabelo grisalho penteado para trás, testa ampla e voz

de veludo. Depois de recordar os estragos da epidemia que havia assolado Puebla em 1797, enalteceu a figura do rei e a coragem dos expedicionários. Então, desceu as escadas do altar, aproximou-se do garoto que portava a vacina e levou-o consigo até o púlpito. Balmis pensou nos noventa e sete pesos fortes que lhe havia custado o traje do garoto no estilo “espanhol antigo”.

— Valeu a pena comprar o traje — disse a Isabel.

Havia comprado as vestes para impressionar a população, para envolver a ideia da vacina em uma aura de glamour. Apontando para o garotinho, o bispo proferiu um discurso eloquente.

— Pais e mães de família, que tendes vossos deleites em vossos ternos filhos e que justamente os vedes como o báculo de vossas velhices, certificai-vos de que seja introduzido nesses objetos de vossas carícias, por meio de uma operação rápida e suave, um fluido que os tornará invulneráveis à atividade maligna da varíola, sem que experimentem o menor dano nem vós tendeis aumentos de gastos e cuidados.

Quando terminou, os trompetes do órgão entonaram um solene e majestoso te-déum em honra aos recém-chegados.

Sua Eminência era um bispo *criollo* de família endinheirada, nascido em Veta Grande, Zacatecas, um homem culto e aficionado por história, filho de seu século, o das luzes, assim como Balmis. Um filantropo preocupado com o bem-estar dos fiéis, especialmente dos mais pobres, os quais defendeu durante os anos que exerceu a advocacia, sem jamais lhes cobrar nada, e aos quais destinava agora parte substancial do dízimo que arrecadava. Um homem que conquistara a simpatia de todos, fossem ricos ou pobres. Um homem que fez algo inaudito, desapegando-se dos imóveis que herdara, dividindo parte deles entre os mais necessitados e se rodeando dos objetos que mais apreciava: livros, quadros e esculturas de madeira talhada. Sua biblioteca impressionou Balmis não só pelos mais de cinco mil volumes que continha, mas porque refletia sua atitude ilustrada, já que, além dos livros do padre Feijoo, de Campomanes e Jovellanos, que tentavam aproveitar o Iluminismo como ferramenta para mudanças políticas e sociais da Espanha e de seus domínios, incluía títulos de Rousseau, Voltaire e Montesquieu, autores proibidos pela Inquisição. Inteligente, aberto e afável, ofereceu a Balmis o apoio econômico e logístico necessário para estabelecer uma junta central e uma clínica, além de seu entusiasmo para difundir a vacina pela província. Resultado: em um mês, dez

mil pessoas foram vacinadas, e nos três meses seguintes, antes do término de 1804, a grande maioria dos habitantes de Puebla estava imunizada.

Em suas andanças pelos povoados dos arredores, os expedicionários distribuíram cadernetas impressas pelo bispo e instruíram os responsáveis pela vacinação. Além disso, Balmis fez uma importante descoberta no vizinho vale de Atlixco, onde encontrou vacas infectadas pelo vírus da varíola bovina. Era uma grande notícia saber que na Nova Espanha existia uma fonte nativa da vacina. Imediatamente, contou isso em carta ao ministro Caballero.

Isabel sonhava em morar em Puebla. Gostava da casa antiga e ampla que lhes destinara o bispo, em cuja fachada trepavam madressilvas e jasmins. Perdia-se no labirinto de ruas e jardins, desfrutava do clima bom, da grandeza do horizonte e dos sabores das comidas. A recepção efusiva dos locais havia tocado sua alma, sobretudo depois do que haviam passado na Cidade do México. Ali, todos a conheciam porque o bispo elogiara seu trabalho nas missas. O prelado imaginava muito bem o quão difícil devia ter sido a travessia com tantos garotos vacinados. Admirava Isabel por tê-los alimentado e mantido vivos, por tê-los asseado, vestido, alegrado, consolado e mimado... De modo que ela era cumprimentada carinhosamente quando, vestida como as mexicanas em um traje composto de saia e uma capa com pano e xale, saía para comprar pastéis de Santa Clara ou doce de leite com nozes e pinhão no mercado do Zócalo. Nunca havia se sentido querida daquela maneira. Era uma sensação embriagante para uma pobre “desencaminhada”.

No âmbito privado, o prelado se interessou por ela, e quando Isabel solicitou uma audiência, ele a concedeu imediatamente. Isabel, envolta pela manta que servia também para esconder suas mãos, ásperas e calejadas, atravessou o claustro do palácio episcopal, um edifício imenso de dois andares com fachada de pedra lavrada. Estava com um índio diácono que a guiou até o segundo andar e pediu que se sentasse em uma sala de espera. Isabel esquadrinhou os móveis delicados e os tapetes, que lembravam a residência de dom Jerónimo em La Coruña. Em um ato de reflexo, tirou com o dedo um pouco de pó que havia sobre um pratinho de cobre gravado. Quando o prelado entrou, teve a impressão de que não caminhava como um homem normal; com sua longa sotaina, parecia deslizar. Ao se ajoelhar para beijar o anel dele, Isabel tremia. Ela, uma pobre camponesa galega, sentia-se intimidada e, ao mesmo tempo, orgulhosa de viver aquela situação. Quando ergueu o olhar e fixou-o nos traços finos e elegantes do bispo, em seus dedos compridos, em seus olhos cinza monteados de manchas cor de mel, pensou que jamais vira homem tão bem-apessoado. “Deus deu a Puebla um bispo perfeito”, pensou. Ele, consciente de sua primazia, deu-lhe confiança fazendo diversas perguntas sobre sua vida na aldeia, seus pais, seu filho “adotivo”, sobre a Galícia e as vicissitudes da expedição. Acostumada à atitude ativa dos curas galegos, ela ficou desconcertada com a familiaridade, a simplicidade e a amabilidade que aquele bispo demonstrava com as pessoas humildes.

— Que idade a senhora tem? — perguntou-lhe.

— Vinte e nove anos... Já sou uma solteirona — respondeu

Isabel, forçando um pouco o sorriso.

— Tão jovem e tanto caminho percorrido — disse o bispo.
— É admirável. Não é casada?

Isabel engoliu a saliva.

— Não, não tenho marido, adotei um garoto.

Ao mentir, sentiu o rosto corar. Mas se adiantou: — O que preciso, Eminência, e é por isso que vos queria ver, é que meu filho Benito estude. Para que não seja folgado.

Nesse momento, lembrou-se de seu pai, Jacobo, e da sensação que deve ter sentido quando pediu ao cura da aldeia que encontrasse para ela um serviço de criada. Por um filho, se é capaz de tudo, até do atrevimento de solicitar uma audiência com o bispo.

— Há o Colégio Carolino; na verdade, são três antigos colégios que se fundiram, é uma instituição de prestígio.

— Mas eu não... não ganho o suficiente para pagá-lo...

— Não se preocupe, senhora. O dízimo me permite distribuir algumas bolsas. Pode contar com uma para seu filho.

Ele disse rápido assim, conciso assim, claro assim, provavelmente sem ter a consciência de que, ao fazê-lo, provocou na jovem um terremoto interior. O que a Coroa não havia arranjado para nenhum dos garotos da expedição, ela arranjava para seu filho. E talvez também para Cândido.

— A senhora, tem planos para quando terminar a expedição?

A pergunta a pegou de surpresa. Ela balbuciou: — Não, não, cuidar de meu filho até que possa se virar por conta própria.

— Se a senhora achar conveniente, pode tentar uma vaga no convento de Santa Clara.

Não só as freiras professas moravam nos conventos, mas também damas que buscavam abrigo neles por não terem encontrado marido, terem sido enganadas por um pretendente, serem pouco favorecidas pela beleza ou simplesmente por não encontrarem apoio no mundo. Algumas dessas damas tinham criadas e freiras à disposição e usavam ricas joias e ornamentos. Outras, mais modestas, viam os anos se passarem na segurança do claustro.

— Eu preferiria trabalhar em um hospital.

— Sem dúvidas, a senhora tem uma experiência incalculável com o cuidado de enfermos. Seria uma honra para nós se permanecesse em Puebla. E se a senhora pensa nisso, deve saber que encontrará neste bispado a ajuda necessária.

O bispo lhe oferecia uma oportunidade única. Oferecia-lhe uma vida. Para ela e para o filho. Se já pressentia que havia encontrado em Puebla de los Ángeles seu lugar no mundo, após falar com dom Ricardo, esse sentimento se transformou em certeza.

Isabel precisou conter o entusiasmo. Dois dias depois da conversa com o bispo, Balmis recebeu uma mensagem do vice-rei exigindo que retornassem à Cidade do México “tão cedo quanto possível”.

- Como durou pouco a glória de Puebla — disse Balmis.
- Será que se irritou com nosso sucesso por aqui?
- É muito provável — disse um de seus ajudantes.

Mas o assunto que levava Balmis de volta a cidade do México era mais grave que mero ciúmes do vice-rei. Vários dos primeiros garotos vacinados no patronato haviam falecido, e os oficiais acreditavam que a vacina levada da Espanha havia sido a causa. Iturrigaray dera ordens para que se abrisse uma investigação. Balmis precisava se defender de um ataque que intuía ser orquestrado pelo próprio vice-rei. Por acaso seriam repercussões dos relatórios que Balmis enviara a Madri? Era impossível, não transcorrera tempo suficiente para ele tomar conhecimento.

— Isabel, peço que a senhora me acompanhe com três de nossos ajudantes. Os demais enviarei com Antonio Gutiérrez, um ajudante e dois garotos para propagar a vacina em Valladolid e Guadalajara.

Ou seja, uma viagem de milhares de quilômetros pelo norte

da Nova Espanha. Isabel, que sonhava em se aposentar, em levar em um lugar como Puebla uma vida tranquila, sem sobressaltos nem dissabores, sentiu que essa hora ainda não havia chegado, que não podia abandonar Balmis naquele momento. Entre o dever e a felicidade, sempre escolhia o dever — era algo entranhado no fundo de seu ser.



Quando chegaram a Cidade do México, Balmis foi convocado ao sanatório, onde deveria se reunir com cinco médicos para inspecionar o lugar e os internos. Isabel o acompanhou, morrendo de vontade de ver seus “galeguinhos”. Subiu as escadas correndo e, no segundo andar, foi recebida pela governanta: — Veja! — disse ela, apontando para um buraco na parede escurecida onde antes havia uma janela. — Cândido!

Cândido havia posto fogo na janela, saltado para o pátio e fugido pouco tempo depois de ela ir a Puebla. A direção do sanatório havia informado à guarda do vice-rei, que estava à procura dele. Isabel sentiu um aperto no coração. Arrependia-se de tê-lo deixado ali, mas nem Balmis nem os demais haviam entendido por que deveriam incluí-lo na viagem. Sentia-se culpada por não ter lutado, um garoto que só almejava ser amado. Amado como o pequeno Benito. Não havia fugido discretamente, havia demonstrado claramente sua raiva ao colocar fogo naquele quarto. “Onde estaria agora?”, perguntava-se, angustiada. Quem lhe daria de comer? Como se viraria sozinho? Isabel era tomada pelos pensamentos mais obscuros, pois havia visto a miséria dos subúrbios, conhecia a insalubridade das marismas e os perigos

da vida nos bairros de além-muro, onde os vícios abundavam e a juventude incauta se perdia com facilidade.

Dois dos médicos apontados pelo vice-rei para levar a cabo a investigação eram antigos colegas de Balmis, de quando trabalhara no Hospital do Amor de Dios. Admiravam o médico alicantino, que consideravam eminência desde que conseguira curar o mal gálico com aquele preparado de agave e begônia. Foi um reencontro emocionante, em que trocaram lembranças do vice-rei Gálvez, de Núñez de Haro, das senhoritas do Coliseu, de uma época próxima no tempo e, no entanto, muito distante, pois agora os valores mais elementares pareciam se desintegrar ao mesmo tempo que o império. Concordavam que a corrupção saíra de controle e que se perdera o respeito pelo rei e pela pátria mãe. Todos compartilhavam da sensação de viver o final de um mundo em que a paixão pelo progresso não conseguia superar atitudes e mentalidades próprias da Idade Média.

Após submeter ao escrutínio o Patronato de Expósitos e de discutir casos individuais, cada médico escreveu um relatório, que foi apresentado ao vice-rei. Este os convocou de novo a uma audiência no patronato para a deliberação final, presidida pelo doutor García Jové, diretor do Protomedicato. O vice-rei não compareceu. Depois de escutar cada um de seus colegas, que eram unânimes ao dizer que, antes de morrer, os garotos ficaram com o rosto e os pés inchados, Balmis ofereceu sua versão: — Contribuíram para essa terrível desgraça a umidade e os quartos mal ventilados da casa, as roupas inadequadas e a má alimentação, a carência de afeto e, sobretudo, a má saúde crônica de que padecem. O esgoto a céu aberto na base do

edifício gera o ambiente perfeito para o cultivo de todos os tipos de doença.

— Há tanta umidade no andar de baixo que mandei transferirem os garotos doentes para o andar de cima, onde o ar é mais seco — disse o doutor Serrano.

O doutor García Jové irrompeu: — Senhores, é um costume europeu atribuir a causas alheias o motivo de acidentes ou desgraças pelos quais podem ser responsáveis. Vocês acham mesmo que “os quartos mal ventilados” ou a “carência de afeto” foram a causa dessas mortes?

Escutou-se um murmúrio generalizado. Balmis respondeu: — Não foram a causa direta, mas fatores que predispuseram à fatalidade.

— E o fato de que foram vacinados pelo doutor não teve nada a ver com a desgraça?

Virou-se para os outros médicos e prosseguiu: — É possível que esses garotos padecessem de má saúde crônica, mas não se pode ignorar a relação de causa e efeito da vacina.

Então, olhou para Balmis nos olhos e perguntou: — Ou não é assim, doutor Balmis?

O doutor Serrano respondeu: — De maneira alguma, nem mesmo estendendo ao máximo os limites da imaginação, é possível concluir que a vacina tenha causado tal desgraça.

— Muitos foram vacinados no México sem padecer de efeitos secundários — interveio o doutor Arboleya. — Além disso, há mais garotos doentes entre os não vacinados que entre os vacinados.

— Se esses garotos estivessem bem de saúde — acrescentou Balmis —, não lhes teria acontecido nada. A vacina está em perfeito estado, foi um grande esforço mantê-la assim durante a viagem.

Os demais médicos assentiram. Balmis prosseguiu: — O que observei, como a maioria dos aqui presentes, é que todos os garotos internados têm erupções cutâneas.

— Pode-se afirmar que nenhum está livre delas — disse o doutor Arbolea.

— Verdade — acrescentou outro.

Balmis continuou falando: — O que aconteceu? A contração de um caso leve de varíola mediante a vacinação fez com que as erupções cutâneas retrocedessem no corpo, o que provocou um edema, cuja manifestação inicial é o inchaço do rosto e dos pés, precipitando um tipo de apoplexia que os matou subitamente.

García Jové olhava para ele, com ceticismo.

— Nesse caso, teriam morrido todos os que tinham erupções, ou seja, todos os vacinados. No entanto, só faleceram seis.

— Faleceram os que se encontravam em piores condições.

Seu velho amigo, o doutor Arbolea, interveio: — Talvez tenha havido certa precipitação em vacinar crianças que não estavam bem de saúde, mas isso não deve nos levar a condenar a vacina nem o trabalho do doutor Balmis. Seu procedimento é largamente comprovado. Tampouco se pode questionar a qualidade do soro utilizado. As revacinações

surtiram efeito e funcionaram bem. Portanto, quem é a favor da absolvição do doutor Balmis e de sua vacina, levante a mão.

Dos cinco, quatro levantaram a mão.

“Os jovens galegos se encontram em máximo abandono, apesar do tanto que custam mensalmente ao Erário. São deixados na miséria e tratados com desprezo”, escreveu Balmis ao ministro Caballero. Depois do ocorrido, era imperativo encontrar uma solução. O alcaide sugeriu deixá-los sob a proteção do arcebispo e ingressar os mais velhos em seminários. Como o rei e o arcebispo concediam um grande número de bolsas todos os anos, os rapazes poderiam ser educados sem custos para o Erário.

— Dessa maneira, se tornarão úteis à monarquia e à Igreja. Proponha essa solução ao ministro, doutor.

— A resposta demorará umas seis semanas para chegar, e não podemos esperar tanto tempo.

— Mas a Coroa precisa cumprir com seu compromisso — insistiu Isabel.

— O destino de vinte órfãos não é prioridade para o governo da Espanha — disse Balmis, abatido.

— Insista com o vice-rei, doutor, eu imploro.

— Repugna-me a ideia de me dirigir a ele.

— Eu sei, mas às vezes é preciso fazer das tripas coração. Se o senhor não for, irei eu — disse, estimulada pelo sucesso

de sua missão com o bispo de Puebla.

Balmis a encarou. Tinha olheiras e parecia tão cansada quanto ele. Estavam perdendo a saúde naquela viagem com demasiados dissabores e escassa cooperação.

— Que notícias temos de Cândido? — perguntou Balmis.

— Nenhuma.

A contragosto, Balmis insistiu com Iturrigaray, sempre por meio de cartas, pois a relação era tão tensa que um encontro face a face não era concebível. Como bom burocrata, o vice-rei respondeu-lhe que, antes de tomar qualquer decisão, precisava ter certeza de que a educação no patronato não estava à altura das expectativas do rei. “Como se não soubesse!”, pensou Balmis. Um oficial chamado José Antonio de Araujo ficou encarregado de elaborar um relatório para o vice-rei. Nele, informava que catorze garotos, aqueles com mais de seis anos, assistiam regularmente às aulas de manhã e à tarde, recebendo instrução religiosa, já que nenhum sabia sequer fazer o sinal da cruz. Informou que, dos catorze, cinco eram estudantes aplicados, e os outros nove eram menos hábeis. Os seis garotos mais jovens iam à creche da ala feminina, onde os colocara Isabel. Araujo citou o caso de Cândido como exemplo do mau comportamento geral daquelas crianças e elogiou o esforço dos professores para fazê-los esquecer as obscenidades e blasfêmias que haviam aprendido com os marinheiros durante a viagem à América. Era exatamente o que o vice-rei precisava para não mover nem um dedo. Aqueles garotos estavam onde deviam estar.

O que fazer? A expedição não poderia parar no México, à

espera de ordens da Espanha que obrigassem o vice-rei a cumprir suas obrigações com os garotos. Por outro lado, Francisco Pastor e seus dois ajudantes haviam retornado da viagem pela Guatemala e pelo sul do México, onde, graças à colaboração ativa das autoridades, implantaram a vacina com eficácia. Voltaram cansados, mas felizes, sem o tamborzinho, que havia optado por retornar a Veracruz e, de lá, embarcar de volta a Cuba, sua terra natal, da qual sentia saudades.

Impulsionado pelo sucesso de seu sobrinho e pelo dele próprio em Puebla, Balmis decidiu visitar as províncias do norte do México não apenas para introduzir a vacina, mas também para selecionar os garotos da cadeia humana que levaria o fluido às Filipinas. Na Cidade do México, fora impossível recrutar algum. Os pais resistiam a emprestar seus filhos, porque havia corrido a notícia da má situação em que se encontravam no patronato do México os jovens europeus. A única possibilidade era recrutá-los nas províncias.

— Parte-me o coração deixá-los aqui — disse Isabel. E se eu ficar com eles?

Balmis empalideceu.

— Preciso da senhora para os preparativos... Sua presença aqui não vai mudar a situação.

No entanto, eles tiveram de atrasar a saída porque, como ocorrera antes com Balmis, agora todos os membros da expedição, ajudantes, enfermeiros e médicos foram vítima de uma nova pestilência. A casa da marquesa de Casa Nevada parecia uma clínica onde entravam e saíam velhos amigos de Balmis, médicos levando remédios baseados em receitas

astecas, recompilados no Códice Badiano, o grande livro ilustrado das ervas do vale do México que o médico de Felipe II, Francisco Hernández, havia levado à Europa e do qual Balmis era fervoroso admirador. Defender o “magistério primitivo” dos indígenas pré-hispânicos lhe rendera o escárnio dos colegas madrilenses. Mas não restavam dúvidas de que a purga de jalapa, planta trepadeira cujas raízes serviam de purgante, a salsaparrilha, a água de baratas, a ipecacuanha e a quina para a febre amarela eram remédios eficazes. Acerca de outros, como a receita de carne de lagartixa para curar o câncer, ele era mais cético.

Isabel, que a duras penas mantinha-se saudável, gostava de ir ao mercado comprar plantas medicinais e comida acompanhada de alguns criados da casa, cuja missão, além de carregar as compras, era perguntar por Cândido aos indígenas que vagavam pela praça do Zócalo. Com montes de frutas, verduras, legumes, carnes brancas e vermelhas, de criação e de caça, rãs, anfíbios como axolote e peixes de água doce, era o mais espetacular de todos os mercados. Atravessando um canal, chegava-se à praça del Volador, com o embarcadouro onde atracavam as canoas provenientes da lagoa, repletas de verduras e hortaliças, e onde passeavam as vendedoras de ovos entre mostruários de queijos frescos e envelhecidos, de cabra e de vaca, e de doces gostosos. Isabel nunca tinha visto tamanha abundância de mercadorias — o que contrastava muito com a miséria do povo, que só comia milho, feijão e pimenta.



Um dia, o criado chegou acompanhado de um indivíduo

mestiço, desdentado e com um olho torto como o de um peixe, que exalava um odor fétido de pulque.

— É huachinango, mas diz que sabe de um garoto branco escondido em uma choça.

Huachinangos eram os vagabundos que faziam escambo, jogavam conversa fora e matavam as horas por falta de trabalho.

— Senhorita... procura garoto? — perguntou o vagabundo.

— Um garoto branco, espanhol, com olhos muito claros... Você o viu?

— Sim, sim! Eu conheço.

— Onde está?

— Escondido.

Isabel e o criado estavam convencidos de que se tratava de Cândido.

— Eu levo você, mas aí você me dá uns *reales*.

— Darei depois que você me levar até ele.

— Nããão — disse o homem, dando meia-volta.

Isabel não sabia o que pensar... E se fosse verdade? E se soubesse do paradeiro de Cândido? Ao fim e ao cabo, não havia tantos garotos loiros de olhos azuis.

— Está bem — disse. — Tome. — Entregou-lhe algumas moedas. — Agora me leve até ele.

O homem era um dos vinte mil miseráveis que pipocavam pela capital. A maioria passava a noite ao relento e deitava ao

sol durante o dia, envolta em mantas de flanela. O homem a conduziu por dois canais e, então, por ruelas ladeadas por casas de madeira e adobe com teto de palha. Andaram um bom tempo, longe do centro, ela sendo alvo dos olhares das vizinhas que se perguntavam o que fazia naquelas ruelas uma senhora espanhola acompanhada por um huachinango. A expectativa de encontrar Cândido atenuava o medo de estar em um subúrbio perigoso e cheio de imundícies, onde ratos brigavam por restos de comida. Por fim, chegaram a um jacal, uma choça indígena de apenas um ambiente e teto de palha. Enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão, e seu olfato, ao fedor, Isabel discerniu panelas e caçarolas de barro, colheres de vários tipos, cestos para armazenar provisões e um fogão para esquentar a água e cozinhar milho. De repente, escutou um grito gutural e se assustou ao ver que um ser disforme se lançava contra ela. Caiu no chão de barro e tentou se debater. O criado fugiu apavorado da choça.

— Ele não é violento, só quer abraçar você! — disse o huachinango.

Isabel percebeu que aquele monstro com lábio leporino e espinha bífida era um garoto deficiente. Deslocava-se de quatro, pela distância que lhe permitia a corrente que tinha ao redor do pescoço.

— Menino branco! — repetia o huachinango.

Sim, era muito branco, pois além de tudo era albino.

— Tem olhos claros, muito claros — dizia, para demonstrar que não a havia enganado.

Aquele garoto era cego e tinha as pupilas brancas. A família

lhe dava de comer, mas não o tirava dali jamais por vergonha e por acreditar que um garoto assim atrairia a fúria dos deuses. Só emitia sons guturais, mas era capaz de demonstrar afeto. Isabel deu a ele um dos doces que havia comprado, e o garoto saltou feito um macaco para comê-lo. Estava sujo, tinha o cabelo grosso e as unhas pretas e encurvadas de tão compridas. Provocava nela uma mistura de espanto e piedade. Mas ela o acariciou, pouco a pouco, primeiro as mãos, então o rosto. O garoto foi se apaziguando, erguia o pescoço, e um fio de saliva caiu por seus lábios rasgados. Emitia um som rouco de prazer, como um animal selvagem. Isabel ficou lá por um longo tempo, comunicando-se por gestos e pelo olhar, até que o garoto pegou no sono. Então, saiu na ponta dos pés.

— Me dê *reales*, me dê! — dizia a ela o huachinango. — Queria garoto branco, olhos claros, eu trouxe você até um garoto muito branco com olhos brancos!

Ela tirou moedas de uma bolsinha de couro e entregou-as ao vagabundo, que se ajoelhou em um gesto de agradecimento.

— É muito, senhora — disse o criado.

— Vamos ao Zócalo.

Inquieta, mandou o criado com as compras para casa e entrou na catedral, na mesma praça. Precisava de sossego, queria apagar o fogo que queimava suas entranhas. Ajoelhou-se e, furiosa com Deus, perguntou por que permitia semelhantes injustiças, por que não lhe devolvia Cândido. Então, acalmou-se e rezou pelos mortos, Ignacia e Jacobo, e pelos vivos, seu filho Benito, os outros no patronato; rogou

para que os expedicionários adoecidos sarassem logo... Entrou em um estado de semiconsciência e se deixou levar por devaneios: via Salvany, sorridente, satisfeito por ter cumprido com sua extraordinária missão, disposto a passar o resto de seus dias com ela. Aquele sonho era um bálsamo para sua alma dolorida.

Diferentemente de Balmis, Josep Salvany contou com a inestimável ajuda das autoridades locais desde o início de seu trajeto pelo território sul-americano. Em Santa Fé de Bogotá, ficou marcado como um homem heroico, entregue ao trabalho apesar dos percalços físicos. Grajales deixou a impressão de ser um homem íntegro, humanista, de temperamento vívido, espiritual e ligeiro. “Toca viola de mão e receita chicha aos doentes”, diziam dele.

Mais uma vez, Salvany padeceu da mesma inflamação de quando percorrera o rio Magdalena, dessa vez no olho saudável, e temeu ficar completamente cego. Olhava para tudo com avidez, como nunca mais fosse ver nada daquilo. Em outro dia, sangrou pela boca como havia ocorrido no barco e precisou adiar a partida. Utilizava o lenço vermelho que Isabel lhe presenteara. Ele também gostava de se deixar levar pelos devaneios e imaginar um reencontro com ela ao término da expedição. Queria levar uma vida tranquila em algum lugar da América, onde se dedicaria a curar o povo e a ensiná-lo a se cuidar. A exercer a sua vocação. Mas, ao contrário de Isabel, quando saía da letargia da semiconsciência e se via diante da realidade, considerava aquilo um sonho impossível. Porque sua vida era uma dança mortal entre a doença e a saúde cada vez mais frágil.

Assim que sentiu que tinha forças, deixou Santa Fé de Bogotá rumo à capitania-geral de Quito e, para alcançar mais território, dividiu a expedição. Decidiram que Grajales e Bolaños se dirigiriam a Neiva e a La Plata pela costa, enquanto o praticante Lozano acompanharia Salvany rumo a Cartago, Trujillo e a província de Chocó. Cada grupo levava seis garotos, indígenas ou mestiços, com menos de dez anos.

Atravessaram uma paisagem de vales e montanhas intermináveis — em um dia de jornada passavam do calor ao frio, de selvas pantanosas a picos de três mil metros de altura. Nas selvas, navegavam por rios sem se afastar da margem por medo de encontrarem correntezas e cascatas e, no caso de soçobrarem, não alcançarem a terra. À noite, o céu que se via entre as copas das árvores era o mais estrelado que Salvany já vira. Sentavam-se ao redor de fogueiras para comer os peixes que os carregadores indígenas pescavam com lanças e, então, dormiam em colchonetes de fibra. Os coaxos de milhares de sapos, os gritos dos pássaros noturnos, os uivos dos macacos e os sons roucos dos crocodilos no cio se mesclavam com os roncos dos índios que dormiam feito pedra, esmagando com tapas os mosquitos que zumbiam ao redor. Salvany não pregava o olho. O que fazia era pensar na próxima jornada, em recrutar mais garotos, em protegê-los do contágio entre si... Seu ânimo oscilava entre o entusiasmo advindo do trabalho realizado e o desalento diante da magnitude da tarefa, entre o medo de morrer e a esperança de chegar ao fim do caminho, gozar de um mínimo de reconhecimento e de sossego. Não havia tempestades nem trovões, mas de vez em quando um relâmpago iluminava o rio. Então, o praticante Lozano, que também era cirurgião, via o rosto abatido de Salvany, sua

expressão de susto, e lhe parecia a imagem da própria morte.

Saíam ao alvorecer e, quando não dava para avançar pelo rio, seguiam por trilhas, os índios desnudos e descalços impondo aos demais um ritmo puxado. “A vantagem de caminhar nu”, pensou Salvany, “era que dava para sentir quando uma aranha clara e felpuda do tamanho de um caranguejo saltava de um galho para seu corpo”. Ou uma serpente. A roupa era má proteção naquele ambiente onde os raios de sol mal penetravam a copa das árvores e onde o calor era opressivo. As gotas que caíam das folhas e a umidade do ambiente davam a sensação de se estar em uma sauna insalubre, e a ameaça invisível dos insetos letais transformava as marchas em uma tortura. Salvany redobrava os cuidados com os garotos, que os carregadores inevitavelmente precisavam levar sobre os ombros.

Ao subir, deixavam para trás a selva mais densa e se viam em frente a despenhadeiros intransponíveis. Os índios carregadores que transportavam os utensílios para vacinação se revezavam para carregar, sentado em uma cadeira de taquara e troncos finos, o próprio Salvany. Outros, os “estribeiros”, carregavam os pacotes mais pesados, às vezes em quatro. Os caminhos eram tão estreitos que precisavam avançar de um em um entre a escarpa e o precipício ou tão tomados pela vegetação que se tornava imprescindível contratar nativos que abrissem caminho a machadadas. As marchas eram tão esgotantes que era preciso contratar carregadores substitutos nas aldeias. Durante dias, só comeram peixe e banana. Quando a expedição se reencontrou em Popayán, a primeira coisa que fizeram foi se recompor das

fadigas da viagem e da deterioração da saúde. Mas o descanso não durou muito, pois chegou a notícia de que em Quito havia se desencadeado um surto epidêmico.

— Precisamos partir o quanto antes — disse Salvany, mais debilitado que nunca.

Outra vez dividiu a expedição e outra vez enfrentaram uma geografia de beleza deslumbrante, mas pela qual era um estorvo transitar. Os rios eram os piores obstáculos: caudalosos, de leitos profundos, retardavam a marcha. Era preciso encontrar pontes, tirolesas ou, ainda pior, atravessá-lo pela água. Salvany temia pelos momentos em que precisava entrar em uma espécie de saco de couro e deslizar suspenso entre duas forquilhas para chegar à outra margem. Os solavancos lhe davam enjoo e vertigem, sensações que permaneciam em sua memória. Também havia pontes formadas por uma corda grossa em que era preciso se segurar enquanto se pisava em um chão salpicado de taquara e cipó; era fácil perder o equilíbrio. As frequentes chuvas torrenciais podiam durar dias inteiros. Embora a viagem fosse penosa e arriscada, em nenhum momento os expedicionários deixaram de levar a cabo seu trabalho filantrópico e sanitário, instruindo os facultativos dos povoados por onde passavam. “Não fomos detidos em nenhum momento por falta de caminhos, precipícios, muito menos por chuva, neve, calor, fome e sede de que muitas vezes padecemos. A dureza causada pelo cruel contágio em nossos primeiros passos serviram de estímulo para dar um brilhante fim a tão nobres e humanitárias tarefas”, escreveu Salvany ao ministro José Caballero.

Em 16 de julho de 1805, na catedral de Quito, após terem sido recebidos como verdadeiros heróis, o cônego magistral predicou um sermão de ação de graças. Na saída, os garotos foram carregados nos ombros do povo entusiasmado e agradecido aos expedicionários por terem detido o contágio na província de Pasto, livrando a cidade de outra epidemia.

Salvany deitou-se na cama, exausto. Bem depressa a satisfação pelo sucesso foi ofuscada por um incidente que o afetou de maneira desproporcional. Descobriu que um dos serventes, Ramón Chavarría, sujeito de maior confiança, conforme lhe disseram, havia roubado cem pesos fortes e parte de seu equipamento. Denunciou-o às autoridades, que abriram uma investigação. Ao cabo de vários dias, descobriram que o servente vivia entregue ao vício do jogo e gastara o dinheiro em uma mesa de truco. Aquilo despertou em Salvany uma intensa melancolia. Sua tristeza era tão profunda que não conseguia explicá-la.

— Não é pelo dinheiro, embora seja uma canalhice roubar de nós, que somos tão justos... É pela decepção — disse Salvany. — Sinto como se algo dentro de mim tivesse quebrado.

— É o cansaço acumulado, doutor.

— Não... é algo que observei várias vezes em meus pacientes, um fato insignificante pode desencadear uma grande melancolia.



Quando chegaram a Cuenca, duas semanas depois, ele continuava tão impactado que se fechou no quarto da casa em

que se hospedaram. Não participou das festas pomposas nem das touradas, tampouco dos bailes de máscaras. Nem sequer o fato de a cidade ter permanecido iluminada por três noites em sua honra ou de que houvessem vacinado setecentas pessoas no primeiro dia o tirou daquele estado de profundo estupor. Ao chegarem notícias de uma epidemia de varíola que ameaçava a cidade de Trujillo, decidiu seguir viagem. Em Piura, precisou parar devido a uma pneumonia.

Quando enfim chegou a Trujillo, encontrava-se em tal estado de esgotamento e tinha tanta febre que se manteve vários dias distanciado de tudo, submetido a banhos de água fria, tendo alucinações, sem vontade de viver nem de morrer, em um estado de confusão mental que não lhe permitia tomar decisões. Seus companheiros viam que seu chefe estava partindo e não podiam fazer nada. Salvany era um morto em vida que se consolava dizendo que a equipe e as pessoas que eles instruíram continuariam seu trabalho. Era como se ele mesmo desistisse. Permaneceu duas semanas na escuridão do quarto, o que de alguma forma refletia a falta de luz em sua mente. Pouco a pouco, a febre foi baixando e a tosse cedeu, mas o ânimo continuava ínfimo. Tudo levava a crer que aquela ramificação da expedição estava terminada, mas a vida tem sua lógica própria, que nem sempre coincide com a lógica dos homens.

Certa manhã, recebeu uma visita que o levou a crer que era vítima de outra alucinação. A sua frente, na penumbra do quarto, discerniu os traços familiares de um homem mais velho, alguém que não vira desde seus anos de estudante em Barcelona. Era um velho amigo da família, um homem

respeitado pela honradez acima de qualquer prova e pela dedicação aos demais.

— O senhor... aqui! — sussurrou Salvany.

— Segui seus rastros desde que soube que o doutor fazia parte da expedição. Tive até mesmo a honra de conhecer o doutor Balmis e sua equipe quando chegaram ao México.

Dom Benito María Moxó, antigo bispo de Michoacán, havia sido nomeado arcebispo de La Plata. Informado do lamentável estado físico e mental de Salvany, embarcara em uma longa e arriscada viagem até Trujillo apenas para prestar-lhe a ajuda necessária.

— Como estavam meus colegas?

— De saúde, bem. O resto, difícil.

Contou-lhe da situação na Nova Espanha, da oposição do vice-rei Iturrigaray e do problema com os garotos do patronato. Salvany escutava com grande atenção, imaginando-os perfeitamente, fechando os olhos para perscrutar os rostos, escutar os galegos trocando insultos, reviver os bons momentos compartilhados durante aquela navegação... Sentia que fazia parte daquilo que dom Benito contava, um relato que o vinculava ao mundo e, pouco a pouco, devolvia-lhe a vida. Por fim, fez a pergunta que tinha na ponta da língua: — Havia uma mulher com eles, encarregada de cuidar dos garotos... Sabe alguma coisa dela? Chama-se Isabel.

— O último que soube é que o bispo de Puebla lhe ofereceu um trabalho no hospital, e ela aceitou. Mas não sei se ficou em Puebla ou se continuou com Balmis. Se prosseguiu, devem

estar rumo às Filipinas.

— Conte-me, senhor, ela perguntou por mim?

— A verdade é que, quando a conheci, estava tão absorta por ter que cuidar dos garotos que seriam recebidos pelo vice-rei que não me lembro bem.

— Ela não achou incrível a coincidência de encontrar alguém tão próximo de mim em um lugar tão distante?

— Suponho que sim, Josep.

Haviam avisado ao prelado que Salvany, além de doente, estava com os sentidos alterados. Ao comprová-lo por si mesmo, procurou tranquilizá-lo.

— Pensando agora, sim, perguntou pelo doutor — disse dom Benito. — De onde nos conhecíamos, como você era quando criança, como eram seus pais...

— Prossiga, por favor, prossiga...

— contei a ela dos passeios pelas montanhas quando vivíamos em Cervera, falei de sua vocação tão precoce, de como o doutor se tornou o dissecador de cadáveres mais famoso de Barcelona...

Salvany conseguiu rir. O arcebispo continuou: — Pediu-me que, se por acaso me encontrasse com o doutor, dissesse que ainda o levava no coração.

— Sério mesmo? — disse Salvany, com o rosto iluminado.

— E desejou-lhe saúde e força para guiar a expedição até um porto seguro.

Salvany permaneceu um longo tempo em silêncio, agitado

por suas fantasias. Ter dom Benito a seu lado era o melhor remédio que poderiam ter lhe administrado. Significava sentir suas raízes outra vez, recuperar a confiança, não se sentir tão só diante de uma missão gigantesca.

— Juntos vamos estancar o contágio que ameaça Trujillo — disse-lhe o arcebispo. — Vim para oferecer todo o apoio de minhas paróquias, bem como minha dedicação pessoal. De modo que me encarregarei de levar a cabo o que o doutor me instruir. Só o deixarei quando já estiver recuperado.

— O senhor acha mesmo que me recuperarei?

— Tenha fé, Josep.

Contar com o apoio decisivo de um homem poderoso como dom Benito permitiu que o método de vacinação fosse consolidado em toda região. O próprio arcebispo aprendeu tão bem a lição que instruiu alguns facultativos. Sua presença e seu prestígio deram a Salvany a chance de descansar, recuperar-se da pneumonia e recuperar as energias.

— O senhor foi meu verdadeiro protetor e, por tabela, também salvou a expedição — disse-lhe Salvany, mais uma vez a ponto de partir. — Não tenho palavras para agradecer pelo que o senhor fez...

— Não são necessárias palavras... É suficiente seguir no caminho de Cristo, esse que o doutor tem desbravado com tanta coragem. Sempre estarei presente para ajudá-lo. Nós nos veremos em Lima.

Com Salvany novamente no comando, a expedição chegou ao vice-reinado do Peru. Na entrada da pequena cidade de Lambayeque, toparam com índios que resistiram à vacinação. Com um repertório de argumentos racionais, Salvany se desdobrou em explicações, mas aqueles índios se mantiveram firmes à crença de que a vacina era algo diabólico, até mais que a própria doença. Por fim, diante da insistência do homem branco, o cacique encasquetou: — O senhor é o anticristo!

Disse de maneira tão ameaçadora que os expedicionários optaram por seguir caminho. Entraram na cidade, mas não encontraram onde se alojar. Por medo de represálias, ninguém queria ser visto com aqueles brancos.

— Fugam daqui — disse a eles um vizinho. — Esses índios estão dizendo que vão persegui-los. São bravos, fugam.

Tiveram de abandonar precipitadamente a cidade, mas no caminho até a aldeia vizinha de Chota os arreadores que os guiavam e acompanhavam para o transporte dos garotos abandonaram a expedição. Desorientados e desprotegidos, Salvany e seus expedicionários sentiram um medo extremo de que os índios de Lambayeque armassem uma emboscada. Enquanto vagavam pelo campo sem encontrar aldeias nem camponeses para socorrê-los, alimentaram-se unicamente de

milho tostado. Ao fim do quarto dia, já desesperados, encontraram um homem a cavalo.

— Mas o que vocês fazem aqui, vivendo feito ladrões de gado?

Era um fazendeiro rico chamado Juan Espinach, que os acolheu, deu-lhes de comer e abasteceu-os com víveres.

O incidente ficou gravado na memória de todos. Durante muito tempo, Salvany acordava suando durante um ataque de pânico, achando que estava perdido em meio às montanhas, à mercê de indígenas hostis.

O caminho até Lima passava pela cordilheira dos Andes. Tiveram de subir até quatro mil metros de altura na estação mais rigorosa de chuvas e neve. Os garotos estavam fascinados com aqueles flocos que caíam do céu, cobrindo os campos de um manto branco. Mas o frio fez com que sua saúde minguasse. A falta de trilhas demarcadas e a necessidade de conter o contágio da varíola nos povoados por onde passavam estenderam a viagem. Já perto de Lima, Salvany comprovou que o comportamento dos locais era veladamente hostil. Longe de serem recebidos de braços abertos, eram evitados pelos camponeses. Tampouco ali queriam se vacinar; não havia medo no rosto deles, mas desconfiança.

— Acham que vai lhes custar dinheiro — disse um dos guias.

— Diga a eles que é gratuito.

— Não confiam. Já vieram vaciná-los e, depois, pediram quatro pesos. Ao chegar a Lima, soube a razão pela qual os

índios de Lambayeque e os camponeses dos povoados próximos os haviam evitado. A vacina já aparecera por lá e era um bom negócio. Não estava nas mãos de médicos, mas de comerciantes pouco preparados, de modo que muitas vezes faziam o procedimento com um fluido que havia perdido propriedades ou o faziam de qualquer jeito, e a vacina não surtia efeito. Essas falhas fizeram com que as pessoas depreciassem a profilaxia da varíola. A Administração Municipal, que também comercializava a invenção, não parecia se importar com o fato de que grande parte da população não tinha acesso a ela por falta de recursos.

— As autoridades não demonstram muito empenho em nos favorecer — observou um dos ajudantes de Salvany.

— Dizem por aí que podem fazer tudo aquilo de que a expedição é capaz.

Salvany enfrentava o mesmo desafio de Balmis no México e, assim como o alicantino, também pôde medir o escárnio e o deboche com que foram recebidos pelo alojamento que lhes foi oferecido: uma casa modesta com três mesas velhas, uma dúzia de cadeiras, um canapé desconjuntado e quatro catres para os garotos, sem lençóis nem cobertores. Para os mais velhos, havia colchões tão sujos que preferiram dormir no chão. Em seu diário de viagem, Salvany contou que a Administração Municipal, que teoricamente deveria auxiliar aqueles garotos, deixou-os um dia inteiro sem comida e, nos dias seguintes, não lhes deu pão para o café da manhã nem iluminação à noite. Indignado, mandou cartas urgentes de protesto ao vice-rei, que imediatamente se dedicou ao assunto. Ordenou às autoridades locais que asseassem o

alojamento e os acomodassem com mais dignidade, acrescentando uma nota: “Que sejam tratados com esmero os indivíduos da expedição”. Salvany também pediu ajuda ao arcebispo Benito María Moxó, que interveio diretamente, celebrando uma missa solene com iluminação e rufar de tambores. Já havia dado ordens a todas as paróquias para que difundissem o fluido pelas províncias do vice-reinado.

— Mas não cumprem minhas ordens — confessou a Salvany. — Não as cumprem porque aqueles que vendem a vacina subornam-nos para que não o façam.

Lima não era México: ali, tanto as autoridades vice-reais quanto as eclesiásticas estavam em sintonia. Não existia competição para assumir os méritos pela descoberta da vacina. Não existia luta política que reivindicasse a descoberta. O que havia eram fortes interesses privados que comercializavam uma vacina de má qualidade e que viram a chegada da expedição como ameaça aos negócios.

— Os que querem lucrar à custa da saúde do povo sabem manipular a ignorância deste — disse-lhe o arcebispo. — Sabem comprar vontades. Por isso é tão difícil lutar contra esses interesses privados.

— Então — disse Salvany —, vamos mudar de tática. Esquecer as vacinações em massa e nos concentrarmos em elaborar um regulamento e planos de vacinação para todo o vice-reinado.

— Sim, não abandonarei a ideia de que haja saúde ao alcance de todos, brancos e negros, cholos e *criollos*.

Não era essa a ideia a partir da qual a monarquia havia

concebido a expedição? Duas concepções de saúde se confrontavam na América: a de saúde pública organizada pela Real Beneficência e outra, cujas inovações técnicas estariam ao alcance de quem pudesse pagar por elas.

Graças ao arcebispo, Salvany foi apresentado à elite intelectual da Universidade de San Marcos de Lima. O reputado médico doutor Unanue convidou-o a participar de tertúlias iluministas celebradas nas casas de *criollos* ricos. O Peru não estava alheio à influência do Iluminismo. Tinha bibliotecas como a de San Pablo, com quase quarenta mil volumes que incluíam livros de Bacon, Newton e outros líderes da revolução científica do século XVII. Estava em circulação *El Mercurio*, um grande jornal. Naquele ambiente culto, Salvany descansou, estudou e pensou.

Mas, apesar do repouso, sua saúde não melhorava de todo. Havia resgatado a vontade de viver e o entusiasmo pelo trabalho, até que um ataque súbito de convulsões que os médicos confundiram com apoplexia o prostrou outra vez. Não tinha nem trinta anos, mas as dores no peito, a ausência total de apetite, os enjoos e os ataques de tosse fizeram com que se sentisse muito velho.

“Essa deve ser a tragédia da velhice”, pensou Salvany, “ter a cabeça lúcida e cheia de projetos, mas um corpo incapaz de levá-los adiante”.

Naquela noite, deve ter sentido que a morte o rondava, porque se pôs a escrever uma carta para Isabel.

Isabel, minha querida,

Escrevo-lhe da cama que me foi arranjada pelo arcebispo de La Plata, meu bom amigo e protetor Benito María Moxó, que a senhora teve o prazer de conhecer e que me deu notícias suas, pelas quais tanto ansiei desde que nos separamos. Estou me repondo de um ataque convulsivo em consequência de uma pneumonia. Em atenção às graves enfermidades de que padeço e impossibilitado de retornar à Europa, solicitei um cargo político ao ministro de Graça e Justiça José Caballero para ficar na América e estou confiante em que ele aceitará. Acreditamos ter vencido a guerra quando conquistamos uma vitória, mas sempre se apresenta uma nova batalha. Em Lima, a vacina se compra e se vende como a aguardente e o açúcar, por comerciantes que veem nesse fluido um modo rápido e garantido de enriquecer. É apenas graças ao apoio de um pequeno número de sábios e figuras distintas desta capital que consigo transformar a postura popular diante da vacina... A senhora sabe que meu maior desejo é voltar e encontrá-la em um lugar de clima ameno, saudável e moderadamente seco, mas, caso pela vontade de Deus isso não seja possível, quero que saiba que jamais a esquecerei, que estou com você mesmo a distância. A felicidade, amada Isabel, é aceitar a luta, o esforço, a dúvida e continuar avançando, avançando e superando um obstáculo após o outro...

Isabel recebeu a carta na Cidade do México, esgotada após

cinquenta e três dias de uma jornada intensa que a levou a percorrer o interior da Nova Espanha, de Querétaro a Celaya, de Valladolid a Guadalajara, de Guanajuato a Durango. Alarmada e receosa, suas mãos tremiam ao abri-la. Ler a correspondência despertou nela um sentimento indescritível de angústia. Intuíu que a saúde de Salvany tinha piorado naquele clima adverso, mas o que pensou ter lido nas entrelinhas, e que a mergulhou em aflição, foi a sensação de despedida. “Caso pela vontade de Deus isso não seja possível, quero que saiba que jamais a esquecerei.” Essa frase e a seguinte, em que dava o que pareciam ser alguns últimos conselhos para a vida, afundaram-na em melancolia.

“Talvez seja o cansaço”, disse a si mesma enquanto passava um lenço no rosto para secar as lágrimas.

O esgotamento produzia tristeza. Havia também a cansativa excursão, em que tivera de lidar com autoridades reticentes e na qual se vira obrigada a cuidar de novos garotos que Balmis ia recrutando para o último trecho da viagem, nas Filipinas. Ele estava muito satisfeito com o resultado da excursão, apesar de não ter conseguido apoio das autoridades locais no Texas, em Salvatierra e em Guanajuato, onde se negaram a organizar juntas de vacinação sem ordens expressas do vice-rei, as quais de fato nunca chegaram. Nas demais cidades, foram recebidos de maneira extraordinária, o que foi uma recompensa merecida. Acima de tudo, estava contente por ter conseguido recrutar vinte e seis garotos para a viagem às Filipinas. Vinte e seis garotos cujo bem-estar recaía sobre os ombros de Isabel. Eram mais dóceis que os galegos porque não eram órfãos e não haviam morado em

orfanatos, já que instituições assim eram escassas na Nova Espanha. Eram filhos de famílias muito pobres; nenhuma aceitou o trato oficial, pelo qual a Coroa pagaria os estudos dos garotos em troca de sua participação na viagem. Queriam dinheiro vivo. Como o vice-rei se negou a substituir por dinheiro as promessas do rei, Balmis não teve alternativa senão pagar os pais, o que conseguiu graças a um empréstimo do bispo de Guadalajara.

Em Zacatecas, a Administração Municipal lhes ofereceu os últimos seis garotos, que se apresentaram em uniforme de gala com o escudo real e a inscrição “Dedicado a María Luisa, rainha da Espanha e das Índias”. “Pequenos grandes heróis, tão ingênuos”, pensou Isabel. Mas, na realidade, para ela tratava-se de mais crianças para dar atenção e cuidar, com doenças, caprichos, vitalidade transbordante e necessidades específicas, tanto físicas quanto afetivas. Por mais que estivesse acostumada, era uma tarefa colossal para uma mulher que sentia o desgaste dos últimos meses.

Isabel não queria que o filho a acompanhasse às Filipinas, preferia poupá-lo de um risco desnecessário. Mas a ideia de deixá-lo no México sozinho a destroçava. Seria a primeira vez que se separaria dele. Debatia-se entre sua lealdade à expedição e sua vontade de se desligar do último trecho da viagem. Ficou entre o dever e o amor pelo filho. Entre sua vocação de cuidar dos outros, sua paixão por vacinar e prevenir doenças e a necessidade de levar uma vida normal. Entre o dever e o desejo, havia um abismo que não sabia como transpor. Rebelar-se e bater pé diante de Balmis ia contra seu temperamento; em Cuba, fracassara. Mulher de seu tempo,

sabia se posicionar com firmeza. Mas não cabia nela a rebeldia — pelo contrário. Obedecera desde criança, primeiro aos pais, então a Benito Vélez, depois a dom Jerónimo e agora a Balmis, seu chefe. Sua vida evoluía nos limites de seu destino de mulher nascida em uma aldeia pobre do interior da Galícia. No entanto, estava tão farta que, certo dia, antes de retornar à Cidade do México, disse a Balmis: — Doutor, não posso ir às Filipinas e deixar meu filho aqui.

— Sempre achei que seu filho nos acompanharia.

— Não quero expô-lo ao risco de outra longa navegação.

Fez-se um silêncio. Balmis contraiu o pescoço e assentiu com a cabeça. Entendia.

— Além disso, Benito está agressivo devido ao excesso de contato com marinheiros... O bispo de Puebla me ofereceu uma bolsa para que estude no Colégio Carolino, dizem que é muito bom...

— É uma excelente oportunidade, sem dúvidas.

— Entenda, doutor. Nunca me separei dele, e fazer isso em um país desconhecido...

Balmis percebeu como Isabel, desgarrada, lutava para conter a emoção. Tinha olheiras profundas, a pele mais pálida do que nunca e um ar tristonho.

— Sei que meu compromisso me obriga a ir até Manila, mas...

— Entendo a senhora, Isabel. Não posso pedir mais do que a senhora já fez pela expedição.

— Não é que eu não queira continuar, doutor, é que... O

senhor sabe o que significa para mim voltar para a Espanha.

— De uma mulher que salvou o mundo de uma doença atroz se perdoa tudo... até na Espanha.

— Não tenho certeza. Minha motivação foi de empreender uma nova vida na América, com meu filho reconhecido como tal.

— Eu sei. E foi difícil chegar até aqui.

Outro longo silêncio se instaurou entre eles. Sim, fora difícil. Sempre houvera algum garoto doente, sentiu pânico nas travessias com mau tempo e uma grande solidão por ser a única mulher no grupo. Balmis tentou uma última cartada, por pura vaidade, embora não tivesse esperanças de que funcionasse.

— Eu tinha o sonho, sem qualquer fundamento, devo dizer, de voltar com a senhora a Madri e compartilhar da glória do sucesso da expedição. E com seu filho, é claro.

— E Salvany? — respondeu Isabel.

Balmis mudou de semblante. Isabel prosseguiu: — Não merece ele, mais que qualquer outra pessoa, compartilhar a glória da expedição com o doutor?

— Teremos de ver como se saiu com seu trabalho.

Balmis percebeu que seu comentário havia chocado Isabel e prosseguiu: — É... é um homem doente, que nunca deveria ter se juntado à aventura. Ignoro as razões que o motivaram.

— Queria dar um sentido para sua vida, ao que lhe resta da vida... O fato é que lhe coube a parte mais dura.

— Não é verdade. Ao ter de se deslocar por terra firme, poupei-o dos riscos inerentes à navegação. Ademais, já se havia sido dito em Madri que a expedição seria dividida.

— Mas não tão cedo, pelo que eu entendi.

— As coisas ocorrem quando têm que ocorrer. Salvany não estava se comportando...

Balmis pigarreou, como sempre fazia quando tinha dificuldade para dizer algo ou não queria dizer. Procurava as palavras. Por fim, disse: — Um profissional entregue a uma tarefa tão complexa quanto levar a cabo esta expedição tem de saber se comportar em toda e qualquer circunstância.

Olhou para ela, sem dizer que era com ela que Salvany “não havia se comportado”. Isabel ruborizou, violenta.

— Então eu também...

— Com a senhora é diferente.

— Por quê?

— Porque é impecável e única em seu desempenho. Sua função de inculcar confiança e compartilhar carinho com as crianças é fundamental.

Balmis, que não era prodígio em matérias de elogio, achou que assim corrigia a gafe. Mas Isabel já não era ingênua. Acreditava que a obsessão de Balmis com as Filipinas se explicava porque, por não ter conseguido introduzir a vacina na Nova Espanha da maneira que havia esperado, ele queria buscar nos confins do império a glória pela qual tanto ansiava. Era um grande homem, com reações por vezes mesquinhas. Nunca admitiria o ciúmes que sentia de Salvany, ainda que o

sentisse. Isabel lembrava com asco de quando precisou se debater para que ele soltasse sua mão no dia em que resolvera consolá-lo. Não havia dúvidas de que era um grande líder com uma enorme capacidade de trabalho e organização, um excelente médico, um valente que nada nem ninguém amedrontava, um entusiasta, um idealista capaz de dar a vida pelos outros... Mas um homem tosco na hora de lidar com os sentimentos das pessoas e com os próprios. Como podia ser tão duro com Salvany?

“Teria Balmis alcançado sua façanha sem o afinco e a firmeza que demonstrara?”, perguntou-se Isabel. Salvany era o exemplo de que era possível ser útil à causa sem maltratar as pessoas. Pelo contrário, gerando afeto. Balmis justificava tudo pelo bem da humanidade, até mesmo comprar escravas para transportar a linfa ou utilizar garotos com pouca saúde, como o que morreu ao retornar a Porto Rico. Se tinha ciúmes dos que se aproximavam de Isabel, não era por ela como pessoa, mas porque ela lhe era útil — foi o que ela pensou. Agora que o conhecia melhor, Isabel entendia que Balmis não teria uma relação duradoura com nenhuma mulher, tampouco se casaria por amor. Nas relações pessoais, nos sentimentos, era um cavalo que dava coices a torto e a direito. “Não ama as pessoas pelo que são, mas pelo que têm para contribuir”, concluiu Isabel.

No entanto, Balmis a surpreendeu: — Fique em Puebla com Benito — disse a ela. — Transmitirei o aviso correspondente ao Ministério da Fazenda para que continue lhe pagando o salário de quinhentos pesos anuais. Mas peço que a senhora me ajude a encontrar alguém capaz de substituí-la.

Isabel, desconcertada, viu o céu se abrir.

— Sim..., sim, ajudarei o doutor — disse, balbuciando.

Não esperava aquela reação de Balmis. Sim, o doutor também podia ser surpreendente. Na verdade, Balmis pensou que mais valia liberar Isabel que forçá-la a permanecer na expedição. Sabia que ela dispunha de uma desculpa mais forte que todos os argumentos que ele poderia apresentar: seu filho, Benito. Não se separa a mãe de um filho. Balmis sabia que aquela batalha estava perdida de antemão.

Tendo chegado à Cidade do México, instalaram os vinte e seis novos garotos no Patronato Real da rua de la Merced. A governanta ficou alvoroçada ao ver Isabel outra vez; tinha boas notícias para dar.

— Recebemos a visita de Pedro Marcos Gutiérrez, sabe quem é?

— Não.

— Um mercador local. Ele adotou Clemente e Manuel María!

Isabel sorriu. Havia se afeiçoado àqueles dois garotos de cinco anos e boa índole. Durante a travessia, ambos demonstraram uma força impressionante para sua idade. Ficava contente por eles.

— E um médico da Escola Patriótica quer levar Jorge Nicolás de los Dolores.

Jorge Nicolás tinha quatro anos e era muito bonito. Ficara tão doente durante a viagem que Isabel chegara a temer pela vida dele.

— Tanto o mercador como o médico são pessoas de excelente reputação — acrescentou a governanta.

Pouco a pouco, as promessas do rei eram cumpridas.

— Outra boa notícia: Cândido foi detido e devolveram a nós.

— Cândido está aqui? — perguntou Isabel, sobressaltada.

— Enviamos uma carta para a senhora em Puebla, mas foi devolvida. Sim, o garoto andava precariamente nos subúrbios, vivendo com esmolas que ganhava dos bêbados em botecos de quinta categoria... Tinham-no ensinado a cantar cantigas locais, canções muito feias que insultam o rei e os curas! Esse rapazote tem a boca podre, de tantas que aprendeu!

— E onde morou esse tempo todo?

— Diz que dormia na rua. Quando sentia fome, roubava frutas e, durante o dia, se escondia das patrulhas. Até que ficou doente, como todos os espanhóis, senhora, e o dono do boteco deixou-o na porta do Hospital do Amor de Dios. Lá trataram dele e depois o mandaram para nós.

— Quero vê-lo — disse Isabel.

— Está de castigo.

— Há quanto tempo está de castigo?

— Duas semanas.

— Mas ele só tem nove anos...

— Sim, senhora, mas é mais ardiloso que um demônio... O capelão decidiu trancá-lo por um mês no quarto de castigo.

— Um mês?

— Sim, por ter fugido e por blasfemar.

Isabel achou o castigo excessivo, mas disfarçou. A mulher não deixou que o visse, de maneira que Isabel precisou falar

com o capelão diretor, que tampouco queria permitir. O homem parecia sentir prazer em alardear sua autoridade diante da espanhola, utilizando o garoto como pretexto. No fim, diante da insistência obstinada de Isabel, não teve remédio senão ceder.

Cândido estava como um prisioneiro, sozinho em uma cela quase sem luz, onde o ar era espesso devido à cal viva das paredes. Levavam comida para ele e não o deixavam sair, exceto para fazer suas necessidades. Estava puro osso, com as bochechas afundadas e as pernas parecendo taquaras.

— É por causa do mal de Montezuma, que pegou vivendo na rua feito um rato; aqui ele é bem alimentado — disse a governanta para se justificar.

Tinha marcas e hematomas pelo corpo todo. Estava sujo, o cabelo estava todo desgrenhado e encardido, sem rastros de suas mechas loiras. Apenas o fulgor de seus olhos azuis permanecia intacto. Isabel se aproximou para abraçá-lo, mas ele a afugentou. Ela entendeu que o garoto se sentia traído.

— Cândido, querido, quero que você venha comigo a Puebla, uma cidade perto daqui, onde vamos morar. Benito vai estudar em um colégio... Você quer estudar também?

— Eu não gosto.

— O que você quer fazer?

— Nada.

Isabel ficou um bom tempo em silêncio.

— Não acredito que você não queira fazer nada. Você não para nunca.

Fez-se outro silêncio, que o garoto interrompeu: — Vou fazer o que sei fazer: cantar.

— Bom, então vamos colocá-lo no coro da catedral.

— Não, eu quero cantar nos subúrbios, o povo dá mais dinheiro.

Isabel não insistiu. Sabia que não arrancaria um sim do Senhor Não.

— Experimentei pulque — disse o garoto, vangloriando-se da façanha.

— Gostou?

Cândido deu de ombros. Tanto fazia se ele havia gostado, o importante era ter feito algo proibido.

Isabel ficou de alma partida por deixá-lo naquela cela, mas tirá-lo dali exigiria tempo e a intervenção direta de Balmis. Alguém com o caráter de Cândido, capaz de entrar como clandestino no barco e sobreviver nas ruas do México, um garoto com aquela personalidade e aquele talento, não merecia ficar trancafiado feito prisioneiro. Não era um vândalo ou um desajustado, como descrevia a governanta, mas um garoto revoltado com o mundo e suas injustiças. Um rebelde que cumprimentava o capelão diretor dizendo “O raio que o parta!”, sabendo que receberia como resposta uma paulada descomunal e a ampliação de sua pena. Isabel estava convencida de que só o que precisava para se endireitar era de um adulto que acreditasse nele. E ela acreditava.

Balmis, por sua vez, tinha pressa de sair do México. Deixar passar a oportunidade de embarcar no *Magallanes* significaria

esperar mais ou menos um ano pelo galeão seguinte. Escreveu ao vice-rei para informá-lo de que os preparativos estavam prontos e que só faltava a autorização para embarcar. Iturrigaray respondeu que no próximo galeão, o *Magallanes*, a preferência seria dada às tropas necessárias para defender as guarnições das ilhas. Em segundo lugar, havia um bom número de frades dominicanos, carmelitas e agostinianos espanhóis que adiaram a viagem anterior para dar espaço aos militares. Embora tivesse prometido se dedicar oportunamente a atender ao pedido, avisou que, caso não surgisse outro navio, seria impossível mandar a expedição no *Magallanes*. A duras penas, Balmis conteve a irritação e respondeu em uma carta: “Vós relegais a expedição a um terceiro lugar, sabendo do desejo de sua Majestade de enviar o soro, voando se fosse possível, a seus amados súditos, sem medir gastos nem esforços”. Mas, resignado, terminou a carta mansamente: “Visto que sois o vice-rei e a pessoa a quem devo obediência sob quaisquer circunstâncias, submeto-me a vossa decisão”.

Balmis se repugnava ao ser tratado com desdém, logo ele, que se considerava a expressão humana da vontade real. Ao saber que Ángel Crespo, capitão do *Magallanes*, encontrava-se em Puebla, decidiu procurá-lo. Se o vice-rei mantivesse aquela atitude, ele tentaria um atalho. A perspectiva de retornar a Puebla encheu Isabel de alegria. Fosse onde fosse, uma coisa era certa: seu filho ingressaria em um dos melhores colégios da Nova Espanha. Sentia-se com forças para lutar por Cândido.

— O doutor precisa me ajudar a tirar Cândido daqui —

disse Isabel.

— Mas não podemos abrir exceções... — respondeu Balmis.
— Agora, esses garotos estão sob o amparo do vice-rei, e tirar um deles seria considerado desmando e injustiça.

Então, Isabel contou da fuga de Cândido. Balmis lembrou-se de como o havia conhecido, de castigo no orfanato de Madri.

— Esse garoto vai acabar mal.

— Por isso é importante tirá-lo daqui. Tem bom coração, e ainda há tempo para evitar o pior. Dentro de três anos, não haverá mais nada a fazer, será tarde demais.

Contou a ele as condições em que encontrara o garoto.

— Por que o doutor não pede a intervenção do bispo de Puebla para que ele cuide disso diretamente?

Balmis estava tão indignado que não pôde conter um de seus tiques, mas reagiu: — Está bem. Farei isso.

Cândido parecia não acreditar em sua libertação. Lá estavam Balmis, Isabel e Benito para tirá-lo dali e levá-lo com eles, enquanto os vinte e seis novos mexicanos permaneceriam no patronato. Era um sonho que se tornava realidade, embora o pequeno Cândido estivesse com pé atrás, olhando com desconfiança para seus protetores. Não haviam quebrado a promessa de deixá-lo sob os cuidados de uma família? O garoto não entendia que o principal inconveniente era sua idade e sua atitude. Que diretor de orfanato recomendaria um garoto tão difícil quanto ele?

— O raio que o parta...! — disse ao capelão diretor ao se despedir, sabendo que dessa vez o homem não poderia castigá-lo.

Benito deu uma gargalhada. Havia reencontrado seu amigo, seu companheiro de travessuras. A primeira coisa que Cândido fez foi contar a ele os novos insultos que havia aprendido nas ruas: verdugo, agiota, cachorro e ladrão. Mas Isabel foi clara: — Se não quer voltar para o orfanato, precisa falar direito e obedecer.

O garoto deu de ombros, como se não se importasse com o que escutava.

— Entendeu bem?

Como Cândido não respondia, Isabel mandou que o cocheiro desse meia-volta.

— Vamos de volta para o orfanato.

Então Cândido reagiu.

— Nãããã! Está bem, está bem, eu vou me comportar.

— Promete?

Cruzou os dedos e os beijou, em um gesto procaz que havia aprendido com os marinheiros.

Em Puebla, alojaram-se na residência que o bispo havia cedido a eles na viagem anterior, uma casa ampla e próxima do palácio. Em seguida, Balmis entrou em contato com Ángel Crespo, capitão do *Magallanes*, que lhe assegurou que, apesar do grande número de passageiros que já haviam se alistado para viajar a Manila, haveria espaço para os membros da expedição.

— Eu garanto uma alimentação adequada e camarotes especialmente preparados para os garotos — acrescentou.

Com essa informação, Balmis enviou uma carta a Godoy pedindo que contasse ao rei como haviam difundido a vacina em todo o território da Nova Espanha e informando-o de que, sem levar em conta a opinião do vice-rei, negociara com o capitão do *Galeão de Manila*.

Isabel, por sua vez, apresentou-se ao bispo com os dois garotos.

— Eminência, acreditei em vossa palavra, mas, em vez de apenas um garoto, trouxe dois para ver se há a possibilidade de que estudem no Colégio Carolino e se tornem homens

trabalhadores.

— Você é Benito?

— Sim — disse o garoto.

— E você?

— Cândido de la Caridad.

— Sim... O doutor Balmis me mandou uma carta para que o tirasse do orfanato. Você gosta de estudar?

O garoto ia responder quando deparou com o olhar severo de Isabel. Então, se virou para o bispo.

— Sim, muito.

— E tem boa voz, Eminência. Precisa escutá-lo.

— Vejamos, cante alguma coisa...

Cândido começou a cantar Ave-Maria, de Bach, à capela. Tinha aprendido em Madri. Sua voz deixou o bispo maravilhado e atraiu a atenção de outros frades, que se aproximaram para escutá-lo. Cândido se transformava ao cantar e também transformava aqueles que o escutavam. Sua voz era clara como cristal, potente como a de um barítono. O bispo estava deslumbrado.

— Vai cantar na catedral, tem um autêntico dom divino. Agora, cante para nós uma canção...

Cândido olhou para Isabel, como se pedisse permissão. Isabel fez um gesto para que prosseguisse. O garoto arriscou uma cantiga: — Quando os cegos entram em uma casa *para testar as cadeiras* testam as empregadas.

Isabel mordeu a língua, mas as risadas do bispo relaxaram

o ambiente.

— Onde você aprendeu isso?

— Na *pulquería* onde eu cantava.

— Ah, é? Cantava em uma *pulquería*?

— É que fugi e fiquei morando na rua... — contou o garoto, cada vez mais animado. — Sei mais uma, essa é um *jarabe*: Açoite, mordança e freio *tem a nossa Santa Fé* pra aquele que disser / que renegar a Deus é bom...

— Deu, deu, já basta — disse Isabel, enrubescida.

O garoto olhou para ela com ar contrito. O bispo sorria, embora aquelas letras pudessem causar intervenção da Inquisição, que havia relaxado seus costumes, mas seguia vigente — e assim continuaria até 1821.

— Esse aprendizado dos tugúrios! — disse o bispo. — Agora você aprenderá outras coisas, coisas interessantes, coisas do mundo, dos homens, de Deus. Darei instruções para que ingresse no Colégio Carolino.

Isabel suspirou e fechou os olhos; não sabia como agradecer. Os garotos não entendiam se aquilo que o bispo propunha era bom ou ruim, de modo que permaneceram impassíveis.

— E a senhora, Isabel, teria vontade de trabalhar no hospital?

O Hospital de San Pedro, que existia desde a fundação da própria cidade, em 1545, e que no início se ocupara apenas de brancos pobres, tinha dois andares e ocupava um quarteirão inteiro. Agora dispunha de duzentos e cinquenta leitos e uma

equipe numerosa, com hierarquias e funções definidas. Além de médicos, praticantes, enfermeiros e sangradores, havia um unguidor e uma unguidora, vinte e três chichiguas, ou amas de leite, o primeiro e o segundo roupeiros, um colchoneiro e uma lavadeira, cozinheiros, distribuidores de pão, um sepultador e um carroceiro para os cadáveres. Médicos e cirurgiões visitavam os doentes acompanhados pelos funcionários que realizavam tarefas de enfermagem, e do boticário, que registrava os remédios prescritos. Também ofereciam seus serviços aos doentes sangradores, barbeiros e articuladores de ossos. Isabel ficou encarregada da sala de vacinação; sua missão era conservar o fluido fresco na cidade e nas subunidades administrativas da municipalidade por meio de operações periódicas. A cada nove dias, que era o número proporcional aos nascimentos anuais, devia vacinar quinze garotos. O bispo forneceu cartilhas aos encarregados de vacinar.

Os garotos se adaptaram bem ao colégio; tinham de memorizar os preceitos de Cícero, acompanhar as aulas de latim e ler durante meia hora ao fim da manhã. Almoçavam no refeitório ao som da voz comedida de um leitor que glosava a vida São Luís Gonzaga, que ainda não era santo, mas, segundo diziam os padres, não demoraria a se tornar um. Como estavam atrasados em relação aos colegas, repreendiam-nos com suavidade, estimulavam-nos com exemplos e recompensavam-nos com prêmios. No intervalo, era-lhes permitido jogar dominó e bolinha de gude e tirar uma *siesta* de meia hora depois de comer. À noite, reuniam-se com Isabel no convento das freiras enquanto esperavam uma casa definitiva onde se instalar. Enfim, levavam uma vida

normal. Isabel havia chegado ao fim do caminho — ao menos era o que achava.

Poucos dias depois do encontro com Balmis, Ángel Crespo, capitão do *Magallanes*, voltou atrás.

— Sinto muito, não posso aceitá-los sem permissão do vice-rei.

— Como o senhor me faz uma coisa dessas? Temos um compromisso!

— Devido ao grande prejuízo que implicaria o fornecimento de víveres para a expedição caso sua viagem não se confirme.

Era uma desculpa esfarrapada, na qual Balmis enxergou o dedo do vice-rei, que continuava impondo obstáculos a seus planos, pois a capitania das Filipinas era dependente do vice-reinado do México. Poucos dias depois, recebeu uma carta comunicando-o de que o excelentíssimo dom José de Iturrigaray estava à espera do relatório de um tal Benito Vivero y Escaño, comandante do San Blas, que ficara encarregado de investigar se a vacina havia sido introduzida nas ilhas Filipinas. Ficou claro que o vice-rei procurava uma razão para dar o golpe final na expedição. Ocultando sua raiva, Balmis lhe escreveu para pedir que dissesse com antecedência qual seria a data definitiva de partida, supondo que a vacina não houvesse chegado nas ilhas, fato de que estava

convencido. Disse que precisava ter tudo pronto com bastante antecedência para evitar a possibilidade de ser pego desprevenido no momento de zarpar.

Apesar de outra disenteria com sangramentos, decidiu retornar à Cidade do México.

— Não prefere esperar até estar melhor?

— Não, Isabel. Retorno ao México com a convicção de que se Deus, o rei da Espanha e a humanidade inteira estão a meu lado, conseguirei embarcar no *Magallanes*.

Isabel apertava as mãos, que suavam. Ela ficaria, tinha a vida resolvida. E o homem que a ajudara a obter o que mais ansiava continuava acorrentado à expedição, lutando contra moinhos de vento como dom Quixote, personagem do romance que estava lendo por recomendação dos professores de seu filho.

— Se é necessário, irei à capital ajudar o doutor a encontrar algumas mulheres para fazer a viagem com os mexicanos...

Balmis olhou para ela; por trás das fortes piscadas, Isabel pensou ter visto os olhos dele cheios de lágrimas. Balmis chorando? Achou estranho. “Talvez seja o frio da manhã”, disse a si mesma para acalmar a consciência pesada.



Na capital, Balmis ficou sabendo que haviam vazado para o vice-rei os comentários de suas cartas de protesto direcionadas às autoridades de Madri, o que explicava sua exasperação: que melhor maneira de se vingar, senão sabotar definitivamente a expedição? Estava desmoralizado pelo cansaço e também porque, embora estivesse rodeado de

ajudantes, já não contava com a força e a temperança de quem ele considerava fundamental. Por hora, sem a permissão do vice-rei para prosseguir, Balmis não podia fazer nada, exceto se recuperar da disenteria, procurar uma ou duas mulheres que quisessem fazer a travessia com as crianças e esperar, esperar... Uma tortura para um homem de ação.

O bispo de Puebla também era um homem de ação. Gostava de visitar os doentes do hospital, as comunidades indígenas dos arredores e os capelães que estavam sob sua responsabilidade para avisá-los de que não toleraria qualquer desleixo em relação à vacina. Visitava com frequência as freiras do convento. O lugar cheirava a flores, os corredores altos e sombrios desprendiam uma atmosfera de serenidade interrompida apenas pelos gritos de Benito e Cândido ao voltar do colégio. Estavam felizes, pois ninguém os trancava em quartos escuros, ninguém batia neles com régua nem os obrigava a cumprir penitência de joelhos. Cândido passou até a fazer o sinal da cruz ao entrar na capela.

Isabel se sentia tão abençoada que, cada vez que encontrava o bispo, desdobrava-se em agradecimentos.

— Deve-se agradecer a Deus, não a mim — respondia o prelado.

Estava maravilhada com a humildade daquele homem, com sua maneira distinta de falar e com o tom de sua voz, ainda mais adoçado pelo sotaque mexicano. Quando ouvia seus passos no corredor, era tomada por uma sensação turbadora, e quando dom Ricardo perguntava por ela, ficava paralisada. Não que se sentisse intimidada, porque ele era bonachão e estava sempre de bom humor. Ao vê-lo sentado em um canto,

a batina aberta, Isabel era tomada por uma onda de calor, uma emoção indescritível que revirava suas entranhas.

— Sabe o que me disse o cura de Xalisco?

Isabel fez que não com a cabeça. Tinha dificuldade até para falar com ele, porque a tratava de igual para igual, e isso a embasbacava. Via-o como alguém mais velho, mais sábio e infinitamente mais culto que ela.

— Quando disse que esperava que não haver indolente que se achasse sem a obrigação de vacinar, atreveu-se a dizer grosseiramente que era médico das almas, não dos corpos. Respondi que bastava de falta de caridade, pois quem, podendo salvar a vida do próximo, não o faz é como um verdadeiro homicida.

— Vós o chamastes de homicida?

— Queria garantir que não visse com leviandade a questão da vacina.

Riram com vontade. A sedução que dom Ricardo exercia sobre Isabel não estava arraigada na distância quase divina que separa os representantes de Deus do resto dos mortais, mas em sua qualidade basicamente humana.

— Nós, curas, esquecemos nossa obrigação divina de reconfortar as pessoas que sofrem, as solitárias e as desesperadas.

— Não só os curas — disse ela.

Veio de sua alma o impulso de dizer aquelas quatro palavras. Dom Ricardo observou-a com ternura. Aquela não era uma mulher como as demais, tinha boa percepção, além

de coragem e integridade. Caso contrário, como teria feito o que fez?

— Há seres iluminados como a senhora, como Balmis, como Salvany...

— Fico encabulada com essas comparações — disse Isabel.

Virou-se para ele e lhe direcionou um sorriso franco, transbordando gratidão. Dom Ricardo se comoveu; olhou para o céu e pediu a Deus, de cuja existência às vezes duvidava, que não o deixasse cair em tentação.

Ignorava as razões do afeto que sentia por Isabel. O preto reluzente de seu cabelo, a cor e a forma de seus olhos e seu sorriso o fascinavam. Mas a cidade estava repleta de mulheres tão ou mais bonitas que ela, que nunca despertaram nele a mínima alteração. Isabel era de uma beleza antiga, com traços de boa proporção e a pele tão clara que transpareciam as veias. Desde o momento em que a conheceu, percebeu uma alma pura e foi atraído por sua personalidade, que parecia maleável, mas era firme como o carvalho. Uma mulher distinta, que não se queixava nunca, que tinha o dom de encarar tudo com uma quietude inquebrantável. E uma aura de certo mistério. Não havia muitas com as quais conseguisse manter uma conversa que não fosse sobre fofocas da sociedade. Cansado de seu papel, que o deixava na metade do caminho entre Deus e os homens, farto da imagem que sempre se via obrigado a demonstrar, sentia falta de alguém que tivesse os mesmos gostos e interesses em comum, ainda que fosse apenas o fascínio pela invenção da vacina.

Isabel esperava ansiosa pela hora de ir à missa, o que a

surpreendia, pois nunca havia sido tão devota. Para ela, a religião tinha muito de superstição baseada no medo. Não era proteção e consolo, como um dia lhe havia dito o bispo. E missa dos domingos na catedral era a oportunidade de vê-lo. Quando aparecia atrás do altar com aquela distinção, ela o observava maravilhada. Nunca havia conhecido homem tão atraente, embora muitas vezes demonstrasse certa reserva, uma distância alternada com seu caráter bonachão. Quando Isabel distinguia a voz de Cândido no coral, aquela voz única, uma sensação de satisfação percorria seu corpo dos pés à cabeça. As crianças precisavam de alguém que acreditasse nelas, era o que sempre pensara. De repente, na catedral, uma das mais antigas da América, Isabel foi invadida por um sentimento de plenitude parecido com o que havia sentido com Salvany, e também com Benito, pai de seu filho. Algo semelhante à felicidade. Então, começou a se infiltrar, primeiro como uma cosquinha, depois como um tremor desconhecido, a ideia louca de ir até o fim, de experimentar o proibido, o mal que ninguém quer cometer, a transgressão que assusta, mas que intuía poder dar sentido a sua vida. Atreveu-se a se imaginar aconchegada ao lado do bispo, como qualquer mulher nos braços de seu homem. Sonhava que o abraçava e o apertava com força enquanto ele sussurrava palavras em seu ouvido. Fantasiava, imaginando que ele acariciava sua nuca, seu cabelo e, com a outra mão, buscava sua cintura. Quando o canto daquele coro celestial acabou, voltou a si subitamente, e o choque de realidade despertou um sentimento de culpa e, depois, de remorso por ter se deixado levar. Tinha certeza de que pensar naquilo já era pecado e se envergonhou. Não, não devia se deixar levar por

pensamentos... — não encontrava a palavra — impuros, disse a si mesma. Aquilo só podia conduzir ao desastre, ao escândalo, à desonra de ambos.

Dom Ricardo, por sua vez, se surpreendia com a vontade de passar tempo com ela, de sucumbir ao encanto de sua intimidade. Custava-lhe admitir, mas Isabel compensava um vazio em sua vida, não suprido por Deus, porque ela desprendia um calor muito próximo e prazeroso. Já não lhe apetecia tanto passar tardes inteiras na biblioteca, focado na leitura. Custava-lhe se concentrar, sua mente se distraía pensando em como conseguir para ela e os garotos uma casa digna, como melhorar o plano de vacinação da província com sua ajuda e, embora se envergonhasse ao admiti-lo, como visitá-la mais vezes sem levantar suspeitas. Sonhava com a penugem de seus braços, como a de uma garota, deixava sua imaginação vagar pelas linhas brancas do cabelo que o pente havia alinhado, e então com a linha do peito... Quando tinha a impressão de perder o juízo, reagia de repente: “Impossível, sou o bispo!”. Mas, em alguns segundos, lembrava que Benito e Cândido deviam aprender a montar a cavalo, que dariam passeios pelo campo. Talvez ela também devesse aprender a andar a cavalo, não montada feito uma campestre, mas como uma amazona... Na verdade, ele sentia o peso da solidão de seu cargo, sentia falta de ter uma família e — não se atrevia a reconhecer — era atraído pelo mistério do mundo das mulheres, que nunca tivera a oportunidade de sondar.

As semanas foram passando, mas não a agitação das almas. Dom Ricardo vivia em uma oscilação constante entre a obsessão de estar com Isabel e seu instinto de cura que, embora o induzisse ao consolo espiritual, também o impelia ao desapego. Seu coração doía. Vivia em uma contradição constante, lutando contra a ideia de sentir-se imprescindível a outro ser humano e que outro ser humano lhe fosse insubstituível. Lembrava dos tempos em que, tendo acabado de sair do seminário e sendo cura de um povoado de Zacatecas, ouvia as confissões de mulheres jovens que ousavam lhe contar suas fantasias de luxúria, que inventavam relações sexuais com párocos, confessavam adultério e lhe relatavam os detalhes mais escabrosos a fim de seduzi-lo. Mas ele sempre as escutava com distanciamento, sem acreditar de todo. Ao tentar excitá-lo sem conseguir, colocavam em dúvida sua virilidade, mas isso nunca o preocupou. Sabia que era cura antes de ser homem e impôs a ela penitências cada vez mais duras para desestimular seu retorno ao confessionário. A visão que a Igreja tinha das mulheres era de seres irracionais que se deixavam guiar pela paixão e pela transgressão, e justificava sua posição subordinada aos homens pela sua fragilidade, sua necessidade de serem controladas. Mas Isabel era diferente, era

independente, havia demonstrado ter resiliência e valor. Não podia ser um instrumento do diabo, como pensavam abertamente das mulheres muitos curas e sacerdotes. Dom Ricardo a via antes como um instrumento de Deus.

Por isso, quando se via sozinho com ela no hospital ou ao retornar de um povoado em que haviam estado vacinando, perguntava-se se poderia lutar contra a própria condição que Deus lhe dera ao nascer, a de ser homem. “Que valor tem o voto de castidade diante do desejo de amor puro que se sente por uma mulher?”, chegou a se perguntar. Toda a sua vida, havia lutado para conter o impulso sexual, e acreditava ter conseguido apaziguá-lo de todo. Mas agora, quando escutava o voo da risada daquela mulher que podia ser sua filha, quando seus olhares se cruzavam casualmente, quando cada gesto trivial atiçava o desejo, a incerteza invadia seu coração... Havia seguido bem demais os conselhos de seu anjo da guarda com respeito às mulheres. Evitara-as tanto que nunca chegara a conhecê-las. De volta ao palácio episcopal, atormentado, saía na varanda e erguia o olhar ao céu estrelado, como se buscasse um sinal da eternidade. Não tinha nenhuma dúvida da existência de Deus diante da visão do firmamento ponteadado de luzes. Respirava fundo o cheiro de pinho e de flores selvagens que emanava do vale e, uma vez sossegado e em paz consigo mesmo, voltava a se trancar em seus aposentos até que a imagem de Isabel o assaltasse de novo, como uma amável intrusa. Começava a ter dificuldade para imaginar a vida sem ela, e pensar nisso o aterrorizava, pois sentia oscilar o próprio fundamento de seu ser.

Ela também vivia a opressão de seu segredo, atormentada

pelo fantasma da culpa, mas incapaz de controlar suas fantasias, que provocavam nela um prazer idílico quando em sua mente se deixava abraçar, cheia de curiosidade por ele, pelos prazeres de um amor que via como um pecado, como uma fraqueza perversa. Apavorada, percebia que desejava-o não como havia desejado Salvany ou Benito, mas como se deseja um salvador, um homem resolutivo capaz de infundir nela segurança e de fazê-la sentir que era uma mulher e que não estava sozinha no mundo. Precisava conhecer sensações, sentir as emoções à flor da pele como um vento forte e cálido. Envergonhava-se por não ter respondido a carta de Salvany. Mas o que poderia ter respondido? Que sim, que se veriam no fim de tudo, que se encontrariam em algum lugar, que o amava... Sim, amava-o como se ama uma bela lembrança, mas, no fim das contas, aquele amor não era mais que uma miragem. Com as pancadas e tropeços, Isabel havia se tornado prática, havia aprendido que na vida havia muitas pretensões, muitos sonhos e poucas realidades, e tinha marcada na memória a lembrança da longuíssima espera e da infrutífera busca por Benito, o pai de seu filho, quando este desapareceu do mapa. Na realidade, Salvany havia se tornado uma sombra em sua memória, uma grata lembrança que o tempo estava conseguindo dissipar. Começou a lhe escrever: “O que éramos um para o outro continuamos sendo sempre”, mas ao reler a frase achou-a demasiado solene, e não de todo verdadeira, e rasgou a carta. Começou de novo, tentando contar-lhe a verdade sobre seus sentimentos, explicar que estava cansada de fraquejar; então pedia o seu perdão e sua bênção com a maior humildade. Mas acabava não se convencendo com o resultado e rasgava rascunho após rascunho. Aquelas não

eram as palavras justas nem as frases adequadas, dizia a si mesma. Queria dizer a ele que a amizade nunca morre, mas o amor se transforma... Queria mesmo dizer-lhe aquilo? Para que atormentá-lo ainda mais, além de tudo o que já devia estar suportando? Para que falar de sentimentos, se seu coração de mulher já estava preso em uma jaula divina de onde não queria sair nunca mais, encapsulada feito uma mariposa na casula púrpura de seu salvador?



A escuridão era tanta que, depois de cavalgar durante sete horas antes de chegar a Xochiltepec, os membros da Junta de Vacinação de Puebla, a mais ativa do país, desorientados naquela noite sem luar, acabaram se dispersando no campo. As luzinhas do povoado que apareciam e desapareciam ao longe conforme o relevo acidentado dos morros eram o único tipo de localização a que se aferrar. Mas Isabel parou de vê-las e esporeou seu animal, que arrancou em um trote. “Por aqui”, ouviu gritarem. Puxou o bridão e guiou o cavalo na direção da voz. “Estamos vadeando o rio!”, escutou ao longe. Voltou a puxar as rédeas até o lado oposto. O cavalo relinchou e obedeceu sem vontade. As vozes chegavam cada vez mais longínquas, levadas por um vento suave enquanto ela avançava a passo firme em meio a pinheiros e azinheiras. O resfolegar do cavalo e o roçar do tecido de seu vestido contra a cela marcavam a cadência. Não via sinal do povoado: as únicas luzes eram da abóbada celeste. Mas não se atemorizou, não estava sozinha. Fazia parte de um grupo numeroso de médicos e praticantes e pensou que seus companheiros não estariam muito longe. Após um tempo, gritou “Arrêêê!”, e a única resposta que obteve foi um relincho distante. Então, fez-se

um ruído como uma martelada surda e remota, que foi se transformando em estrondos de tambores, até que ela se deu conta de que era um cavalo a galope. Alarmou-se tanto que, em dado momento, não soube se era um cavalo de verdade ou se era o galope de seu coração. Apareceu entre os pinheiros centenários um corcel cinza que parecia de prata devido ao brilho do suor. Vinha montando o bispo, com a batina presa à cintura, a cruz de madeira saltando sobre o peito e um solidéu violeta na cabeça que cobria a coroa. Agora se aproximava em um galope curto e compassado.

— Escutei seu cavalo relinchar, Isabel, e pensei que a senhora estava perdida.

— Sim... não enxergo o povoado.

— Siga-me.

Foi um passeio que não queriam que terminasse jamais, a marcha lenta de dois seres que tudo separava e que, no entanto, sabiam estar unidos por um vínculo tão firme quanto invisível. Não abriram a boca, qualquer palavra seria demais. Eram eles, seus cavalos e a escuridão da colina acariciada pela brisa. Nada mais existia. Ao chegar aos arredores do povoado, o prelado encontrou um lugar onde amarrar os cavalos, um prado com grama alta e macia em meio a pinheiros e arbustos. Desmontou antes, atou seu animal e ajudou Isabel. Ao descer, ela tremia como uma vara, como aqueles animais com um sexto sentido do que vai acontecer, seja um terremoto, uma maré gigantesca, seja um dilúvio, algo imenso, potente e transformador contra o que sabem ser impossível lutar. Mais por acaso que por intenção, o rosto de Isabel roçou contra o do bispo e seus olhares se encontraram. De frente um para outro,

percebia-se apenas a fragrância de sabão de Isabel e o som da respiração agitada do prelado. Então ela deu um passo, aproximou seu rosto até ficar à distância de meio palmo, devagarinho, consciente de que, ao fazê-lo, estava forçando a porta de seu destino. Roçou os lábios contra os dele, muito de leve, e o beijou. O reflexo imediato do bispo foi se afastar. Isabel quis morrer, mas ele reagiu apertando a mão dela. Olhou para a direita e para a esquerda a fim de confirmar que estavam sozinhos. Braseiros cintilavam no povoado adormecido, e ouvia-se o murmúrio distante das conversas entre o grupos de companheiros que procuravam onde atar os cavalos. Ele aproximou o rosto do dela e devolveu o beijo. Em seguida, tentou balbuciar algumas palavras, mas Isabel o calou com seus lábios, passou os braços ao redor de seu pescoço e os dois acabaram se fundindo em um abraço que durou uma eternidade. O fato de os devaneios que teve durante as missas da catedral se tornarem realidade lhe causava pavor, mas sentir o homem que idolatrava segurando-a fortemente, notar as mãos dele acariciando suas costas e sentir o cheiro dele despertou nela calafrios de prazer. Quando parou de beijá-la, continuou segurando-a pelo pulso, como se não quisesse deixá-la ir. Isabel dava pequenos puxões para se soltar, embora quisesse continuar apertada contra ele, sentir o calor que irradiava de seu corpo. Quando ele a soltou, ela tentou recompor o coque com as mãos tremendo.

— Precisamos ir — disse ele.

— O que fizemos não é certo — disse ela.

— Não é, não é — respondeu ele, cabisbaixo.

Caminhando em direção ao povoado, instalou-se entre eles

uma tensão. Não sabiam o que dizer. Seus olhares se estranhavam; davam sorrisos forçados. Isabel sentia vergonha. Eram dois estranhos perdidos na noite.

— Você é muito bonita, sabia? — disse ele, quando se separaram.

Então Isabel o encarou. Nunca soube, e continuaria se perguntando até o final de sua vida, como se atreveu a abraçá-lo de novo naquele momento. Ao fazê-lo, caiu no chão o solidéu do bispo, a touca em forma de calota, símbolo da dedicação exclusiva a Deus. Ele atraiu-a até as ruínas próximas a um curral. Ali, em meio a bananeiras, glicínias, malvas, madressilvas com flores brancas, capim-marfim e ramas, entregaram-se um ao outro com um medo surdo, exacerbado pelos murmúrios e sussurros produzidos pelo vento que descia a serra e por seus próprios suspiros de êxtase e seus gemidos abafados, além dos risos distantes dos homens do povoado. Isabel voltava a ser uma garota do campo, uma camponesa que se excitava na grama, onde a vegetação adquiria uma aparência confusa e onde o cheiro de musgo e flor era dominado pelos odores humanos, o aroma do amor que reconheciam quando se beijavam no pescoço, quando ele colocava o rosto na cabeleira reluzente dela e se sentia inebriado pelo odor de mulher apaixonada. Isabel já não era a garota tímida e pacata que se havia deixado deflorar nos destroços de um barco próximo à Torre de Hércules. Era uma mulher que decidira viver sua paixão até o final, embora soubesse que era um amor perigoso e maldito, que a vida não dá nada de graça e que muito provavelmente pagaria por aquilo.



Sozinha no quarto do convento de freiras de Xochiltepec, naquela noite Isabel teve um pesadelo de amores estranhos, em meio a cavalos, no qual dom Ricardo aparecia, emanando um ardor que a abrasava. Ao despertar, teve outro ataque de pânico. Transgredir as leis da Igreja não a condenaria ao inferno eterno? No que estava se metendo? Como havia se deixado cair em tentação dessa maneira? Deu-se conta de que era tarde demais para combater o desejo que a empurrava em direção a ele. Aquele deslize surgira subitamente, como reflexo de seu coração machucado por seus amores tristes e também de seus sentidos adormecidos pela falta de amor. Sentia que, assim como Deus era o rei do céu, o bispo era o de seu coração. Parecia-lhe injusto que a religião fosse o obstáculo a separá-los, condenando-os a vidas solitárias. Por isso, deixava-se levar pelas fantasias e sonhava acordada que ele não era bispo nem cura nem sequer religioso, que era um homem normal, e se perguntava: “Nesse caso, teria me escolhido?”. Eram perguntas sem resposta, que serviam para se esquivar da diligente realidade de não saber como tirá-lo da cabeça nem do coração.

Como sempre, voltando-se para o trabalho, conseguia evitar os pensamentos e, portanto, não ficava obcecada por atos escusos. Organizando as vacinações em Xochiltepec, atenuou o remorso da véspera, falando com um aqui, outro ali, coletando dados, manipulando frascos do fluido, examinando crianças... Assim, conseguiu converter sua angústia em um ligeiro torpor, em uma leve opressão que a fez esquecer que era jovem e que mal pudera desfrutar do amor, exceto em brevíssimos instantes.

Dom Ricardo, envolto por sua batina e pela casula bordada com fios de prata, parecia uma sombra de si mesmo. Seu corpo estava presente na Junta Local de Vacinação reunida na Administração Municipal, mas sua mente estava muito distante, em um recanto da memória onde havia professado seus votos, que se supunham sagrados e irrevogáveis. Não havia jurado diante de Deus que apenas a morte poderia separá-los? Sua conduta lhe parecia indigna, e ele se repreendia por isso. Depreciava-se por ter sido fraco demais no domínio de seus instintos e passou a maior parte do dia ajoelhado sobre os ladrilhos de pedra fria da igreja. Repetia a si mesmo que era um cura, um sacerdote, um homem de Deus que nunca havia cedido à tentação da carne... até o dia anterior. “Rogo a ti o perdão, meu Deus”, repetia, apertando fortemente o solidéu encarquilhado entre seus dedos porque não havia se atrevido a colocá-lo desde que o recolhera do chão. Um muro de pedras enormes, feito de muitos anos de obstinação, havia desmoronado no momento em que sentiu o rosto de Isabel roçar o seu. E não tinha ninguém com quem compartilhar sua inquietação, ninguém para enxugar suas lágrimas, ninguém para dizer a ele que um deslize não significava uma mudança substancial, que no fundo ele era vítima da solidão, da falta do carinho que não havia sentido desde jovem. Não podia compartilhar suas confidências com nenhuma das seis freiras que estavam a seu serviço. Necessitava de ajuda para recuperar as forças necessárias a fim de que seu espírito se impusesse sobre a paixão, não o contrário. Dividido entre seu ardor por Isabel e o compromisso com a Igreja, não via luz no fim do túnel.

Em 10 de janeiro de 1805, Benito Vivero y Escaño, comandante do *San Blas*, enviou uma carta ao vice-rei Iturrigaray informando-o de que o capitão da fragata *Concepción*, que acabava de chegar de Manila, garantira a ele, com absoluta certeza, que a vacina ainda não havia chegado às ilhas Filipinas.

Era o que Balmis esperava. O vice-rei já não tinha desculpas; além disso, recebera ordens de Madri para prover Balmis com fundos suficientes para seguir viagem. A contragosto, Iturrigaray ordenou aos ministros da Fazenda real do México que entregassem dinheiro ao médico para custear a viagem a Acapulco a fim de comprar tecidos, confeccionar roupas para as crianças e bancar as passagens para Manila e que pagassem três meses de salário adiantado a cada membro da expedição. Então, Iturrigaray, que não queria nem ouvir falar em Balmis, lavou as mãos publicamente. Informou aos oficiais da Fazenda real que, a partir de então, seriam eles os encarregados de fiscalizar o desenlace da expedição, porque já não poderia dedicar mais tempo ao assunto, e pediu que o notificassem apenas a respeito daquilo que exigia sua autorização.

Em privado, urdiu sua última trama contra Balmis. Deu ordens a Ángel Crespo, capitão do *Magallanes*, para que se

pusesse imediatamente a caminho de Acapulco e zarpassse apenas com os passageiros que se encontrassem no porto naquele momento. Sem esperar ninguém. Balmis teria de aguardar mais um ano e meio. Até lá, certamente a vacina já teria chegado às ilhas e a expedição não seria necessária.

Quando Balmis se inteirou de que precisava organizar os preparativos com tanta presteza, ficou desesperado. Ainda doente, escreveu ao ministro Caballero para contar sua aflição ao ver-se impossibilitado de cumprir um prazo tão exíguo: “Não há dúvidas de que o vice-rei achou ter encontrado um meio honesto para impedir minha viagem às Filipinas, que havia buscado estorvar por tantos e tão diversos caminhos”, dizia em sua carta.

Mas não podia se dar por vencido, embora estivesse abatido. O resto da equipe também sofria o desgaste de uma expedição tão duradoura, coroadada por uma intensa campanha pelo interior da Nova Espanha, a qual os deixara exaustos, e muitos com problemas de saúde. Já não demonstravam o entusiasmo nem o humor que imperava na partida de La Coruña. A fadiga diante da perspectiva de empreender outra odisseia que duraria mais um período de doze a dezoito meses era um fardo pesado. Assim, Balmis voltou a escrever ao vice-rei, pedindo que Ángel Crespo lhe fornecesse um ou dois enfermeiros adicionais. Iturrigaray respondeu que não tinha autoridade para pedir isso ao capitão do *Magallanes*. Balmis havia sido ingênuo ao pedir ajuda ao inimigo? Na verdade, estava tão angustiado que pretendia ganhar tempo forçando o vice-rei a se envolver com seus problemas. Faltava o pilar da organização, a pessoa que, em circunstâncias semelhantes,

sempre o tirara do aperto. Faltava Isabel.

Muito estimada Isabel,

Envio à senhora esta nota urgente para solicitar sua ajuda e seguir caminho. Diante da prontidão da partida, orquestrada de má-fé por nosso vice-rei, temos de preparar a roupa dos vinte e seis garotos que recrutamos, deixar os remédios prontos, encontrar um garoto a mais no Patronato Real para transportar o vírus inoculado até o porto de partida. Tenho fundos para pagá-la, mas poucas forças para iniciar sozinho esta nova etapa. Só peço à senhora que nos dê uma mão para que consigamos chegar a tempo a Acapulco, de modo que, a expedição tendo zarpado, a senhora possa regressar ao trabalho no Hospital de Puebla e cuidar de seu filho e de Cândido.

O pedido de ajuda causou uma impressão profunda em Isabel. Balmis não era exatamente um homem que gostasse de demonstrar fraqueza, pelo contrário. Leu e releu várias vezes; aquelas linhas a afetavam, tocavam em sua parte mais sensível. Desde o retorno de Xochiltepec, não vira mais o bispo, transformado em um ser irreal: já não aparecia no hospital como antes nem passava pelo convento das freiras para conversar — sinais que Isabel interpretava como uma manifestação do remorso que devia afligi-lo. Aquilo a torturava. Pensar que, por causa dela e de seu comportamento, aquele homem de Deus que tanto a havia ajudado estava sofrendo despertava nela uma culpa difícil de suportar e a fazia se lembrar de seu passado de garota vulgar, de mulher vil que tivera um filho fora do matrimônio. Por isso, não hesitou nem um segundo em aceitar a proposta de Balmis. Considerou a única saída possível do atoleiro em que se metera. Partiria para a Cidade do México o mais cedo

possível, na manhã seguinte. Sem se despedir de ninguém, para que ninguém pudesse influenciá-la. Seu breve encontro com dom Ricardo havia sido de uma intensidade tal que agora ela estava consumida. Precisava de distância, de tempo para pensar, para acalmar a paixão. “Como podia amar um homem que só amava a Deus?”, perguntava-se para se convencer do absurdo daquela relação. A distância também serviria para que ele alcançasse certa serenidade. Desse ponto de vista, a petição de Balmis lhe pareceu um sinal divino, que lhes dava uma oportunidade de esfriar o ardor para que as coisas voltassem ao curso normal. E era ela quem precisava partir — ele estava na diocese, em seu território; ele não podia desaparecer.

A ideia de abandonar a vida em Puebla, onde seu filho e Cândido se instruíam e eram tão felizes quanto ela, destroçava-a. Teria dificuldade para deixar seu trabalho no hospital, constantemente desafiador e estimulante; viver sem o aroma dos pinheiros, sem a profusão de rosas, dalias e madressilvas, sem a expectativa de ver o bispo na catedral, de cruzar o olhar com aqueles olhos cinza nas reuniões da equipe de vacinação que eram realizadas periodicamente no palácio episcopal. Mas não era o momento de se lamentar nem de ficar nem de impor um peso e uma tensão que poderiam acabar com o que havia de mais importante. Antes de qualquer coisa, Isabel era mãe. Benito e Cândido tinham de permanecer no Colégio Carolino, que estava dando tão bons resultados. Ela retornaria ao motivo principal que a levava até lá, a um ambiente ao qual ainda pertencia: à expedição. Não apenas ajudaria Balmis com os preparativos, como também o acompanharia até Manila e retornaria com os garotos da Nova

Espanha, se Deus quisesse. No fundo, sentia que era esse seu verdadeiro dever: acabar o que havia começado, custasse o que custasse. A expedição era o destino que Deus designara para ela, e ela devia isso a Ele. Viu a situação com a clareza das águas cristalinas que jorravam das fontes de Puebla. Quando retornasse, se é que sobreviveria à viagem, o tempo teria aparado as arestas da paixão. Talvez pela primeira vez na vida, tinha certeza do que fazer e não hesitava. Era uma decisão sua, unicamente sua.

Eminência,

O doutor Balmis reclama minha presença na Real Expedição Filantrópica da Vacina, que deve partir na próxima semana rumo às ilhas Filipinas. Por razões demasiado extensas para que eu aqui vos explique, precisa urgentemente de mim na Cidade do México. Por isso, decidi partir amanhã ao raiar do dia na diligência. Confio a vós a guarda de Benito e Cândido, que, graças a vossa magnanimidade, estão se tornando homenzinhos de letras no Colégio Carolino. Se não for abusar de vossa generosidade, eu vos rogo que, agora que não estarei em Puebla, destinais a eles um quarto no colégio, em regime de internos, para que não precisem dormir no convento. Seriam, assim, mais bem vigiados, e a companhia de seus amigos compensaria a saudade que logicamente sentirão de mim, ao menos nos primeiros dias. Se pela, vontade de Deus, eu não sobreviver a essa viagem, tenho certeza de que os garotos estarão nas melhores mãos possíveis e de que vossa Excelência sabereis guiá-los pelas sendas da virtude...

Despedia-se dele da maneira mais distanciada possível, como se fosse uma carta oficial. Não podia correr o risco de que fosse lida por algum intermediário curioso. Estava certa

de que o bispo saberia ler nas entrelinhas e de que entenderia as razões que a levavam a assumir seu dever até o final. Ele também tinha suas obrigações, afinal.

Enquanto Isabel preparava sua bagagem na obscuridade do convento, tentava imaginar a reação dele ao ler a carta: estava convencida de que se sentiria liberto. Que, no fundo, ficaria agradecido. Quando o galo cantou, entrou no quarto dos garotos e, com toda a discrição, deu antes um beijo em seu filho e, então, outro em Cândido, que acordou de repente, espantado.

— O que houve? — perguntou.

— Nada, meu filho, vai dormir...

— Você vai embora, né?

Aquele garoto tinha o olfato aguçado, uma intuição especial diante do menor sinal de abandono.

— Ficarei uns dias fora, mas voltarei...

— E Benito?

— Não se preocupe, ficará com você. Como é mais velho, você precisa cuidar dele. Promete?

Assentiu com a cabeça.

— Espere — disse.

Levantou-se da cama e deu um abraço demorado em Isabel; no fundo, não queria soltá-la.

— Vamos, volte para a cama e durma.

— Você vai voltar? Jura pelo que há de mais sagrado?

Isabel fez o gesto procaz de marinheiro de que o garoto tanto gostava, cruzando os dedos e beijando-os. Enquanto Cândido voltava a dormir, foi embora, deixando com a freira torneira que estava de guarda a carta ao bispo. Caminhou pelas ruas de Puebla; fazia frio e ela tinha o coração apertado.

No alto do palácio episcopal, o bispo sofria de insônia. Mal despontavam os primeiros raios de sol, e ele, de pé junto ao vitral de seu aposento, viu a diligência deixar a cidade e subir penosamente a ladeira até chegar à estrada ampla, como acontecia todos os dias. Não imaginava que ali estava Isabel, causa de sua vigília.

Isabel levou alguns segundos para reconhecer Balmis. O homem estava descarnado, com a pele acinzentada, as sobrancelhas espessas, o cenho franzido e o cabelo mais ralo e despenteado que nunca. Mas, ao vê-la entrar, o rosto dele se iluminou; abriu um sorriso que dizia tudo. Chegariam a Acapulco a tempo, agora ele tinha certeza.

— Obrigado por sua presteza, senhora Isabel... — disse, deixando escapar um tique de boas-vindas.

Balmis abraçou-a com força. Com o médico, ela nunca sabia se os abraços eram inocentes ou se escondiam algo mais. Mas, dessa vez, não houve resistência quando ela se soltou do abraço. Balmis estava simplesmente agradecido.

— O doutor encontrou alguém para cuidar dos garotos durante a viagem? — perguntou Isabel.

— Ninguém como a senhora. No fim, contratarei vários enfermeiros.

— Então eu irei com eles.

— Até Manila?

— Sim.

— Essa é a melhor notícia que a senhora poderia me dar.

Fez-se um silêncio enquanto Isabel deixava o olhar vagar

pela janela com um ar triste.

— Melhor é o mar — disse quase em voz baixa.

— Perdão?

Isabel deu de ombros.

— Nada, não foi nada.

Balmis a analisou.

— Aconteceu algo em Puebla? E seu filho...?

— Benito e Cândido estão muito bem, a cargo do bispo. Eu venho porque... considero meu dever ajudar o doutor no último trecho. Precisamos terminar aquilo que começamos, não é?

Isabel passou os olhos pela sala, onde o material médico se misturava a varas de tecido, mapas, bolas de esparto, caixas e baús. Pôs as mãos à obra, pois era melhor se esquecer de si mesma.



A presença de Isabel eletrizou o grupo. Era, de fato, a peça que faltava para que a expedição engrenasse outra vez. Em apenas um dia de trabalho, transformou a casa em uma oficina de costura e contratou uma dezena de alfaiates e costureiras que se alternaram dia e noite para confeccionar as roupas das crianças. O próprio Balmis se dedicou a fabricar alcofas para transportar os víveres em uma caravana de mulas.

Quando Isabel foi ao patronato escolher um garoto para vacinar e levar a linfa até Acapulco, a ama informou-a de que Tomás Melitón acabara de falecer. O pequeno Tomás, aquele

com orelhas em abano e olhar assustado, que cuspiam melhor que um adulto, o único que a chamava de “mamãe” quando sentia medo, o que reagira tão violentamente à vacina que não deixou ninguém no barco dormir, o que acabara de completar quatro anos. Isabel precisou se isolar no gabinete do capelão diretor para se refugiar do olhar dos garotos. Soluçava com tanta intensidade que logo foi sacudida por convulsões. Então, quando se acalmou, sentiu frio e começou a tremer. Era tomada pelas lembranças, como a valentia do garoto ao receber a vacina quando estavam perto de Cuba.

“Não doeu nada”, foi o que ele disse a ela, orgulhoso.

A última coisa que fizera por ele foi transferi-lo para a ala feminina, “bem pouca coisa”, pensou Isabel, consumida pela culpa.

— Um dia, veio ao patronato uma senhora pobre e adotou Gerónimo, seu melhor amigo — contou a governanta. — Ele ficou sozinho e tristonho. Sonhava que alguém viria para levá-lo também, mas não teve jeito... Há dois meses, acordou com febre e calafrios, e atrás de suas orelhas surgiram umas verrugas avermelhadas. Ai, senhora, pensamos que era varíola, que a vacina não tinha surtido efeito nele! Mas não... Era sarampo.

Os pobrezinhos do patronato, inclusos os vinte e seis mexicanos que esperavam para ir às Filipinas, acompanharam o cadáver do pequeno Tomás pelo longo caminho até o novo cemitério, recém-construído fora da cidade, uma medida de saúde pública recomendada por Balmis em seu relatório ao vice-rei.

Isabel não voltou direto à casa-oficina. Pediu que a levassem para depositar flores na tumba do menino. Estava desolada, pois Tomás havia sido durante um curto período como um filho para ela. O vínculo que havia se formado entre ambos era tão sólido que a morte, ao rompê-lo, deixou-a gaguejando e desorientada.

Atribuía a morte de Tomás Melitón à corrupção e à venalidade dos maus vassalos do rei, porque seguiam mantendo os garotos naquele patronato degradante.

— Quando o vice-rei cumpriria sua promessa de colocá-los na Escola Patriótica? — perguntou a Balmis, com os olhos avermelhados.

Balmis ficou sem saber o que dizer. Estava abatido, também era corroído pela culpa. Lembrava dele como um garoto alegre e educado, do tipo que não causava problemas. Havia morrido longe da Espanha por causa de uma promessa frustrada do governo de seu próprio reino.

— Que vergonha — murmurou Balmis enquanto fabricava os alforjes que serviriam para transportar os mexicanos durante os trezentos quilômetros que os separavam de Acapulco.



Em 18 de janeiro de 1805, uma caravana de trinta cavalos mansos seguida por uma dúzia de mulas que carregavam a bagagem saiu da Cidade do México com destino ao Pacífico. As crianças iam nas alcofas, cada uma de um lado dos pangarés. À altura da serra Madre do Sul, contemplaram a esplendorosa baía de Acapulco, onde cresciam tamarindos, amendoeiras,

goiabeiras e mangueiras. Único porto natural de águas profundas em toda a costa oeste da América do Norte, Acapulco nascera como estaleiro, e ali haviam sido construídas as embarcações que ajudaram Francisco Pizarro em sua conquista do Peru, as galés de Cortés que descobriram as ilhas do mar Bermejo, onde eram abundantes as pérolas, e as de Legazpi, que chegaram às Filipinas e de lá tomaram posse em nome do rei, fechando assim o círculo do império onde o sol nunca se punha.

Ancorado nas águas azul-turquesa estava o *Magallanes*. Tinha os típicos castelos de proa e de popa e um bom comprimento de convés.

— Essa será nossa casa durante os próximos meses — disse Isabel aos garotos.

“Ou nossa tumba”, pensou. Conhecido como o *Galeão de Manila*, cobria a linha marítima mais longeva da história em uma viagem de ida e volta às Filipinas, que durava um ano e meio e era conhecida pelos enormes riscos e pelas complicações. De longe, parecia um castelo no mar.

Apesar de sua história grandiosa, Acapulco era um povoadinho de poucas e tortuosas ruelas esparramadas ao redor do forte de San Diego, que fora erigido para protegê-la dos piratas ingleses. A vida era de uma prazerosa monotonia, interrompida somente dois meses por ano, quando chegavam ou partiam as frotas da China e do Peru. Então, seus habitantes, na maioria negros e mestiços, espreguiçavam-se e viam a aldeia se transformar em uma grande feira de comércio conhecida no mundo inteiro. Em suas ruas, os membros da Real Expedição Filantrópica da Vacina se viram

rodeados de viajantes da Ásia e do Peru, de traficantes de ouro e prata, de comerciantes atraídos pelas sedas do Oriente, pelas pérolas e especiarias, pelos objetos laqueados, pelo arroz ou pela porcelana que trocavam por milho, prata, pimenta ou tomate do México. Os chineses transportados em liteiras abriam caminho em meio a uma multidão de indígenas andinos cobertos por chapéus de ponta alta, de religiosos de todas as ordens imagináveis, de índios vendendo ervas medicinais, de soldados, marinheiros, estivadores, prostitutas, curandeiros, charlatões e malabaristas.

Enquanto Isabel e os garotos se instalavam no casario do governador do porto, Balmis foi diretamente ao encontro do capitão Ángel Crespo para negociar o preço das passagens. Encontrou-o em uma casa de jogos, sentado no chão e recostado na parede com um copo de pulque na mão.

— Estava com medo de não chegar a tempo... Por que o capitão anunciou a saída de maneira tão apressada?

— Porque estamos sempre lotados, assim não precisamos recusar os que não chegam a tempo.

Cuspiu no chão e prosseguiu.

— Comunico ao doutor que nos atrasaremos três dias, porque estou à espera de frades capuchinhos que vêm da Guatemala.

— Bom, isso nos dará tempo para vacinar.

Balmis expôs as duras e cruéis penúrias sofridas pelos garotos durante a travessia do Atlântico e pediu a ele que os garotos da Nova Espanha encarregados de transportar a vacina até o arquipélago filipino fossem comodamente

alojados.

— Já disse ao doutor que o galeão está cheio.

— Mas temos preferência, por ordem direta de sua Majestade.

— Eu respondo ao vice-rei, é ele meu superior.

— Sim, eu sei. Antes o capitão nos aceitou sem problemas, então disse que não podia fazer nada sem a permissão do vice-rei.

— Poder, sempre se pode.

Foi então que Balmis se irritou.

— Bem, quanto é a passagem?

— Quinhentos pesos por pessoa.

Era uma quantia exorbitante, que deixou Balmis estupefato.

— O capitão não pode cobrar dos garotos o mesmo que cobra dos adultos.

— Ocupam o mesmo espaço; arrisco a dizer que comem mais que os adultos, pois estão em fase de crescimento.

— Não, não é possível. O que me pede é... é descabido.

— É o preço. Ninguém vai obrigá-los a embarcar.

“Esse é da mesma laia que Iturrigaray”, disse Balmis a si mesmo. “Outro cínico.”

— Tem que me dar um desconto pela passagem dos garotos, caso contrário...

— Volte amanhã, doutor — interrompeu Crespo. — Verei o

que posso fazer conforme os lugares que sobrarem.

No dia seguinte, Balmis fechou negócio depois que Crespo aceitou reduzir a trezentos pesos o preço da passagem de cada garoto. Contrariado, Balmis pagou onze mil e trezentos pesos — uma fortuna; fez isso porque não tinha outra opção. Sentia-se estafado, convencido de que parte daquele dinheiro acabaria nos bolsos do vice-rei.

Três dias antes do embarque, recebeu uma última mensagem de Iturrigaray, que ordenava que levasse consigo todo o equipamento da expedição e retornasse à Europa direto das Filipinas. Informou-o de que o Erário real não podia cobrir os gastos de seu retorno ao México. Caso Balmis decidisse voltar à Nova Espanha, teria de fazê-lo por conta própria. Essa foi a despedida “oficial” de Balmis, sem nenhum reconhecimento nem qualquer demonstração de apreço. O vice-rei mandava que deixasse o reino e não regressasse.

Já estava acostumado ao escárnio do vice-rei e a levar coices das mais altas autoridades. Mas aquele último golpe foi especialmente sutil, porque atingiu-o onde mais doía.

— Em Manila, nos separaremos em definitivo — disse a Isabel. — A senhora retornará com os garotos da Nova Espanha e reaverá seu filho. Eu voltarei diretamente à Europa de algum porto da China.

Sentiu uma pontada no coração. Seu inimigo fizera picadinho de seu sonho parte infantil, parte disparatado de voltar a Madri com Isabel para compartilhar a glória da expedição.



Embarcaram em 7 de fevereiro de 1805, mas a falta de vento atrasou a partida. Trancado em sua cabine, Balmis permaneceu o dia inteiro sozinho, pensando, rememorando a trajetória, fazendo um balanço da expedição. Apesar das decepções, das humilhações do vice-rei, da insensibilidade do capitão e dos enfrentamentos com os servidores corruptos do rei, podia ficar orgulhoso do que conseguira na Nova Espanha. Em pouco mais de sete meses, ele e seus ajudantes visitaram as principais cidades e muitos dos povoados do vice-reinado. Havia impulsionado a criação de uma rede de clínicas gratuitas sob a direção de autoridades civis e religiosas e de médicos bem instruídos a respeito das últimas técnicas de vacinação e conservação da vacina. Um sistema de organizações locais interligadas garantia sua existência por meio da linfa conservada e dos portadores humanos. Quantos teriam vacinado? Cinquenta mil, cem mil? Que diferença fazia? O importante era a infraestrutura estável que ali deixaram: as equipes de vacinação, as redes de centro e os espaços sanitários onde era aplicada a vacina. “Não há dúvidas de que padecemos muitíssimo nessa última visita e de que se fragilizou a saúde de alguns dos que haviam resistido às penúrias da última viagem”, escreveu Balmis ao ministro Caballero a bordo do *Magallanes*, um dia antes de zarpar. “Faltam-me recursos para explicar o mérito tão notável de todos os indivíduos da expedição, entre os quais merece especial atenção Isabel, que se distingue pelo cumprimento de seus deveres e pelo amor e pelo carinho que dedica às crianças, todas, adotando-as como filhos; é com ânimo varonil que ela vai com a expedição às Filipinas para não as perder de vista, enquanto seu filho e Cândido permanecem em

Puebla sob os cuidados do bispo.” Terminava a carta pedindo, “a fim de justificar ao público a correção com que fiz valer minha comissão, atendendo aos serviços prestados e para robustecimento de minha autoridade, que se me conceda a Ordem de Carlos III, dispensando-lhes as provas, ou melhor, as honras do Conselho das Índias”. O pedido não foi atendido, provavelmente por causa de um relatório do vice-rei em que este tentou se esquivar da responsabilidade, descrevendo Balmis como uma vítima de seu próprio “atropelamento e capricho”.

Enquanto os garotos corriam pelo barco com vontade de descobrir tudo, Isabel se instalou em sua cabine — havia conseguido uma particular — e começou a escrever. Tinha medo de morrer na viagem, e a curiosidade pelo desconhecido já não atiçava sua curiosidade como na partida de La Coruña. Vivia a perspectiva de passar outra temporada naquele barco como uma penitência, como uma passagem pelo inferno. Mas fazia isso para se redimir de seus pecados, ainda que seu ânimo fraquejasse. Como não podia falar com ninguém nem revelar a ninguém os segredos de seu coração, antes que o barco zarpasse decidiu confidenciar-se a um velho amigo a quem devia uma carta: “Aproveito minha curta estadia em Acapulco, de onde partem os barcos-correios em direção ao Peru, para responder a sua missiva de Lima e lhe enviar meus mais sinceros desejos de recuperação”, escreveu a Salvany. “Estou a ponto de partir rumo às ilhas Filipinas. É uma viagem longa e perigosa e, se Deus me permitir sobreviver, retornarei a Puebla dentro de alguns meses para reencontrar meu filho, que ficou sob os cuidados do bispo. O doutor tem razão quando diz que acreditamos ter vencido ao obtermos um triunfo, mas que uma nova batalha sempre se apresenta. A batalha em que me encontro é uma batalha perdida. Mas o coração não conhece triunfos ou derrotas. Por isso, vou até o

outro lado do mundo. Faço essa confiança pela amizade que me une a sua pessoa, a quem admiro mais que ninguém nesta expedição. Desejo-lhe o maior dos sucessos, que tenho certeza que o doutor já alcançou, e que no fim do caminho encontre a saúde de que tanto precisa e o sossego que tanto almeja. Enquanto isso, seguirei seu conselho, o de aceitar a luta, a dúvida, e continuarei avançando, superando um obstáculo após o outro, ainda que haja momentos em que isso não pareça possível...”

Era uma carta crítica e clara ao mesmo tempo, que chegou às mãos de Salvany muito tempo depois, quando já havia realizado as campanhas mais difíceis na cordilheira andina, onde deixou uma magnífica impressão. As administrações municipais de Puno, Oruro e La Paz agradeceram-no pelo trabalho realizado e solicitaram que fosse dado a ele o título de secretário honorário. Mais envolvido com a população indígena que Balmis, por considerá-la protetora e acolhedora, Salvany havia avançado muito lentamente devido à difícil topografia e porque se interessava pelos conhecimentos das populações autóctones, por seus costumes e seus modos de viver.

Recebeu a carta em La Paz, primeira cidade da Audiência Real de Charcas, pertencente ao vice-reinado de Buenos Aires, situada a três mil e seiscentos metros de altitude. Havia se determinado a alcançá-la, apesar da recomendação do médico de Arequipa que tratou de sua afecção recorrente nos pulmões. Havia alertado-o de que, não sendo possível uma cura radical de tão cruel doença, a viagem seria demasiado penosa. Mas Salvany fez pouco caso das recomendações e continuou seu

percurso, cruzando vales, cordilheiras e rios e se expondo a sol forte, chuvas e nevascas e a mudanças de temperatura que provocaram nele uma grave afecção reumática. Além disso, ao chegar a La Paz, devido à altitude, começou mais uma vez a sangrar pela boca. Tinha sempre à mão o lenço vermelho com que lhe presenteara Isabel, o qual apertou com força ao terminar de ler a carta. Não queria se deixar levar pela emoção. Entendeu o que não era dito explicitamente, que o coração de Isabel estava sofrendo por um amor que não tinha nada a ver com ele. Como lhe parecia ingênuo agora o sonho a que se havia aferrado tanto, reunir-se com ela em um lugar ensolarado e de clima seco onde se dedicariam a curar pessoas! O tempo era uma onda gigantesca que arrasava tudo, a saúde, o amor, e agora varria suas últimas ilusões. A carta levou-o de volta à realidade de homem doente, solitário e à mercê de uma natureza hostil, enfrentando a árdua tarefa de salvar um continente de um mal bíblico.

Depois de ler a carta, seu estado piorou. Perdeu o apetite e precisou chamar um médico.

— O doutor se queixa de padecer de febres terçãs, crupe e o que mais?

— Tenho dor no peito. E também dói aqui — disse, apontando para o coração.

O médico o auscultou.

— Aí é o coração.

— Também está doendo.

— Vejamos, vamos distinguir os sintomas falsos dos verdadeiros...

— Todos são verdadeiros, doutor.

— Não duvido de sua sinceridade, Deus me livre e guarde, mas o doutor sabe, como médico, que alguns sintomas se devem mais ao estado de espírito que às afecções... As febres terçãs se devem provavelmente à malária.

— Sim, e crupe à difteria.

— E a dor no peito à pneumonia. Mas o coração bate com regularidade — disse, colocando o estetoscópio sobre a mesa.

— No entanto, sinto dor.

— Deve ser esgotamento geral.

— Deve.

O sentimento de solidão extrema em que mergulhara com a leitura da carta era a origem de sua dor, mas não podia dizê-lo ao médico.

Na verdade, Salvany se deu conta de que havia muito território a percorrer, de que não poderia seguir, tampouco retornar à Espanha. Estava em um beco sem saída. A única solução que lhe restava era obter um cargo público na América, escolher aquele lugar de clima temperado, saudável e moderadamente seco para passar o resto de seus dias, sozinho, mas com dignidade, sem estar vinculado à Expedição Filantrópica. Além de ter perdido a visão de um olho no rio Magdalena, havia deslocado o pulso em seu trânsito pela cordilheira e precisou imobilizar.

— Não me serve para outra coisa senão para vacinar e escrever — dizia.

De modo que escreveu ao ministro José Caballero,

solicitando que seu pedido fosse concedido, pois ele se encontrava tão doente que lhe seria impossível retornar à Europa. Mas a resposta não chegava nunca. Ponderou que, para a Corte, alvoroçada com a desastrosa situação política provocada por uma possível invasão de Napoleão, seu caso não merecia consideração. No entanto, continuou enviando escritos em tom cada vez mais desesperado, insistindo na necessidade de que a monarquia lhe destinasse algum cargo de relevância que lhe permitisse recuperar a saúde e endireitar sua vida.

O que fazer diante do silêncio da Corte? O que fazer se renunciasse ao trabalho na expedição? Deixar de receber o salário e morrer lentamente de fome em alguma cidade do altiplano? Descer até a costa e suplicar por um emprego na Universidade de Lima? Ficou alguns dias pensando em sua situação. Deu-se conta de que já não podia ignorar o mal que o assolava. Quanto lhe restava de vida? Uma semana, um ano, dois, dez? Havia se recuperado tantas vezes que se acostumara a conviver com a doença, como se fosse uma companheira caprichosa e cruel, mas que, quando chegava ao extremo, sempre o perdoava. Dava por certo que, após uma crise, ressuscitaria. Sua vontade de viver, a paixão por seu trabalho, seu afinco e a curiosidade infinita que animava seu espírito, tudo aquilo que constituía o motor de sua existência incitava-o a seguir em frente. “Até quando?”, perguntava-se agora. Não era melhor continuar com o trabalho profilático que estava realizando que se afastar do mundo e esperar a morte? Se já não existia a possibilidade de um reencontro com Isabel, que sentido havia em se retirar para um lugar ensolarado e seco? Não era melhor ir até o final, morrer salvando os

demais, dar a vida em prol da saúde pública? De La Paz, com sua mão deformada, escreveu uma carta para a Espanha informando que continuaria com a expedição e anunciando que se dispunha a seguir até Buenos Aires.

O Magallanes não era uma embarcação especialmente fretada para a expedição, como a *María Pita*, mas um barco de passageiros. Estava abarrotado de militares, comerciantes, setenta e cinco frades, Balmis e seus seis assistentes, além dos vinte e seis garotos e da tripulação. Nos porões, amontoava-se uma quantidade heteróclita de objetos, sobretudo prata procedente da venda de produtos orientais e mais prata para garantir o pagamento dos salários dos oficiais das ilhas, lingotes de ouro, pesos cunhados, tatus procedentes de Oaxaca, cacau, café, baunilha, açúcar, agulhas de ponto, sabão, baralhos e chapéus. A carga era tão copiosa que havia sido reduzido o espaço para os viajantes.

— As crianças não podem continuar dormindo aqui — disse Isabel.

— Vai ser preciso, pois não há mais lugar. Ordens do capitão.

Era outra reviravolta nos maus-tratos dispensados aos expedicionários mais vulneráveis. Os jovens eram obrigados a dormir no chão do navio, ao lado do paiol, o extremo da popa da primeira área coberta do navio, destinado principalmente ao armazenamento de apetrechos do contramestre. O lugar estava imundo. Não havia catres nem camas, e Isabel

acomodou as crianças como pôde no chão, onde dormiam amontoadas, virando e se batendo umas contra as outras devido ao sacolejo contínuo da embarcação. De vez em quando, um garoto acordava gritando, aterrorizado, porque havia visto um rato enorme deambulando em busca de resto de comida.

— Deram aos garotos carne de vacas mortas por doença — protestou Isabel com Balmis.

— Não só para os garotos — disse Balmis —, temo que para nós também. Mas também dão feijão, lentilha e um pouco de doce, não?

— Eles estão aguentando porque são muito dóceis e, não raro, porque a piedade de alguns passageiros lava-os a doar-lhes biscoitos.

— Nossa comida não é muito melhor.

— E o doutor não fará nada?

— Sim, claro... — balbuciou Balmis, surpreso com o tom agressivo de Isabel.

A verdade era que Balmis estava cansado de lidar com figuras como o vice-rei ou Crespo, de dar murros em ponta de faca. Ele também se sentia desgastado. Mas Isabel estava indignada e sabia como incitá-lo.

— Sabe quanto pagaram os passageiros que ocupam as cabines do castelo de popa, as melhores?

— Mais do que nós.

— O doutor se equivoca. Menos que nós. Pagaram duzentos pesos para viajar em condições melhores que a sua, que pagou

quinhentos pelos adultos, sem falar nos garotos, trezentos pesos para viver com os ratos! Pois é...

Isabel não encontrava palavras. Estava furiosa como poucas vezes Balmis havia visto.

— Quem disse isso à senhora?

— Os monges capuchinhos. Em um barco, ficamos sabendo de tudo.

— Falarei com Crespo.

Agora Balmis também estava enraivecido. Tinha pavio curto e estava exasperado porque não conseguia se livrar das longas garras do vice-rei, que, pelo que intuía, estava de conchavo com Crespo. O médico caminhou pela área coberta até o posto do piloto, onde Crespo conversava com alguns marinheiros. Balmis o interrompeu e puxou-o em sua direção para que os demais não escutassem. Em seguida, encarou o homem.

— O capitão exigiu a soma exorbitante de onze mil e trezentos pesos pela manutenção da expedição, e nos trata pior que os animais.

— O doutor não poderia queixar-se de sua cabine...

— Me refiro aos garotos. Havíamos combinado que...

Crespo o interrompeu: — Doutor, todos puderam embarcar graças a minha intervenção junto ao vice-rei, que não queria sobrecarregar a embarcação. Deveria ficar agradecido por isso, não cuspir reprimendas contra minha pessoa. O vice-rei já me avisou de sua arrogância e de seus maus modos, mas saiba que aqui quem manda sou eu — disse, apontando para um

trabuco que carregava no cinto.

Crespo, acostumado a lidar com piratas, não cogitava se deixar intimidar por alguém como Balmis, que não teve outro remédio senão baixar a cabeça e munir-se de paciência.

As crianças foram deixando de ser dóceis; o confinamento prolongado despertava um lado selvagem. Quando não estavam assistindo às aulas ministradas por Isabel, enfiavam-se onde não deviam e interferiam nas tarefas dos marinheiros. Era impossível manter vinte e seis garotos quietos durante o dia todo. Quando chegava a hora de dormir, recusavam-se a entrar na área coberta — e com razão. Diziam que os ratos estavam desprezando os restos de comida.

— Agora mordem nossos pés quando estamos dormindo — queixou-se um deles.

Como não podiam ficar do lado de fora, Isabel precisava usar seus dotes de persuasão para convencê-los a ir dormir. Chegou a ter mais dificuldade com eles do que tivera com os galegos, pois esses garotos não haviam sido criados por ela e não a conheciam tanto. Ela não se queixava. Pensava em seu filho, na sorte que fora poupá-lo daquela experiência. Um dia, Isabel se deu conta de que haviam ocorrido vacinações artificiais; os garotos recém-vacinados estavam contagiando os demais. Adaptou sua cabine para que os dois garotos portadores pudessem dormir com ela, protegendo, assim, os demais do contágio. Disse isso a Balmis, que explodiu outra vez.

— Com o vaivém do barco, sete garotos foram contagiados acidentalmente! — gritou para Crespo no convés. — É um

percalço que pode acabar com a missão! Querer os garotos bem alojados, em um lugar ventilado, não era capricho, era necessidade!

— Então troque com eles, dê a eles sua cabine e peça aos médicos e aos enfermeiros que façam o mesmo, porque não há mais lugares.

— Pedirei que obriguem o capitão a nos restituir o preço excessivo que exigiu de nós.

Mas Crespo já não estava escutando. Havia dado meia-volta e dava ordens a seus marinheiros: — Preparem-se para guinada a bombordo. Soltem as escotas!

Balmis se reuniu com Isabel, não sabia como aliviar sua indignação.

— Como sempre, os garotos são os mais prejudicados — disse ela.

— Se sofrermos algum percalço e a navegação se estender, ficaremos sem fluido... é um desastre.

— Não antecipe os acontecimentos. Mas sinto a falta de Pedro del Barco. Ele era um cavalheiro, não esse miserável.

Novamente, Balmis escreveu ao ministro Caballero, relatando todos os acontecimentos, contando que teriam morrido de fome se os passageiros não houvessem compartilhado a comida que levavam consigo. Continuava com o pedido de que lhe restituíssem o preço excessivo que Crespo havia exigido “por uma acomodação indecente e miserável”. Planejava dar uma cópia da carta ao governador de Manila assim que chegasse.

Mas o governador Rafael María Aguilar y Ponce de León não foi recebê-lo em 15 de abril de 1805, quando o *Magallanes* ancorou na baía de Manila após uma travessia que durou menos que o previsto graças aos ventos favoráveis. O governador era subordinado a Iturrigaray e havia sido prevenido quanto ao caráter explosivo do médico alicantino, cuja fama o precedia... e o prejudicava. Balmis teve de procurá-lo em seu palácio. A primeira coisa que fez foi pedir-lhe que intercedesse para que o capitão lhe devolvesse os oito mil e seiscentos pesos, que era o que havia cobrado a mais. Mas o governador desconversou, não tinha intenção de se envolver naquele assunto, não queria ter problemas com os grandes comerciantes nem com todos os interesses que orbitavam o Galeão de Manila. O que fez foi autorizar que as vacinações comessem no dia seguinte, primeiro no palácio, depois na cidade.

Passaram-se mais de dois meses desde a partida de Acapulco, e a visão das colinas verdes rodeando intramuros, a cidade amuralhada, o coração de Manila, onde viviam e trabalhavam as famílias abastadas e os oficiais reais, os milhares de palmeiras em praias de areia branca, as canoas dos nativos — homens risonhos de pele acobreada — que rodeavam o galeão, o ar carregado do cheiro de especiarias, toda essa visão deixou os passageiros encantados. Isabel estava satisfeita porque os vinte e seis garotos haviam chegado vivos, mas, quando viu o alojamento que o governador havia preparado para eles, sentiu seu ânimo desmoronar. Era um velho edifício extramuros, em uma rua que era na verdade um barral nauseabundo, próximo ao portão chinês de Parián, na parte baixa e insalubre da cidade, onde chineses, japoneses e malaios conviviam com nativos e colonos espanhóis pobres. Como a atormentava a saudade! O que sentia não era falta de sua terra, a Galícia, mas uma falta terrível de seu filho, da vida que levara em Puebla, da terra que a havia acolhido e que agora sentia ser sua. De repente, a perspectiva de passar vários meses naquela cidade tão diferente de todas as que havia conhecido era um fardo pesado demais.

Precisaram da ajuda do deão da catedral, dom Francisco

Díaz Durana, e do sargento-mor de milícias para encontrar um alojamento melhor em um convento intramuros, cujo terraço amplo coberto de folhas de palmeira proporcionava um excelente dormitório comunal. Dali, entre o projeto quadriculado das ruas, similar ao de outras cidades fundadas pelos espanhóis na América, podiam discernir as altas torres, o forte colossal e seus canhões, a magnífica catedral e as igrejas, os palácios privados e públicos, as praças, os hospitais e a Universidade Real e Pontifícia de Santo Tomás, a primeira universidade da Ásia. Escutavam os pregões da rua, algumas conversas em línguas desconhecidas e o ruído de carruagens sobre os paralelepípedos. A área intramuros era o centro do governo, da educação e do comércio das Filipinas; ao mesmo tempo, era o símbolo da força do poder real.

Em 16 de abril, no dia seguinte à chegada, Balmis vacinou no palácio os cinco filhos do governador. Fez isso com reticência, porque achou que teria sido mais eficaz realizar essas vacinações em um lugar público. Mas o governador se opôs; misturar-se com o povo não fazia parte de seus costumes. Balmis, já familiarizado com a tibieza das autoridades, e mesmo com sua franca oposição, concordou. Então, deslocou-se até uma sala da direção, oferecida pelo deão, e começaram a vacinar o povo. Mesmo sem apoio concreto do governador ou do bispo, que achavam que o procedimento não servia para nada, o sucesso da campanha foi imediato e duradouro.



Quatro meses depois, haviam inoculado nove mil pessoas. Os membros da equipe eram forçados a se revezar, porque

sempre havia alguém doente. Isabel foi acometida por uma disenteria que a deixou de cama por mais de duas semanas, sob os cuidados das freiras do convento, que também cuidavam dos garotos. O clima quente e insalubre do trópico e as tormentas dos mosquitos faziam vítimas. Quando a campanha de Manila chegou ao fim, Balmis enviou seu sobrinho, o enfermeiro Francisco Pastor, e o enfermeiro Ortega para percorrer as ilhas próximas, onde a varíola havia causado muitos estragos. No sul, nas ilhas Visayas, aconteceu uma coisa que gerou surpresa e comoção. A população de lá estava em guerra com os espanhóis desde o início da conquista, mas, ao ver a chegada Francisco Pastor e de Ortega e saber que eram enviados de seu soberano com o propósito de levar a eles a saúde e a vida, os chefes rebeldes depuseram as armas. O momento da visita não poderia ter sido mais acertado, pois os habitantes estavam sendo dizimados pela epidemia mais virulenta que já haviam testemunhado.

Quando Balmis terminou de estabelecer em Manila o regulamento para a perpetuação do fluido, também ficou doente, como se seu corpo decretasse o fim de sua missão. A disenteria sanguinolenta havia se tornado crônica. Acometido pela febre alta, ficou vários dias entre a vida e a morte. Em sua agonia, dizia coisas desconexas que tinham a ver com todas as batalhas travadas para organizar e financiar a expedição, as decepções em Porto Rico e na Nova Espanha, a estafa do capitão Crespo... Isabel passava os dias no quarto da diretoria, onde haviam instalado o médico. Era a melhor enfermeira que poderia ter, a mais preparada. Buscava acalmá-lo dizendo que a missão seguia em frente sob a responsabilidade dos enfermeiros e dos praticantes, enquanto passava um pano

molhado com chá de camomila na testa, à espera de que um galeno chegasse para fazer uma sangria ou administrar um purgante de dormideira. Mas nem as sanguessugas nem as beberagens nem os medicamentos surtiam efeito.

Chegou a ficar tão debilitado que as freiras solicitaram a presença de um cura para lhe dar a extrema-unção. Mas Isabel se opôs taxativamente, porque sabia que isso implicaria o desmoronamento absoluto do espírito combativo de Balmis. Haviam percorrido meio mundo com crianças para salvar milhares de pessoas, e ainda não era o momento de o diretor sair de cena. Sua experiência com doentes lhe dizia que Balmis tinha a chama da vida acesa em seu interior. Só o que precisava ser feito era cuidar dele, ter sempre à mão o cozido das folhas de goiabeira, dar-lhe limonada concentrada com fécula, alimentá-lo com caldo de espinafre fervido com alho, rezar e esperar que se curasse daquele primeiro golpe da velhice, e não afundar sua moral assustando-o com a morte. A firmeza de Isabel surpreendeu as freiras — algumas se escandalizaram —, porque até então ela se mostrara acomodada, até mesmo flexível.

Durante o mês de maio, de fato, Balmis voltou pouco a pouco à vida, tal e qual pressentira Isabel. Recuperou forças a ponto de conseguir conversar um pouco e discorrer sobre o futuro. Estava puro osso, tinha os olhos febris e a respiração cansada. Enquanto ela o abanava — era o pico da estação quente —, Balmis se preocupava em como organizar o retorno com os garotos ao México. Isabel tinha uma vontade imensa de retornar, ainda que a ideia de viajar novamente no galeão a espantasse.

— A senhora não precisa se preocupar, porque Crespo não é o encarregado pelo retorno. Será outro capitão, de quem me falaram coisas boas. E o doutor Gutiérrez irá com a senhora.

Fez-se um silêncio. Isabel olhava pela janela; o vento movia as palmeiras e, no céu, nuvens espessas e escuras estavam prestes a despejar um aguaceiro.

— Uma vez na Nova Espanha, o que a senhora fará, voltará a trabalhar no Hospital de Puebla?

— Não sei — respondeu Isabel.

Era verdade. Não sabia o que seria de sua vida. Ela passara todos aqueles meses ruminando sobre o futuro, sem ver uma saída clara. Por um lado, queria que seu filho estudasse o máximo de tempo possível; por outro, sabia que não poderia morar em Puebla. Aquela viagem não servira para esquecer dom Ricardo. Pelo contrário. Apegou-se à sua memória como um naufrago que agarra uma madeira flutuante. Pensava vê-lo nas sotainas dos prelados que entravam e saíam dos conventos e das igrejas de intramuros. Consolava-se ao pensar que pelo menos havia conhecido o amor uma única vez na vida, porque sua aventura juvenil com Benito Vélez e seu amor platônico com Salvany já estavam tão longe que não os considerava verdadeiros. Aquela caldeira de felicidade com o bispo de Puebla agora cobrava seu preço, fazendo-a suportar o peso de enfrentar sozinha seu destino.

— Volte à Espanha e reclame sua parte da glória, pois a senhora merece.

— A La Coruña?

— Não, a Madri, onde poderá arranjar uma boa

acomodação e trabalho em um hospital. E onde Benito e Cândido continuariam os estudos.

— Na Espanha, sempre serei uma desencaminhada.

— Não. O que a senhora fez pela humanidade a redime, já lhe disse muitas vezes. Tem de acreditar em mim.

O grandiloquente Balmis não conseguia convencê-la. Como poderia, se desconhecia seu segredo? Mas conseguia obrigá-la a pensar. Balmis insistiu tanto que ela acabou dizendo: — Deixe-me pensar, doutor. Talvez eu acabe em Madri.

Quanto mais a conhecia, mais Balmis a admirava. Demorou para se dar conta de que era uma companheira perfeita, com a qual tinha muita cumplicidade e que, além disso, aguentava seu humor encrespado, seu caráter tirânico, sua fala enfática, suas injustiças e seu autoritarismo. Era tão egocêntrico que se convenceu de que ela estava deslumbrada por ele e de que a convenceria a voltar à Espanha consigo.

— Precisa pensar em mudar de clima, doutor — disse-lhe Isabel. — Isso é o mais urgente. Não deve permanecer muito tempo em Manila. Com as monções, a temperatura vai subir ainda mais, e isso não lhe convém.

— Esse clima não convém a ninguém. Ouvi dizer que no sul da China o ar é temperado e mais seco. Partirei assim que conseguir ficar em pé... Talvez lá a medicina local consiga fazer com meu corpo o que nossa ciência não conseguiu.



Quatro semanas depois, sentindo-se melhor, o otimismo retornou e Balmis começou a ver que sua estadia na China poderia ser outra excelente oportunidade para difundir a

vacina e até mesmo para aprimorar os interesses comerciais e políticos espanhóis na região. Para isso, só precisava de três ou quatro garotos e de um pouco de dinheiro da Corte. Balmis pediu autorização ao governador, e este a concedeu *ipso facto*. Desejava que deixasse Manila tanto quanto Iturrigaray havia desejado que saísse do México. As relações azedaram quando Balmis insistiu que o governador, em sua condição de intendente da Fazenda real exigisse os oito mil e seiscentos pesos do capitão Crespo pelo abuso no custo das passagens, além de uma quantia para repor o vestuário dos garotos mexicanos que deviam retornar à Nova Espanha. Aguilar fugiu do assunto.

— É cedo demais para isso, porque o próximo galeão só sairá daqui uns meses.

A partir daquele momento, só se comunicaram por cartas, reproduzindo o padrão que havia se estabelecido entre Iturrigaray e Balmis, no México. Envolveram-se em uma troca de mensagens nas quais Balmis insistia em suas reivindicações, que julgava justas e necessárias, e Aguilar recomendava que se dirigisse a seus superiores, ou seja, a ele. Lembrou-o de que era o único e legítimo representante do poder supremo do governo do rei da Espanha naquelas ilhas — e, como tal, era o chefe em todas as ordens da administração pública — e que se negava a reclamar qualquer quantia ao capitão Crespo. Repetia-se o conflito entre o enviado do rei, Balmis, e o representante do rei, o governador. Como já era de costume, antes de deixar Manila, na carta que o médico escreveu à metrópole, não omitiu reprimendas contra Aguilar por não tomar qualquer providência para

convocar a população e recomendar a vacina. Também arremeteu contra o bispo, antes de concluir que “a única coisa que o governador achou propícia foi me conceder um passaporte para seguir a Macau, de lá a Cantão e finalmente à Europa, em uma embarcação neutra, deixando a expedição a cargo de dom Antonio Gutiérrez, meu ajudante, e de Isabel Zendal, para que retornem ao México e depois à Espanha”. O governador se recusou a usar sua autoridade para encontrar os três garotos, alegando que era um problema do diretor da expedição. Foi o cura da paróquia de Santa Cruz quem arrumou três jovens para conduzir o fluido até a China. Antes de partir, passou seu cargo de diretor a Antonio Gutiérrez, aconselhando-o a encomendar todo o necessário para a viagem de retorno, incluindo as reposições para a enfermaria e roupas para os garotos, e cobrar tudo da Fazenda real de Manila. A Isabel, deu instruções para que entregasse os vinte e seis garotos ao vice-rei Iturrigaray para que este os devolvesse a seus respectivos pais.

Quando chegou a hora de embarcar, dirigiram-se a um pequeno mole no porto. Enquanto os comerciantes chineses terminavam de estivar a embarcação que levaria Balmis e os três garotos filipinos até a fragata *Diligencia*, ancorada na baía, Isabel permaneceu ao lado do médico.

— Não se esqueça de tomar a água de arroz. Coloquei cânfora na sacola dos medicamentos para que o doutor misture com álcool e unte o ventre quando tiver um de seus ataques. E erva-cidreira para infusões. O doutor sabe que convém beber bastante.

— O que será de mim sem a senhora?

— O senhor se cuida muito bem sozinho, doutor.

— Que... quero lhe agradecer...

Interrompeu suas palavras piscando forte.

— ...por ter afugentado aquele cura...

— Que cura?

— Aquele que vinha para me dar extrema-unção.

Isabel riu.

— O senhor ainda tem muitos combates pela frente, doutor.

O médico olhou para ela com ternura, como nunca havia feito antes.

— Acha que é possível combater sozinho? Não precisamos de muitos para vencer uma guerra?

Isabel se limitou a sorrir. Então, disse: — Eu também preciso agradecer-lhe; não me perdoaria se deixasse de fazê-lo caso, por quaisquer circunstâncias, não voltemos a nos ver.

— A senhora não tem nada que me agradecer — disse Balmis.

— Sim, doutor, obrigada. Agora tenho uma vida, uma vida que é minha.

O médico fez um gesto com a mão, como que fazendo pouco caso do que havia ouvido. Não podia suspeitar como era atribulada e complicada aquela vida da qual Isabel falava. Ele permaneceu calado, sacodido por uma série de tiques que traduziam sua emoção. Subiu no barco e se virou para a ela.

— Eu também quero lhe dizer uma coisa.

Custava-lhe encontrar as palavras.

— Quero que a senhora saiba...

Ele a encarava, embora piscasse com força.

— Quero que a senhora saiba que, ainda que esteja fora do alcance de meus olhos, nunca estará longe de meus pensamentos.

Isabel sabia o esforço sobre-humano que Balmis fizera para soltar uma frase como aquela. “A vida muda todo mundo”, pensou ela, “ainda mais quando era tão intensa, tão concentrada como na viagem da expedição”. Ela deixara de ser uma mulher submissa e aprendera a se afirmar; Balmis, a enfrentar seus sentimentos.

— Espero vê-la em Madri — disse ele, já no barco, enquanto se afastava do cais.

— No ano que vem, se Deus quiser.

— Deus vai querer... Deus vai querer... — Foi o que ela escutou Balmis dizer de longe, acenando com a mão.

Era 2 de setembro de 1805 quando a fragata *Diligencia* deixou a baía de Manila. Isabel permaneceu no cais um longo tempo, até que a embarcação desapareceu na linha do horizonte.



Depois de uma agradável travessia de sete dias, Balmis estava em frente à costa da colônia portuguesa de Macau. O vento refrescou subitamente, e, como soprava de proa, a embarcação não conseguiu alcançar a baía. O mar se

transformou em um imenso caldeirão efervescente. Em poucos segundos, foram atingidos por um tufão, e o vendaval ficou tão violento que desprende a vela-mestra e a enxárcia, destroçou os botes salva-vidas, arrancou o pau do traquete e varreu do convés vinte marinheiros, cujos corpos foram engolidos por um mar esbravecido. Trancado em sua cabine, Balmis achou que tampouco sobreviveria, que era questão de horas, talvez de minutos, até que se abrisse na fragata uma entrada de água e ela fosse a pique. Mas, no fim, a embarcação ficou à deriva, desgovernada. Dessa vez, o médico percebeu a ironia da vida: ele, que havia partido com o propósito de restabelecer sua saúde quebrantada, viu-se diante da morte. “É o fim”, disse a si mesmo. Passaria a fazer parte das estatísticas de desaparecidos em naufrágios nas viagens transoceânicas. De repente, toda a glória que merecia, pela qual ansiava e que esperava receber ao retornar à Espanha, pareceu-lhe insignificante. A vaidade não tinha vez diante do além. Para combater o medo, refugiou-se em pensamentos com Isabel e rezou para que não acontecesse com ela o mesmo em seu regresso à Nova Espanha. Amaldiçoou-se por não ter dito o quanto precisava dela. Agora se dava conta, com a nitidez que tudo adquire aos olhos da morte, do quanto a amava.

Quando Isabel retornou a Acapulco em uma travessia longa, mas sem percalços, já tinham passado quase dois anos desde sua partida. Dois anos sem ver seu filho, sem ter notícias. Como o encontraria agora, com catorze anos de idade? Teria ficado doente? Teria passado por momentos de angústia? E Cândido, continuaria estudando? Depois de deixar os vinte e seis garotos mexicanos no Patronato da Cidade do México e deixá-los sob responsabilidade do vice-rei, com a satisfação de ter cumprido a missão com sucesso, porque havia devolvido a mesma quantidade de garotos que havia levado, viajou a Puebla. À medida que se aproximava e reconhecia a paisagem pura e austera de pinheiros e agaves, o ar tão cristalino que dava vontade de beber, aquelas cores pardas tão distintas do verde tropical, seu coração acelerava. Nunca pensou que pudesse gostar tanto do frio; acabara se fartando do calor pegajoso. Ir ao encontro de seu filho era voltar ao lar, voltar ao lugar onde havia deixado seu coração.

Foi diretamente ao Colégio Carolino e perguntou por Benito ao frade supervisor, que a fez esperar alguns minutos. “Se não me disse nada”, pensou, “é porque está bem”. Então seu pensamento oscilou. “O frade não quis dizer nada porque vai chamar um superior. Aconteceu alguma coisa com ele.” Era difícil controlar os vaivéns do coração. Até que apareceu um

rapaz alto e desengonçado, vestindo uniforme, com penugem no rosto, uma ou outra espinha e o olhar escuro e profundo como o da mãe. Não apenas sua voz havia mudado, mas também sua maneira de falar. Não restavam resquícios de sua antiga e pertinaz gagueira. Ela deixara um garoto e se encontrava com um homenzinho educado.

— Mãe, mamãezinha! — disse o garoto, atirando-se nos braços de Isabel.

Depois de ter abraçado, beijado e tocado seu filho à maneira mimosa das mães espanholas, perguntou por Cândido.

— Está bem. Saiu com dom Ricardo a cavalo, eles voltam amanhã. Eu também aprendi a montar. Às vezes, dom Ricardo nos leva junto quando vai visitar as paróquias.

Então Isabel irrompeu em soluços. O filho não entendeu.

— Mãe, aconteceu alguma coisa?

— Choro porque estou muito contente... em ver você.

Também chorava de felicidade, porque de repente já não se sentia sozinha. Seu filho, dom Ricardo, Cândido... Ela fazia parte dessa harmonia, essa era sua família. Em Puebla, a vida havia transcorrido com uma normalidade emocionante para ela, que havia escapado como uma fugitiva e que vivido à beira do abismo por todo aquele tempo, tentando apagar de seu coração o que não podia ser apagado. Isabel Zendal continuava sem saber quem era, porque não se parecia com ninguém nem podia ser comparada a nenhuma outra mulher. Não era da sociedade nem do povo, nem rica nem pobre, nem culta nem ignorante. Era galega, espanhola e mexicana ao mesmo

tempo. Era cuidadora de crianças, especialista em vacinação, enfermeira... Era médica sem ter estudado para ser. Também era mãe de família à sua maneira, o que naquela época não era usual. Desejava outra coisa? Casar-se, levar a vida convencional das mulheres espanholas nas Índias? A glória que lhe prometia Balmis? Não, só o que queria era trabalhar em um hospital e continuar perto de Benito e de Cândido. Queria ser o que era, uma mulher livre rodeada de afeto. Sozinha por opção, não por imposição, como havia sentido até ali.

Quando voltou a vê-lo, a cavalo com sua sotaina, soube no fundo de seu coração que ele tampouco a havia esquecido. Nem um pouquinho. Estava com Cândido, muito magro e espigado, com olhos da cor do céu e um sorriso brincalhão que o tornava irresistível. Ao reconhecer Isabel, saltou de sua égua e foi correndo abraçá-la. Ele também se tornara um bom estudante, e seus problemas de conduta haviam se amenizado, ainda que um dia, cansado de tantas aulas de latim, tenha pulado pela janela com um grito de: “É muito latim, é muito latim!”. A anedota havia circulado por toda a cidade, não só no colégio.

— Acho que a senhora é esperada com muita ansiedade no hospital, precisam da senhora — disse-lhe o bispo.



Isabel começou sua vida nova, ou, melhor dizendo, retomou a que havia deixado. Alugou uma casa envolta por um pequeno jardim nos arredores de Puebla, contratou uma criada indígena, tirou os garotos do internato e levou-os para morar consigo. Tentava evitar o contato com dom Ricardo.

Não comparecia às missas dele na catedral, preferindo a igreja do Rosário. Quando o bispo visitava o hospital, Isabel ficava na sala de vacinação. Mas quando se cruzavam na rua ou em alguma celebração pública, a emoção continuava presente, e ambos percebiam isso no brilho de seus olhares. Nada como reprimir um desejo para atiçá-lo.

Um dia, ele apareceu na casa de Isabel enquanto ela cozinhava e os garotos revisavam a lição de casa e ficou para jantar. Isabel havia preparado pimentão recheado com carne bovina previamente cozida com passas, amêndoas, maçã e pera. *Mole poblano*.

— Sabem de onde vem a palavra mole?

Os garotos fizeram que não com a cabeça.

— Foi uma invenção da senhora Andrea de la Asunción, do convento de Santa Rosa, aqui em Puebla. Amolecia os ingredientes com tanto afã que sua companheira, outra freira, pôs esse nome.

Falaram dos estudos dos garotos, de tudo o que haviam aprendido e feito durante sua ausência. Deixaram-na atualizada. As jantas com o bispo se tornaram um hábito celebrado duas ou três vezes por semana. Sempre com os garotos presentes, além da criada índia que ajudava na casa. Dom Ricardo ia sobretudo para ver Isabel. Embora a amasse, não ia com a intenção de ter contato mais íntimo. Só desejava falar com ela, ser seu amigo. Havia cumprido seu compromisso referente aos garotos, e ela estava tão agradecida que seus olhos resplandeciam como as velas da catedral.

Logo precisou reconhecer que não havia conseguido se livrar do poder de atração que ela exercia sobre ele, que a desejava, embora dissesse a si mesmo que era um desejo insignificante se comparado ao amor que carregava. Simplesmente gostava de estar com ela, de falar ou compartilhar silêncios, saborear os pratos que tão bem preparava, sorrir, propor ideias, escutar suas opiniões. Ainda que ambos tentassem separar a paixão carnal daquela puramente amorosa, davam-se conta de que era um exercício vão. É possível afogar o desejo na base da vontade? É possível separar a alma do corpo?

Certa noite em que ele ficou conversando até tarde, quando os garotos pegaram no sono, ele se levantou para ir embora. Ao abrir a porta e se virar para se despedir, ficou tão próximo dela que colocou as mãos sobre as bochechas de Isabel e permaneceu assim por alguns eternos segundos, mergulhando seu olhar naqueles olhos escuros de um brilho refulgente, esperando o gesto que desencadeasse um caos em que a vontade dos sentidos dominasse a de seu espírito. Então, ela ergueu os braços e o abraçou. Ele foi de encontro a sua boca, aquela que havia relegado ao âmbito das lembranças, mas que estava ali, como uma oferenda sagrada. Seus gestos femininos, a brisa de seu aroma, a luz de seu olhar, sua nuca fina como porcelana, tudo nela o extasiava. Enquanto se beijavam, ela o abraçava com toda a força, como se não suportasse separar-se dele. Como haviam desejado, e ao mesmo tempo rechaçado, aquele instante. Quanto tempo perdido flagelando-se, culpando-se, mortificando-se. Agora, o tempo havia parado. Sem saber como, viram-se despidos na cama com dossel do quarto de Isabel, entrelaçados,

acariciando-se, sentindo-se não como seres distintos, mas como parte de um só, capazes de compartilhar até o último pensamento. Apoiando o queixo no ombro nacarado da mulher que amava, abandonou-se ao desejo enlouquecido do homem que luta contra seu destino. Deslizava, avançava, retrocedia, mergulhava em uma escuridão úmida e densa, até que ela sucumbia com gemidos de júbilo. Viviam um sonho e não queriam despertar. “Meu Deus, como isso pode ser um sacrilégio?”, perguntava-se ele. “Como pode ser pecado tanta ternura?” De repente, foi tomado por uma luz cegante, como uma explosão que fez seu corpo inteiro tremer. Ficou esgotado, tomado por uma sensação de vazio, e fechou os olhos. Como era fugaz o êxtase. Ela permaneceu pensativa, perguntando-se quais seriam as primeiras palavras do homem que a havia aprisionado com seu corpo. Seriam palavras de arrependimento? Teria encontrado naquele ato de amor alguma compensação por tudo o que havia renunciado em sua vida? Perceberia que era um homem, que a busca pelo divino não precisava competir com o amor? A felicidade estava ali, tão intensamente quanto ela a sentia naquele momento, mais do que nunca em sua vida.

Quando ele abriu os olhos, ela viu em seu olhar a resposta às perguntas. Era o mesmo olhar de amor, mas sem assomos de conflito, como se flutuasse por um paraíso recém-descoberto, por fim liberto de uma luta estéril, vencido, subjugado e rendido. Mas como lhe pareceu doce o sabor da derrota. O fato de que o contato com uma mulher pudesse provocar alegria tão profunda foi para ele uma revelação.

— Não quero deixá-la nunca — disse.

Então, Isabel soube que aquele era seu lugar no mundo.

Os encontros entre ambos eram ainda mais intensos por serem espaçados e inconstantes. Era tão importante quanto difícil manter o segredo, compartilhado apenas com a criada indígena, que os surpreendeu em uma ocasião no meio da noite. Mas Isabel não precisou lhe dizer nada; confiava cegamente na lealdade daquela mulher. Acostumou-se ao sobressalto e à espera e acabou aceitando a ideia de que sempre se amariam às escondidas. Para ele, era mais difícil; conciliar o trabalho pastoral com o amor proibido não deixaria de lhe causar um peso na consciência até o fim de seus dias. Mas não se via abandonando suas ovelhas. Um bom pastor não dava sua vida por elas? Havia muitos anos que estava focado em seu rebanho — reconciliava casamentos em um povoado, em outro resolvia um escândalo, em outro fortalecia o culto... Suas doações serviam para renovar igrejas e acondicionar casas de piedade, pontes e trilhas, e nunca deixava de exortar as doações dos paroquianos mais abastados. Era conhecido por ajudar os índios, a quem protegia da violência e da intriga.

Isabel não voltou a pensar em se casar nem em regressar à Espanha, tampouco em levar uma vida de doméstica. Não era para ela. Aquilo que o destino lhe reservara satisfazia-a plenamente porque, ainda que não pudesse desfrutar de seu amor como gostaria, onde mais teria encontrado um anjo protetor como dom Ricardo? Em que lugar seus filhos teriam conseguido oportunidade melhor? Além disso, podia se dedicar à sua vocação médica, que crescia com os anos.

Em 14 de agosto de 1806, Francisco Xavier Balmis chegou a Lisboa no navio *Bom Jesus d'Além*, procedente de Macau e Santa Helena. Chegava carregado com mais de trezentos desenhos que reproduziam a flora do sudeste asiático e com dez caixas contendo as plantas medicinais mais admiráveis da China, a fim de transplantá-las e enriquecer o Jardim Botânico Real de Madri.³ Também levava consigo artigos que comprara em Cantão com planos de revendê-los na Espanha a fim de recuperar os oitenta mil *reales* que desembolsara para garantir um fim satisfatório para a viagem: dois quintais de chá, vinte bandejas — oito de marfim — e seis baús com potes de porcelana. O que não tinha era dinheiro, nem sequer para chegar até Madri. Procurou o embaixador da Espanha em Portugal, que lhe adiantou quinze mil *reales* para pagar ao capitão do barco — cobria o preço de sua passagem e os gastos para alugar uma carruagem e retornar à capital da Espanha.

Essa viagem foi outra odisséia. Sozinho para cuidar dos três garotos filipinos aterrorizados, quase sem forças e mal conseguindo se agachar, Balmis conseguiu, não obstante, vacinar um dos garotos durante o tufão que arrebentou a fragata *Diligencia*. Passou o resto do tempo implorando misericórdia divina para que não fossem mortos por uma onda

gigantesca. Depois de seis dias à deriva, o vento amainou, mas não a soçobra dos sobreviventes, porque surgiu um novo perigo: piratas e ladrões chineses que singravam aqueles mares após as tormentas para saquear os restos dos naufrágios. De novo, a sorte estava a seu lado. Balmis era um homem de sorte — um barco pesqueiro chinês o resgatou e transportou com a tripulação que havia sobrevivido. Em Macau, foram recebidos de braços abertos pelo bispo de Goa e pelo juiz ouvidor dom Miguel de Arriaga da Silveira, que se voluntariaram para receber a vacina — exemplo que se espalhou entre o povo e influenciou centenas de homens, mulheres e garotos a fazer o mesmo. Ao cabo de três semanas, firmemente estabelecida a vacina na colônia lusitana, Balmis decidiu se dirigir a Cantão, onde existia a ameaça de epidemia. Encontrou um jovem chinês para carregar o vírus, pagou trezentos e onze pesos do próprio bolso para os cobrir os gastos e comprar roupas para o menino e entregou aos pais uma pequena quantia em dinheiro. Mas a recepção em Cantão não foi nada parecida com a de Macau. Ali, precisaram aguentar mais uma vez duros enfrentamentos com os responsáveis pela Companhia Real das Filipinas, que haviam recebido informações contrárias a eles enviadas pelo governador Aguilar desde Manila. Durante o mês e meio que durou sua estadia, só conseguiu vacinar vinte e duas pessoas. Retornou a Macau em 30 de novembro de 1805 para embarcar, alguns dias mais tarde, no *Bom Jesus d'Além* rumo a Lisboa.

Depois de completar uma volta ao mundo, regressava a Madri com saúde debilitada, mas com a profunda satisfação de missão cumprida. O ambiente nas ruas era o mesmo de sempre, alegre e agitado, como se o povo preferisse esquecer

as ameaças da França e a situação de pobreza e degradação em que o império vivia. Balmis sabia, pela experiência que tivera com os poderosos, que naquele império o sol finalmente iria se pôr.



Acabara de fazer três anos que saíra de Madri com os garotos do orfanato, mas para ele ao subir as escadas de sua casa, suando profusamente devido ao calor tórrido que ainda recaía sobre a capital, era como se tivessem passado séculos. Ninguém esperava para recebê-lo, e ele tampouco esperava alguém. Não nutria ilusões sobre seus compatriotas, resistentes a reconhecer e premiar os serviços prestados à comunidade. Na solidão de sua casa, lembrou-se das acolhidas triunfais que vivera durante a viagem. Como sempre, as melhores lembranças são as que mais perduram na memória. Lembrou-se de Isabel. Sentia falta dela como jamais pensara que pudesse sentir de alguém, com dor. Com uma profunda saudade, termo usado pelos portugueses do barco. Saudades de sua companhia, bálsamo para sua alma ferida, e do prazer imenso de contemplar sua beleza plácida.

Viveu seu dia de glória em 7 de setembro de 1806, quando sua carruagem entrou pelos portões de acesso do palácio de La Granja de San Ildefonso, onde Carlos IV passava o verão fresquinho. Fazia um dia esplêndido, com a temperatura agradável das montanhas no final do estio. A intensidade dos problemas internos e externos de que padecia a Espanha se fazia notar no clima do palácio, onde grupos de cortesãos cochichavam nos cantos como se estivessem conspirando. Reinava um ambiente de tensa calma. Balmis seguiu

acompanhado de um gentio de câmara por intermináveis corredores e salões solitários até chegar ao umbral do salão do rei, onde um arauto anunciou sua chegada: “Dom Francisco Javier Balmis y Berenguer, diretor da Real Expedição Filantrópica da Vacina!”. De repente, seu coração acelerou, suas pernas tremeram, pois ali estavam o rei da Espanha, a rainha María Luisa, o filho Fernando, príncipe de Astúrias, o ministro Godoy, outros ministros — entre os quais discerniu José Caballero — e os ilustres membros do Protomedicato e cirurgiões de câmara. Todos o aplaudiram demoradamente, de pé, rendendo a ele uma merecida homenagem, que outros quiseram roubar dele, a começar pelo vice-rei Iturrigaray. Aquele momento compensava todas as amarguras da aventura. Pensou em Isabel. Como teria gostado de compartilhar esse dia com ela.

Aproximou-se para beijar a mão do rei, mas o monarca segurou a de Balmis entre as suas.

— Não fazeis ideia de como me sinto comprazido pelos resultados terem excedido às expectativas que todos depositamos nesse projeto. Graças a vós.

Balmis respondeu com um tique e uma contração do pescoço.

— É uma hon... honra, Majestade. Tenho o prazer de proporcionar-vos outra glória: vosso súdito aqui presente — piscou com força — foi o primeiro, em vosso nome, a introduzir a vacina no Império Chinês.

O augusto soberano se reclinou pouco, visivelmente satisfeito.

— E como conseguistes?

— A notícia chegou a mim pouco depois de ter partido de Cantão. Agentes da British East India Company estabeleceram uma clínica para ministrar a vacina, e o fizeram seguindo as instruções que deixei.

— É um grande orgulho para vós. E um presente que haveis deixado aos ingleses. Eles não merecem.

— Não, claro que não. Eles descobriram a vacina, mas não a maneira de distribuí-la. O que não vos disse é que em Cantão os britânicos cobram por inoculação.

Carlos IV pôs-se a rir.

— Ah, esses filhos da Grã-Bretanha... sempre tão pérfidos! Um dia se darão conta de que cobrar pela vacina vai contra seus próprios interesses, que não são diferentes dos nossos, pois todos buscamos erradicar o mal.

Balmis estava mais sereno e conseguia controlar seus tiques. Em um tom confiante, disse ao rei: — A grande dificuldade, Majestade, foi engajar os demais, entusiasmar servidores nem sempre leais a vossa Majestade... Muitos se deixam levar pela ganância, não pelo bem público.

O rei assentiu com a cabeça.

— Conheço o problema... até bem demais. É uma questão difícil de solucionar. Mas não se preocupe — continuou o monarca —, pois a justiça será feita.

Balmis teve a impressão de que o rei dizia aquilo sem convicção. No fundo, ambos tinham consciência de que a monarquia estava perdendo o controle do império e de que

não havia força no mundo capaz de impedir isso. Carlos IV mudou de assunto.

— O que me haveis contado tem um significado simbólico — disse a Balmis. — Partiram para lutar contra a varíola no extremo oeste do continente asiático, lá onde, séculos atrás, a técnica da variolização começou a ser difundida até chegar a nós.

— De fato, Majestade.

Balmis ficou surpreso com o quanto o rei era culto.

— Haveis fechado o círculo, Balmis. Eu vos felicito de coração.

— Cumprimos as designações do rei como vassalos fiéis.

Era a primeira vez que Balmis mencionava o resto dos correligionários. Na verdade, não pensava em Salvany nem em Grajales nem em Gutiérrez. Só em Isabel.

Depois da emoção inicial, exacerbada pela pompa e pelo decoro, Balmis recobrou a lucidez.

— Majestade, tenho um pedido a vos fazer. E é muito importante, não só para os interessados, mas também para os que tomaram parte nessa aventura, sobretudo para vossa glória e a da Espanha. Eu vos rogo que intercedais pelos garotos que seguem no patronato do México e que soliciteis ao vice-rei que cumpra com as diretrizes que haveis estabelecido, ordenando o ingresso deles imediatamente na Escola Patriótica.

A menção aos garotos despertou o interesse de Carlos IV, que fez uma série de perguntas sobre o comportamento deles

durante a travessia, a reação diante das adversidades, a resistência... E ainda que tenha lamentado as baixas, felicitou-o por ter concluído com sucesso a missão.

— Foi um feito prodigioso — concluiu o monarca —, e me sinto honrado por ter sido o viabilizador. Talvez nunca seja lembrado por isso, porque os homens se recordam mais facilmente dos feitos de guerra e das fofocas de alcova que dos gestos em prol da humanidade, mas logo chegará o momento de prestar contas ao Todo-Poderoso, e no fundo do coração, eu sei que Ele, sim, levará isso em conta.

Balmis piscou e espichou diversas vezes o pescoço.

— Eu vos dou minha palavra, Balmis, de que atenderei ao pedido em relação a essas criaturas.

De novo, o médico pensou em Isabel, em como ficaria orgulhosa por ele ter obtido semelhante compromisso com o rei. Se não fosse por ela, provavelmente não teria pedido, teria se esquecido do destino que coubera aos garotos. Pensou no amor: sempre havia considerado preciosismo, mas agora se dava conta do quanto era capaz de mudar o mundo.

Então vieram os discursos. Manuel Godoy ressaltou o sucesso de uma expedição cosmopolita e filantrópica que honraria para sempre a memória e o reinado benéfico de Carlos IV. O ministro José Caballero agradeceu pelos serviços prestados à humanidade, que tanta fama rendiam ao bom nome espanhol, e acrescentou: — Esse feito proporciona à Espanha tanta honra quanto a chegada de Cristóvão Colombo à América.

Era a glória por que Balmis ansiara desde que era novo. À

época, achava que alcançá-la seria o mesmo que se tornar imortal, pois sua memória perduraria para sempre. Agora, sabia que a glória humana não era mais que um sopro de vento, como escreveu Dante, que podia soprar algumas vezes daqui e outras de lá.

Depois da glória, a solidão. Balmis retornou ao apartamento, mas tinha recursos para não se deixar tomar pela melancolia. Era o momento de apresentar as contas e pedir ressarcimento dos gastos que cobrira do próprio bolso. Devido a sua lendária persistência, conseguiu que a justiça obrigasse o capitão Ángel Crespo a lhe devolver os oito mil e seiscentos pesos cobrados injustamente. Uma vitória que também lhe rendeu glória e lhe deu asas para seguir com seus projetos.

“Suas atividades são tão portentosas que não sei de onde tira tempo para fazer tudo o que faz”, comentava seu amigo e colega Ruiz de Luzurriaga, ao lado de quem havia defendido com tanta convicção o invento de Jenner nos círculos científicos de Madri.

Balmis conseguiu apresentar um dicionário chinês-espanhol à Secretaria de Estado enquanto organizava no Jardim Botânico o transplante das mudas que sobreviveram à viagem da China. O rei nomeou-o seu assessor médico e manteve seu cargo de diretor da expedição. Então, Balmis solicitou a Gutiérrez, que havia ficado no México, um relatório sobre o desenrolar das campanhas de vacinação nas terras da Nova Espanha desde que a equipe retornara das Filipinas. Também lhe sugeriu que retornasse à Europa. Para Salvany, mandou uma carta similar, em que solicitava o envio urgente

de um relatório de atividades.

— Que notícias tem de Salvany? — perguntavam-lhe alguns.

— Nada. Não se dignou a mandar nada. Não sei nem se está vacinando. E, até que o saiba, não posso dar a expedição por concluída.

Hospital de Puebla, dezembro de 1810.

— Senhora, há um homem que diz conhecê-la esperando no andar de baixo.

— Disse como se chama? — perguntou Isabel.

— Não, não quer dizer quem é. Só disse que é alguém muito próximo. Quer fazer uma surpresa.

Isabel limpou as mãos e deixou a sala de curas. “Quem será?”, pensou. Gutiérrez, ou Pastor, os companheiros de expedição com quem havia compartilhado tantos dias de trabalho nas Filipinas? Sabia que tinham ido morar no México, um porque gostava do lugar e o outro porque não conseguira voltar à Espanha devido à invasão napoleônica. Mas não eram de fazer surpresas desse tipo. Balmis? De Balmis, sim, podia esperar algo do tipo. Podia-se esperar qualquer coisa de Balmis, até mesmo que aparecesse com uma fila de garotos em riste e a cabeça repleta de ideias.

Mas o homem que a esperava no térreo não lhe era familiar. Demorou um bom tempo para reconhecê-lo e, quando reconheceu, foi atravessada por uma pontada de pânico. De repente, os momentos mais difíceis de sua vida passaram por sua mente a toda velocidade, a lembrança do desespero causado por aquele indivíduo voltou à superfície de

sua consciência, como um cadáver que sobe inchado do fundo do mar.

— Não me reconhece? Benito.

Isabel tentou balbuciar algumas palavras, mas travava ao falar.

— Mudei tanto assim?

— Sim.

Era Benito Vélez, pai de seu filho. O homem que a enganara e abandonara feito um trapo velho. Isabel, recuperada da impressão inicial, disse: — Não acha que chegou um pouco tarde?

— Sempre quis voltar para você, mas não tive sorte.

— Você é aquele mesmo que depositava envelopes nos muros de La Coruña com uma mecha de cabelo para me pedir formalmente em casamento?

Benito olhou para baixo com uma expressão constrita.

— Sim, era eu. Sinto muito. Ouvi falar muito de você, não só em Puebla, mas também no México.

— Sei.

— Faz tempo que eu queria vir, mas não me atrevia.

Isabel não disse nada. Sim, reconhecia aquele rosto moreno e anguloso, o nariz aquilino e as costeletas que lhe davam um ar de bandoleiro. Mas já quase não tinha cabelo, e o sorriso que antes a deixava deslumbrada agora deixava entrever dentes escassos, podres e sujos.

— Vim porque estou ferido.

O homem abriu a jaqueta e deixou à mostra uma grande mancha de sangue no ventre. Isabel ficou boquiaberta.

— Entre, venha comigo — disse.

As coisas não haviam se saído bem para Benito na América. Fez trabalhos de todos os tipos, desde prático nos estaleiros de Havana até cozinheiro, passando por marinheiro e contrabandista. O que lhe rendeu um pouco de dinheiro fora o envolvimento como mercenário com diferentes grupos armados, geralmente financiados por fazendeiros ou potentados locais que lutavam por território. Participara de campanhas sombrias contra os índios e nem sabia o número de pessoas que havia exterminado. No fim, juntou-se ao grupo de insurgentes que lutava contra os espanhóis. Em um enfrentamento com as tropas do vice-rei, tomou um tiro de mosquete. Estava sendo procurado. Foi então que se lembrou de Isabel.

Quanto a ela, nada teria lhe causado mais aturdimento que aquela visita. Não pelos sentimentos, que já não existiam, nem pelo risco de que as lembranças voltassem a abrir antigas feridas. A preocupação era por aqueles ao redor. “Como ele vai encarar a existência do garoto?”, pensou, porque continuava vendo seu filho como um garoto, embora já fosse um homenzinho. “O que digo a Ricardo?”, perguntou-se também. Pois Benito lutava no lado errado, segundo o bispo. O único prelado *criollo* da Nova Espanha buscava convencer seus paroquianos da necessidade de defender e apoiar o regime monárquico espanhol. Em seus sermões, insistia nos quase três séculos de fidelidade da Nova Espanha, acusando os insurgentes de serem filhos desnaturados que manchavam a

reputação de seus compatriotas e os submetiam às maiores crueldade. Um mês antes, havia ditado éditos de excomunhão contra autores e difusores de pasquins e libelos. Para ele, a insurreição era obra de Napoleão, em vingança pela lealdade ao rei demonstrada pela Nova Espanha.

Como contar a Ricardo sobre a visita de Benito? Sim, precisava contar a ele, não podia ocultar, agora que aquele mequetrefe estava internado no hospital, sustentado em grande parte pelos fundos do próprio bispo. Iria jogá-lo na rua? Não, certamente não. Talvez entregá-lo à guarda do vice-rei? Essa possibilidade a preocupava mais, embora tivesse confiança de que o convenceria a não fazer isso. Não guardava nenhum ódio de Benito, que, ao fim e ao cabo, era o pai de seu filho. Nem ódio, tampouco ressentimento — o tempo havia sepultado tudo. Na realidade, não sentia por ele mais do que poderia sentir por qualquer paciente, por qualquer homem doente, uma piedade básica. Pensando bem, estava até ficava agradecida pelo abandono.

Quando terminou seu turno no hospital, voltou para casa. Comeu sozinha com seu filho; Cândido estava ensaiando com o coro da catedral.

— Quero que você venha comigo ao hospital...

— Agora?

— Sim, quero apresentá-lo a seu pai.

O garoto franziu o cenho. Não sabia se a mãe estava lhe pregando uma peça. Isabel contou da visita e de tudo o que ocorrera naquela manhã. O garoto ficou aborrecido.

— Ver pra quê, mãe? Ele não é meu pai nem nada.

— É seu pai e sempre será. Quero que você o conheça, só isso.

— E digo o que a ele?

— Não sei... ué, diga que antes tarde do que nunca.

— Isso é mentira... seria melhor que não tivesse vindo. Por que está aqui?

— Eu já disse, está ferido e veio para ser curado.

— Ele quer me ver?

— Ele não sabe que você existe.

— Então, vamos deixar assim.

Isabel se perguntou se havia sentido em forçar tal encontro e temeu que aquilo pudesse afetar o filho. Mas então pensou no escárnio que tivera que aguentar quando pequeno. Lembrou-se de um dia, em La Coruña, quando ele chegou da rua e se agarrou a sua saia chorando porque o haviam chamado de filho da...

— Não, vamos — intercedeu Isabel. — Eu sempre lhe disse que você tinha pai. Só quero que você o conheça para que saiba que nunca menti, que não sou uma desencaminhada.

O garoto entendeu que era importante para a mãe que fosse conhecer seu pai e concordou, ainda que a contragosto. Como o ferido reagiria ao descobrir que o garoto que tinha à frente era seu filho? Isabel não esperava nada daquele homem. Via aquilo como um ato de justiça.

No hospital, precisou esperar até que Benito acordasse. Então, deu de frente com o garoto. Isabel disse: — Lembra

daquela tarde perto da Torre de Hércules, aquela que passamos naquele bote desconjuntado? Bem, esse é seu filho. Tem seu nome.

O homem ficou boquiaberto. Tinham uma semelhança inegável, ainda que leve. As feições do garoto eram menos abruptas que as do pai, e era mais alto e corpulento.

— O que você faz? — perguntou Benito pai.

— Es... es... — O filho não conseguia terminar a palavra. — Es... estudo.

Isabel percebeu que seu filho voltava a gaguejar como nos piores tempos e reagiu em seguida.

— Vamos para casa — disse Isabel.

E então, dirigindo-se a Benito, disse: — Só queria que ele o visse para comprovar que é de carne e osso, porque falei tanto de você a ele quando era pequeno que não queria que achasse se tratar de uma invenção minha.

Voltar para casa bastou para que o garoto recuperasse a fala normal. Isabel não se arrependeu de ter forçado o encontro. Fez aquilo pela própria exigência de apagar a mancha de seu passado. Agora, por fim, sentiu que tinha conseguido.

Quando, vários dias depois, retornando de uma visita pastoral, dom Ricardo passou para vê-la no hospital, Isabel não hesitou um único instante e contou tudo. Já havia confessado no início de sua relação que Benito não era filho adotivo, mas o produto de um engano, e dessa vez rogou a ele que não denunciasse aquele que jazia ferido na maca, ainda que lutasse do outro lado.

— É pedir demais?

Dom Ricardo não se alterou nem demonstrou a mínima aversão por Benito. Estava muito acostumado a lidar com situações difíceis.

— Só vos peço que me deis um pouco de tempo para refletir e ver o que faremos com ele.

Quando Gutiérrez recebeu a carta de Balmis, era impossível seguir o conselho de seu chefe e retornar à Europa. As tropas de Napoleão haviam invadido os reinos de Espanha, e Carlos IV precisara se exilar na França. O país estava sem líder e em guerra. Em 1808, José Bonaparte se instalou em Madri. Ao se recusar a jurar aceitação ao novo rei — como poderia, se toda a sua glória e sua vida profissional haviam se dado sob o amparo de Carlos IV? —, Balmis foi proscrito dos círculos médico-científicos da capital e teve seus bens confiscados. Foi um momento de grande desamparo, que culminou quando as tropas francesas de ocupação saquearam sua casa em Madri. Nunca se esqueceria do desolamento que sentiu ao retornar ao apartamento e ver a porta arrebitada, os móveis quebrados, o chão repleto de papéis, a poltrona rachada, a cama revirada, as estantes de livros derrubadas... Todos os objetos de valor desapareceram, mas naquele instante pouco lhe importava. Só esperava que não tivessem levado o mais importante: seu diário detalhado da expedição, o documento que planejava deixar para a posteridade. Ele e seus criados procuraram muito entre os papéis, mas não o encontraram. Balmis desabou e quis morrer de tristeza. A desaparecimento daquele documento era pior que uma amputação, porque era tão parte dele quanto sua mão ou seu cérebro. Aquilo lhe doeu pelo

resto da vida.

Fugiu para Sevilha, depois para Cádiz, seguindo a Junta Suprema Central, que assumiu o controle do país porque o rei, preso e desvalido, estava ausente. Em dezembro de 1809, por fim recebeu notícias da expedição de Salvany, uma série de breves escritos enviados de La Paz, nos quais o catalão relatava sua passagem pelos vice-reinados do Peru e de Nova Granada, assim como seu desejo de ir a Buenos Aires, ainda que tivesse dúvidas sobre a possibilidade de chegar lá algum dia, devido à falta de saúde. Nos escritos pedia algum cargo de intendente em La Paz ou em Lima, postos que então se encontravam vazios. Mas Balmis, que continuava furioso com ele, informou negativamente sobre suas petições de obter qualquer um dos cargos que solicitava. Também acusava-o de ter atrasado propositalmente o desenrolar da expedição.

— Se eu cumpri minha missão ao redor do mundo em apenas trinta e três meses, como Salvany está na metade da dele?

— Permita-me dizer que o doutor está sendo injusto com o doutor Salvany.

Quem falava nesse tom era o doutor Flores, o médico guatemalteco que havia realizado o primeiro esboço da expedição para o rei e que bem poderia ter acabado como diretor da expedição.

— Talvez o doutor não conheça bem a vastidão da América do Sul, a dificuldade do terreno andino e o trânsito penoso pelas selvas. É provável que, na Nova Espanha e nas Filipinas, o doutor não tenha suportado desafios tão brutais quanto os

de Salvany.

— Há anos não recebo um relatório seu, e ele não responde a minhas mensagens — disse Balmis. — Na que enviei a Buenos Aires, dei ordens para que retornasse à Espanha sem demoras.

— Se não responde ao doutor com a prontidão desejada, talvez seja porque sua saúde não permite. Você mesmo disse que se separou da expedição quando estava mal, em Manila.

— Cheguei a cogitar algo mais grave...

— O quê?

— Que Salvany tivesse abandonado a expedição.

Balmis tinha razão. Josep Salvany finalmente deixaria a expedição... devido à morte. Por isso, não havia recebido a ordem de regressar à Europa. Depois de percorrer dezoito mil quilômetros a cavalo por selvas, desertos e montanhas agrestes, sua vida havia se apagado em Cochabamba. Havia demorado treze meses para realizar o trajeto desde La Paz. Seu entusiasmo em propagar a vacina não minguou devido às dificuldades do terreno nem por sua extenuação, ao contrário do que Balmis podia pensar. Entrou em Puno, onde vacinaram mais de mil indivíduos em apenas quarenta e oito horas, e onde Salvany voltou a demonstrar seu espírito de sacrifício: “Ele não poupou forças a fim de cumprir com o dever; foi amável com todos, mediante sua urbanidade, seu trato afável e sua honrada conduta”, observou a Administração Municipal daquela cidade, propondo ao rei que o tornasse regente honorário da corporação. Então, passou por Potosí e Oruro, onde teve de permanecer duas semanas em repouso absoluto.

A duras penas, conseguiu ficar de pé e fez um grande esforço para chegar a Cochabamba, onde o clima era seco e temperado. Pensou que aquela bela cidade colonial, situada no vale do Tunari, seria um bom lugar para se aposentar. Mas já era tarde demais para cultivar sonhos. O bom clima não bastou para que recuperasse as forças, e seus problemas de saúde se agravaram de repente. Antes de lançar seu último vômito de sangue, escreveu ao rei da Espanha rogando que premiasse seus três companheiros: Manuel Grajales e Rafael Lozano, com as honrarias de cirurgiões de câmara, e Basílio Bolaños, zelador do Palácio Real. O pedido mais importante era o último: rogava ao rei que criasse um posto de supervisor ou diretor-geral de vacinação, que velaria pelo estrito cumprimento das normas, evitando assim que a varíola voltasse a se espalhar pelos domínios espanhóis no Novo Mundo. Mas não obteve resposta a seus pedidos.

Em 21 de julho de 1810, começou a agonizar. O criado que cuidava dele correu para chamar o médico, o doutor Melchor, e o cura, que ouviu sua confissão.

— Ave Maria puríssima...

— Sem pecado... — disse Salvany, com a voz por um fio. — Padre... pequei por ambição e soberba, achei que era mais forte do que jamais pude ser, e se não posso terminar a mi...

Foi interrompido por um violento ataque de tosse. O médico o ajudou a se recompor e fez uma compressa com azeite de eucalipto.

— Tranquilize-se, irmão — disse-lhe o cura —, não é necessário falar; para se arrepender não é preciso falar.

Salvany recuperou o fôlego.

— Melhor? — perguntou o médico.

Assentiu. Então, começou a falar, em um tom quase inaudível.

— Dizia Santo Agostinho que o amor não desaparece nunca, não é, padre? Que a morte não é nada, que o que fomos uns para os outros seremos para sempre.

— Sim, meu filho.

— Reze por mim, padre.

Fechou os olhos, e seu rosto adquiriu a suave placidez da morte.

Foi enterrado em um pequeno cemitério atrás do templo do convento de Cochabamba, sem que ninguém se preocupasse em recuperar seu cadáver nem em prestar-lhe as honras que merecia. Depois de ter inoculado o soro contra a varíola em mais de duzentas e cinquenta mil pessoas, o doutor Josep Salvany morreu, como disse o cura em seu responso, só e com a idade de Cristo. Como ninguém nunca se aproximava para deixar flores em sua tumba, o próprio cura adquiriu o hábito de fazê-lo, ano após ano, no Dia de Todos os Santos.

— Ninguém me escreveu perguntando sobre seus últimos dias, ninguém demonstrou curiosidade em saber onde está enterrado — confessou o cura, muitos anos depois, a um viajante espanhol.

Balmis retornou ao México em 1810, enviado pela Junta Suprema para supervisionar oficialmente as estruturas organizacionais criadas durante a viagem anterior, mas com a missão adicional de informar sobre os ecos da revolta de indígenas e castas no vice-reinado que haviam chegado à Espanha e preocupavam o governo.

O país a que o médico retornou era muito diferente da aprazível colônia que havia conhecido no passado. Três vice-reis haviam tomado o poder desde que seu antigo inimigo, José de Iturrigaray, morrera. Agora ele se encontrava em Cádiz, trancafiado e incomunicável no castelo de Santa Catalina. Destituído em setembro de 1808, declarado culpado por ter se aliado a um grupo de *criollos* para estabelecer uma junta autônoma em relação à Espanha, foi submetido a uma longa instrução de juízo de residência em que vieram à tona todos os detalhes de sua atuação à frente do governo. A promotoria acumulou dezoito acusações contra ele, desde traição ao monarca, enriquecimento ilícito, venda de cargos, substituição de magistrados por conhecidos e até mesmo a exigência de que a vice-rainha recebesse o tratamento de majestade!

Na Cidade do México, Balmis comprovou que já não havia garotos da expedição no patronato. Carlos IV cumprira sua

palavra, dada naquele glorioso dia no palácio de La Granja. Havia instruído o vice-rei Pedro de Garibay a assumir plena responsabilidade pelos garoto vaciníferos e a tirá-los do patronato, “onde vosso indiferente predecessor os colocou”. Restavam quatro garotos na Escola Patriótica quando Balmis a visitou. Os demais haviam sido adotados ou acolhidos por famílias. Um foi adotado por um cirurgião, outro foi confiado ao reitor do Colégio de San Pedro. Dois haviam sido adotados pelo diretor do Patronato de São Nicolau, e três pelo de São Jacinto. Um comerciante de Ixmiquilpan ficou com o pequeno Aniceto. Seu companheiro Andrés Naya foi adotado por um cura, que voltou três dias depois para reclamar que o garoto havia fugido. Quando detiveram o jovem, este alegou que não queria voltar para o cura porque ele fazia “coisas ruins” com ele. Balmis viu o garoto na Escola Patriótica; aprendia o ofício de carpinteiro e parecia feliz. “No fim das contas”, pensou Balmis, “apesar da guerra para garantir que as diretrizes do rei fossem cumpridas, o destino dos garotos seria melhor no México do que se tivessem ficado em La Coruña ou em Madri”.

“Isabel sabia que fim levaram os garotos?”, perguntava-se Balmis enquanto seguia na diligência que o conduzia a Puebla. Como estaria a vida dela? Queria voltar à Espanha? Levou mais que o dobro do habitual para chegar a Puebla, devido à insegurança da viagem, já que os insurgentes detinham os comboios, inspecionavam os passageiros e, às vezes, cobravam pedágio. No rastro da insurreição, também surgiam bandos de ladrões.

Lembrou-se de sua primeira chegada a Puebla e da emoção

transbordante daquela recepção. Hoje a cidade carecia do brilho de outrora: as lâmpadas estavam apagadas e pouca gente perambulava pelas ruas. Encontrou Isabel no Hospital San Pedro, sempre atarefada. Estava com o rosto mais anguloso, as bochechas um pouco afundadas, o cabelo preso em um coque e um jaleco branco. Ela demorou alguns segundos para reconhecê-lo: parecia mais baixo que antes, estava descabelado como sempre e tinha rugas profundas na testa. Mas continuava com o mesmo olhar penetrante que transmitia autoridade.

— Fico muito contente em vê-lo — disse Isabel, deixando entrever uns pés de galinha que acentuavam o calor de seu sorriso.

Balmis piscou, contraiu o pescoço, voltou a piscar. Quase não conseguia falar devido à emoção.

— Na última vez em que nos vimos, a senhora disse: “No ano que vem em Madri”. Eu me cansei de esperar.

— Acrescentei um “Se Deus quiser”, lembro-me perfeitamente — disse Isabel, rindo. — E, bem, Deus não quis.

Isabel tinha a mesma expressão de serenidade, embora Balmis percebesse uma sombra de inquietude em seu olhar.

— Como estão os garotos?

— Garotos? Têm mais barba que você! Estudam direito na *aula mayor* da Universidade do México, a mesma em que dom Ricardo se tornou advogado antes de entrar para a Igreja.

— Imagino que sua influência tenha sido determinante na

hora de escolher o que iriam estudar.

— Sim, pois não tive sucesso ao incentivar que ao menos um se tornasse cirurgião. Diga-me, sabe de Salvany?

A pergunta desencadeou vários tiques.

— Morreu em julho. Em Cochabamba.

Isabel acusou o golpe. Virou-se de costas, fingindo organizar alguns vidros de remédio, mas seu objetivo era que Balmis não visse a perturbação em seu rosto.

— Não respondeu a última carta que lhe enviei... Como foram seus últimos dias?

— Eu trouxe para a senhora o informe publicado por uma gazeta local, está assinado pelo médico que o atendeu.

Retirou de sua jaqueta um papel e entregou-o a Isabel, que leu em voz baixa: “Morreu em sua casa e em comunhão com nossa santa mãe Igreja dom Josep Salvany, espanhol, solteiro, natural de Cervera, trinta e três anos de idade. Confessou-se antes de morrer, recebeu o viático e a extrema-unção. De minhas mãos e para que conste, assino. Doutor Melchor de Ribera y Terán”.

— Não sabe mais nada?

Balmis fez que não com a cabeça.

— Morreu sozinho?

— Sim.

— O doutor organizou um responso, uma homenagem em Madri?

— Não — disse Balmis, cabisbaixo. — Comuniquei sua

morte à regência antes de partir.

— Em todas as notícias que chegam da Espanha, vi que o doutor era mencionado... Até a mim o doutor agradeceu pelo esforço da expedição, é algo honrável. Mas nunca li nada que o senhor houvesse dito sobre Salvany.

— Ele me deixou sem notícias durante muito tempo, e isso me tirou do sério. Agora entendo que precisou enfrentar grandes penúrias, mas à época eu não via assim.

— O doutor sempre foi duro com ele.

— Reconheço isso. Fui eu quem pôs obstáculos a seus planos, opondo-me a que lhe concedessem um emprego fixo nos reinos das Índias. Ainda que isso não fosse salvá-lo da doença, digo isso com o coração na mão.

— Aprecio que o doutor seja franco, sempre foi...

Balmis suspirou. Achou que havia contornado a crise, mas Isabel acrescentou: — Mas a sinceridade não o exime da culpa.

— Não sei por que fui tão...

Isabel o interrompeu. Havia tempo que deixara de ser aquela garota dócil, sempre vítima dos acontecimentos. Tinha valores e vontade de dizer o que ficara calado por tantos anos.

— O doutor foi duro com ele porque ele se fazia gostar — disse, com aquela mescla tão sua de aprumo e integridade —, porque o considerava frouxo, porque era doente. Ao mesmo tempo, invejava sua juventude, por ciúmes, porque soube que eu o amei...

Balmis tapou os ouvidos com as mãos.

— Pare, eu imploro. Eu sei, sei de tudo isso.

— Desculpe-me, doutor, me deixei levar. São... são os nervos.

Depois de morto, Salvany se interpunha como escolhos intransponíveis diante dos planos de seu chefe, como se essa fosse sua vingança póstuma por tanta insensibilidade e tanto agravo. Naquele momento, Balmis entendeu que quando utilizou seu poder para afastar Isabel de Salvany, naquele instante, a perdeu para sempre.

Optou por mudar de assunto, desfazer o clima pesado.

— E a senhora, como está? — perguntou, em um tom mais íntimo.

Isabel se esquivou de uma resposta mais pessoal.

— Temos cada vez mais dificuldades para manter as vacinações regulares na diocese. O ambiente de guerra que vivemos afeta tudo, dom Ricardo está muito desmoralizado.

— Sei que socorreu os bispos da Nova Espanha refugiados em Cádiz com cinco mil pesos.

— Sim, mas não poderá mais fazê-lo; tem cada vez menos apoio e menos recursos.

Então contou da visita de Benito Vélez, que bem podia ter sido um dos insurgidos que o pararam no caminho, e de como o bispo tivera a ideia de contratá-lo para trabalhar no hospital.

— Quando Benito melhorou da ferida no ventre, o bispo pensou que mais valeria tê-lo sob controle que lutando nos montes e colocou-o para trabalhar de carroceiro. Disse que

talvez a visão de tantos mortos despertaria alguma reação e o afastaria da luta, dos saques, das expulsões forçadas, das execuções. Mas um dia seus companheiros vieram atrás dele, que desapareceu sem dizer obrigado nem adeus... Foi assim.

— E seu filho, como reagiu ao encontrar o pai?

— Ficou com vergonha. Confessou-me que teria preferido não o conhecer.

Quando saiu do hospital, era quase noite. Antes de retornar a sua casa, Isabel passou pela catedral, onde ascendeu uma vela que iluminou seu rosto danificado. Ficou de joelhos e rezou pelo eterno descanso de seu amigo Salvany.

Balmis se dirigiu ao palácio episcopal para ver o bispo, o homem que mais o ajudara durante a campanha de vacinação de 1804. Encontrou-o envelhecido, o cabelo grisalho estava agora branco como a neve.

— Dedico tudo a salvar o chão que me viu nascer — confessou-lhe.

— Viveis aqui as consequências dos quinze anos de desastres e desilusões de que padecemos na Espanha; a guerra contra Napoleão nos arruinou, nos dividiu.

— Aqui, não consigo impedir a destruição do povoado. Vós vos inteirastes de que o Texas está amotinado?

— Sim, estou sabendo.

— É muito difícil acalmar os ânimos, diminuir a funesta rivalidade entre os filhos da pátria da Nova Espanha — disse a Balmis. — Há curas que, amparados pela imagem da Virgem de Guadalupe, não hesitam em fomentar o assassinato de

centenas de peninsulares. Há um ódio feroz entre povos e castas que sempre foram amigos. Todos lutam contra todos, os *criollos* estão divididos em facções que se matam. Imaginais o que será dos indígenas, caso uma facção dessas chegue ao poder?

— Serão escravos de novos donos. A não ser, Eminência, a não ser que o rei volte ao trono e reforce as leis de proteção aos nativos.

— Tendes grande fé no rei, mas essas leis não foram de grande utilidade. Sabeis tão bem quanto eu que as leis não passam de pedaços de papel se não há vontade de cumpri-las.

— Vós fizestes o impossível para cumpri-las.

— Estamos dispostos a morrer antes de violar as leis de nosso reino. Mas minha diocese é pequena, e a Nova Espanha, muito grande.

Ergueu os braços ao céu.

— Ó, meu Deus! Por que nasci para ver a ruína de meu povo?

Então, virou-se para Balmis e lhe disse, com ar perplexo:
— Em toda a Nova Espanha falam em independência, mas não vos deixais confundir, doutor Balmis, trata-se de uma guerra civil.



Não havia sentido em permanecer em Puebla. Chegavam notícias de que os caminhos até Valladolid ficavam mais perigosos e intransitáveis a cada dia. Balmis levaria a cabo uma série de experimentos em uma fazenda onde haviam sido

descobertas vacas infectadas com o vírus da varíola bovina e temia não encontrar seu ajudante Gutiérrez.

— Custa-me deixar a senhora aqui, sozinha, com tanta violência ao redor.

— Não se preocupe, doutor, estou bem protegida.

— Não acha que chegou o momento de voltar à Espanha?

— Meu lugar é aqui, não quero abandoná-lo.

— Aqui a senhora corre perigo...

Balmis insistiu, pensando que, se havia conseguido convencê-la uma vez a se unir à viagem da expedição, poderia repetir a façanha. Continuava sendo um otimista inveterado, um grande ingênuo. Isabel não cogitava deixar Puebla, continuava tão apaixonada por dom Ricardo como no primeiro dia, ou mais, mas isso ela não dizia.

— Gosto de viver aqui, apesar das circunstâncias — disse a ele, com um sorriso de ternura. — Vivo em um estado parecido com o que deve ser a felicidade... E a verdade é que isso se deve ao doutor, eu sempre disse. Doutor, aproveite sua glória, pois ela é muito merecida.

— Alcancei a glória quando ela já não me interessava. E deixou de me interessar quando vi a morte de perto, pouco depois de deixar a senhora no cais do porto de Manila... Estávamos prestes a ir a pique, tive a revelação deslumbrante de que precisava estar com a senhora, e se havia uma glória, precisava compartilhá-la com a senhora.

Isabel ficou alguns segundos em silêncio, baixou a cabeça e, quando a ergueu, tinha um sorriso brincalhão de puro

ceticismo.

— Já ouvi o doutor dizer isso de compartilhar a glória, mas no fundo não acho que gostaria disso.

E pôs-se a rir, com uma gargalhada cristalina cujo som tocou Balmis no mais fundo de sua alma. Ele a acariciou com um olhar de olhos mansos, sabia que a negativa daquela mulher que ele levava no coração o condenava à velhice solitária que recebera em troca de salvar o mundo.

EPÍLOGO

Na Espanha, o julgamento contra José de Iturrigaray foi eternizado. Pela primeira das acusações, que se referia à entrada dos cento e setenta volumes que ingressara ao chegar a Veracruz como bagagem pessoal e que depois vendeu de maneira fraudulenta, foi condenado a pagar 119.125 pesos. Também foi provado que havia aceitado cem onças de ouro pela suspensão de um decreto de prisão e que cobrava uma onça de ouro por quintal de mercúrio extraído de diversas minas e, por isso, foi condenado a restituir as gratificações; outra acusação foi de adquirir papel a um preço mais alto do que o devido. O promotor encurralou-o de tal maneira que, em certa ocasião, diante da resposta que lhe pediram, alegou algo extraordinário por seu descaramento.

— Senhoria, não tenho nem cabeça nem imaginação para isso.

— Admitis ter aceito presentes em troca de empregos?

— Não, senhoria, não admito.

— Sua esposa, no entanto, confessou ter recebido...

— Ah, sim... Minha mulher recebeu determinadas quantias de sujeitos a quem prestei algum favor.

Apesar das evidências esmagadoras, defendeu sua inocência com tenacidade: declarou que jamais havia admitido

subornos nem doações e que lhe parecia injustiça que o acusassem de delitos que ele via muito naturalmente como prerrogativas do poder que havia ostentado. Longe da embriaguez do mandato, despojado de suas riquezas, as acusações direcionadas a sua pessoa lhe geravam inexplicável assombro. Aos dissabores do interminável julgamento, somaram-se as campanhas insidiosas em torno de seu nome; os aspectos de seu processo interessavam à opinião pública de Cádiz, que era então o centro da Espanha independente, onde a política começava a se tornar uma paixão do povo. Incapaz de fazer frente aos reclames da justiça, seu salário foi bloqueado, e seus bens, embargados. Viveu os últimos anos entre tribunais, cortes, juízes e promotores. Faleceu em dezembro de 1815, pouco antes de ditarem sua sentença.



Três anos depois da última visita de Balmis a Puebla, o bispo dom Ricardo adoeceu com a peste. Isabel passava os dias e as noites no hospital para contribuir com todos os cuidados possíveis. Nutria poucas esperanças de curá-lo, pois sabia que no fundo eram os horrores da guerra que o estavam matando. Dom Ricardo María Rodríguez de Fresnillo, “de quem jamais se ouviu uma expressão de jactância ou vanglória”, como disseram em suas exéquias, morreu em seus braços em 26 de fevereiro de 1813, no Hospital de San Pedro, instituição que tanto gostava de visitar e que por tantos anos financiara. A cidade inteira compareceu ao funeral, além de multidões de índios e brancos ribeirinhos que foram chorando das aldeias mais remotas de sua diocese.

Isabel permaneceu em Puebla até sua morte, da qual a

história não deixou registro. Hoje, a escola de enfermagem da Faculdade de Medicina de Puebla tem seu nome, homenagem póstuma a uma mulher que a Organização Mundial da Saúde nomeou em 1950 como a “primeira enfermeira em uma missão internacional”. Também poderia ter sido nomeada “primeira enfermeira hispânica da história” ou primeira pediatra, antes que existissem os especialistas em saúde infantil. O Prêmio Nacional de Enfermagem, concedido todos os anos pelo governo do México, tem o nome de Isabel Cendala Gómez. Na Espanha, recebeu somente a homenagem da cidade de La Coruña, que lhe dedicou uma rua pequena e estreita no bairro antigo, a rua Isabel López Gandalia.

Durante duzentos e cinquenta anos, até que em fevereiro de 2013 o jornalista corunhense Antonio López Mariño, especialista na história recente da Galícia, encontrasse no Arquivo Diocesano de Santiago o primeiro documento em que Isabel aparecia com sua família em sua aldeia de origem (registro paroquial com a lista das 58 famílias e 258 paroquianos que receberam no mesmo dia o sacramento da confirmação), existiam onze versões distintas de seu nome e sobrenomes, tal era a névoa que rodeava sua identidade. Alguns escritores e historiadores acreditavam que era da alta sociedade, outros, de origem basca, irlandesa ou mesmo inglesa, porque lhes parecia que sua mentalidade não correspondia ao das mulheres da Espanha de então. Ter nascido “pobre de solenidade”, ser mulher e mãe solteira foram fatores que sem dúvidas contribuíram para condená-la não apenas à desonra, como também ao esquecimento. Também pesou o fato de ter cortado vínculos com sua terra natal e ter morrido longe, quando a Espanha e o império

estavam se desagregando.

O mérito da Real Expedição Filantrópica da Vacina nunca foi suficientemente reconhecido, talvez por ter ocorrido em um período turbulento, decadente e sombrio da história da Espanha, o que faz com que se lembrem mais das intrigas palacianas, das guerras devastadoras e das batalhas perdidas que das ganhas. Poder-se-ia dizer o mesmo de Salvany e, em menor medida, de Balmis. E das crianças? Quem se lembra daqueles órfãos ou filhos de famílias desestruturadas que protagonizaram sem saber a maior façanha médica da história de seu país? No fim, a maioria deles se integrou à nova sociedade surgida após a independência e foram homens de bem. Benito terminou a Escola de Minas e ganhou uma fortuna considerável com o comércio de mercúrio, enquanto Cândido de la Caridad, aquele garoto impossível, acabou se tornando um dos mais renomados advogados de um novo país que passou a se chamar México.



Em 12 de fevereiro de 1819, Francisco Xavier Balmis deu seu último suspiro, em pleno inverno madrileno, em seu apartamento na rua Valverde, número 12, com sessenta e seis anos — o que poderia ser considerado recorde, dada sua saúde quebrantada. Seguindo as instruções que deixou em seu testamento, foi enterrado no Cemitério Geral do Norte de Madri, o primeiro construído fora das igrejas na capital, como medida profilática contra as epidemias. Nunca retornou a Alicante nem se preocupou em saber de sua mulher ou de seu filho. Tanto foi que, em seu segundo testamento, declarou-se solteiro, quando já estava casado havia quarenta anos. Aquele

desapego despertou o incômodo de sua irmã Micaela e provocou o distanciamento de toda a sua família. De modo que Balmis — sempre original — redigiu outro testamento, no qual designava como sua única herdeira dona Manuela Ruiz, sua criada, “de estado donzela, devido aos bons serviços que me prestou, por ter sido uma fiel companheira nos trabalhos e nas fadigas de que padeci nos caminhos que trilhei e por não ter herdeiros forçosos, pois, embora tenha uma irmã legítima chamada dona Micaela Balmis, tenho lhe dado e subministrado muito mais do que poderia corresponder”. Depois se reconciliou com a irmã, porque o último de seus testamentos lhe devolveu a condição de única e universal herdeira, sem no entanto deserdar sua fiel criada: “Mando que se entregue de uma vez a Manuela Ruiz, minha criada, que foi casada com Juan cujo sobrenome ignoro, cocheiro de ofício, outros dez mil *reales* de velo em metais”.⁴ Também pediu que rezassem duzentas missas para a purificação de sua alma, com uma doação de seis *reales* para cada uma. Viveu seus últimos anos de maneira confortável, com todas as comodidades possíveis na época. Restaurada a monarquia dos Bourbon, Fernando VII premiou sua atitude crítica diante do governo de José Bonaparte nomeando Balmis cirurgião de câmara e designando para ele uma pensão de oitocentos ducados ao ano. Ao morrer, deixou 80.098 *reales* em metais, móveis, roupas, utensílios de cozinha, joias, ouro e prata e especificou “que a forma do enterro seja a de menor pompa possível”. Era desejo das pessoas endinheiradas ser enterradas com hábitos modestos, expressando, assim, a vontade de se assemelhar em aparência aos pobres simbolizados por Cristo.

No entanto, seu legado mais valioso serviu a toda a

humanidade. Em 1858, quando Louis Pasteur inventou a imunização contra a raiva, chamou-a de “vacina” em homenagem a Jenner. A palavra passou a ser sinônimo de imunização contra um sem-número de doenças que pouco ou nada tinham a ver com a varíola. De modo que, no fim do século XIX, os esforços para vacinar contribuíram de forma determinante para o aumento da população das Américas e da Ásia. Cento e cinquenta anos depois da expedição, em 1951, ocorreu o último caso de varíola no México. No mundo, a última vítima do vírus foi a fotógrafa médica Janet Parker, que, em um acidente, por um erro de manipulação em seu laboratório na Inglaterra, contraiu a doença e morreu em 11 de setembro de 1978. Atualmente, o mais espantoso assassino de seres humanos da história repousa na geladeira de dois laboratórios — o Centro para Controle de Doenças de Atlanta, nos Estados Unidos, e o Centro de Pesquisa em Virologia de Novosibirsk, na Sibéria, Rússia.

Se o homem ganhou essa guerra que travava desde o alvorecer de sua existência, não foi só pela heroica perseverança dos que participaram da expedição, mas também pela visão de futuro, por terem focado na educação pública e na utilização de pessoas relevantes e símbolos locais, que ajudaram a difundir os benefícios da vacina entre a opinião popular. Foi um exemplo de como um esforço sanitário internacional, logisticamente complexo, podia trasladar avanços médicos a contextos culturais distintos e remotos. Nesse sentido, a expedição continua a inspirar os planos internacionais para acabar com as pragas de nossa época.

Mas a frase que talvez melhor defina a odisseia da Real

Expedição Filantrópica foi pronunciada pelo próprio inventor da vacina, o doutor Edward Jenner, quando, ao se inteirar do retorno de Balmis à Espanha em uma tarde de 1806, disse a seu amigo, o reverendo Dibbin: “Não imagino que os anais da história tenham abrigado um exemplo de filantropia tão nobre e tão abrangente quanto esse”.

NOTAS

1. Citado em Canelobre, *Francisco Xavier Balmis, una crónica anterior a los avatares del agave*, por José Tuells, nº 57, 2010–2011.
2. José Tuells e Susana Ramírez, “La Real Expedición Filantrópica de la Vacuna” (p. 85, A. López Cantos, 1990). *Fiestas y juegos en Puerto Rico*. CEA de Puerto Rico y el Caribe, San Juan, p. 222, nota 28.
3. Essa documentação pode ser consultada hoje, no Jardim Botânico de Madri.
4. José Tuells y José Luis Duro Torrijos, “Los cinco testamentos de Francisco Xavier Balmis”, *Gaceta Médica de México*, 2012.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, obrigado a meu amigo, o professor Manuel Lucena, especialista em história da América do século XIX e autor de numerosos e interessantes livros sobre o tema. Sua motivação e sua inestimável ajuda fizeram com que eu embarcasse nesta aventura. Mais tarde, suas correções e seu bom julgamento atribuíram rigor e clareza ao texto.

Em 9 de março de 2013, nosso amigo em comum, o pesquisador Luis Conde-Salazar, chegou a La Coruña em busca de documentação, preferencialmente inédita, sobre a Real Expedição Filantrópica da Vacina. Missão um tanto difícil, pois as fontes primárias já haviam sido percorridas ou escasseavam. Até o diário de Balmis, que se supunha ser uma valiosíssima fonte de informação, desaparecera. Graças a Luis, já havia sido recompilada uma importante quantidade de documentos — livros, revistas, material de vários arquivos espanhóis e americanos... —, mas eu buscava um detonador que me inspirasse a começar a escrever. Há autores que tiram tudo da própria cabeça; eu preciso me apoiar em documentação, são minhas muletas para avançar. O acaso quis que, no mesmo dia da chegada de Luis, o jornal *La Opinión A Coruña* publicasse uma reportagem com o título *Resuelto el enigma de la rectora Isabel* [Resolvido o enigma da diretora Isabel].

Uma grande notícia, pois sempre achei que a diretora havia sido o pilar da expedição. O texto era assinado pelo jornalista Antonio López Mariño, que conseguira localizar o registro do livro de confirmações efetuadas pelo bispo em 19 de agosto de 1781, em que constava Isabel Zendal, na igreja paroquial de Santa Mariña de Parada, no município de Ordes. Outro documento — o censo da cidade de La Coruña — registrava-a anos mais tarde como criada na casa de dom Jerónimo Hijosa, no número 36 da rua Real. Era pouco, mas já dava para seguir o fio da meada.

Foi o que fizemos, e graças à generosidade de Antonio López Mariño ao compartilhar suas descobertas, a sua habilidade para decifrar textos antigos, a seu conhecimento dos arquivos e a seu entusiasmo pela Galícia, que acabou me contagiando, pude dar vida a uma personagem que havia esmaecido na noite dos tempos. Portanto, obrigado, Luis, e obrigado, Toño.

Meus agradecimentos se estendem a Tomás Pérez Vejo, professor e pesquisador do Instituto Nacional de Antropologia e História do México, que leu o texto e fez comentários e correções pertinentes.

Claro, como em livros anteriores, todo o meu reconhecimento à minha editora, Elena Ramírez, que sempre me acompanha com tino e bons conselhos na longa caminhada exigida para a escrita de um romance. Obrigado também a Teresa Bailach, da Seix Barral, pelo apurado trabalho de edição.

Em Alicante, cidade natal de Balmis, encontrei a valiosa ajuda de Marina Vicente, que escarafunchou os arquivos da

universidade e me forneceu uma documentação essencial, além do contato com especialistas na expedição, como José Tuells, a quem agradeço aqui por seu tempo e seus conselhos, e Emilio Soler Pascual, professor do departamento de história medieval e moderna da Universidade de Alicante e autor do texto “La aventura americana del doctor Balmis” [A aventura americana do doutor Balmis].

Em Caracas, obrigado a Mariana Marzuck e Inés Quintero.

No México, quero expressar meu reconhecimento especial a Joaquina Saldívar, que me contagiou com o amor por seu país e me ajudou a entender aspectos da sociedade local. Também teve a boa ideia de pedir a colaboração do musicólogo Rafael Tovar e de Teresa, presidente do Conselho Nacional de Cultura e das Artes, que me forneceu a trilha sonora que me acompanhou durante a escrita, uma seleção de antigas canções mexicanas que nem eu nem meus filhos nos cansamos de escutar. Obrigado também a José Luis Martínez, diretor de assuntos internacionais do Conaculta. E a meus filhos Sebastián e Olivia, que foram uma fonte de inspiração essencial na hora de escrever sobre as crianças.

Em Quito, obrigado a Gabriela Salinas, por seus esforços.

Por último, *last but not least*, quero agradecer de coração a Blanca Landázuri, ex-chefe de imprensa e publicações do Jardim Botânico Real de Madri, por ter me colocado na trilha dessa história e das numerosas e desconhecidas expedições científicas espanholas que deram brilho à história do império e por ter me feito descobrir os tesouros guardados nos arquivos da instituição em que trabalha. Obrigado também a Esther García Guillén, vice-diretora do Jardim Botânico Real,

que me mostrou as lâminas que Balmis trouxe da China e me abriu as portas do centro.

Meus agradecimentos também a Pilar San Pío, diretora do Museu Naval de Madri, pela recepção calorosa.

E uma lembrança muito especial a Francisco Gómez Bellard, médico e amigo, que nos deixou antes de ler o livro, para o qual contribuiu com comentários tão precisos.

BIBLIOGRAFIA

ACEVES, Patricia; MORALES, Alba. *Conflictos y negociaciones en las expediciones de Balmis*, Estudios de Historia Novohispana, Cidade do México, 2010.

ALFONSO, Enrique. *...Y llegó la vida*. Buenos Aires: Austral, 1950.

ÁLVAREZ, Julia. *Saving the world*. Nova York: Algonquin Books, 2007.

ANTOLÍN ESPINO, María del Populo; NAVARRO GARCÍA, Luis. “El virrey marqués de Branciforte”, em *Los virreyes de Nueva España bajo el reinado de Carlos IV*. Sevilha: Escuela de Estudios Hispanoamericanos, 1972.

ARENAL, Concepción. *La beneficencia, la filantropía y la caridad: memoria*. Madri: Imprenta del Colegio de Sordomudos y de Ciegos, 1861.

ARTAZA, Manuel María de. *La Coruña en el siglo XVIII*. Oleiros: Vía Láctea, 1995.

ASTRAIN GALLART, Mikel. *Barberos, cirujanos y gente de mar*. Madri: Ministerio de Defensas, 1996.

BALAGUER PERIGÜELL, Emilio; BALLESTER, Rosa. *En el nombre de los niños*, Monografía de la Asociación Española de Pediatría, 2003.

BALMIS, Francisco Xavier. *Demostración de las eficaces virtudes...* Madri: Imprenta de la Viuda de don Joaquín Ibarra, 1794.

BARTOLOMÉ MARTINEZ, Bernabé. “La crianza y educación de los expósitos en España entre la Ilustración y el Romanticismo”, *Historia de la Educación*, v. 10. Madri: Universidad Complutense, mar. 2005.

CAMUS, Albert. *La peste*. Paris: Gallimard, 1947.

CANELOBRE: Revista Instituto alicantino de cultura “Juan Gil-Albert”. Ano 2010-11, n. 57. Dedicado a: Balmis contra la viruela. La Real expedición de la vacuna (1803-21).

CASTRO, Xavier. *Historia da vida cotiá en Galicia*. Vigo: Nigra Trea, 2007.

CÉSPEDES DEL CASTILLO, Guillermo. *América hispana*. Madri: Fundación Jorge Juan; Marcial Pons Ed. Historia, 2009.

DEVILLE, Patrick. *Peste e choléra*: Paris: Du Seuil, 2012.

DÍAZ DE YRAOLA, Gonzalo. *La vuelta al mundo de la expedición de la vacuna*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2003.

FERNÁNDEZ DEL CASTILLO, Francisco. *Los viajes de don Francisco Xavier Balmis*. Cidade do México: Sociedad Médica Hispano Mexicana, UNAM, 1985.

FORD, Richard. *Viaje por Galicia y Asturias*. Gijón: Trea, 2005.

GALERA, Andrés. *Las corbetas del rey: el viaje alrededor del*

mundo de Alejandro Malaspina. Bilbao: Fundación BBVA, 2010.

GARCÍA BLANCO-CICERÓN, Jacobo. *Viajeros angloparlantes por la Galicia de la segunda mitad del siglo XVIII*. La Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2006.

GARCÍA DE CORTÁZAR, Fernando. *Los perdedores de la historia de España*. Barcelona: Planeta, 2006.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Enrique V. *La soledad de Balmis*. Madri: Biblioteca Nueva, 2005.

GARCÍA GUERRA, Delfín. *El Hospital Real de Santiago*. La Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1983.

GARRIDO, Gustavo A. *Aventureiros e curiosos*. Vigo: Galaxia, 1994.

GODOY, Manuel de, príncipe de la Paz. Emilio La Parra López e Elisabel Arriba, eds. lit. *Memorias*, Alicante, Universidad de Alicante, 2008.

HERRERA LUQUE, Francisco. *Los viajeros de Indias*. Caracas: Pomaire, 1991.

HUGHES, Robert. *Goya*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2005.

HUMBOLDT, Alexander von. *Ensayo político sobre el reino de la Nueva España*. Cidade do México: Porrúa, 1991.

JENNER, Edward. *An inquiry into the causes and effects of the variolæ Vaccinæ*. Londres: Samson Low, 1798.

KANDELL, Jonathan. *La capital: the biography of Mexico City*. Nova York: Henry Holt & Co., 1990.

LAFUENTE FERRARI, Enrique. *El virrey Iturrigaray y los orígenes de la independencia de México*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1941.

LOWELL, Joan. *Mi cuna, el mar*. Barcelona: Juventud, 1974.

LUCENA GIRALDO, Manuel. *Ciudades y leyendas*. Barcelona: Planeta, 2007.

LUCENA SALMORAL, Manuel. *Breve historia de Latinoamérica*. Madri: Cátedra, 2007.

LYNCH, John. *La España del siglo XVIII*. Barcelona: Crítica, 1999.

OWENS, Sarah E.; MANGAN, Jane E. *Women of the Iberian Atlantic*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2012.

PARRILLA HERMIDA, Miguel. “La Expedición Filantrópica. El contrato del fletamento de la corbeta *María Pita*”, *Revista del Instituto de Estudios Coruñeses José Cornide*, ano X-XI, n. 10-11, La Coruña, 1974-75.

PERERA PRATS, Arturo. “Episodios españoles en América”, Madri: *Revista Geográfica Española*, 1967.

PÉREZ GALDÓS, Benito. *La corte de Carlos IV*. Madri: Nivola, 2008.

PÉREZ, Joseph. *Mitos y tópicos de la historia de España y América*. Madri: Algaba, 2006.

PÉREZ-REVERTE, Arturo. *Cabo Trafalgar*. Barcelona: Alfaguara, 2004.

PESET REIG, José Luis. *Ciencia y libertad*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987.

QUINTERO, Inés. *El fabricante de peinetas*. Caracas: Alfadil, 2011.

RAMÍREZ MARTÍN, Susana María. “El legado de la Real Expedición Filantrópica de la Vacuna: las juntas de vacuna”, *Asclepio*, v. 56, n. 1, 2004.

_____. *La mayor hazaña médica de la colonia*. Quito: Abya Yala, 1999.

_____. *La Real Expedición Filantrópica de la Vacuna en la Real Audiencia de Quito*. Madri: Universidad Complutense, 2003.

_____. *La salud del imperio*. Madri: Doce Calles, 2002.

_____.; VALENCIANO, Luis; NÁJERA, Rafael; ENJUANES, Luis. *La Real Expedición Filantrópica de la Vacuna*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2004.

ROJAS, Carlos. *La vida y la época de Carlos IV*. Barcelona: Planeta, 1999.

ROMERO DE TERREROS Y VINENT, Manuel. *Ex antiquis: bocetos de la vida social en la Nueva España*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

SAN PÍO ALADRÉN, María Pilar de (ed.). *La colección Balmis del Real Jardín Botánico*. Barcelona: Caja Madrid Obra Social y Lunwerg Editores, 2006.

SENDER, Ramón J. *La aventura equinoccial de Lope de*

Aguirre. Barcelona: Casals, 1998.

SMITH, Michael M. "The 'Real Expedición Marítima de la Vacuna' in New Spain and Guatemala", *Transactions of The American Philosophical Society*, v. 64, parte 1, Filadelfia, 1974.

SOLER, Emilio. "La aventura americana del doctor Javier Balmis", Proyecto investigación BHA. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1999.

STAVANS, Llan; JAKSICK, Ivan. *¿Qué es la hispanidad?: una conversación*. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2011.

THOMAS, Hugh. *El Imperio Español*. Barcelona: Planeta, 2003.

TUELLS HERNÁNDEZ, José; TORRIJOS, José Luis Duro. "Los cinco testamentos de Francisco Xavier Balmis", *Gaceta Médica de México*, 2012.

TUELLS, José; RAMÍREZ, Susana. "*Balmis et variola*", Generalitat Valenciana, 2004.

ULLOA, Antonio. *Conversaciones de Ulloa con sus tres hijos en servicio de la Marina*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2003.

VALLE-ARIZPE, Artemio de. *Virreyes y virreinas de la Nueva España*. México: Jus, 1947.

VARELA GONZÁLEZ, Isaura. "Casas de mancebía y meretrices callejeras", *Revista Semata, Ciencias Sociais e Humanidades*, v. 21, n. 22539, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Santiago, 2009.

V. A. (Pilar Gonzalbo Aizpuru, ed. *Historia de la vida*

cotidiana en México, v. II, III e IV. Cidade do México: Fondo Cultura Económica, 2005.

Em 30 de novembro de 1803, um navio parte do porto de La Coruña para uma expedição que, para muitos, não passa de loucura. Nele viajam vinte e dois órfãos incumbidos de transmitir para o Novo Mundo a recém-descoberta vacina da varíola. Quem os guia é Isabel Zendal, jovem enfermeira que integra o time comandado pelo doutor Francisco Xavier Balmis e por seu ajudante Josep Salvany.

Juntos, os membros da expedição sobrevivem a temporais, enfrentam a oposição da Igreja, lidam com a corrupção de autoridades locais e deparam com a ganância daqueles que querem fazer dinheiro à custa dos necessitados. A aventura, a maior conquista humanitária da história, depende da coragem das crianças e do empenho de seus comandantes e de Isabel, mulher cujo amor os dois homens acabam disputando.

Especialista em retratar grandes personagens e momentos da história em romances *best-sellers* como *Paixão Índia* e *O sári vermelho*, Javier Moro se encantou com a história real de paixão e coragem de Isabel Zendal que, de garota órfã de mãe, sem perspectivas numa época difícil, passa a ser a primeira enfermeira da história numa missão internacional. Lançado em 2015 na Espanha, *Flor da pele* logo entrou na lista de mais vendidos do país.



JAVIER MORO

Filho de um executivo de empresa aérea, Javier Moro (Madri, 1955) passou a infância e a adolescência viajando o mundo e fazendo descobertas culturais que mais tarde transportaria para seus livros. Após estudar história e antropologia na universidade, estreou na literatura em 1992 com *Caminhos da liberdade*, resultado

de uma viagem de três anos à Amazônia. Tornou-se *best-seller*, aclamado também pela crítica, com obras como *Paixão índia*, *O pé de Jaipur*, *O sári vermelho* e *As montanhas de Buda*, editadas no Brasil pela Planeta. Em 2011, venceu o Prêmio Planeta por *O império é você*, que retrata a vida de d. Pedro I.

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br